DESVENDAR SEGREDOS, ENGANOS E MENTIRAS

ANEL DE MENTIRAS



Victoria Howard

"VICTORIA HOWARD CONTA UMA HISTÓRIA DE SUSPENSE CHEIA DE INTRIGAS."

– The Romance Studio

Leabhar

ANEL DE MENTIRAS

Victoria Howard

1ª Edição



Leabhar
Ribeirão Preto
2020

Anel de Mentiras

Victoria Howard

Leabhar Books

Leabhar
Ribeirão Preto
2020

Para Wendy e Paul

Direitos Autorais

Título Original: Ring of Lies
Copyright©2010 por Victoria Howard
Copyright da tradução©2020 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Francine Cunha
Revisão: D. Marquezi
Diagramação: Jaime Silveira
Capa: Luis Cavichiolo

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
FICHA CARTOGRÁFICA

V645

Howard, Victoria

Título: Tempo de Mudança (recurso eletrônico)

Tradução de: Ring of Lies

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-990198-3-8

1. Romance policial. 2.Contemporâneo I. Cunha, Francine. II. Título

CDD 82-32

80754 **CDU 134-3**

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda.
CP: 5008 CEP: 14026-970 - RP/SP - Brasil
E-mail: leabharbooksbr@gmail.com
www.leabharbooks.com

Índice

Página do título
Dedicatória
Direitos Autorais
Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo Quatorze
Capítulo Quinze
Capítulo Dezesseis
Capítulo Dezessete
Capítulo Dezoito
Capítulo Dezenove
Capítulo Vinte
Capítulo Vinte e Um
Capítulo Vinte e Dois
Capítulo Vinte e Três
Capítulo Vinte e Quatro
Capítulo Vinte e Cinco
Capítulo Vinte e Seis
Capítulo Vinte e Sete
Capítulo Vinte e Oito
Capítulo Vinte e Nove
Capítulo Trinta

Capítulo Trinta e Um
Agradecimentos
Sobre o autor
Em Breve
Próximo lançamento
Conheça outros Títulos da editora
Lançamento do selo Taigh Books
Nosso título Infantil
Informações Leabhar Books®



Capítulo Um

GRACE ELLIOTT seguia o caixão de seu marido pelo caminho da igreja até o cemitério tentando não tropeçar nas pedras escorregadias pela chuva. Ela estremeceu e agarrou a gola do blazer, fechando firmemente contra o pescoço, enquanto a chuva de inverno penetrava suas roupas e congelava até os seus ossos.

Sentia-se vazia por dentro. E culpada.

O acidente de Daniel era sua culpa. Se não tivessem discutido antes de ele sair para a reunião, ainda estaria vivo.

A pequena igreja do século XII ficava em uma colina na beira da vila, sua pedra amarela de Cotswold, resistia ao tempo. Lápides cobertas de musgo pontilhavam o cemitério, as inscrições desapareciam e mal podiam ser lidas. No alto dos galhos de um seixo retorcido, uma gralha gritava. Mesmo os anjos no topo dos monumentos pareciam curvar-se ante ela.

Grace levantou os ombros e manteve os olhos firmemente fixos na única coroa de crisântemos amarelos, solidagos e eucaliptos, em cima do caixão.

Além de Olivia, sua melhor amiga enormemente grávida, apenas meia dúzia de pessoas agrupavam-se em torno da cova aberta. Daniel tinha muitos amigos e parceiros de negócios. Onde eles estavam? Ela oscilou entre raiva e tristeza. Ele acreditava ser tão amado; mas foi reduzido a isso — quase

esquecido no dia do seu descanso. Olhou para o pequeno grupo. O colega de trabalho de Daniel, Shaun, e sua esposa — qual era o nome dela? Grace esforçou-se para lembrar: Mary? Margaret? Não, Margot, era esse o nome. E também tinha Liz, a secretária de Daniel, meio absorta em um canto, constantemente enxugando os olhos com um lenço amassado.

Ela não conhecia o homem baixo, bem vestido e de meia idade, com o queixo quadrado e pálido. Mas reconheceu dois amigos de Daniel do clube de golfe local, que haviam abandonado seu jogo diário para participar.

Mas a pessoa de quem ela mais precisava do apoio estava ausente.

Mesmo depois de inúmeros telefonemas para o celular de Catherine e mensagens deixadas na caixa postal, sua irmã permanecia em silêncio. Não era incomum para Catherine pensar somente nela mesma. Ela sempre teve uma veia egoísta, seguindo seu próprio caminho, decepcionando a família, e hoje não era diferente. No entanto, Catherine estava deixando Grace sozinha em um momento no qual ela mais precisava de sua única irmã.

Com a cabeça curvada, Grace assumiu o lugar próximo ao ministro, ao lado do túmulo aberto, sua sensação de perda indo além das lágrimas.

A voz do ministro entoou sobre os enlutados. — Confiamos nosso irmão, Daniel, à misericórdia de Deus e agora entregamos seu corpo ao solo. Terra à terra, cinzas às cinzas e pó ao pó.

Ela lutou para segurar as lágrimas e se concentrar nas palavras enquanto a dor e a culpa espremiam seu coração. Talvez devesse ter organizado um velório para os amigos e colegas de trabalho de Daniel, mas com seus pais mortos e sua irmã em algum lugar desconhecido, ela não conseguiria suportar as condolências e banalidades sozinha.

A pedido do ministro, ela deu um passo à frente e pegou um punhado de terra, permitindo que escorresse por seus dedos, sujando o caixão. A ministração terminou e as pessoas se juntaram a ela. Shaun foi o primeiro a aproximar-se e pegar sua mão.

— Eu só queria dizer que eu e Margot sentimos muito. É um momento muito difícil para você, Grace, e se houver qualquer coisa que possamos fazer, por favor, não hesite em nos avisar. Daniel era um bom amigo tanto quanto um bom parceiro de negócios.

— Obrigada, Shaun. Daniel... Daniel ficaria feliz por você se lembrar dele. Eu realmente agradeço sua bondade em limpar a mesa dele e me devolver os seus pertences quando sei que é tão ocupado.

— Isso não foi incômodo, Grace. Nenhum incômodo mesmo. — Shaun

se aproximou e beijou sua bochecha. — Vamos manter o contato.

Uma por uma, as outras pessoas prestaram seu respeito e silenciosamente partiram. Somente Olivia permaneceu ao seu lado.

— Pobre amiga, — ela disse ao passar um braço em volta dos ombros de Grace. — Aqui está você, e onde está aquela sua irmã? Ela não se importa com você?

— Sabe que sim, Olivia. Eu tenho certeza que ela estaria aqui se soubesse, mas não consegui contactá-la. Ela tem uma carreira e...

—... e uma irmã, que ela deixou ao vento no dia mais escuro de sua vida. Eu juro, Grace, não sei como você está suportando isso.

Grace estremeceu. — Não estou. — Ela entrou em colapso sobre os ombros de Olivia e rendeu-se aos soluços. Olivia a abraçou como a uma criança — uma criança que ela em breve teria, Grace lembrou. Mais uma perda, ela percebeu. Ela nunca teria um filho agora que Daniel partiu.

— Ah, Grace. Eu sei que você o amava muito.

— Sim. É verdade. O que eu faço agora, Olivia? Como continuar sem ele?

— Eu estou aqui com você, querida, e o Tom também. Vamos superar isso de alguma forma, juntos.

Grace fungou e assoou o nariz. — Eu gostaria de um momento sozinha. Você se importa?

Olivia apertou os olhos. — Tem certeza?

— Sim. Eu quero dizer adeus. Eu preciso. Não vai demorar.

— Tome o tempo que precisar. Vou esperar no carro.

Não confiando em si mesma para falar, Grace apenas assentiu. Ela juntou as mãos magras e inclinou a cabeça para esconder a dor em seus olhos. Ela se sentia vazia. Um lampejo de tristeza a atravessou, ameaçando destruir sua determinação de não chorar mais.

Ela permaneceu ao lado do túmulo, ignorando a chuva que pingava em sua nuca, da aba do chapéu emprestado, os olhos fixos na placa de latão manchada pela umidade.

Daniel Elliott. 1971-2009

Lágrimas cegaram seus olhos. Daniel era muito jovem para morrer. Aos trinta e oito anos, ele era o sócio mais novo em uma firma internacional de contabilidade. E ele era sua âncora- a única constância em sua vida em dez

anos. Como ela conseguiria sem ele?

Com as emoções quase sob controle, ela caminhou sobre os paralelepípedos escorregadios em direção ao estacionamento. Um homem surgiu de trás do portão coberto de musgo e a fez saltar. Ela o reconheceu como o estranho bem vestido do enterro.

Ele tirou seu chapéu. — Sra. Elliott?

— Sim?

— Minhas condolências pela perda de seu marido.

— Obrigada. Eu agradeço por ter vindo hoje. Se não se importa, eu gostaria de ficar sozinha. — Grace virou, mas ele agarrou seu braço com a força de um boxeador. Ela estremeceu. Ele relaxou o aperto, mas não a soltou.

— O que eu preciso dizer será rápido.

Grace sentiu seu temperamento subir. — Eu nem te conheço. Acabei de sepultar meu marido. Tenha coração!

Ele sorriu. — Coração? Uma escolha de palavras interessante. Coração não é um assunto comum em meus negócios, Sra. Elliott. Informação sim.

Ela levantou a cabeça. — Informação? Que tipo de informação?

— Do tipo que você está prestes a me dar.

Grace estremeceu involuntariamente. A escuridão impenetrável de seus olhos e a maneira como sua língua se movia no final de suas frases a fizeram pensar em cobras. Ela olhou por sobre os ombros. Olivia acenou do carro, claramente ansiosa para voltar e ajudar seu marido Tom, o veterinário local, com a cirurgia da tarde.

— Eu preciso ir agora. Minha amiga está esperando.

— Eu entendo que esse não é o momento mais confortável para essa conversa, mas eu garanto que levará somente alguns minutos. Seu falecido marido cuidava dos meus interesses comerciais.

— Nesse caso eu sugiro que converse com Shaun, o sócio de Daniel. Ele está lidando com todos os clientes dele.

— Talvez eu não esteja sendo claro, Sra. Elliott. Não tem nada a ver com os negócios do seu marido. — Sua língua se moveu novamente. — Daniel e eu tínhamos um acordo particular. Ele teve acesso a algumas, podemos dizer, informações muito preciosas. Eu quero apenas garantir que elas não cairão em mãos erradas.

Assustada, Grace tentou afastar-se, mas seus dedos se apertaram. — Seja você quem for, deixe-me ir.

— Em um momento, Sra. Elliott.

— Está me machucando.

Os lábios do estranho se ergueram em um sorriso cínico. — Isso é bom, já que essa é a minha intenção.

— Eu vou gritar. Alguém vai vir.

— Nós estamos sozinhos aqui, se eu quisesse, garanto que poderia deixá-la onde está.

Grace parou de respirar. Ela sabia que ele estava certo. — O que quer de mim? Quem é você?

— Seu marido possuía documentos que são de grande importância para mim.

— Todos os documentos de clientes são armazenados no escritório.

O estranho balançou a cabeça. — Não são documentos físicos. São documentos eletrônicos — arquivos de computador.

— Seja a informação que quer em papel ou digital, eu posso garantir que eu não tenho nada que pertença a você.

Ele sorriu, nunca piscando, e então soltou o braço dela. — Está dizendo a verdade.

— É claro que eu estou.

— Que bom que está. Eu sei quando uma mulher está mentindo. Não gostaria de mentir para mim, Sra. Elliott. Nunca. Não seria um bom presságio para você. Agora a deixarei ir. Vai se atrasar para seu compromisso com o advogado do seu marido.

— Como sabe disso? — Seus dedos apertaram a alça de sua bolsa até as unhas cravarem na palma de sua mão.

— É o meu trabalho saber das coisas. De qualquer forma, você falou com a sua irmã recentemente?

A cabeça de Grace se levantou. — Não é da sua conta.

O homem apenas sorriu. — Não. Claro que não é. Não vou mais segurá-la aqui, Sra. Elliott. Entrarei em contato em breve. — Ele se virou e saiu mancando na névoa.

O suor acumulou-se na espinha de Grace enquanto o medo substituía a dor. Seu coração martelava atrás das costelas.

— Espere! Por favor! Catherine está com problemas? Se você sabe alguma coisa sobre ela, por favor me conte.

Ele não se virou. — Adeus, Sra. Elliott.

Ela olhou fixamente para as costas dele. Quem ele era? Alguém violento

o suficiente para insuflar medo, isso era certo. Ela se perguntava o que o paradeiro de Catherine tinha a ver com os arquivos daquele estranho. E como aquele homem sabia sobre seu compromisso com o advogado? Foi um palpite de sorte?

Ela respirou fundo, instável, e correu para fora do cemitério da igreja em direção ao carro que a aguardava.

— Quem era aquele homem? — Olivia perguntou, enquanto Grace escorregava para o assento do carona.

— Um dos clientes do Daniel. — Grace esfregou o braço distraidamente. — Eu disse a ele para falar com o Shaun. — Ela girou no banco para olhar o portão de madeira, mas o estranho havia desaparecido.

— Bem, nada com o que se preocupar, querida. — Olivia respondeu. Ela passou a primeira marcha e soltou o freio de mão. — Tem certeza que não quer que eu te acompanhe ao escritório do advogado?

— Obrigada por se oferecer, mas não. Acho que isso é algo que eu preciso fazer sozinha.

Olivia suspirou. — Então eu te deixo na cidade. Mas você precisa saber que eu não concordo com isso.

— Eu vou ficar bem. Além disso, você não disse que uma das enfermeiras veterinárias faltou por que está gripada?

— Rufus, o assistente do Tom, também faltou por causa disso. Se não fosse isso, o Tom teria vindo ao funeral. É muito difícil encontrar um veterinário disponível em pouco tempo. E você sabe o quão agitado o Tom fica se tiver que lidar com as tarefas da recepção além dos pacientes. Mas se você quiser que eu fique, eu acho que ele pode cuidar das coisas sozinhos por mais uma ou duas horas. Será que consigo te fazer mudar de ideia?

— Você e o Tom têm sido maravilhosos. Eu não sei o que eu faria sem seu apoio. E muito obrigada pelo chapéu. Eu espero que a chuva não o tenha arruinado. — Ela o tirou, deixando no banco traseiro.

— Querida, não se preocupe com isso. É para isso que servem as amigas.

Grace virou e sorriu para a mulher ao lado dela. O cabelo preto de Olivia era cortado em um elegante long bob e, apesar da tristeza da ocasião, seus olhos azuis estavam cheios de felicidade. A gravidez lhe fazia bem.

— Eu preciso me acostumar a estar sozinha. Além disso, tem que se preocupar com o bebê. Você deveria estar em casa, sentada com os pés para cima, e não correndo atrás de mim.

— Bom, preciso admitir, estou começando a me sentir cansada e meus tornozelos incham se eu ficar muito tempo em pé. Mas se você quiser que eu fique até aquela sua irmã rebelde aparecer, é só falar.

Grace negou com a cabeça. — Não, sério, ficarei bem.

— Bem, chegamos — Olivia estacionou o carro em frente à farmácia. — Ligarei hoje à noite para ter certeza que você está bem.

Grace desceu do banco do carona. Era dia de feira e a pequena cidade de Cotswold estava repleta de pessoas fazendo suas compras para o natal. Grace sentia-se ansiosa enquanto caminhava pela agitada rua principal em direção ao escritório do advogado. Ela odiava ter que lidar com pessoas com autoridade: Daniel insistia em lidar com elas sozinho.

Quando passou pela loja de sapatos, Grace viu seu reflexo na janela. Ela parecia esquelética, muito mais velha do que seus trinta e dois anos. O terno de lã preto, comprado às pressas, pendia dos ombros, fazendo-a parecer anoréxica. Suas bochechas, normalmente rosadas, estavam pálidas e havia círculos escuros debaixo de seus profundos olhos azuis. Até seus cabelos castanhos careciam de brilho. Talvez ela devesse tê-lo deixado solto ao invés de prendê-lo em um coque que realçava as cavidades em sua bochecha. Ela deu de ombros. Era tarde demais para preocupar-se com a sua aparência agora.

Respirou fundo e abriu a porta do escritório do advogado. O barulho de seu salto ecoou sobre o bem polido piso de mármore. Ela mal notou a decoração quando a recepcionista, vestida de forma requintada, a levou para a sala de reunião, onde um velho cavalheiro de óculos estava sentado atrás de uma enorme mesa. Ele se levantou quando ela entrou na sala.

— Sra. Elliott, sente-se por favor. Sinto muito arrastá-la até aqui, especialmente hoje entre todos os dias, mas é melhor para todos os envolvidos se esses assuntos forem resolvidos rapidamente. Espero que aceite minhas condolências pela morte prematura do seu marido. Isso deve ter sido um terrível choque para a senhora.

— Sim, foi sim. A sua carta foi uma surpresa também. Eu não sabia que Daniel tinha feito um testamento. — Grace juntou as mãos sobre seu colo. — Eu não sabia que isso era necessário já que compramos a casa juntos e temos uma conta conjunta no banco. — Para seu desespero, sua voz falhou.

— O Sr. Elliott o fez muito recentemente. É claro que isso simplifica as coisas do ponto de vista legal, mas eu estou surpreso que ele não tenha discutido isso com a senhora antes. Ele deixou a maior parte de seus bens

para a senhora, como poderíamos imaginar. O chalé Applegate, como a senhora mencionou, foi comprado por vocês em conjunto, então a parte do seu marido passa automaticamente para a senhora. Eu tenho certeza que será um alívio saber que há amplos fundos do seguro de vida dele para pagar o restante da hipoteca, então a senhora não precisa se preocupar com isso. Existe apenas um outro legado, para a Srta. Catherine Peterson.

— Catherine? O Daniel incluiu a minha irmã no testamento? O senhor sabe o porquê?

— Um testamento é algo muito pessoal, Sra. Elliott. Não faz parte do meu trabalho perguntar aos meus clientes a razão por trás de suas decisões.

— Não, não, é claro que não. — Grace abaixou a cabeça e estudou suas mãos enquanto ouvia distraída ao advogado. Raiva e confusão a atingiram. Por que o Daniel achou que fosse necessário fazer um testamento? E por que ele fez de Catherine uma beneficiária?

— O inventário deve ficar pronto em quatro ou seis semanas e tudo deve ser resolvido em seis meses. Eu já conversei com o banco e organizei a transferência da conta poupança do seu marido para o seu nome. A senhora precisará agendar uma reunião para conversar com o gerente e assinar alguns papéis, mas é tudo muito correto. Quanto à casa de praia na Flórida, receio que o seu advogado na América tenha que lidar com a transferência para o seu nome.

Grace levantou a cabeça de súbito. — Perdão? Uma casa na Flórida? Um advogado na América? Não estou entendendo. Nós não temos uma propriedade no exterior.

O advogado examinou os papéis na sua frente. — Na verdade, a senhora tem, Sra. Elliott. — Ele tirou seus óculos de leitura e sorriu benevolente. — Posso assegurá-la que não é nenhum equívoco. O seu marido comprou a casa de praia na ilha Gasparilla alguns meses atrás. Eu tenho uma cópia do contrato de venda aqui nos arquivos. Como eu mencionei, o Sr. Parous, seu advogado americano, poderá lidar com a transferência para o seu nome. Agora, tem algo mais que a senhora gostaria de perguntar?

— Sr. Parous?

— Sim, isso mesmo. — Ele entregou a Grace um cartão de visitas. — Eu já conversei com ele e enviei uma cópia do testamento. Ele me pareceu um cavalheiro muito competente. Tenho certeza que ele lidará com as legalidades de uma maneira rápida e profissional.

Grace olhou para o cartão. Zachary Parous, Exmo. Advogado. Sob o

nome bem digitado, havia um número de telefone e um endereço em Miami. Ficou estupefata. Por que Daniel não contara a ela que comprara uma casa na Flórida?

Sua mente recusava-se a aceitar aquela informação. Estava a ponto de perguntar como Daniel poderia pagar por uma segunda casa quando o advogado empurrou uma pilha de papéis sobre a mesa.

— Se a senhora puder assinar esses papéis, Sra. Elliott, eu posso começar. Sra. Elliott?

— Perdão? Minha assinatura? Sim. É claro. — Ela assinou os papéis sem ler nenhum. Daniel sempre dizia o que ela estava assinando. Daniel...

Já era noite quando Grace deixou o escritório do advogado. A dormência finalmente se instalou. Ela se movia sem pensar, sem nenhuma emoção, como se fosse uma das figuras de um parque temático, acenando para um táxi e dando o endereço ao motorista.

Acendendo a luz do corredor de sua casa, a casa que ela e Daniel compartilhavam e amavam, a dor voltou como uma torrente. Largou a bolsa na mesa e foi direto para o escritório. O escritório de Daniel, o único cômodo da casa que ela nunca entrou, nem mesmo para limpar.

Grace pousou a mão sobre a maçaneta, quase esperando ouvir a voz profunda dele a repreendendo por perturbá-lo. Ignorara seu aviso apenas uma vez e a discussão que tiveram a deixou cambaleando. Desde aquele dia, ela respeitou seus desejos. Todos eles.

Mas ele não estava mais aqui para desejar qualquer coisa.

Ela abriu a porta e entrou. O ar cheirava a velho. Ela disse a si mesma que o aroma persistente de cachimbo estava permanentemente impregnado aos móveis, mas seus sentimentos lhe diziam o contrário — que ele estava ali, vivo de alguma forma, mesmo que invisível para ela. Ela se atrapalhou com o trinco da janela e a abriu, impermeável ao ar gelado que inundava a sala.

Uma velha cadeira de couro, que uma vez pertencera ao pai de Daniel, estava ao lado da lareira de calcário manchada de fuligem, onde cinzas de um tronco meio queimado jaziam. Uma grande mesa de carvalho, com sua superfície coberta com uma leve camada de poeira, preenchia a janela da sacada. O calendário da mesa marcava dezessete de novembro, o dia em que Daniel partira para a reunião. Ela arrancou as páginas sem se incomodar de ler o provérbio impresso embaixo e as jogou no cesto de lixo.

O rosto de Daniel e o seu próprio sorriam para ela numa fotografia em

um porta-retratos prateado no canto da mesa. Ela a pegou e limpou a poeira com a ponta dos dedos.

— Quais outros segredos você escondeu de mim?

Os castanhos e insondáveis olhos de Daniel pareciam olhar para todos os lugares, menos para ela. Com um coração pesado, ela recolocou a fotografia sobre a mesa. Desabou sobre a cadeira e descansou a cabeça dolorida nas mãos. O seu casamento não era perfeito; eles tiveram sua parcela de altos e baixos como qualquer outro casal, mas nunca pensara em Daniel como alguém que guardava segredos. Ainda assim, as últimas horas provaram exatamente o contrário.

Ela se recostou e esfregou as têmporas. Nada que o advogado dissera a ela fazia algum sentido. Eles não eram ricos. A conta conjunta, da última vez que checara, possuía menos de duas mil libras. Quando eles compraram o chalé Applegate, quatro anos atrás, pagaram o depósito mínimo de dez por cento e financiaram o restante com o banco. Então de onde veio o dinheiro para comprar a casa na América, ela se perguntou. E mais importante, por que Daniel não falou com ela sobre isso?

A mesa possuía sete gavetas — três em cada pedestal e uma no centro. Seus dedos pairavam sobre a pequena alça de latão da gaveta central. Sentindo-se como uma intrusa, ela a abriu. Estava vazia. Uma por uma, ela abriu as outras gavetas. Além de uma variedade de envelopes, alguns recibos de cartão de crédito, um abridor de cartas em forma de punhal e algumas baterias sobressalentes para a máquina de ditar portátil que Daniel usava ocasionalmente, ela não encontrou nada relacionado à casa de praia.

A pasta de Daniel, que o policial encontrara no carro, e os itens pessoais do seu escritório estavam em uma caixa próximo da porta. Ela se levantou da cadeira, pegou a caixa e a colocou sobre a mesa. Item por item, ela removeu o conteúdo: uma agenda, um pacote de notas adesivas, uma calculadora e um porta retrato com uma fotografia dela e de Catherine. Ela colocou a agenda em um lado, devolveu todo o restante e colocou a caixa no chão.

Ela tinha dado a pasta Raffaelo para Daniel como presente no trigésimo aniversário. Isso custou o valor de duas semanas de trabalho doméstico, mas valeu a pena ver o sorriso no rosto dele quando abriu a caixa. Ela correu os dedos sobre a, agora arranhada e rasgada, pele de cordeiro

Grace forçou a fechadura para abrir a pasta, mas nada aconteceu. Enfiou as pontas do dedo direito na moldura e puxou a fechadura. O fecho de um lado cedeu, e ela percebeu que a força do impacto tinha deformado a

moldura. Com muito cuidado, ela enfiou a lâmina do abridor de cartas na fechadura do lado oposto e torceu bruscamente. Ouviu-se um alto click e a ela se abriu. Dentro estava o Macbook de Daniel e várias pastas de papel pardo. Um por um, ela vasculhou os inúmeros compartimentos, mas não encontrou nada interessante.

Parte do forro de seda escapou da moldura. Quando Grace passou seus dedos pela borda, sentiu algo sob a superfície. Ela puxou o tecido e encontrou um envelope colado no fundo da pasta. Ela o descolou e o virou em sua mão.

Por que tanto trabalho para esconder algo tão inofensivo como um envelope? Ela deslizou a unha sob a aba e abriu. Um passaporte e um minúsculo pedaço de papel pulou para a pasta. Uma série de números, escritos com a inconfundível caligrafia de Daniel, cobria a superfície. Perplexa, ela contou os dígitos. Vinte e quatro. Daniel era fascinado por números e frequentemente projetava quebra-cabeças para relaxar. Esses eram mais um em que ele estava trabalhando ou a combinação para o cofre no escritório?

A última parecia a explicação mais provável, mas Daniel tinha uma memória fotográfica. Ele nunca precisava anotar nada.

Grace abriu o passaporte na folha de fotografia. O rosto de Daniel a encarou. Apenas o nome no passaporte não era dele, e sim o de Lionel Lattide.

Um lampejo de apreensão a atravessou. Ela tentou recuperar o fôlego, mas não conseguia respirar. Quanto mais lutava para controlar a respiração, mas apavorada ficava. Gotas de suor pontilhavam sua testa. Ela queria relaxar, como o médico a tinha orientado, mas era impossível.

Ela cambaleou até a cozinha. Seu medicamento estava na prateleira próxima à geladeira. Ficando na ponta dos pés, ela alcançou a embalagem, mas suas mãos tremiam tanto que escorregou de suas mãos, derramando o conteúdo ao longo da prateleira e no chão.

Ela podia lidar com isso sozinha, disse para si mesma. Era apenas um ataque de pânico — ela não ia morrer. Isso não era real. Chorando com frustração, seus dedos arrastaram se pelo chão até finalmente prender uma pílula rebelde entre o indicador e polegar. Ela a colocou na boca e a engoliu com um copo de água da torneira.

Recostando-se na pia em busca de apoio, ela se forçou a respirar fundo, inspirando, expirando, inspirando, expirando. A pílula começou a fazer efeito, e o cômodo começou a se firmar. Enquanto seus batimentos cardíacos

desaceleravam, ela tentava ignorar a voz questionadora em sua mente, mas não conseguia. Ela pressionou as mãos sobre os olhos em uma tentativa de apagar seus medos.

No que você esteve envolvido, Daniel, para precisar de um segundo passaporte?

Ela tomou outro gole de água. O passaporte repousava sobre o escorredor próximo a sua mão. Com dedos trêmulos, ela o abriu e procurou a seção de vistos.

Estava estampado.

Ela congelou. Sua mente e corpo entorpecidos.

Ela olhou para a impressão falhada e conseguiu decifrar apenas as palavras "Departamento de Segurança Interna". América! Ela virou outra página, e descobriu que aquela também estava estampada. Apenas nos últimos seis meses, Daniel ou quem quer que ele fosse, tinha viajado para os Estados Unidos cinco vezes.

Por quê?

Ela arrancou o calendário da parede e comparou com o passaporte. Cada visto de entrada coincidia com uma data em que Daniel estivera viajando à trabalho.

Ondas de pânico e náusea a dominaram e ela caiu de joelhos soluçando. O homem a quem ela tinha confiado o seu coração havia mentido para ela. Não uma, ou duas, mas pelo menos quatro vezes.

A dor cedeu lugar à raiva.

Quem era o seu marido?

Parecia que a única forma de descobrir isso seria viajar até Miami e encontrar com o advogado, Zachary Parous.

Soava tão fácil quando ela dizia rapidamente. Mas pensar em uma jornada como aquela despertava antigos medos e ansiedades. Ela não gostava de viajar, muito menos sozinha. E se ela tivesse um ataque de pânico no meio do Atlântico? Quem poderia ajudá-la? Depois ainda teria o pequeno problema de ir de Miami para um lugar chamado Ilha Gasparilla e para a localização da misteriosa casa de praia. Quão difícil seria para encontrar isso? Ela estaria segura?

Ela ouvira algumas coisas sobre a Flórida, coisas sobre gangues, traficantes de drogas e coisas ainda piores. Ela agarrou o telefone antes que pudesse mudar de ideia e reservou um assento no voo de nove e meia para Miami na manhã seguinte.

Havia somente mais uma chamada a fazer.



Capítulo Dois

EMÍLIA ESTAVA chorando. De novo. Jack West esperou por um momento, os gritos do bebê pararem. Não pararam. Emília alcançou uma nota mais alta. Esse não era o combinado.

Ele enfiou o pincel no pote de álcool puro. Exasperado com mais uma interrupção, ele lavou as mãos e foi para a sala de estar. Ergueu a bebê, que berrava tanto que estava com o rosto vermelho, do berço moisés e a colocou sobre os ombros, balançando-a e esfregando gentilmente suas costas. Como Rosa, mãe de Emília, conseguia dormir com aqueles gritos insistentes, ele não fazia ideia. Além disso, a maioria das novas mães não festejavam com os amigos até o amanhecer.

Os gritos de Emília transformaram-se em gemidos abafados. Ele gentilmente balançou a criança pelo corredor. Nas duas últimas semanas, Emília se transformara de um calmo anjinho de seis semanas em uma criança terrível, chorando em cada oportunidade e por nenhuma razão aparente. Durante esse tempo, eles tentaram de tudo para acalmá-la, incluindo empurrá-la no carrinho e tocar música clássica. Mas nada funcionara. Finalmente, Rosa cedeu aos seus pedidos e levou a criança ao Hospital Infantil de Miami para uma consulta com o pediatra, que disse que a causa mais provável para o choro incessante era cólica. Jack não estava convencido. Ele acreditava que

isso estaria relacionado com a falta de interesse de Rosa pela criança.

Emília arrotou e vomitou sobre seu ombro. — Droga! — Jack murmurou. Era culpa dele; ele sabia bem disso. Da próxima vez se lembraria de jogar uma toalha sobre o braço antes de pegá-la.

— Shhhhh, menininha — ele murmurou e a carregou até o banheiro. Ele beijou os tufos de cabelo preto encaracolado. — Precisamos trocar esta fralda desagradável. Você não é apenas uma coisinha barulhenta, está fedendo, querida.

Com um metro e oitenta e oitenta e cinco quilos, suas grandes mãos não foram projetadas para prender fraldas e enfiar pequenos membros em macacõezinhos rosa.

Na sala de estar, o telefone dele tocou. Ele ignorou, mas quando tocou pela quarta vez, então a quinta, ele percebeu que esqueceu de o transferir para a secretária eletrônica. Ele apertou o último fecho, pegou o bebê e agarrou o telefone, colocando-o entre o pescoço e ombro enquanto balançava Emília.

— West.

— Olá, Jack West? Aqui é...

— Grace Elliott — ele interrompeu.

— Como você sabia?

— Eu tenho uma boa memória. — A voz dela era rica e suave como mel, cada palavra uma carícia. Ele empurrou a sensação de vazio em seu estômago para espantar de sua mente as imagens de uma chance que ocorrera seis meses atrás. — Por que está ligando, Grace?

— O Daniel morreu. — Ela deixou escapar. — Ele morreu em um acidente de carro duas semanas atrás.

— Sinto muito pela sua perda. Deve estar sendo um tempo difícil para você.

— Obrigada, Jack. E sim, as últimas semanas não estão sendo fáceis.

— Então, por que está me ligando e por que a morte do seu marido deveria me interessar?

— Isso não tem nada a ver com você, não diretamente. Mas lembra-se da última coisa que me disse?

— Lembre-me.

— Disse que se eu precisasse de ajuda eu poderia ligar para você.

Ele riu tristemente. — Você nunca deixa de me surpreender. Olha, Grace, as coisas mudaram. Eu não trabalho mais na embaixada de Londres.

— Eu sei disso. É por isso que eu preciso da sua ajuda. É difícil de

explicar pelo telefone. O meu voo chega no Aeroporto Internacional de Miami às 14:25 amanhã. Você poderia me encontrar? Eu explicarei tudo então, eu prometo.

— Eu não sei, Grace. Eu tenho compromissos. — Ele disse olhando para a bebê adormecida aninhada na dobra de seu braço.

— Por favor, Jack. Eu não tenho mais ninguém a quem recorrer. Eu ainda não entendo completamente, mas alguma coisa estranha aconteceu. E você é a única pessoa que eu conheço na América que pode ajudar.

A tensão era evidente na voz dela. Por um momento, ele não respondeu. Em vez disso, ele fechou os olhos e lembrou-se do dia em que a vira pela primeira vez — uma mulher bonita, com cabelos castanhos brilhantes, olhos azuis tristes e um sorriso tímido. Ela tinha cruzado as defesas dele naquele momento, exatamente como estava fazendo agora.

— Jack? Jack, ainda está aí?

— Olha, você tem certeza que não há mais ninguém que possa ajudar?

— Tenho certeza.

— Tudo bem, Grace, eu vou te encontrar. Mas não posso te prometer nada, consegue entender isso?

— Eu entendo, e obrigada, Jack. Eu te vejo amanhã.

Ele colocou Emília no cesto Moisés. Seus olhos abriram e depois fecharam enquanto ela se mexia brevemente. Ele passou um dedo pelo cabelo escuro e macio. Satisfeito por ela estar realmente dormindo, saiu da sala na ponta dos pés. Conforme passava pela cozinha, agarrou uma camisa limpa da pilha de roupas que estavam para ser passadas e trocou de roupa.

Enquanto pintava com tinta amarelo-ouro a parede de onde antes era o seu escritório, e agora era o quarto da bebê, ele pensou em Grace. No início de junho do verão passado, eles eram duas pessoas, entre milhares, que participaram do Campeonato de Tênis de Wimbledon. Após seu mandato de dois meses na Embaixada de Londres acabar, ele tirou o que restou de suas férias acumuladas e comprou um assento durante o torneio. Por acaso, Grace fora alocada no assento ao lado dele. Quando a chuva começou a aumentar, ele ofereceu a ela refúgio debaixo de seu guarda-chuva e eles começaram a conversar. Igualmente conhecedores do jogo, descobriram que ambos tinham jogado em times locais. A brincadeira descontraída logo se transformou em um tipo de amizade.

Sempre que havia uma pausa entre as partidas ou o jogo era abandonado devido ao mau tempo, eles encontravam um lugar tranquilo para dividir uma

tigela de morangos e uma garrafa de vinho. No final da primeira semana, eles eram companheiros constantes.

Então, no último dia do torneio, ele sugeriu que jantassem juntos. Em um primeiro momento, Grace respondeu não, mas depois mudou de ideia com a condição de dividirem a conta. Em algum momento entre a entrada e a sobremesa, o relacionamento mudou. A conversa tornou-se mais pessoal. Ele contou sobre Rosa, sua namorada cubana, de quem ele se separara alguns meses antes em termos nada amigáveis, e sobre sua vida na Flórida. Por sua vez, ela contou a ele sobre sua irmã e sobre a vila em Gloucestershire onde ela morava.

Quando chegou a hora de dizer boa noite, ele a levou em segurança de volta ao hotel.

— Obrigada pelo jantar.

— O prazer foi meu. Você vai me convidar para uma bebida?

O sorriso dela vacilou. — Sinto muito, não posso. — Ela respirou fundo e olhou para ele. — Eu...é, eu não sei como dizer isso, então eu vou apenas falar. Jack, sinto muito. Eu sou casada.

O sorriso dele não vacilou, ele desabou. — Você é casada?

Ela assentiu.

Uma combinação de desapontamento e perplexidade nublou suas feições. — É algo infernal de se ouvir. Você não poderia ter me contado antes?

— Ah, eu tentei, pode acreditar, mas nunca parecia ser o momento certo. Eu... eu gosto de você, Jack.

— Gosta o suficiente para mentir para mim. — Ele olhou para a mão esquerda dela e se perguntou como ele nunca notara a fina faixa de platina no dedo dela. Algo nos olhos dela dizia que o casamento não era o que deveria ser. Por um longo momento ele apenas a olhou, sem dizer nada.

Eventualmente, ela estendeu a mão direita trêmula. — Foi maravilhoso conhecer você, Jack.

Ele pegou a mão dela, aproximou-se e encostou seus lábios sobre sua bochecha. — Para mim também.

— Tenha uma ótima viagem de volta.

— Grace...

— Sinto muito. Adeus, Jack. — Ela se virou e andou rapidamente em direção aos elevadores antes que ele pudesse dizer algo.

Foi a última vez que eles tiveram algum contato. Ele sempre se

perguntava o que teria acontecido se ela o tivesse convidado para tomar uma bebida em seu quarto.

Rosa entrou no quarto. — Você esteve pintando o mesmo trecho da parede pelos últimos cinco minutos.

Assustado, ele pulou ao som da sua voz. A lata de tinta em sua mão inclinou, ameaçando derramar seu conteúdo pelo chão de madeira polida.

— Droga, Rosa, precisava me assustar dessa forma?

Ela bocejou, e então tirou os longos cabelos negros dos olhos. — Você estava em outro lugar, no que estava pensando?

— Eu estava pensando que eu poderia terminar isso muito mais rápido se eu não fosse interrompido a cada cinco minutos.

— Não fui eu que te interrompi, então não tem necessidade de ser tão resmungão. O celular tocou?

Ele olhou para ela com algo parecido com nojo. — Jesus Cristo, Rosa. Você acorda quando o celular toca, mas não quando sua filha chora. Que tipo de mãe é você?

Com as mãos nos quadris, Rosa o encarou. — Não comece, Jack. Não tem ideia de como é dar à luz. Eu simplesmente não aguento ela precisando de mim o tempo todo.

Ele suspirou. Rosa não contara para ele sobre a gravidez até que fosse tarde demais para fazer algo a respeito, não que ele acreditasse em aborto. Era só que a paternidade nunca havia sido destaque em sua lista de prioridades. Mas, independentemente de a gravidez ter sido devido ao descuido dele ou ao esquecimento dela de tomar a pílula anticoncepcional, ele aceitou a responsabilidade e a transferiu para sua casa. O que não podia tolerar era sua total falta de interesse pela criança e o lar que ele estava fornecendo para elas.

— Além disso, eu não estou me sentindo bem. Estou com uma dor de cabeça horrível.

— É mesmo? Isso não é nenhuma surpresa, é? Você deveria cuidar da nossa filha, em vez de passar a noite bebendo com seus amigos.

— Você não entende, Jack. Eu não consigo lidar com ela sozinha. Não quando ela chora o tempo todo.

— Isso é o que os bebês fazem. Você tem muitos irmãos e irmãs com crianças para saber disso. Eu não posso estar sempre por perto, Rosa. Terei que voltar para o trabalho em algum momento.

— Mas não ainda. Por favor, Jack, fique em casa por mais um tempo.

Pelo menos até a colocarmos em uma rotina.

— Mais uma semana, é o melhor que eu posso fazer. A casa está uma bagunça. Há louça empilhada na pia, roupas esperando para serem lavadas. Já está na hora de você começar a fazer a sua parte. Não dá para esperar que eu tome conta do bebê, cozinhe, limpe e arrume o quarto. Você terá que aprender a gerenciar isso sozinha.

Como se combinado, Emília começou a berrar.

Rosa colocou as duas mãos sobre os ouvidos. — Pelo amor de Deus, qual o problema dela?

— Ela está com fome.

Rose colocou uma mão sobre o braço dele e sorriu. — Pode alimentá-la, Jack? Ela sempre se acalma depois que você a alimenta.

Jack largou o pincel e tirou a mão dela de seu braço. — Não. Estou ocupado. Você pode tentar amamentá-la para variar. É a coisa maternal a se fazer.

— De jeito nenhum! Eu já vi o que a amamentação faz com uma mulher. — Ela cruzou os braços em volta dos seus seios fartos. — Eu não quero que meus seios caiam até o joelho.

— Nesse caso, tem uma mamadeira de leite na geladeira. Você pode colocá-la no micro-ondas. Agora vai, vai alimentar a nossa filha. E não esqueça de colocá-la para arrotar antes de deitá-la. — Ele a empurrou em direção ao salão. Ela sibilou algo em espanhol, mas fez o que ele falou.



NA TARDE seguinte, com os ouvidos ainda zunindo por causa de sua última briga fútil com Rosa, Jack estacionou o Ford Explorer preto em uma vaga do Aeroporto Internacional de Miami. Olhou o relógio. Duas horas em ponto. Trancou o SUV e andou a curta distância até o terminal principal. Com meia hora de espera antes do voo de Grace Elliott desembarcar, ele foi para o café mais próximo. Escolheu um lugar no canto próximo à saída e pediu um expresso duplo.

Os aeroportos o fascinavam, não por que se perguntasse onde todo mundo estava indo, mas sim o que escondiam. Esfregou a barba escura nas bochechas. Não gostava do homem no qual ele havia se tornado — cínico, amargo, e quando a ocasião exigia, duro e cruel. Podia agradecer ao

Departamento por isso, ou melhor, aos quatorze anos trabalhando como agente disfarçado.

Jack bebeu o último gole de seu expresso e se dirigiu ao desembarque internacional. O oficial da alfândega o reconheceu e acenou para ele. Na verdade, o salão estava mais cheio que o saguão. Ele olhou para o telão suspenso. Três voos aterrissaram em rápida sucessão: um voo da British Airways de Londres, um voo da American Airlines de Bogotá e um voo da Air Taca de San Salvador.

Vozes raivosas encheram o ar enquanto as pessoas se acotovelavam pelos carrinhos e ficavam lado a lado na frente da esteira, esperando por sua bagagem. À sua esquerda, um homem pequeno e enrugado discutia com o funcionário da alfândega em uma mistura de espanhol e inglês falando sobre a inspeção de sua bagagem. Jack sorriu. Isso o lembrava de suas brigas com Rosa. Sempre que ela achava estar correndo perigo de perder a briga, ela voltava à sua língua nativa.

Por hábito, ele observou os passageiros que chegavam, procurando sinais reveladores de nervosismo e qualquer coisa que parecesse fora de lugar. Um cão farejador e seu treinador trabalhavam na bagagem do voo colombiano. O cachorro não teve nenhuma reação, mas Jack sabia, por experiência, que agentes da DEA, a agência americana de combate às drogas, monitorariam de perto os passageiros, selecionando aqueles que agiam de maneira suspeita, para um exame minucioso de sua bagagem.

Ele virou sua atenção para a esteira do voo de Londres e reconheceu Grace imediatamente. Ela permanecia de lado, esperando por sua bagagem. Vestida toda de preto, ela estava mais magra do que se lembrava e sua pele mais translúcida. Ela parecia mais etérea do que nunca, se isso fosse possível.

Mais de um homem olhava em sua direção, avaliando-a abertamente. Jack sorriu. Não era o único homem que a achava atraente. Ele começou a se virar, mas um indivíduo em particular capturou sua atenção. Um homem pequeno e gorducho, usando um terno elegante, continuava a observar Grace do lado oposto da esteira. Sem demonstrar, Jack memorizou seu rosto. Não tinha certeza se Grace notara, mas algo a deixava nervosa. Ela colocava a mão sobre a garganta constantemente. Ele deu de ombros e atribuiu o comportamento nervoso dela a uma combinação de fuso horário e a falta de familiaridade com o ambiente. Levou vários minutos para cruzar a multidão e chegar ao lado dela.

— Grace? É bom te ver novamente. Eu só gostaria que isso tivesse

acontecido sob circunstâncias mais alegres.

Ela ofereceu um sorriso trêmulo. — Eu também. Obrigada por vir, Jack. Como tem estado?

— Estou bem, considerando tudo. Parece cansada. Como está lidando com tudo isso?

Seus olhos azuis nublaram com lágrimas, ela abaixou o olhar. — Ah, você sabe. Alguns dias são melhores do que outros.

— Conseguiu dormir um pouco durante o voo?

— Não muito. O passageiro atrás de mim tinha um bebê pequeno, e ele chorou por quase toda a viagem.

Ele sorriu, a contragosto. Ao contrário do que ela falara, parecia ótima. Todos os sentimentos de "*se apenas*" que ele lutara para conter ameaçaram escapar. Ele desviou o olhar.

A esteira transportadora zumbiu com vida. Grace aproximou-se para pegar sua bagagem.

— Deixa que eu pego para você. — Ele arrastou a mala para fora da esteira, depois a pegou pelo cotovelo e a guiou em direção à saída. — Estacionei no edifício garagem. Quer esperar enquanto eu pego o carro? Ou você se sente bem para uma caminhada curta?

— Uma caminhada me faria bem.

Sem conversarem, caminharam pelo terminal até a saída. Quando se aproximaram da porta, Jack teve um vislumbre do homem que estava observando Grace. Por um milésimo de segundo, seus olhos encontraram-se. Algo sobre o comportamento do homem e seu interesse manifesto em Grace trouxe os sentidos de Jack para um alerta total. Ele acelerou seu passo e empurrou-a em direção à garagem, onde pegaram o elevador para o segundo nível.

Jack não conseguiu mais permanecer em silêncio. — Então, para onde eu estou te levando?

— Eu fiz uma reserva no hotel Island Palm. Conhece?

— Fica a meia hora daqui na Avenida Collins em South Beach. — Ele guardou a bagagem no porta-malas e a ajudou a sentar no banco do carona, antes de subir ao volante. O motor rosnou ganhando vida com o primeiro giro da chave. Ele ligou o ar condicionado no máximo e depois conduziu o Explorer para fora do estacionamento para o fluxo constante de tráfego em direção da cidade.

Grace estava sentada em silêncio, seus braços cruzados sobre o peito e

olhava para a janela.

— O fuso horário é horrível. Confie em mim. Depois de um banho quente e algo para comer, se sentirá muito melhor.

— Confiarei em você quanto a isso. Neste momento, meus nervos parecem como se eu tivesse bebido o suprimento de café para um ano.

Jack virou na Via Expressa Dolphin e seguiu o tráfego até a ponte MacArthur. — Certo, Grace. Hora de me contar por que está aqui. — Ele lançou um olhar para ela.

Ela balançou a cabeça. — Ainda não.

— Então quando?

— Em breve. — Ela sussurrou. Com os olhos fechados, ela se sentou rígida, os dedos agarrando o tecido da blusa.

Ele sabia como era se sentir tenso, e considerando sua expressão de lábios cerrados, ela estava perto do ponto de ruptura. Mas o que a trouxe até esse ponto?

Estendeu o braço para pegar sua mão para oferecer um pouco de conforto e depois pensou melhor. Nada tinha mudado entre eles.

Mas tudo tinha mudado.

Em vez disso, tirou seus óculos de sol do bolso da camisa e se concentrou em levá-la em segurança até o hotel.

O tráfego na Avenida Collins consistia na confusão habitual de ônibus turísticos e carros particulares. Jack tamborilou os dedos no painel enquanto uma matrona idosa tentava entrar de ré em uma vaga que era obviamente pequena demais para o Lincoln que ela estava dirigindo. Depois de três tentativas, ela desistiu e saiu, para seu alívio e de toda a fila que se formara atrás dele.

O hotel Island Palm, um dos hotéis mais sofisticados em South Beach, estava situado logo ao norte do distrito de Art Déco. Ele levou o Explorer para o pátio do hotel e parou em frente à entrada.

— Grace? Acorde. Já chegamos. — Saiu de trás do volante e recuperou a bagagem. Quando alcançou o lado do carona, ela já tinha saído do veículo. Juntos, eles subiram os degraus de mármore que levavam ao hotel.

O lobby, uma mistura de South Beach chique e o charme sulista, estava calmo e abençoadamente fresco. O concierge estava ao telefone, falando em Espanhol mais rapidamente, conforme eles se aproximavam da recepção. Jack entendia o suficiente da língua para saber que ele estava chamando a atenção de quem estava do outro lado da linha por tirar uma pausa em invés

de entregar toalhas limpas no quarto quatro-zero-seis.

Depois de pechinchar um pouco, ele conseguiu para Grace um upgrade da reserva para uma suíte no nono andar com vista para o mar. Ele pegou a bagagem dela e a conduziu até o elevador. Na suíte, colocou sua mala no armário e entregou-lhe a chave do quarto.

— Vou te dar uma hora para se ajustar e refrescar. Estarei esperando por você no lobby. Então poderá me dizer por que foi tão importante viajar quase dez mil quilômetros para pedir minha ajuda.



Capítulo Três

A PORTA fechou-se devagar. Grace passou o trinco. Colocou a jaqueta sobre as costas de uma cadeira e largou a grande bolsa de couro preto e a chave do quarto sobre a mesa de café. Elegantemente decorada em tons suaves de bege e marrom, a grande e arejada sala parecia acolhedora depois de sua longa viagem. Tirou seus sapatos, espreguiçou-se e então estremeceu. Tantas horas sentada e apertada em uma mesma posição deixaram sua coluna, pescoço e ombros doloridos.

Ela pegou uma garrafa de água do mini bar, derramou o conteúdo em um copo e adicionou gelo. O gosto do líquido gelado parecia um néctar e foi uma mudança bem-vinda ao amargo e requentado café que ela tinha tomado durante as últimas dez horas no avião.

Depois do frio da Inglaterra, a suíte parecia quente demais. Ela foi até a varanda e abriu a porta. O ar quente e úmido ondulava através da cortina. Nove andares abaixo, os corpos semidesnudo dos banhistas estavam estirados nas espreguiçadeiras em volta da piscina. Através das palmeiras, podia apenas vislumbrar a areia branca da praia e as águas turquesas do oceano Atlântico.

Grace deixou as cortinas caírem e entrou no quarto. O relógio digital na mesa de cabeceira marcava três e meia. Ela pegou o telefone e discou o

número de Olivia. Enquanto esperava que ela atendesse, tentou descobrir a diferença de horário, mas sua mente cansada da viagem se recusava a fazer o cálculo.

— Olivia? É a Grace.

— Olá, minha querida.

— Eu estou ligando de Miami, então não posso permanecer na linha por muito tempo.

— Miami? Meu Deus! Mas o que está fazendo aí?

— É uma longa história, mas parece que o Daniel tinha uma propriedade aqui. Vou saber mais depois de falar com o advogado dele.

— Bom, eu sempre disse que ele era misterioso. Mas Miami? Por que não comprou uma casa na França como todo mundo?

— Não faço ideia. Espero descobrir o porquê amanhã.

— Tudo bem, tenha cuidado. Ouvi que Miami pode ser um lugar muito perigoso.

— Não se preocupe, Olivia. Tenho um amigo me ajudando. Eu só queria te avisar onde estou. Te ligo de novo em alguns dias. Dê um beijo no Tom por mim.

Grace desligou o telefone. A cama king-size parecia macia e convidativa, mas mesmo que tivesse tempo para se trocar e deslizar entre os lençóis de algodão, ela sabia que não conseguiria dormir. Em vez disso, abriu sua mala, pegou sua bolsa de itens higiênicos e uma roupa íntima limpa e foi para o banheiro.

Uma rápida olhada no espelho a avisou que ela parecia pior do que imaginava. Suas roupas estavam tão amarrotadas da viagem que pareciam não ter visto um ferro desde o dia que ela as comprara. A fadiga se revelava nos círculos escuros embaixo de seus olhos. Seus cabelos estavam uma bagunça, minúsculas mechas onduladas escapavam de sua trança outrora arrumada e agora modulavam seu rosto pálido e magro. Pressionou as mãos sobre os olhos e tentou afugentar a tristeza. Se sentia vazia e drenada, e tão cansada que seus nervos pulsavam.

Chegou até aqui. Não pode desmoronar agora. Mais alguns dias e você saberá a verdade.

Ela se despiu como um robô. Soltou o cabelo da trança, e então deu um passo para dentro do sofisticado boxe em mármore e cromo. Girando a torneira até o fim, deixou a água quente fluir sobre seu rosto e seu corpo, mas isso não conseguiu aliviar a tensão em seus ombros e pescoço.

Ver o Jack novamente acendeu velhas emoções. Seis meses atrás, ela esteve a poucos minutos de ir para a cama com ele. Somente seu forte senso de retidão a tinha segurado — isso, e o anel de platina no seu terceiro dedo da mão esquerda. Alto, moreno, magro, seguro de si; ele era tudo o que ela lembrava, tudo o que ela queria, mas não podia ter.

O desejo tomou conta dela, seguido por uma onda de vergonha. Outras memórias preencheram sua mente; seu sorriso sincero, o jeito como enrugava o canto dos olhos quando ele ria. Mas o que mais recordava era seu toque gentil e sensual.

Grace sabia que deveria se afastar e encontrar outra pessoa para ajudá-la a descobrir a verdade. No entanto, tinha certeza que ele era o único homem em quem poderia confiar.

O único homem que poderia protegê-la.

Disse a si mesma que conseguiria lidar com o fato de estar perto dele novamente. Mas não conseguia enganar ninguém, especialmente ela própria.

Ela se ensaboou com o sabonete líquido com aroma de laranja e gengibre de cortesia do hotel, e então encheu o cabelo embaraçado com shampoo e condicionador. Depois de se enxaguar, girou a torneira para o frio e permaneceu debaixo do jato fino até sua pele ficar tensa e começar a tremer.

A maioria das roupas que trouxe eram mais adequadas para o severo inverno britânico do que para o clima subtropical mais suave de Miami. Mas depois de tanto vasculhar, finalmente se contentou com uma calça de linho cinza e uma camisa de seda cor de damasco. Secou os cabelos, sacudiu a cabeça e modulou, com os dedos, ondas suaves.

A mulher no espelho parecia muito mais estruturada do que a que saíra do avião algumas horas atrás, mas seu rosto permanecia pálido. Pequenas pinceladas de blush e um pouco de rímel era tudo que conseguia fazer com a maquiagem. Na próxima vez em que olhou no espelho, suas bochechas ao menos possuíam alguma cor.

Consciente de que Jack provavelmente estaria andando de um lado para o outro, ela pegou a bolsa e se dirigiu para o lobby. O encontrou sentado em um canto silencioso lendo o jornal. Ele levantou quando ela se aproximou.

— Sentindo-se melhor? — ele perguntou.

Grace deu um pequeno e tímido sorriso. — Mais desperta, certamente.

— Nesse caso, vamos conseguir algo para comer e beber. — Ele a pegou pelo braço e a guiou até a saída.

Grace caminhou ao lado dele. Uma vez do lado de fora, o calor e a umidade a atingiram de surpresa. Ela abanou o rosto com a mão.

— É sempre tão quente assim no inverno?

Jack sorriu. — Não está quente. Deveria vir aqui no verão. Espere um ou dois dias e vai se adaptar.

A avenida Collins, ladeada pelos prédios Art Déco com uma mistura de hotéis de luxo e lojas de marca, estava agitada com os turistas. Grace lutou para acompanhar os longos passos de Jack enquanto ele entrava e saía da multidão.

Sem nenhum tipo de preâmbulo, ele disse, — Deixou o seu cabelo crescer.

— O quê?

— Seu cabelo, está maior do que da última vez que nos encontramos.

Grace desviou o olhar dos seus intensos olhos verdes. — Eu precisava de uma mudança.

— Combinou com você.

Ela engoliu em seco. — Obrigada.

— Ainda joga tênis?

— Ocasionalmente. Olha, Jack, isso não é uma...

Ele a olhou de soslaio. — Uma boa ideia? Provavelmente não, mas eu estou apenas conversando, Grace. Não estou pedindo para você ir para cama comigo. Deus sabe que eu desisti dessa ideia meses atrás.

Um rubor indesejado surgiu em suas bochechas. — Eu só pensei que você deveria tratar isso como uma reunião de negócios, isso é tudo.

Eles continuaram em silêncio. Depois de dois quarteirões, eles viraram à esquerda e dirigiram-se à Ocean Drive. Assim como as da avenida Collins, as construções eram uma mistura de mansões de cor pastel, hotéis ultrachiques, bares e clubes.

Jack ignorou os aromas atraentes que flutuavam dos restaurantes elegantes e sofisticados. Em vez disso, escolheu uma mesa na calçada em um dos movimentados cafés. Uma vez sentados, ele pediu duas saladas de camarão, um copo de Pinot Grigio para Grace e uma cerveja pequena para si, depois se virou para encará-la.

— Certo, Grace. O que é tão importante para precisar da minha ajuda?

Ela respirou fundo e organizou os pensamentos. — Duas semanas atrás, o Daniel morreu em um acidente de trânsito. No dia em que ele morreu, ele deveria estar em Birmingham em uma reunião, mas a polícia encontrou seu

carro em uma pista rural não muito longe do aeroporto de Heathrow.

— Pode haver uma série de explicações para isso. Ele pode ter mudado de ideia no último minuto e decidido ir de avião.

— Jack, você e eu sabemos que demoraria mais para dirigir até Heathrow do que para Birmingham saindo da minha casa.

A equipe de cozinha estava estranhamente rápida. Jack esperou até que a garçonete estivesse fora de alcance para ouvir antes de continuar. — Talvez ele tenha combinado de buscar alguém e levar para a reunião.

— Isso também não faz sentido. Além disso, a polícia me disse que ele estava sozinho no carro. Mas isso não é a única coisa estranha sobre sua morte. Quando eu estava deixando a igreja depois do funeral, um homem se aproximou de mim. — Ela estremeceu com a recordação. — Eu nunca o tinha visto antes e não tinha ideia de quem ele era. Ele me perguntou sobre uns arquivos eletrônicos que Daniel estava guardando para ele. Quando eu disse que eu não sabia nada sobre isso, ele me ameaçou e agarrou o meu braço. Não somente isso, ele sabia sobre o meu compromisso com o advogado. Ele até mencionou a minha irmã, Catherine.

— Arquivos eletrônicos? Você quer dizer os discos do computador em que estão armazenados? Com o que Daniel trabalhava?

Grace olhou para Jack, tentando ver através dos olhos frios e do rosto sem expressão. — Ele é... era um contador. — Ela pegou um camarão e deu uma mordida.

— Isso explica então, — Jack disse com um sorriso. — O cara deveria ser um cliente.

— Ele disse que não. E mesmo que ele fosse, isso não explica como ele sabia sobre o meu compromisso ou Catherine.

— Eu não sei, Grace. Isso pode ter sido só um bom palpite.

— Eu não acho isso. Quando cheguei em casa, eu vasculhei a pasta do Daniel. Eu encontrei isso. — Ela abriu a bolsa e o entregou o passaporte e o pedaço de papel.

Ele o abriu. — Lionel Lattide. Você conhece esse cara?

Grace segurou o olhar dele. — Ah, sim, eu o conheço. Ele é Daniel Elliott, meu falecido marido. Pelo menos era quem eu pensava que ele fosse.

Jack soltou um assobio baixo, mas não disse nada.

Isso não é tudo. — Ela tomou um gole do seu copo. — Seis meses atrás, Daniel ou Lionel, ou quem quer que ele seja, comprou uma casa de praia na ilha Gasparilla. Eu não sabia nada sobre a compra até eu ouvir que ele a

deixou para mim em seu testamento. Nós não somos ricos, então eu não tenho ideia de onde ele encontrou o dinheiro para comprar outra propriedade, especialmente uma no exterior. Então você entende, Jack? Eu não tive escolha a não ser vir para Miami.

— Você conseguiu a minha atenção, Grace. Sabe qual agente imobiliário vendeu a casa para ele?

— Na verdade, parece que isso foi resolvido por um advogado. O nosso advogado me deu o seu cartão de visitas. Está aqui comigo.

Ela pegou o cartão mencionado. — Zachary Parous. Não acho que já tenha ouvido sobre ele ou sobre sua empresa, mas isso não significa nada. Que tal fazermos uma visita a ele?

Ela inclinou a cabeça para um lado e sorriu. — Eu estava esperando que dissesse isso.

Jack pegou seu celular, discou o número que estava no cartão e apertou ligar. Ele entregou o telefone para Grace.

Enquanto ela ouvia o telefone chamar, ele disse, — Tente marcar um horário para amanhã. Se eles disserem que não dá, insista.

O telefone foi atendido no terceiro toque. — Parous e Associados. Como posso direcionar sua ligação?

— Eu gostaria de falar com o Sr. Parous, por favor. Meu nome é Grace Elliott. Estou ligando para tratar dos bens do meu falecido marido. — Grace cobriu o telefone com a mão. — Eles estão transferindo. — Ela inclinou o telefone para que Jack pudesse ouvir a conversa.

— Olá, Sra. Elliott. Seu advogado me disse para esperar a sua ligação. Embora eu esteja um pouco surpreso de ouvi-la tão rápido. Que horas são na Inglaterra?

— Na verdade, Sr. Parous, eu estou ligando aqui de Miami.

O advogado parou por um segundo. — Você está aqui? Agora?

— Eu cheguei esta tarde. Eu esperava que pudéssemos nos encontrar— amanhã de manhã, talvez?

— É um aviso de última hora, Sra. Elliott. Ou Grace. Posso chamá-la de Grace?

— Sim, claro, mas...

— Que tal na próxima semana? Eu tenho espaço na minha agenda na quinta às dez e meia. Eu posso encaixá-la. Enquanto isso, você pode relaxar e aproveitar a nossa cidade. Faça alguns passeios, talvez um dia de cruzeiro. Eles são ótimos. Minha assistente pode colocá-la em contato com algumas

agências turísticas.

Ela olhou para Jack. Ele balançou a cabeça e cobriu o bocal com o polegar.

— Pareça triste. Se ele continuar dizendo não, diga que você estará lá amanhã às duas e desligue.

— É um momento difícil para mim, Sr. Parous, como sei que entende. Eu esperava ter tudo resolvido e estar no caminho de volta para casa por esse tempo.

— Eu preciso preparar alguns documentos antes de nos encontrarmos, Grace. Não tenho certeza se conseguirei tão rápido. Isso demora um pouco.

— Eu tenho certeza que a sua assistente apreciará as horas extras, Sr. Parous. Vejo o senhor amanhã às duas.

Jack assentiu, pegou o telefone e desligou. Ele tomou um gole de sua cerveja.

— Parous poderá nos dizer como Elliot pagou pela casa. Ele também saberá se ele tinha ou não uma conta bancária aqui ou se o valor foi transferido de um banco britânico.

Sem pensar, Grace pousou sua mão sobre a dele. Parecia quente e forte, exatamente da forma como ela se lembrava. Quando percebeu o que tinha feito, ela se afastou. Ele não reagiu nem ao toque nem ao afastamento.

— Obrigada, Jack. Eu me sinto melhor sabendo que estará comigo. Já é difícil compreender o as leis inglesas sem ter que entender o sistema jurídico americano também. — Ela pegou outro camarão com o garfo, mergulhou-o no molho de pimenta e deu uma mordida.

Ele deu de ombros e desviou o olhar. — Não precisa agradecer. Eu faria o mesmo por qualquer outro amigo.

Ela o observou em silêncio. Havia mais linhas em volta de seus olhos do que se lembrava, e o cabelo outrora preto estava agora filetado de cinza. Mas desconsiderando isso, ele não parecia diferente de quando o viu pela última vez.

— Eu nunca ouvi falar da ilha Gasparilla. Faz parte da Florida Keys?

— Não, é uma ilha de barreira na costa do Golfo a cerca de um pouco mais de 300km daqui. Por quê? Está pensando em ir lá?

— Eu não sei. Eu ainda não pensei tão longe assim. Acho que dependerá do que o advogado dirá amanhã.

— Vou investigar, ver se eu consigo descobrir se Zachary Parous possui alguma conexão desagradável.

Grace franziu a testa. — Conexões desagradáveis? Eu não entendi.

— Miami é cheia de pessoas com conexões suspeitas. Extorsão, lavagem de dinheiro, tráfico de drogas, assassinato; você pode nomear essa cidade com todas essas coisas.

— Certamente um advogado estaria acima de tudo isso, não é?

— Poderíamos dizer que sim. Mas nem todo mundo é tão honesto como um bebê recém-nascido. As pessoas são sugadas por um pequeno negócio sujo de cada vez. Um favor para um amigo, e depois outro, e mais outro, até eles estarem tão envolvidos que não é mais possível sair.

— O que a polícia está fazendo a respeito disso?

Ele sorriu. — Quase nada. Eles não possuem mão de obra. Para cada criminoso que eles tiram de circulação, existe um outro esperando escondido para tomar o lugar de quem saiu. E muitos policiais são corruptos também. Não é sem motivo que Miami tem um dos maiores índices de criminalidade do país.

Grace não gostou do que estava ouvindo. Ela brincou com sua salada, tentando não pensar nas razões por trás das viagens de Daniel para Miami.

— Ficou quieta. Está tudo bem?

— Estou preocupada, só isso.

— Não deixe sua imaginação falar mais alto, pelo menos ainda não. Você disse que o Elliott era um contador. Qual era a sua especialidade?

Ela franziu a testa. —Daniel nunca discutiu realmente sobre o trabalho dele comigo, mas sei que ele monitorava as taxas de câmbio estrangeiras. Há muitos livros em seu escritório sobre as leis fiscais de outros países. Eu poderia perguntar para o sócio dele, Shaun, para ter mais detalhes se quiser.

— Não precisa. — Jack se aproximou, seus olhos escuros eram intensos. — Houve alguma mudança nos hábitos dele? Ele ficou até mais tarde que o normal no escritório, esse tipo de coisas.

Ela o olhou bruscamente. Ele estava fazendo muitas perguntas. Mas também a estava ouvindo. Conversar com ele ajudava, mas a deixava inquieta. Ela respirou e respondeu.

— Depois que nos casamos, ele parou de se esforçar, como se fosse muito trabalhoso garantir que eu estivesse feliz. Ele se tornou muito crítico, hostil, quase frio.

— De que forma?

— Ele parou de me comprar flores e me levar para jantar. Nós nunca tivemos um feriado. Ele era muito fechado. A casa tinha que estar

impecavelmente limpa, mas ele não queria que ninguém além de Catherine nos visitasse.

— E a amiga que você mencionou?

— Olivia? Nos encontrávamos na cidade ou na casa dela.

— Isso indica um comportamento abusivo. Primeiro isola sua vítima, mina a sua confiança, e faz ela se sentir inútil. Ele alguma vez...

— Me bateu? — Ela hesitou, questionando o quanto deveria revelar. — Não. Mas verbalmente, Daniel podia ser muito cruel.

Jack praguejou baixinho, mas não disse nada. Em vez disso, fechou a mão sobre a dela, seu dedão acariciando a pele macia da parte interna de seu pulso.

— Isso foi logo depois que nos casamos. Entrei em seu escritório sem bater. Eu nunca tinha visto alguém ficar tão furioso. Depois daquilo, fiz conforme ele ordenou e nunca mais entrei lá, mesmo quando ele estava no trabalho.

— E mais recentemente? Alguma mudança na rotina ou comportamento dele?

Ela pausou para tomar um gole de água. — Ele parecia nervoso, mais calado. Quando perguntei se havia algo o incomodando, não me respondeu. Deduzi que fosse a pressão do trabalho.

Grace recostou em sua cadeira. Havia um leve tremor em sua mão enquanto pegava a xícara de café.

— Você alguma vez pensou em se divorciar.

Ela olhou para o anel de platina no terceiro dedo de sua mão esquerda. — Eu fiz um juramento. Por que eu deveria quebrar meus votos?

— Nem mesmo depois de descobrir sobre o temperamento descontrolado dele?

— Eu te disse, aquilo foi culpa minha.

— Besteira! Vamos deixar de lado a questão sobre de quem era a culpa por um momento. As datas no passaporte...

Grace abaixou o olhar. —Correspondiam com as datas em que Daniel supostamente estava em seminários ou conferências relacionadas ao trabalho.

— E você não fazia ideia que ele na verdade estava fora do país?

Ela negou com a cabeça. — E como eu saberia? Ele nunca esteve fora por mais de cinco dias. Ele telefonava todas as noites e conversávamos por alguns minutos. — Aquele agora familiar sentimento de inquietação rastejou por sua pele. — Acha que Daniel estava envolvido com algo ilegal?

— Não posso te afirmar isso agora, mas posso garantir que uma propriedade, especialmente uma casa de praia, é muito cara. A menos que seu falecido marido tenha ganhado na loteria ou herdado uma grande quantia, então ele deve ter estado envolvido com alguma coisa muito pesada.

Grace olhou para Jack. Queria gritar com ele. Dizer que ele estava errado. Daniel era um bom homem. Um homem gentil e atencioso. Ele nunca comprometeria sua carreira envolvendo-se em uma atividade criminosa. Mas a verdade estava estampada nos olhos de Jack. Seu mundo girou, sua respiração vinha em grandes suspiros sibilantes.

— Droga! — Jack afastou a cadeira de Grace da mesa e colocou a cabeça dela entre os joelhos. — Não ouse desmaiar sobre mim, — ele disse rudemente. — Respire! Inspira. Expira. Inspira. Isso mesmo, devagar e com calma.

Grace lutou para erguer-se, mas o peso da mão dele sobre suas costas a seguravam no lugar. — Não... desmaio... pílulas... na.... minha...— ela sibilou.

Jack a soltou, pegou a bolsa, e vasculhou o conteúdo. Finalmente, sua mão se fechou sobre um pequeno frasco marrom.

— Esse?

Ela assentiu levemente com a cabeça. Ele leu rapidamente as instruções da embalagem, jogou uma pílula na mão dela e deu um copo de água; Ele esperou enquanto a respiração dela gradualmente voltava ao ritmo normal e a cor retornava para suas bochechas.

— Droga, Grace, você realmente me assustou. Está se sentindo melhor? — Seu olhar vasculhou seu rosto.

— Ficarei bem. É somente um pequeno ataque de pânico. Preciso de um minuto. — Ela fechou os olhos com força e concentrou-se em sua respiração. Quando tornou a abri-los, Jack a observava intensamente.

— Quando começaram?

— Sete meses atrás. Meu médico disse que foi causado por estresse e eram provavelmente temporários.

— Eu preciso perguntar. Você e o Elliott estavam tendo problemas conjugais?

Grace sentiu a cor inundar suas bochechas. — Nós tínhamos diferenças, mas as superamos.

Ele levantou as mãos. — Desculpe-me. Estou apenas tentando descobrir porque ele mentiria sobre suas viagens de negócios. Ele poderia estar

envolvido com outra pessoa?

— Você quer dizer um caso? Não, definitivamente não. — Mas assim que as palavras saíram de seus lábios, Grace percebeu que ela não tinha certeza. Normalmente, Daniel chegava do trabalho, jantava e então trancava-se no escritório pelo resto da noite. Seu interesse pela vida sexual era de dois minutos uma vez por mês.

— Como pode ter certeza? Acabou de admitir que ele mentia para você.

— Porque...— Ela estava prestes a dizer que confiava nele, mas ela sabia que isso não era mais verdade.

— A primeira coisa que aprendi na minha profissão é sempre esperar pelo inesperado. Dessa forma, quando o seu mundo vai de uma calmaria para uma tempestade, você está preparado para o pior.

Grace olhou para ele, tentando ver através dos olhos frios. — Quando se tornou um cínico, Jack?

— Talvez eu sempre tenha sido um.

— Não acredito nisso.

— Há muita história entre nós dois, Grace. Você deveria contratar um detetive particular e deixá-lo investigar para você.

As mãos delas se cerraram. — Eu não posso. Não posso confiar em um estranho. Além disso, eu preciso fazer isso por mim.

— Em junho passado quando... quando...

— Sim?

— Ah nada. Não importa. — Ele deu de ombros falsamente e jogou algumas notas sobre a mesa, então levantou e colocou as mãos nos bolsos. — Vamos. Já está na hora de eu te levar de volta para o hotel.

Grace pegou sua bolsa e o seguiu para fora do café. Somente quando alcançaram a escadaria do hotel ele falou novamente.

— Está com a sua chave do quarto?

Ela assentiu. — Gostaria de subir para um café?

As sobrancelhas escuras de Jack ergueram-se. — O quê?

— Sinto muito. É somente um café. Eu não quis dizer... — Ela viu o lampejo de impaciência no rosto dele e subitamente ficou embaraçada.

— Sim, está certo. Eu quase esqueci. Você nem sempre quer dizer o que diz. Eu te vejo amanhã à uma e meia. Ele se virou e andou apressadamente em direção ao carro.

Grace permaneceu nos degraus de mármore e o assistiu partir. Pontos duplos de escarlate manchavam suas bochechas.



Capítulo Quatro

JACK ENTROU no Explorer e ligou o motor. Olhou pelo espelho retrovisor. Grace permanecia nos degraus do hotel observando-o.

Droga! Eu não preciso disso!

Ele saiu do estacionamento para a avenida Collins e quase colidiu com um Mustang vermelho. O motorista buzinou e gritou alguns palavrões. Jack o ignorou. Ele não podia voltar para casa e para o que o esperava lá, em vez disso, dirigiu para o norte.

Concordar em ajudar Grace tinha sido uma péssima ideia. Realmente péssima ideia. Ouvir a dor em sua voz o fez desejar colocá-la em seus braços e abraçá-la até que a tristeza fosse embora. Mas isso seria estúpido. Observou como ela lutava pela compostura e sabia que uma palavra gentil de sua parte a faria desmoronar como uma marionete com as cordas cortadas.

Deveria ter se afastado e deixado que ela resolvesse os próprios problemas, mas não fazer isso. Nem conseguiria.

Sentiu-se atraído por ela desde o primeiro momento em que se conheceram. Isso não havia mudado, e agora se perguntava se poderia mudar algum dia. Se fora seu sorriso ansioso e seu jeito descontraído, sua vitalidade radiante ou o brilho em seus olhos que lhe chamaram a atenção, não podia dizer com certeza. Mas sua resposta instintiva a ela tinha sido tão poderosa

que não fora capaz de tirá-la da mente desde então.

Seus instintos o alertavam de que tinha muito a perder. Sua vida era com Rosa e sua linda filhinha, não perseguindo sonhos e desejos quase esquecidos.

Rosa. Ele nunca pretendeu que ela fosse uma figura permanente em sua vida. Certamente não a amava, não do jeito que um homem deve amar sua companheira. E certamente não o suficiente para se casar com ela.

Mas Emília, era diferente. Nada poderia tê-lo preparado para a onda de amor e alegria que sentiu quando a enfermeira a colocou em seus braços. Ela era tão linda - tão perfeita - com seu tufo de cabelo preto e grandes olhos azuis. Ele a viu respirar pela primeira vez e soube que daria a vida para mantê-la em segurança.

Ela estava com apenas algumas semanas e já tinha uma forte semelhança com sua irmã mais velha, Charlotte, que, segundo todos os relatos, já havia quebrado o coração de todos os meninos quando tinha só quatorze anos. Ele não tinha dúvidas que Emília faria o mesmo.

Ele virou à esquerda e dirigiu para oeste na Interestadual 95. Pisou no acelerador e observou a agulha subir, quando alcançou sessenta, acionou o auto Cruise. O tráfego na rodovia de três faixas era intenso, com os motoristas retornando para casa do trabalho. Por hábito, olhou pelos retrovisores. Uma Mercedes conversível prateada o ultrapassou. O motorista estava em choque. Jack já tinha visto o carro da polícia descendo a rampa então ajustou sua velocidade. Como esperado, em poucos segundos o policial ligou a sirene e começou a perseguição.

Jack passou com o Explorer pelo tráfego e pegou a rampa de acesso. No próximo cruzamento, virou à direita, depois à direita novamente no estacionamento de um prédio sem identificação. Do lado de fora parecia um armazém, mas na verdade abrigava o campo de tiro do FBI.

Ele mostrou sua identidade a assinou, então se dirigiu até o vestiário. Trocou seu jeans e camiseta por um macacão, pegou um par de protetores de ouvidos, quatro pentes de balas, e uma SIG Sauer 228 com o gerente da área e se posicionou em uma das cabines. Adotou a posição de tiro, e disparou contra uma silhueta suspensa por um fio a vinte metros de distância. Quando checou o alvo, errara a mira. Substituiu o pente e quando estava prestes a atirar novamente a porta abriu e Mike Zupanik entrou.

Careca e alguns quilos acima do peso, Mike era o chefe do escritório regional de Miami. Ele tinha trocado seu traje normal de trabalho de três

peças por um macacão preto. Com vinte anos de serviço em seu currículo, ele contava os dias para a sua aposentadoria, quando planejava comprar um trailer e viajar pelo país com a esposa, Chrissie.

Jack assistiu o homem mais velho mirar e atirar, acertando o alvo no meio toda vez. Quando Mike parou para recarregar, Jack se aproximou para falar com ele.

— Oi, Mike. Belo tiro.

— Obrigado, Jack. Estou surpreso em vê-lo aqui. Pensei que estava ocupado com a sua nova filhinha.

— Decidi praticar um pouco antes da minha licença acabar.

O Agente Especial em Comando sorriu. — Parece mais que queria fugir de todo aquele choro. Eu lembro como é. A Chrissie passou meses sem uma noite decente de sono quando os nossos dois eram bebês. A interminável rodada de alimentação, troca de fraldas, a sua vida deixa de ser sua por um tempo. Mais uma semana e estará me implorando para voltar ao trabalho.

Jack assentiu. — Posso te fazer uma pergunta, Mike?

— Claro, vá em frente.

— Você tem filhos.

— E dois netos, não esqueça. O David tem sete e a Angie nove.

Jack passou uma mão pelo cabelo. — Eu fiquei pensando, depois que eles nasceram a... Chrissie perdeu o interesse neles?

Mike bufou. — Claro que não. Ei, que tipo de pergunta é essa? Está com problemas em casa?

— A Rosa — ela não dá muita atenção à Emília. Não quer alimentá-la, segurá-la ou fazer qualquer coisa para ela. Isso não é natural.

— Falou com o médico dela?

— Ainda não.

— Eu não sou especialista, mas sei o que a Chrissie passou quando deu à luz, e eu estou te dizendo, prefiro enfrentar uma bala do que aquele tipo de dor. Talvez seja algo relacionado com isso.

— A Rosa tinha todos os remédios conhecidos para alívio da dor.

— Então eu não sei. Talvez seja a depressão pós-parto que todos falam. Isso acontece algumas vezes.

— Talvez. Obrigado pelo conselho, Mike. Eu vou garantir que a Rosa descubra o que é. — Ele deu um tapinha no ombro do outro agente e se virou para partir.

— Não vai praticar mais um pouco?

— Não, eu deixei a Rosa com a Emília por tempo suficiente. É melhor voltar.

— Espera. Eu conheço você o suficiente para saber que tem algo mais te incomodando.

Jack franziu a testa. — Você está certo. Já ouviu sobre Parous, Zachary Parous, um advogado?

— Nunca ouvi esse nome. O que há com ele?

Jack deu de ombros. — Eu não tenho certeza. Uma amiga tem uma reunião com ele amanhã e eu disse que checaria, só isso.

— Certifique-se de que isso é tudo, Jack. — Mike respondeu secamente.

— Não se preocupe. Eu não tenho a intenção de me envolver em nada que você não sancione.

— Fico feliz em ouvir isso. Alguma chance de encurtar a sua licença e voltar a trabalhar? O escritório está com poucos agentes desde que Hayes e Santos foram transferidos para Chicago.

— Desculpa, Mike. Mas com as coisas do jeito que estão...

— Tudo bem, eu entendo. Só pensei em perguntar mesmo.

Jack devolveu sua arma e protetor de ouvidos ao gerente e saiu. Em vez de pegar a estrada para voltar ao seu condomínio em Coral Gables, ele dirigiu pelo centro da cidade.

O distrito comercial central era uma mistura de arranha-céus de luxo e modernos prédios comerciais, e abrigava o mais alto prédio do estado, o Hotel Four Seasons. De acordo com o cartão que Grace tinha mostrado a ele, o escritório da Zachary Parous e Associados estava localizado no South Biscayne Boulevard.

Ele parou no meio-fio e abriu a janela do motorista. Uma rajada de ar quente encheu o veículo. Leu a inscrição do prédio gravada na parede do nível da rua. Além dos escritórios da Parous e Associados, o arranha-céu de aço e vidro abrigava um banco, uma coleção de corretoras, consultores financeiros internacionais e uma empresa de relações públicas, além de vários apartamentos de luxo.

Uma coisa era certa; Parous não era um advogado qualquer para conseguir comprar escritórios em imóveis tão privilegiados. O intestino de Jack se apertou. No que quer que Elliott estivesse envolvido, eram más notícias.

Ele engatou o carro e voltou para casa.

Rosa estava esperando por ele quando abriu a porta. A primeira coisa

que ele notou foi a mancha na blusa dela. A segunda, que seus lábios fartos estavam comprimidos em uma apertada e fina linha. Ele se inclinou para beijar sua bochecha, mas ela habilmente virou a cabeça para o lado.

— Está atrasado. Disse que chegaria em casa às cinco.

— Minha reunião demorou mais que o esperado. E então eu encontrei o Mike do escritório.

A voz rouca de Rosa ganhou uma ponta afiada. — Que reunião? Droga, Jack. Você deveria estar me ajudando com o bebê, não trabalhando.

— O nome dela é Emília. Ela não é só "o bebê", Rosa.

Ela estalou a língua. — Certo, Sr. Metrossexual, Emília. Está feliz? Aquele monstrinho está gritando desde que você saiu. Está me enlouquecendo. E com quem você estava em reunião, afinal? Com alguma outra garota?

Ele hesitou. Como diabos ela sabia dessas coisas?

— Eu encontrei uma velha amiga. Ela queria um conselho.

— Que tipo de velha amiga? Seu cretino! Está me traindo!

— Shhhhh! Acalme-se ou vai acordar a Emília. A Grace é realmente uma velha amiga, não tem nada com o que se preocupar.

Rosa cruzou os braços sobre o peito. — Você está mentindo.

— Eu não minto, Rosa, e você sabe disso. Agora, em vez de ficarmos aqui discutindo por bobeira, por que não me diz como a Emília está?

Ela balançou a cabeça; seu cabelo preto e grosso soltando do grampo. — Eu não sei o que fazer com ela. Eu a alimentei e ela vomitou tudo na minha blusa. Isso é seda. Está arruinada. A mancha nunca vai sair.

— Quem amamenta um bebê com uma blusa de seda?

— Eu, seu idiota!

— Certo, você. Eu oficialmente desisto. — Ele gemeu e andou pelo corredor até a sala de estar. Esperava que ter de cuidar do bebê por algumas horas pudesse fazer Rosa se relacionar com a criança. Obviamente estava errado. Emília estava deitava de costas na cesta Moisés; seus olhos desfocados olhavam para o celular pendurado na borda. Então ela o viu e murmurou, favorecendo-o com um sorriso remelento. Ele fez cócegas em sua barriga e ela borbulhou. Ele virou para Rosa.

— Ela parece estar bem agora. Provavelmente mamou rápido demais.

— Mas e a minha blusa?

Ele fechou os olhos e lutou contra a ira. — Dane-se a blusa, Rosa. Isso é tudo no que consegue pensar? Se as suas roupas são mais importantes que a

nossa filha então por que prosseguiu com a gravidez?

Ela começou a gritar em espanhol e deu um forte tapa no rosto dele.

— Para. — Ele segurou o braço dela. — Sabe que eu não consigo entender quando você fala tão rápido.

— Eu disse que eu só tive o bebê para que você se casasse comigo.

— E isso não vai acontecer - nunca.

As palavras bruscas a fizeram estremecer. Ela olhou para ele com algo parecido com nojo em seus olhos castanhos escuros.

— Você é um cretino insensível, Jack. Eu te odeio. Jorge e Ramon me avisaram sobre você.

Jack olhou para Rosa e se perguntou o que ele tinha visto nela. — O que os seus irmãos têm a ver com isso?

— O Jorge disse que se eu ficasse grávida você nunca se casaria comigo. Ele me alertou. Ele estava certo.

— Alertou você? Espera um minuto... — Então ele percebeu que tinha sido manipulado. — Green card. Era isso, não era?

Rosa não disse nada, mas o ódio queimava em seus olhos.

— Era isso o que você realmente queria, não era? Queria que eu patrocinasse toda a maldita ninhada com Green card. Bom, eu nunca prometi casamento. Eu disse que cuidaria de você e de Emília.

— Mas...

— Olha, Rosa. Eu já vi o que trabalhar com a aplicação da lei pode fazer com uma família. Minha mãe assistia meu pai sair pela porta todos os dias sem nunca saber se ele voltaria. Isso a despedaçou. Quando eu tinha seis anos, ela teve um colapso e passou o resto da vida em uma clínica de reabilitação mental. Eu prometi que nunca correria o risco de isso acontecer com alguém importante para mim.

O silêncio prevaleceu.

Rosa deu uma risada falhada. — Mas o que vou dizer para minha família?

— Eu não dou a mínima para o que dirá a eles. Casamento nunca fez parte do nosso acordo.

— Então isso é um acordo para você?

Jack esfregou a nuca. — Não sei, ok? Eu só não sei. Agora, vou me trocar, tomar uma cerveja e terminar de pintar o quarto da bebê.

Se apressou para a suíte. A porta se fechou atrás dele com um baque. Emília começou a chorar novamente e ele imediatamente se arrependeu do

que tinha feito. Não queria brigar com Rosa, mas ele apenas tinha aberto a boca e ela encontrara algo sobre o que reclamar. Ele supôs que tinha algo a ver com os hormônios e o temperamento latino, mas com certeza poderia ficar sem discutir toda vez que entrava pela porta.

Tirou sua camiseta e jogou no cesto de roupa junto com o jeans. Não estava com humor para pintar e planejara passar a noite fazendo algumas pesquisas em seu notebook, mas aquilo estava fora de questão agora. Se ele fosse a qualquer lugar perto da sala, Rosa o encararia e faria beicinho como uma criança mimada. Não, era melhor deixá-la expulsar a angústia de seu sistema sozinha.

Vestiu um short e uma camiseta velha e então foi para a cozinha. Jogou a roupa usada na máquina e depois virou sua atenção para a pia cheia de louça suja. Preencheu a máquina de lavar louça e preparou mamadeiras o suficiente para o dia seguinte. Colocou-as na geladeira e pegou uma Budweiser. Tomou um longo gole no gargalo, e a carregou até o quarto da bebê, junto com a tinta e os pincéis. Do outro lado da sala, Rosa estava com a TV ligada, sem dúvida assistindo algum programa sem sentido, como sempre.

Ele abriu a lata de verniz, mergulhou o pincel e começou a pintar as molduras do armário. Se soubesse como as coisas ficariam, nunca teria trazido Rosa e Emília para sua casa. Em vez disso, ele teria feito o que a maioria dos outros homens faz, simplesmente pago pensão alimentícia.

Ele conversaria novamente com Rosa pela manhã. Talvez ela estivesse menos irritada. Ou mais. Quem saberia? Realmente não importava se ela entenderia ou não o porquê de ele precisar ir com Grace ver o advogado amanhã.



Capítulo Cinco

LOCALIZADO NO vigésimo primeiro andar do mais cobiçado arranha-céu da cidade, o escritório da Parous e Associados era mobiliado com uma mistura eclética de mesas de cromo com tampos de vidro, cadeiras de couro e arte moderna. Jack e Grace acompanharam a assistente executiva pelo longo corredor cheio de salas. Cada uma tinha uma placa de identificação com o nome do advogado júnior e assistente paralegal. No final do corredor, eles foram colocados em uma sala de reuniões com vista para a baía.

Atrás da grande mesa oval havia uma pintura a óleo sem moldura, a mais extravagante que Grace já vira. Ela observou-a de diversos ângulos, e tentou entender as pinceladas aleatórias de vermelho, azuis e pretos, mas só conseguiu fazer os olhos ficarem vesgos e a cabeça doer.

Jack sentou-se próximo a ela enquanto esperavam o advogado aparecer. A essência familiar de sua colônia preencheu seus sentidos. Ela fechou os olhos e tentou bloquear a memória de uma tarde ensolarada de junho, e a risada tranquila que eles, uma vez, compartilharam. Ele sorria mais naquela época; agora, tudo o que fazia era franzir a testa. Até mesmo sua voz, outrora suave, mais sedutora, tinha uma ponta rude e ela se perguntou o que teria causado essa mudança em seu comportamento. Quando abriu os olhos novamente, ele estava olhando para ela.

Ela puxou a saia de seu terno de seda azul recém-adquirido, na tentativa de não mostrar tanto de suas longas pernas para Jack. — Para de olhar para mim.

— Não estou olhando, estou pensando. Tem uma diferença. Posso ver que isso não é fácil para você. Está tudo bem?

— Estou aguentando, isso é tudo o que importa. Gostaria de saber o que o Sr. Parous está fazendo.

— Ele provavelmente está cheirando cocaína no banheiro executivo ou conhecendo o revendedor.

— Advogados não usam drogas ou saem com traficantes — Grace respondeu. — Isso seria pouco profissional e ilegal.

— Besteira! Você lê os jornais ou assiste TV? Quem acha que defende os chefões das drogas quando eles aparecem nos tribunais? Eu vou te contar. São os advogados de mil dólares a hora como Parous. Como acha que ele tem acesso a escritórios como este? E não me diga que isso vem de ganhos legítimos porque não acredito em uma palavra disso. A corrupção é abundante em Miami; banqueiros, advogados, policiais, até mesmo juízes — eles estão todos no jogo.

Ela queria discordar, mas o jornal da manhã trazia a notícia de que um promotor público de outro estado havia sido acusado de corrupção.

— Você é corrupto também, Jack?

— Claro que não. Eu sou apenas mais um ingênuo que está sendo enganado.

Grace abriu a boca para dizer algo mas foi silenciada pela expressão obscura e raivosa no rosto dele.

Ele esfregou a barba. — Esquece o que eu falei. Não dormi muito bem noite passada e a manhã foi estressante. Quando Parous aparecer, apresente-me como um parente distante ou amigo da família. O que ele contar sobre os negócios de Elliott, aja como se você já soubesse.

— Não tenho certeza se consigo.

— Olha, Grace, se quiser saber a verdade sobre o seu falecido marido, precisa confiar nos meus instintos. Se eu te disser para fazer algo, você faz, sem fazer perguntas. Agora, toda conversa será com você. Não interromperei a menos que eu ache que ele está escondendo algo ou mentindo, certo?

Grace assentiu. Seus dedos brincavam com a pulseira em seu braço, o único sinal visível de seu nervosismo. Quanto mais o advogado os deixava esperando, mais ela desejava ter permanecido na Inglaterra.

Subitamente, a porta da sala de reunião foi aberta. Zachary Parous entrou, um envelope pardo dobrado embaixo do braço. Ele parecia mais novo do que Jack. Alto, atlético, com ombros largos e bronzeado, tinha cabelo loiro e olhos azuis. Parecia ter saído direto das páginas de uma revista de moda. Seu terno, como os móveis no escritório, não vinha da loja de departamento local. Tudo em sua aparência exalava dinheiro— desde os sapatos de couro feitos à mão até as pesadas abotoaduras de ouro e o relógio de grife em seu pulso.

— Grace, é bom conhece-la. Não acredito que tenha vindo até aqui em um momento tão trágico. — Ele pegou sua mão com a dele, macia e bem cuidada, e segurou seus dedos por mais tempo do que o considerado necessário. Seu olhar pousou sobre Jack. — E você é?

Grace afastou a mão. — Este é Jack West, um velho amigo da família. Ele está me ajudando enquanto estou aqui na Flórida.

O advogado olhou desconfiado para Jack por um momento, e depois tomou seu lugar atrás da mesa maciça.

— Daniel sempre falava com carinho sobre você, Grace. E posso ver porquê ele preferiu deixá-la em casa do que fazê-la viajar com ele. Com um sorriso tão encantador, você seria presa para todos os conquistadores praianos em quilômetros.

Grace abaixou a cabeça, e olhou para Jack por baixo dos cílios. Sua expressão era de escárnio, mas ele não falou nada.

— Obrigada pelo elogio, Sr. Parous. Como sabe, estou aqui somente por alguns dias e gostaria de resolver os assuntos de Daniel antes de retornar para a Inglaterra. Então, se pudéssemos continuar.

— Daniel era bastante brincalhão, sempre contando piadas, e um ótimo jogador de golfe também. — O advogado olhou pela janela para o mar de Miami. Então olhou para Grace sem encontrar seus olhos. — Você joga golfe, Grace?

— Eu não sabia que conhecia o meu marido além da área profissional, Sr. Parous.

— Nós jogávamos sempre que ele estava na cidade, e jantávamos juntos depois. Ele costumava falar sobre vocês dois se mudando para cá permanentemente algum dia.

Grace respirou fundo e tentou manter a expressão neutra. Mas o choque da duplicidade de Daniel era difícil de esconder.

— A compra da casa de praia foi o primeiro passo em seus planos para o

nosso futuro. Infelizmente, ele morreu antes que pudesse me contar exatamente quais eram. Minha prioridade agora é garantir que a casa é...

— Você quer dizer, Sand Dollars?

— Sand Dollars?

— Esse é o nome da casa.

— Ah sim. Eu esqueci. Desculpe.

— Não precisa se culpar. Tem passado por muitas coisas. De toda forma, é uma propriedade impressionante. embora eu só tenha visto fotos. Parece que você é uma viúva muito rica.

O temperamento de Jack finalmente estourou. — Olha, Parous, a Sra. Elliott está aqui para assinar os papéis da transferência. Ela não veio ouvi-lo divagar por uma hora, a fim de justificar seu honorário exorbitante. — Ele virou para Grace. — Entregue a ele os documentos.

Grace olhou para Jack. — Eu peço desculpas pela grosseria de Jack, Sr. Parous. — Ela empurrou um envelope sobre a mesa. — Dentro encontrará a comprovação da minha identidade, cópias autenticadas da minha certidão de nascimento e de casamento.

O advogado ignorou Jack. Ele verificou os documentos rapidamente. — Parece estar tudo em ordem. — Ele abriu uma pasta e espalhou o conteúdo sobre mesa. — Minha assistente preparou os documentos necessários. Se você apenas assinar onde está indicado, providenciaremos para que eles sejam arquivados no tribunal.

Grace se inclinou para frente e virou o documento para que Jack também pudesse ler. Ela leu com calma, embora o *juridiquês* estivesse além da sua compreensão. Por baixo da mesa, Jack apertou seu joelho levemente. Ela olhou para ele. Ele correu seus dedos até onde o endereço da propriedade estava descrito. Grace assentiu levemente depois levantou a caneta e assinou.

O advogado levantou-se e segurou a mão dela novamente, apertando-a mais forte do que o confortável.

— Realmente foi bom te conhecer, Grace. Peço desculpas por ser breve, mas tenho algumas ligações importantes para fazer.

Grace deu um sorriso deslumbrante antes de soltar a mão. — Só mais uma coisa; você poderia me informar o nome do banco que o meu marido usava aqui em Miami? Eu quero uma conta corrente para que qualquer equipe de manutenção que eu venha a empregar para cuidar da casa possa ser paga.

— É o banco First Apopka na esquina da Primeira com a Terceira

avenida. Se puder esperar na recepção, pedirei para minha assistente ligar e verificar se o gerente está disponível.

— Não, não precisa. — Jack disse. Ele levantou e segurou o cotovelo de Grace levemente, impelindo-a para a porta. — Vamos tentar a sorte e ver se ele está livre. — Ele lançou um olhar para o rosto esculpido de Grace enquanto caminhavam pelo corredor até os elevadores. — Sente-se bem para uma visita ao banco ou já teve o suficiente por um dia?

— Eu dou conta. Quanto mais rápido que eu souber a verdade, mais rápido poderei voltar para a Inglaterra e seguir com a minha vida. — O calor da mão dele atravessava o fino tecido de seda do seu terno. Ela sentiu o pulso disparar e um calafrio percorreu sua espinha. A atração que sentira por ele seis meses atrás ainda era forte. Ela soltou um longo suspiro e se afastou do corpo dele.

As portas do elevador abriram-se. Jack a conduziu para dentro. — A casa agora é sua, mas e se Daniel a comprou com dinheiro sujo? O que fará?

Subitamente com raiva, sua cabeça girou. — Você quer dizer ilegalmente? Eu não sei. Não pensei sobre isso.

— Talvez devesse.

— Por que tem tanta certeza que ele estava envolvido em algum tipo de atividade criminal?

— Instinto. Intuição. Chame do que quiser, mas algo me diz que os negócios do seu falecido marido não eram honestos. Por quanto tempo vocês foram casados?

Carrancuda, ela suspendeu a alça da bolsa no ombro. — Dez anos. Por quê?

— E durante todo esse tempo ele nunca falou sobre o trabalho?

A tensão vibrou através de Grace. Ela usou toda a sua força de vontade para manter a calma. — Eu já te contei. Ele nunca falava sobre o trabalho ou clientes comigo.

— É o que diz. Mas pode provar isso?

— Eu... não.

— Deveria.

Desde que o advogado revelara o conteúdo do testamento de Daniel, o medo só aumentava. Ela lutou contra o pânico que borbulhava em seu peito, mas mesmo assim sua respiração travou.

— Está me assustando, Jack.

— Ótimo.

— Eu não tinha nada a ver com isso, lembra?

— Eu acredito em você, mas as autoridades podem não acreditar. Na verdade, provavelmente não irão mesmo. Vamos torcer para que Daniel não tenha usado o dinheiro que roubou dos clientes. — As portas do elevador abriram-se. Ele soltou o braço dela. — Vamos, o banco é nessa direção.

O centro de Miami estava cheio de vida. Trabalhadores misturados com turistas, jornaleiros e vendedores ambulantes. Ônibus disputavam espaço com táxis, carros e caminhões de entrega em uma cidade onde cada prédio parecia tocar o céu.

Grace sentiu-se esmagada; ela nunca ficava confortável em grandes cidades. Para ela, eram lugares que visitava para comprar um vestido para uma ocasião especial ou o ingresso para o teatro, mas nunca poderia viver em uma. Ela combinou seus passos com os de Jack, e manteve-se ao lado dele, enquanto ziguezagueavam para entrar e sair do circo de pedestres. O ar quente e úmido parecia opressivo e as nuvens da tempestade se acumulavam. Ela se perguntou se estavam prestes a derramar seu conteúdo em Miami ou nela.

O Banco First Apopka estava situado em um antigo prédio de tijolos e, com apenas cinco andares, era diminuído pelos arranha-céus em ambos os lados. Com um design distintamente espanhol, a fachada com ornamentos esculpidos lembrava os edifícios que tinha visto em Sevilha na única ocasião em que acompanhara Daniel em uma viagem de negócios.

Ela inclinou a cabeça. — O que aconteceu aqui? A cidade ficou sem aço e vidro?

Jack sorriu. — Espere mais alguns anos e algum arquiteto maluco irá derrubá-lo e construir mais uma monstruosidade de vidro.

Ele abriu a porta e a segurou para ela passar. Mas, em vez de ocuparem um lugar na fila de pessoas esperando para serem atendidas pelos caixas, ele a conduziu em direção a uma recepcionista sentada em uma mesa no lado esquerdo do salão de entrada do banco.

Grace parou para recuperar o fôlego, a sensação de que estava prestes a provar que Jack tinha razão, de que Daniel havia roubado seus clientes, estava mais forte que nunca. Engoliu em seco, levantou o queixo e aproximou-se da mesa.

A jovem de cabelos escuros, vestindo um elegante terno cinza e blusa branca, afastou-se da tela do computador para estudá-los.

— Olá! Meu nome é Tracy. Sentem-se, por favor, e eu os atenderei em

um minuto. — Ela bateu mais alguma coisa no teclado do computador até estar satisfeita com o que tinha feito.

— Então, como posso ajudá-los, Sr. e Sra.?

— Jack não é meu marido, ele é só um amigo. — Grace respondeu rapidamente. — Eu sou Grace Elliott. Meu falecido marido tinha uma conta no seu banco.

— Sinto muito pela sua perda, — Tracy disse, com a tristeza apropriada. Tão rápido como ela prestou as condolências, ela voltou ao modo comercial. — Como podemos ajudá-la hoje?

— Eu gostaria de transferir a conta dele para o meu nome. Eu tenho os documentos necessários — uma cópia do testamento, minha certidão de casamento e de nascimento, junto com uma cópia do atestado de óbito — para provar que tenho direito ao valor da conta.

— E qualquer cofre que o Sr. Elliott tivesse. — Jack adicionou.

Tracy girou a cadeira e fixou o olhar nele, depois virou para Grace.

— Você precisará falar com um superior. Eu não tenho autorização para lidar com esses assuntos. Vou verificar se há alguém disponível. — Ela pegou o telefone e discou alguns números. A conversa breve foi realizada em sussurros.

Quase imediatamente, um homem baixinho e careca usando óculos aproximou-se da mesa.

— Sra. Elliott, que bom vê-la novamente, — ele disse, e apertou a mão dela carinhosamente. — Vamos até a minha sala. — Ele girou nos calcanhares e caminhou em direção a uma porta nos fundos do banco.

Vê-la novamente? Os joelhos de Grace dobraram. Ela tropeçou, e teria caído se os braços de Jack não tivessem circulado sua cintura e a erguido novamente. Ela mordeu o lábio inferior com força, impedindo que o grito que borbulhava dentro dela pudesse escapar.

— O que está acontecendo, Jack? — ela sussurrou. — Eu nunca vi esse homem antes. — Ela respirou fundo, suspirando várias vezes, e se agarrou à realidade, rezando para não entrar em choque.

— Eu acho que sei o que isso significa. Fique perto de mim, vou te explicar depois.

Grace olhou para ele, sem fala. Só de pensar em todas as mentiras e enganos ela se sentia fisicamente doente.

— Consegue aguentar só mais um pouco? — Jack perguntou.

A voz dela oscilou. — Acho que sim.

Ele a soltou. O polegar dele roçou a bochecha dela enquanto os dedos afastavam o cabelo do seu rosto.

— Lembra do que eu disse mais cedo sobre continuar não importa o que te dissessem?

Grace forçou um sorriso e assentiu tensamente com a cabeça.

O funcionário do banco segurou a porta de sua sala aberta e acenou para eles entrarem. Quando entrou, Grace olhou para o nome estampado no crachá dele. Ela se sentou na cadeira mais próxima da grande mesa de carvalho e descansou as mãos no colo.

— Perdoe-me, Sr. Cody, se eu pareço esquecida. Tem sido um tempo difícil.

— Eu entendo. Sinto muito pela sua perda. A conta do seu marido mostra um equilíbrio saudável. Minha assistente preparará um conjunto de cópias das instruções para você. Planeja deixar os fundos aqui nos Estados Unidos ou prefere transferir para o seu banco na Inglaterra?

— Não tenho certeza. Meus planos são bastante instáveis neste momento.

— Nesse caso, por que não arrumamos para você uma conta corrente e um cartão? Estou vendo que tem uma casa na ilha Gasparilla. Ficará lá?

— Ah... sim. Claro.

— Tudo bem então. Vamos colocá-la como sua residência aqui. Desta forma, terá acesso ao seu dinheiro enquanto estiver nos Estados Unidos. Depois, em uma data futura, se decidir transferir o dinheiro para uma outra conta, isso será fácil.

— Isso parece bom. Daniel tem um cartão para saque? Eu não encontrei nas coisas dele.

— Todos os nossos clientes possuem um cartão de saque.

— E ele também tinha um cofre?

— Se o Sr. Elliott tinha um, não era aqui neste banco. Não temos tal instalação aqui. Agora, se a senhora puder assinar esses formulários, Sra. Elliott, eu cuidarei de tudo.

— Estou hospedada no Hotel Island Palm aqui em Miami... só por alguns dias. Se puder direcionar qualquer correspondência para lá, eu ficaria grata. É claro, eu estarei na casa em uma ou duas semanas, não tenho certeza. Mas não hoje.

— Entendo.

— Quer dizer, eu acabei de chegar e... — Jack cutucou o joelho dela

nesse momento. Ela entendeu a mensagem. — Tenho certeza que você compreende, Sr. Cody.

— Claro. Obrigado por nos visitar hoje. Entraremos em contato.

Grace trocou um aperto de mão com o banqueiro e então ela e Jack partiram. Eles tinham caminhado apenas um quarteirão quando ele a puxou em direção a janela de uma joalheria.

— Se você está esperando que eu lhe compre um Rolex em retorno a toda sua ajuda, esqueça. — Ela disse, verificando as etiquetas de preço nos relógios estrategicamente exibidos.

— Só finja estar interessada.

— Por quê?

Porque o vidro da vitrine é um bom espelho e eu quero dar uma olhada no cara que está nos seguindo.

— Nós estamos sendo seguidos? — Mais surpresa do que assustada, ela começou a virar.

As mãos dele apertaram-se sobre o braço dela. — Não vire. Aponte algo para mim, como se você quisesse que eu comprasse para você.

Grace inclinou a cabeça e apontou para um relógio feminino com um visor de madrepérola. — Tem certeza que tem alguém nos observando?

— Tenho. Um homem usando óculos escuros, jeans preto e uma camisa azul nos seguiu do escritório do advogado até o banco. Ele entrou na fila do caixa. Quando saímos, ele estava parado próximo à banca de jornal do lado de fora. Ele não é muito cuidadoso em se misturar. Um profissional teria mudado sua aparência, uma jaqueta diferente, um chapéu, óculos—ou trocado de lugar com um parceiro.

— Isso pode ser apenas uma coincidência.

— Eu duvido, mas só tem uma forma de descobrir. — Ele olhou para o pé dela. — Esses sapatos deixam suas pernas incríveis, mas você consegue correr com eles?

Grace o fulminou com o olhar. Os sapatos de couro italiano azul marinho com um salto de dez centímetros eram novos. — Correr? Com eles, nesse calor, está falando sério?

— Sim. — Jack olhou a janela. O perseguidor tinha atravessado a rua e estava parado na beira da calçada falando ao celular.

— Eles me custaram duzentos dólares.

— Então tire-os.

— Você está louco.

— Muito provavelmente, mas algumas vezes é a única maneira de permanecer vivo. Ouça cuidadosamente. Aja como se estivéssemos brigando, depois saia o mais rápido que você puder. Você acha que consegue encontrar o caminho para o estacionamento?

— Acho que sim.

— Certo. — Jack colocou a chave do Explorer na palma da mão dela. — Eu quero que vá até lá e se tranque dentro do carro. Se eu não chegar em dez minutos, dirija até encontrar um policial e diga a ele que estava sendo seguida. Vou te alcançar assim que eu puder.

— Mas... — Ela o encarou sem palavras, seu coração acelerado.

— Sem "*ma*s". Agora faça o que eu disse.

Grace virou-se para encará-lo e congelou. As sobrancelhas dele se ergueram. Ele levantou a palma da mão para cima. Sentindo-se apavorada e ridícula, ela gesticulou descontroladamente, então tirou os sapatos e correu pela rua. Jack entrou na loja e fingiu examinar os itens. Pela janela da loja, ele observou a sombra deles indo atrás dela.

Ele espantou o vendedor que se aproximava com um " *talvez outra hora* " e saiu da loja. Quando chegou ao cruzamento, ele já havia alcançado o perseguidor. As luzes mudaram para vermelho e os pedestres se enfileiraram impacientemente no meio fio, esperando para atravessar. Jack agarrou o homem pelo braço e o virou.

— Carlos, como está?

— Ei, me solta!

O carinha tentou se soltar, mas o aperto de Jack aumentou. Ele curvou a cabeça e disse, — Que tal você e eu termos uma conversinha sobre quem te mandou e porquê você estava seguindo a mim e a senhora? — Jack o tirou da multidão e o empurrou para um beco.

— Você é louco, cara. Eu não estou seguindo ninguém.

— Esteve grudado em mim e na moça como merda em uma pá desde que saímos do banco.

— Você está enganado. Eu nunca vi você em toda a minha vida.

— Não minta para mim. Quem enviou você?

De repente, o homem virou e deu com o joelho na virilha de Jack, continuando com um soco em sua mandíbula.

Jack sentiu o sangue e caiu de joelhos, o ar saindo de seus pulmões. Antes que ele pudesse se mexer, o agressor estava saindo do beco e indo para a rua cheia de gente. Ele amaldiçoou sua estupidez; deveria ter prendido o

cara contra a parede antes de interrogá-lo. Ele cambaleou de pé; sua respiração veio em grandes suspiros. Pelo menos permaneceu consciente, mas sua mandíbula ia doer pelos próximos dias e teria uma contusão dos infernos. Ele limpou o sangue de seus lábios, sacudiu a sujeira do seu jeans, e saiu tropeçando do beco.

Quando alcançou o Explorer, encontrou Grace sentada no banco do motorista, os nós dos seus dedos estavam brancos onde apertavam o volante.

— Ai meu Deus! Seu rosto! — Ela choramingou. Estendeu a mão para tocá-lo, mas pensou melhor e baixou a mão rapidamente.

— Não é nada que uma bebida forte e um banho de banheira não cure. Chega pra lá. Eu dirijo.

Ela foi para o outro banco. — Por que alguém estaria nos seguindo?

— Nós não, você. O bastardo fugiu antes que eu conseguisse perguntar. Mas acho que ele e o seu homem misterioso do cemitério talvez estejam conectados.

— Isso é impossível. Eu só decidi vir para Miami depois do funeral.

— É mesmo? Então ou foi seguida até aqui ou Zachary Parous tem alguns associados realmente desagradáveis que desejam colocar as mãos no dinheiro dessa conta bancária, ou em você.



Capítulo Seis

JACK OBSERVOU Grace por um longo tempo, viu o medo em seus olhos, e sem parar para pensar na consequência de seus atos, a puxou para seus braços.

— Não entre em pânico. Enquanto estiver comigo ficará segura. — Ele sussurrou contra seus cabelos. Tentou não notar o calor do corpo dela contra o seu, e a fragrância exótica do seu perfume preenchendo seus sentidos. Enquanto ele a balançava em seus braços, disse para si mesmo que estava apenas oferecendo conforto como faria com qualquer outra mulher que acabasse de perder o marido. Ele bem que tentou acreditar nisso. Até podia enganar seu cérebro, mas não o seu corpo. Ele inclinou o rosto dela em direção ao dele.

— Diz alguma coisa, Grace.

Ela piscou e focou o olhar. — Nada disso faz sentido.

— Na minha opinião, Elliott ou Lattide ou qualquer outro nome que seu falecido marido deu a si mesmo, estava envolvido em um esquema. Um ruim. Agora o chefe dele ou seus clientes querem o dinheiro deles de volta. E a única forma de conseguir isso é através de você.

O olhar ferido no rosto dela o fez desejar que Elliott estivesse vivo para que ele pudesse lhe dar uma surra por colocar sua linda esposa em tal perigo.

Como era, estava feliz pelo filho da mãe estar morto.

Grace estremeceu. Ele estendeu a mão e pegou a mão dela.

— Eu não acredito... — A voz dela falhou.

— Querida, eu odeio ter que te dizer isto, mas seu falecido marido era um desgraçado. Ele não somente guardava segredos como também estava tendo um caso. Se ele não tivesse morrido em um acidente de carro, cedo ou tarde os seus amigos criminosos o alcançariam e é provável que o resultado tivesse sido o mesmo. Eu sei que isso é cruel, mas é a verdade. E você precisa aceitar isso.

Grace o olhou com frieza e libertou-se de suas mãos.

— Você não sabe de nada! Não conhecia o Daniel. Ele nunca faria nada que colocasse sua família em perigo.

Jack reprimiu uma maldição irresistível. Quando falou, sua voz estava enganosamente calma. — Não? Então por que aquele cara lá atrás estava nos seguindo e tentou chutar minha cabeça.

— Não sei. Eu gostaria de saber. Mas eu prefiro que não fale do Daniel como se ele estivesse na lista de procurados. Ele era meu marido. Eu saberia se ele estivesse envolvido em algo... em algo ilegal.

— Pelo amor de Deus, abra os olhos! Você mesma disse que ele nunca falava sobre o trabalho. Está muito claro que o imbecil que nos seguia ia persegui-la até o seu hotel e então chamar os companheiros. Eles não seriam muito educados na hora de fazer perguntas.

Grace cobriu o rosto com as mãos. — Pare! Pare! Está me assustando! Desculpe, nunca deveria ter te ligado. Você é horrível!

Ele cobriu as mãos dela com as suas e colocou-as em seu colo. — Sim, eu sou horrível, mas estou certo. Deve mesmo se assustar, Grace. Merdas acontecem, e quando acontecem, não podemos enterrar a cabeça na areia e ignorar isso. E isso, amor, é uma merda séria.

Grace virou e olhou pela janela. Ela parou de morder o lábio inferior e olhou para ele. Quando falou, sua voz era quase um sussurro.

— Então, o que acontece agora?

Ele ligou o motor e dirigiu para fora do estacionamento.

— Nós voltamos para o seu hotel. Você faz as malas e encontramos um outro lugar para você ficar. Depois nós examinamos aqueles extratos bancários com uma lupa. Com sorte, encontraremos alguma pista da origem do dinheiro da casa na ilha Gasparilla.

— E se não encontrarmos?

— Então visitaremos a sua nova casa. — Ele pisou fundo no acelerador e atravessou duas faixas de trânsito. O motorista do carro que vinha atrás faz uma manobra rápida e buzinou.

Grace agarrou a maçaneta da porta. — Ficou maluco? Quase nos matou.

Os dedos dele apertaram o volante. — Nem tanto. Quero despistar qualquer um que possa estar nos seguindo.

— E nós estamos... sendo seguidos?

— Ainda não.

— Graças a Deus um pouco de misericórdia. Mas não entendo porque preciso ir para um outro hotel.

Jack conduziu o Explorer até o estacionamento do Island Palm. — Parous sabe onde você está ficando. E as pessoas no banco também. E eu aposto que quem enviou o nosso perseguidor também sabe onde está hospedada.

Não havia sinal do concierge quando eles passaram pela recepção em direção aos elevadores. Jack achou aquilo estranho, mas não disse nada. Mesmo assim, desabotoou a jaqueta, agradecido por estar carregando sua arma. Tocou levemente o cotovelo esquerdo de Grace, insistente e ainda assim protetor. A subida até o nono andar levou apenas segundos;

Jack estendeu a mão. — Entregue-me a chave do quarto.

Ela o olhou de cara fechada.

— Ok, desculpe. Dê-me a chave do seu quarto... por favor, — Ele suspirou.

Grace vasculhou em sua bolsa e tirou o cartão eletrônico. Jack o passou pela fechadura e abriu a porta. Ele tentou ouvir algum som de movimento, mas o único barulho vinha do aparelho de ar condicionado. Satisfeito que tudo estivesse como deveria estar, ele deu um passo para o lado para que ela pudesse entrar.

— Vá e comece a empacotar. Telefonarei para a recepção e pedirei para providenciarem a sua conta.

— Para qual hotel irá me levar? — Grace perguntou, tirando os sapatos e andando descalça até o quarto.

— Ainda não tenho certeza. Depende de qual dos hotéis em Coral Gables tem vaga.

Grace colocou a cabeça para fora da porta do quarto. — Contanto que não seja um motel capenga nos trilhos de uma ferrovia, onde os sapatos grudam no tapete e o café da manhã consiste em um café morno de máquina.

— Nenhum motel capenga, eu prometo. — Jack sorriu. — O que acha de uma cama e café da manhã?

— Contanto que tenha uma cama confortável e sirva uma comida decente, isso é tudo o que importa se isso significar que eu estarei segura. — Ela começou a jogar as roupas do guarda-roupa na cama.

Ele ligou para a recepção e depois fez outra ligação. Colocou o telefone no gancho e se juntou a ela no quarto. Se apoiou na porta e a assistiu dobrando as roupas. Ela as colocava na mala com tanto cuidado, como se fossem frágeis e pudessem quebrar se ela não fizesse perfeitamente. Ele se perguntou se era assim que ela encarava a vida — como se também fosse quebrar se ela não fosse cuidadosa. Ou talvez já estivesse quebrada, e ele foi chamado apenas para varrer os cacos.

Se ela apenas soubesse como a vida dele estava destruída.

Ele pensou em contar a ela sobre Rosa e o inferno que a vida deles havia se tornado. Pensou em contar sobre Emília, a estrela brilhante que ele nunca esperara ver em nenhum firmamento. Então viu a tristeza nos olhos dela, e sua determinação de contar a ela sobre qualquer coisa desmoronou.

— Grace — ele disse calmamente, e deu um passo em direção a ela. — Sob diferentes circunstâncias, eu pediria para que ficasse na minha casa comigo. Mas como estão, eu não posso. E não posso estar com você vinte quatros horas por dia e sete dias por semana, então trocar de hotel é a melhor opção até eu conseguir um guarda-costas para você.

O sorriso de Grace vacilou e depois desapareceu. — Um guarda-costas? Isso não é levar as coisas um pouco longe demais?

— Possivelmente. Mas não posso de nenhuma forma arriscar sua vida, Grace. Você...

Grace largou a calça que estava dobrando e virou-se para encará-lo, com um brilho quase esperançoso nos olhos azuis.

— Sim?

Incapaz de se conter, Jack atravessou o quarto e a puxou para os seus braços. — Droga, Grace, sabe como eu me sentia em relação a você. Isso não mudou. Mas não é momento certo para nós, nem nunca será. Você está sofrendo e minha vida... bem, minha vida está complicada. — Ele fechou os olhos, saboreando a sensação do corpo dela junto ao seu, e então a soltou, jurando que nunca mais se permitiria chegar assim tão perto dela novamente.

— Jack...

Ele esfregou sua barba, e então passou a mão na nuca. — Aceite isso,

Grace. Eu preciso aceitar. Não há motivo para se preocupar com o que poderia ter sido. Agora, se já acabou, vamos embora. Eu quero que esteja acomodada antes de deixá-la sozinha durante a noite.

Atordoada, Grace fechou a mala e pegou sua bolsa. Uma rápida olhada pelo quarto garantiu a ela que não tinha esquecido nada. Jack arrastou a mala da cama e saiu da suíte.

Na recepção, Grace pagou a conta, e providenciou para que qualquer correspondência fosse guardada, depois o seguiu até o carro.

— Deixou um endereço de encaminhamento? — Jack perguntou.

— Eu não poderia fazer isso, considerando que não sei para onde você está me levando. — Ela respondeu secamente.

— Desculpe, eu estava pensando em outra coisa. — Em como Rosa iria reagir quando falasse para ela que ele não estaria por perto para ajudá-la com a Emília amanhã.

Enquanto esperava um ônibus de turistas liberar a saída do estacionamento, ele estudou o rosto de Grace. Silenciosa e sombria, sua expressão era fácil de ler. Ela estava brava porque ele tinha sugerido que seu marido era um trapaceiro ou porque ele admitira que a desejava? Ou ambos?

A viagem até Coral Gables não demorou muito, e quando Jack estacionou em frente ao Cutler Inn já estava cansado do silêncio e da tensão dentro do carro.

— Estará segura aqui, — ele disse. — É administrado por Frank Davis e sua esposa, Maise. Nós somos velhos amigos. Eu confio a ambos a minha vida.

Grace nem mesmo olhou para ele. — Por que eu deveria confiar a eles a minha?

— Porque Frank é um ex policial. Um dos melhores. E ele realmente gosta de segurança, e sem usar um machado nas portas, não há como alguém entrar nos quartos. Esse é o porquê. — Ele desceu do Explorer, tirou a mala de Grace do banco traseiro, e a guiou até a porta de entrada.

A mansão de dois andares na Flórida havia sido cuidadosamente restaurada. Pintada de branco, com varandas duplas apoiadas sobre pilares, possuía uma vista para a Hidrovia de Coral Gables.

Jack abriu a enorme porta de carvalho esculpida com os ombros e afastou-se para Grace passar. Ele deixou a mala no chão.

— Vou procurar o Frank.

Enquanto esperava, Grace andou pela sala. Decorada em creme suave,

com piso de carvalho, móveis de vime e almofadas coloridas, a sala de recepção era a imagem da elegância e do antigo charme do sul. No alto, um enorme ventilador de latão agitava o ar. Ela estava ocupada examinando uma velha fotografia emoldurada da propriedade quando Jack retornou com um homem usando uma blusa havaiana em verde, azul e amarelo e uma bermuda caqui.

— Olá, eu sou o Frank. — Ele disse, estendendo a mão.

— Grace Elliott. — Ela a pegou e sentiu a força inerente em seus dedos. Frank Davis deveria estar em seus sessenta, mas era forte e parecia mais ágil do que homens com a metade da sua idade. Os anos também não tinham apagado o brilho em seus olhos cinza-azulados. Profundamente bronzeado, seu cabelo branco estava cortado bem curto.

— Jack me contou que está com alguns problemas. Não se preocupe; estará segura aqui. Eu te darei o quarto próximo ao meu e de Maisie. Normalmente não servimos jantar para os hóspedes, mas eu farei uma exceção para você.

Grace forçou a si mesma a sorrir. — Isso é muito gentil da sua parte, Sr. Davis.

— Não, pode me chamar de Frank. Todo mundo o faz. E isso não é problema algum. — Ele pegou a mala dela. — Eu vou mostrar o seu quarto. Depois que se refrescar, nós vamos comer. Maise é uma ótima cozinheira. Ficará para o jantar, Jack?

— Obrigado, Frank, mas é melhor eu voltar. Tenho coisas a fazer.

Grace e Jack o seguiram pelas escadas até um quarto na frente da casa. O quarto, completo e com um banheiro privativo, era grande e arejado e decorado com bom gosto em tons suaves de verde. Uma cama king-size, coberta por uma manta cor de rosa, com um armário de cabeceira de cada lado, preenchia o centro de uma parede. Os móveis eram como os da recepção, o piso de carvalho.

— É maravilhoso. É muita generosidade sua me aceitar com um aviso tão de última hora. — Grace disse.

— É sempre um prazer ajudar o Jack. Certo, vou deixá-la se acomodar e nos veremos lá embaixo quando estiver pronta.

Jack fechou a porta. — Frank é um bom homem, Grace. Ele dorme com um 38 próximo da cama, então só precisa gritar e ele virá correndo. — Ele apontou para o telefone. — Pedi a ele para garantir que sempre tenha uma linha externa. Se ouvir qualquer coisa que te deixe nervosa, pode me ligar

não importa a hora que seja e eu estarei aqui rapidamente. Caso contrário, nós nos veremos de manhã, então investigaremos os extratos bancários. Neste meio tempo, tente descansar um pouco. — Ele se inclinou para beijar sua bochecha, mas decidiu que não era uma boa ideia, então resolveu dar um aperto reconfortante em seu ombro, e saiu.

Grace foi até a janela e apoiou a cabeça no vidro. Do lado de fora, luzes coloridas piscavam nos ramos das árvores, lembrando-a que o Natal seria em algumas poucas semanas.

Seu primeiro Natal sem Daniel.

A vida nunca mais seria a mesma. Ela se sentiu magoada, vazia, perdida. Ao contrário de Catherine, sua irmã, ela nunca foi sociável, e a ideia de criar novas amizades era abominável. Mas também tinha a perspectiva de passar o resto da sua vida sozinha.

Cansada demais para desfazer as malas, ela se jogou na cama e enterrou a cabeça nos travesseiros. Lágrimas que lutara bravamente para reprimir escorreram por suas bochechas.

Vir para Miami tinha sido um erro. Se tivesse pensado direito, teria ficado na Inglaterra e instruído o advogado da família a vender a casa. Mas sua educação rigorosa havia instalado nela um senso tão forte do certo e errado que não teve outra opção a não ser descobrir a verdade.

E então, lá estava Jack.

Em um momento ele estava cheio de preocupação e insinuando que se importava com ela, no outro a afastava. Sua pele formigava sempre que ele a tocava e não podia negar a força gravitacional que ele exercia sobre ela, mas permitir que os seus sentimentos ultrapassassem os limites da amizade seria perigoso.

E ficar deitada, rendida à autopiedade não ajudaria sua situação. Secou as lágrimas com os dedos, consciente de que seus anfitriões estavam esperando para servir o jantar. Uma ducha rápida e uma troca de roupas fizeram-na ao menos se sentir mais humana, mas não ajudou a acalmar suas emoções agitadas.

Quando saiu do seu quarto, vinte minutos depois, encontrou Frank e sua esposa esperando por ela na recepção.

Uma pequena e roliça mulher de cabelos castanhos aproximou-se e abraçou Grace. — Eu sou Maisie, e você deve ser Grace, amiga do Jack. É um prazer conhecê-la.

Despreparada para a demonstração de afeto, Grace afastou-se. — É bom

te conhecer também, e peço desculpas se a minha chegada repentina a incomodou.

— Não seja boba. Agora, espero que não se incomode, mas Frank e eu normalmente comemos na cozinha quando a pousada tem hóspedes.

— Por favor não se preocupe comigo.

— Então vamos lá. O jantar não é nada chique, apenas pargo com vegetais frescos. Frank! Vai passar a noite toda sentado lendo esse jornal?

Ele dobrou o jornal e o jogou de lado. — Estou indo, mãe. Eu não gostaria de ignorar nossa adorável hóspede.

A cozinha era quente e acolhedora. O aroma de biscoitos recém assados enchia o ar e Grace percebeu que ela estava com fome. Ao final do jantar, Maisie serviu o que Grace determinou ser a maior torta de limão que ela já tinha visto.

— É a nossa especialidade — Maisie disse.

Frank sorriu para a esposa. — Este é um país cítrico. Maisie faz a melhor torta de limão do estado, então você pode imaginar quantos estrangeiros viajam até aqui para provar um pouco.

Grace deu uma mordida. — Isso é absolutamente divino. Eu sou uma confeiteira razoável, mas nunca provei nada parecido com isso antes. Precisa me dar a receita.

Maisie sorriu. — Você é muito doce, querida. Apenas aproveite.

— Obrigada. Há quanto tempo conhecem o Jack?

— Desde que ele era um bebê, — Frank respondeu. — O pai dele, Hank, e eu trabalhávamos na mesma delegacia. Jack tinha seis anos quando sua mãe adoeceu. Ela morreu três anos depois. Hank achou difícil demais lidar com dois jovens barulhentos, então Maisie e eu entramos em cena. Jack e Lottie, é assim que sempre chamamos a irmã dele Charlotte, vinham aqui depois da escola. Maisie os alimentava, verificava se tinham feito o dever de casa, e se Hank estivesse trabalhando no turno da noite, eles dormiam aqui. Jack tinha quinze anos quando Hank faleceu. Charlotte estava na faculdade na época, e para não ter de trazê-la para casa para cuidar do irmãozinho, Maisie e eu cuidamos dele até que fosse grande o suficiente para ir para a faculdade.

— Ele tem sido como um filho para nós, — Maisie sorriu. — Nunca esquece meu aniversário, e passa os feriados de Ação de Graças conosco sempre que pode. Nós não vemos tanto a Charlotte. Ela está casada agora e vive em Buffalo. Ela tem três crianças também. Ela é uma mãezona. E você,

Grace? Seus pais ainda estão vivos?

— Eles morreram em um acidente de barco durante umas férias na Tailândia alguns anos atrás. Eu tenho uma irmã, Catherine. Ela tinha dezesseis anos quando eles morreram. Eu larguei a faculdade para cuidar e dar apoio a ela. Um ano depois, me casei com o meu marido, Daniel. O Jack provavelmente contou a vocês que ele faleceu há algumas semanas.

— Que trágico, criança. — Maisie disse. — Você e sua irmão são próximas?

— Nós éramos, mas ultimamente ela tem estado ocupada com a carreira. Ela é uma executiva de marketing em uma empresa farmacêutica. Seu trabalho é muito exigente e ela passa muito tempo na estrada visitando hospitais e participando de conferências.

— É triste quando irmãos se separam. — Frank disse, — Sua irmã deveria estar te dando suporte em um momento como esse. Você tem filhos?

Grace sentiu uma pontada de desapontamento. — Não. Terei que esperar Catherine estabelecer-se algum dia e me dar um monte de sobrinhas e sobrinhos.

Frank colocou uma bandeja de café na mesa e serviu uma xícara à Grace. — O Jack já te mostrou fotos da filha dele, Emília? Ela é uma gracinha.

O coração de Grace parou. — Não, na verdade não mostrou.

— Ah ela vai quebrar muitos corações, aquela ali. Apenas seis semanas de vida e ela já o envolveu em volta do seu dedo mindinho. Ele estará usando uma espingarda quando ela tiver idade suficiente para namorar.

A mão de Grace balançou, derramando café quente sobre seu colo e sobre toda a toalha de mesa de renda branca. Ela pulou de pé, seu rosto em um vermelho vivo. — Oh, desculpe-me. Eu... eu normalmente não sou tão desajeitada.

Uma guerra de emoções acontecia dentro dela. Jack tinha uma filha, uma bebezinha de seis semanas.

Ela tentou fazer cálculo e ficou ainda mais chocada quando percebeu que Rosa já estava grávida quando ela e Jack se conheceram em Wimbledon. Não é à toa que ele não a convidou para ficar na casa dele — ele era casado sua esposa e filha estavam morando lá.

Frank agarrou o rolo de papel toalha e começou a limpar o líquido marrom. — Sem danos causados. Eu tenho a mão furada de vez em quando também. — Conforme ele passou pela cadeira dela em direção à lixeira,

Maisie olhou para ele, com uma mensagem silenciosa de "*Como você pode*?" em seus olhos.

— O que eu fiz? — ele sussurrou. A única resposta dela foi lhe dar um forte tapa no braço.

Grace engoliu a aflição em sua garganta. — Jack e eu estivemos tão ocupados tentando resolver os problemas do meu falecido marido que não tivemos tempo para atualizar as notícias. — Ela se virou para Grace. — Obrigada pelo jantar delicioso, mas se não se importarem, acho que irei para o meu quarto. Eu... eu não dormi muito bem noite passada.

Ela quase correu pelas escadas. Uma vez dentro do quarto, se lançou na cama e soluçou.



Capítulo Sete

SE FRANK e Maisie notaram os círculos escuros debaixo dos seus olhos quando ela desceu para o café na manhã seguinte, eles não disseram nada.

Enquanto Maisie virava as panquecas com a facilidade que vinha de anos de prática, Grace sentou-se à mesa. Serviu-se de uma xícara de café, adicionou um pouco de leite e mexeu. Depois de passar uma noite inteira se revirando na cama, sentia-se esgotada, vazia, sem vida.

— Se mexer essa xícara por mais um pouco conseguirá retirar a gravura da porcelana.

Grace pulou ao som da voz de Jack. — O quê?

— Você estava em outro lugar. Maisie te perguntou três vezes se quer calda ou frutas com a sua panqueca.

Grace empurrou a xícara para longe. — Sinto muito, Maisie, acho que perdi o meu apetite essa manhã. — Ela girou na cadeira para olhar para Jack que estava apoiado no batente da porta. — Não ouvi você chegar.

— Não estou surpreso. Parecia que você estava tendo uma miragem. — Seu sorriso era tão íntimo como um beijo.

Grace se levantou da mesa. A raiva tomou o lugar da dor, cortando sua alma. — Vou buscar os extratos bancários. — Ela disse concisa.

Jack pegou sua mão. — Ei, o que houve?

Grace franziu o cenho. — Eu não dormi bem.

— Pode ser. Mas algo mais está te incomodando. Posso ver isso nos seus olhos.

A porta da tela rangeu. Frank veio do jardim. Ele deu uma olhada em Grace e Jack brigando e delicadamente retirou.

— Tem café fresco na garrafa, sirvam-se. — Maisie anunciou. — Vou ajudar o Frank no jardim.

Jack não se moveu. Ele apenas esperou Grace responder, sua expressão era de uma tolerância mal suprimida.

— Está decidido a piorar a minha dor de cabeça ou apenas a ser obtuso?

— Nenhum dos dois, mas gostaria de saber quem ou o quê te deixou tão irritadiça essa manhã.

Grace o olhou impassível, depois retirou-se da sala.

Jack a observou indo embora. O vestido de linho cor de pêssego que ela usava não escondia suas curvas. Ela deixara o cabelo solto que brilhava contra a pele cremosa como âmbar polido. Ele capturou o aroma cítrico e de jasmim de seu perfume, engoliu em seco, e tentou esquecer como era bom senti-la em seus braços. Não podia pensar nela de outra forma que não fosse platonicamente.

Enquanto esperava Grace retornar com os extratos bancários, pegou uma xícara de café. Talvez um pouco de cafeína pudesse impedi-lo de pensar no que poderia ter acontecido, e concentrar sua mente em questões mais importantes, como descobrir em que Elliott estava envolvido.

Quando Grace entrou novamente na cozinha algum tempo depois, ele estava sentado na mesa lendo o jornal. Ela puxou uma cadeira, sentou próxima a ele, e abriu o envelope do banco.

— Deu uma olhada neles na noite passada? — Jack perguntou, colocando o jornal de lado e pegando a pilha de papéis da mão dela.

— Apenas rapidamente. O primeiro apontamento é de março - quatro meses antes da data do primeiro visto em seu passaporte. Isso indica que outra pessoa e não Daniel abriu a conta.

— Eu diria que foi Parous. Seria fácil para ele fazer isso representando um cliente. — Ele examinou o primeiro apontamento, e então comparou com os próximos três na coluna. — Há um padrão aqui. Cada depósito semanal era pequeno demais para chamar a atenção das autoridades bancárias que rastreiam transferências de dinheiro maiores do que dez mil dólares.

— O mesmo valor é transferido uma semana depois. Para onde isso vai,

de volta para o cliente?

— Provavelmente para uma conta no exterior ou uma empresa de responsabilidade limitada tecnicamente sem nenhum dono. Dessa forma as autoridades, como a Receita Federal, teriam dificuldades para rastrear o caminho do dinheiro.

— Como sabe disso?

Ele estreitou os olhos. — Anos de experiência. Quando Daniel comprou a casa na praia?

— Em junho.

Jack folheou os extratos até encontrar o apropriado. — Veja. — Ele virou os papéis na direção dela. — Cinco saques. Eu aposto um ano de salário que eles equivalem ao valor de adiantamento para Sand Dollars.

Grace empalideceu. — Meio milhão de dólares? — Ela rapidamente fez o cálculo. — São quase duzentas e cinquenta mil libras. Onde Daniel conseguiu essa montanha de dinheiro?

— Adivinha.

— Sinceramente, não tenho ideia.

— Bom, comece a pensar. Isso não é um jogo de tabuleiro, querida. Você não ganha duzentas libras cada vez que completa a volta. Ele conseguiu o dinheiro de algum lugar muito real, Grace.

— Acha que Daniel roubou o dinheiro dos seus clientes?

— Não, os depósitos são regulares e os valores são altos demais. Meu palpite seria um esquema de lavagem de dinheiro.

— Lavagem de dinheiro? Ela olhou para ele, perplexa.

— O criminoso obtém lucros com o narcotráfico ou outras atividades e o transfere de uma conta no exterior para outra ou de uma empresa no exterior para outra. Eles podem até fazer isso várias vezes por dia. Quando o dinheiro voltar para o país, ninguém saberá que não era legítimo. Foi lavado, por assim dizer.

— As autoridades não podem fazer nada para impedir isso?

Jack sorriu torto. — Os bancos seguem protocolos rígidos, então não é fácil rastrear o dinheiro. É como tentar capturar um peixe específico em um cardume de milhares. Os bancos no exterior e paraísos fiscais facilitam a construção de complexas redes internacionais por traficantes de drogas. Ásia, Caribe, América Central e a Europa possuem grandes centros assim.

Atordoada e enojada, Grace olhou para Jack em desespero. — Você está brincando comigo.

— Não.

— Acha que o Daniel estava envolvido em um esquema como esse?

— Não há absolutamente nenhuma dúvida na minha mente. Também tenho certeza que se investigarmos mais fundo, descobriremos que essa não era a única conta que o seu falecido marido tinha. Vá buscar a sua bolsa. Tem alguém que eu quero que conheça.

Grace balançou a cabeça. — Para onde vai me arrastar agora?

— Vou levá-la para conhecer o meu chefe.

Ela cerrou as mãos. Assim como retesou todo o corpo. — Espere um momento. Eu pensei que trabalhasse para a embaixada.

Os olhos verdes de Jack estreitaram-se. — Eu estava em uma missão.

— Quem é você? Algum tipo de policial?

— Não exatamente. Agora, você está pronta, ou eu devo levá-la daqui algemada?

— Você não ousaria.

O brilho em seus olhos dizia que sim. — O Mike não gosta de ficar esperando.

Grace piscou e voltou a focar o olhar. — Você é inescrupuloso!

— Bem colocando. De qualquer forma, esperemos que Mike acredite na sua explicação.

Grace não disse nada durante o caminho até o centro da cidade; ela olhava pelo para-brisa, sem piscar, cheia de uma ira gelada. Quando Jack entrou com o SUV no estacionamento, o silêncio tornou-se insuportável.

Apesar da raiva que pulsava em seu sangue, sua voz permanecia suave, e calma. — Você pediu a minha ajuda, Grace, e é exatamente isso o que estou te dando. Por mais que eu quisesse manter isso apenas entre nós dois, eu não posso. É contra a política do Departamento.

— Que Departamento?

— Só existe um.

— Tipo o FBI?

Jack assentiu. — Antes de conhecê-lo, Mike trabalhava com algumas organizações internacionais, incluindo a Agência de Combate a Crimes Organizados da Inglaterra. Ele quebrou vários anéis de lavagem de dinheiro nessa época.

— E é por isso que você quer que ele me conheça.

— E é por isso que eu quero que você o conheça.

Eles caminharam em direção a um prédio simples de concreto cinza de

um andar. O escritório de campo do Departamento de Miami parecia como qualquer outro prédio no quarteirão. Não havia nenhuma identificação. Não precisava. Na porta, Jack mostrou sua identificação para o guarda na mesa, assinou, e entregou a Grace um crachá de visitante.

— Por aqui. — Segurou a mão de Grace e a apressou pelo longo corredor em direção a um escritório branco sem graça. Três homens com ternos pretos e uma mulher igualmente vestida estavam sentados em frente a uma bancada de computadores. Eles murmuraram um breve "*olá*" em reconhecimento à presença de Jack e depois voltaram para o que estavam fazendo.

No final do escritório, havia uma outra sala. Jack bateu na porta e então ficou ao lado para permitir a entrada de Grace.

— Grace, conheça o Agente Especial em Comando, Mike Zupanik. Mike é o Chefe do escritório do FBI aqui em Miami.

Mike apertou a mão dela e depois descansou o quadril na quina da mesa. — Sra. Elliott, por que a senhora não se senta? Jack já me explicou porque você está aqui.

Grace sentou-se, seu olhar fixo no rosto do homem de idade.

— Eu não sei o que ele falou para o senhor, Sr. Zupanik, mas eu garanto que não fiz nada de errado. Jack parece acreditar que meu falecido marido, Daniel, estava envolvido em algum tipo de atividade criminosa. Tudo o que eu sei é que ele me deixou uma propriedade na ilha Gasparilla. Eu me recuso a aceitar que ele tenha feito qualquer coisa ilegal até que evidências provem o contrário.

Mike passou a mão sobre sua careca. — Agora, Sra. Elliott, ninguém está acusando a senhora ou o seu falecido marido de nada. Entretanto, precisamos esclarecer algumas coisinhas. Vamos começar com essa aqui. Onde o seu marido conseguiu o dinheiro para comprar a casa de praia? Você precisa admitir que era uma grande quantia de dinheiro.

Grace mordeu o lábio, mas não disse nada. Jack jogou os extratos bancários na mesa. — Mike, dê uma olhada nesses aqui. Há mais de dois milhões de dólares nesta conta. E além disso, o gerente da conta, um cara chamado Cody, insinuou já ter encontrado com Grace antes.

Mike levantou uma sobrancelha. — Dizem que os contadores estão sempre próximos ao dinheiro, mas esse é um monte de dinheiro para um contador de feijão. Desculpe-me, Grace. É uma gíria americana. Então aqui vai uma outra pergunta. Você pode explicar como essa quantia de dinheiro

chegou na conta do seu marido?

— Não.

— Você era sua esposa. Como não?

Grace enrubesceu sob o olhar insistente de Zupanik. — Quando Daniel morreu, nossa conta bancária tinha menos de duas mil libras e havia aproximadamente o dobro na nossa conta poupança. Nossa casa é hipotecada, e meu carro tem seis anos. O de Daniel foi obtido através do trabalho. Até onde eu sei, a parceria de Daniel na empresa de contabilidade era a nossa única fonte de renda.

— Eu entendo que o seu marido nunca falou sobre o trabalho dele com a senhora. Isso é correto?

— Daniel acreditava na confidencialidade do cliente. Ele preferia ficar até mais tarde no escritório do que trazer trabalho para casa.

— O negócio do seu marido estava passando por problemas?

— Eu não tenho ideia. Você deveria falar com o Shaun, o sócio dele.

— E dívidas? Ele tinha o hábito de jogar?

— Não que eu tivesse conhecimento.

Mike franziu o cenho. — Alguém poderia estar ameaçando-o?

Grace levantou o queixo, encontrando seu olhar gélido. — Por que está me fazendo todas essas perguntas, Sr. Zupanik?

— Estou tentando descobrir se o seu marido tinha ou não razões para se suicidar.

— Daniel era equilibrado como você e eu, e não tinha nenhum motivo para tirar a própria vida.

Jack apoiou-se no batente da janela e soltou um longo suspiro. — Eu te disse, Mike. A Grace não sabe de nada.

— Todo mundo sabe de algo. — Mike disse, seus olhos de aço perfurando Jack.

— Não dessa vez.

Mike deu de ombros impacientemente e virou para Grace mais uma vez. — Conte-me sobre o cara que se aproximou de você no cemitério.

— Nós conversamos apenas por alguns minutos.

— Mas você conseguiria descrevê-lo?

— Ele era baixo. Eu lembro porque eu não precisava olhar para cima para vê-lo. E estava vestido elegantemente.

— Quer dizer que ele usava um terno?

— Sim, eu pude ver a gola do terno debaixo do agasalho. Suas roupas

eram bem cortadas, como se tivessem sido feitas sob medida, em vez de compradas em uma loja de departamento.

— Certo, e a sua fisiologia? Ele era mediano em altura, magro ou encorpado?

— Não me lembro.

— Tente!

Grace torceu as mãos em seu colo e começou a tremer enquanto focalizava a imagem em sua memória. — E... entroncado, como um lutador de boxe.

— Agora, isso é importante, Grace. Consegue lembrar da cor dos olhos e do cabelo?

— Ele usava um chapéu, então eu não pude ver o seu cabelo.

— Algo mais? Alguma característica marcante? Uma cicatriz em seu rosto talvez?

— Estava chovendo e nos abrigamos sob o portão. Eu não conseguia ver bem o seu rosto na escuridão. Seus olhos... não tenho certeza, mas acho que eram castanhos.

— E a voz dele, Grace? Ele era britânico ou falava com algum sotaque?

— Eu... eu não tenho certeza.

— Vamos lá, precisa lembrar. O cara te ameaçou.

— Pare de me pressionar. Eu já disse tudo o que eu sei! — Ela embalou sua cabeça nas mãos trêmulas.

Jack a alcançou e colocou a mão sobre seu ombro. — Fique calma, Grace. O Mike só está tentando ajudar.

— Manco. Ele mancava ao andar. Ele era forte, muito forte. — Distraidamente, ela esfregou seu antebraço. — E ele tinha um hábito estranho de lamber os lábios no final de cada frase.

— Por enquanto está bom. — Mike disse. — Chamarei um dos rapazes para jogar isso no computador. Você tem uma foto do seu marido?

Grace tirou sua carteira da bolsa e pegou uma fotografia pequena. — Foi tirada há alguns anos.

Mike pegou os extratos bancários e os folheou. — Grace, eu vou ficar com eles, junto com a fotografia. — Quando ela começou a protestar, ele levantou a mão. — Jack te dará um recibo e algumas cópias. Pedirei que um dos nossos contadores forenses examine mais de perto as transações listadas, e ver se conseguimos rastrear os depósitos e descobrir a origem do dinheiro.

— E o Cody, você vai chamá-lo para interrogatório? — Jack perguntou.

Mike varreu uma partícula imaginária de poeira em seu ombro. — Não vejo muito a necessidade. Vamos deixar ele e o banco sob vigilância. Verificar se alguém tenta acessar a conta. Jack, eu odeio fazer isso, mas suas férias acabaram. Eu quero que você faça uma visita a casa na ilha Gasparilla.

— Você não vai sem mim. — Grace disse, surpresa com a própria coragem.

— Não, não sem você. Jack, leve a Sra. Elliott junto. Veja se consegue descobrir o que o esposo dela fazia durante as horas solitárias em que esteve lá. Agora, Grace, se você não se importa, eu gostaria de dar uma palavrinha com o Jack em particular.

Impassível, Grace levantou-se e saiu da sala. Quando a porta foi fechada atrás dela, Mike virou para Jack.

— Ela parece inocente. O que você acha?

— Ela é. Daniel Elliott dominava a esposa. Ele pagava todas as contas, e dava a ela uma quantia mensal para pagar pela comida e despesas. Ele não contou nada a ela sobre o dinheiro que tinha ou como gastava isso. Se ela fizesse muitas perguntas, ele era abusivo verbalmente e minava a autoconfiança dela.

— E ela continuou com ele?

— Grace teve uma educação rígida e casou-se jovem. Seu pai era um pastor, então o divórcio nunca foi uma opção para ela. Eu não diria que ela é completamente ingênua, mas o que fosse que Elliott dissesse para ela, ela acreditava.

— Ela parece totalmente ingênua para mim.

— Eu gosto de pensar que há alguma força dentro dela.

— Agora, Jack. — Mike aconselhou. — Você não está desenvolvendo sentimentos pela linda viúva, está?

Jack manteve sua expressão impassível e torceu para soar convincente. Ele sabia o que acontecia aos agentes que tinham relacionamento com os seus informantes — eles eram despedidos ou despachados para algum canto para terminar suas carreiras na obscuridade.

— Eu? Ah, o diabo que não. Você me conhece.

— Eu conheço. É por isso que eu estou perguntando.

— A resposta é não, Mike. De verdade.

— Certo. — Zupanik suspirou. — Então o marido dessa senhora era um controlador maluco que mantinha segredos. Contadores podem acessar muitas informações financeiras. Mas ele não estava tirando dinheiro das

contas de seus clientes ou as autoridades tributárias britânicas provavelmente teriam percebido isso.

— Provavelmente.

— O que significa, Jack, que o dinheiro estaria vindo de outras fontes. Você sabe o que eu quero dizer.

— Isso é o que eu penso também. Elliott tinha um segundo passaporte com o nome de Lionel Lattide. — Jack entregou para o chefe, junto com o pedaço de papel que Grace encontrara na pasta dele. — Ele usava isso sempre que viajava entre Londres e aqui.

— Lionel Lattide? Humm. Organizarei um dossiê com os antecedentes de ambos os nomes e procurarei para ver se ele tinha alguma outra conta bancária. Eu também pedirei para os meninos mostrarem a foto dele pelos hotéis para ver se alguém o reconhece. Eu não gosto disso, Jack. Algo me diz que esse caso tem todos os ingredientes para a festa do chá de um chimpanzé.

Jack levantou uma sobrancelha. — Outra das suas citações, não é? E o que essa significa, Mike?

— Significa que algo pode dar errado, então seja cuidadoso.

— Não se preocupe, Mike, eu serei. — Jack dirigiu-se para a porta.

— Antes de você ir — as coisas melhoraram em casa?

Jack franziu o cenho. — Não, e Rosa não ficará feliz quando souber que eu estou pegando outro caso. Isso significa que ela terá que cuidar de Emília.

Mike não respondeu imediatamente. Quando respondeu, seu rosto tinha linhas de preocupação. — Se a sua vida particular for interferir, eu sempre posso designar outro para cuidar da viúva.

— Não vai. Grace mal confia em mim. Você designa outro agente e ela voa de volta para Londres antes que você possa pedir uma pizza.

— Certo, Jack. Mas qualquer problema, me avise. Pedirei para Chrissie dar uma passada no seu apartamento algum dia desses para ver como Rosa está lidando. Agora vá, antes que a Grace comece ficar agitada.



Capítulo Oito

DURANTE A maior parte de trajeto de duas horas até a ilha Gasparilla, Grace ficou olhando através da janela. Além dos outros veículos na estrada, não havia uma casa ou prédio à vista, apenas quilômetros e quilômetros de asfalto, grama alta e pântano.

— Esse lugar parece ter sido esquecido por Deus.

— Eu não estou surpreso, o nome da rodovia é Beco do Jacaré. — Jack respondeu. — Ela atravessa o Everglades, uma vasta área de manguezal. Se você olhar cuidadosamente, poderá ver um na margem do pântano, mas o máximo que eu já vi foi um bando de garças.

— Eu não gosto disso.

— Nem eu. Eu não recomendaria caminhar por lá, só por garantia.

Extremamente quente, Grace limpou as mãos úmidas em um lenço de papel. Mesmo com o ar condicionado ligado, o ar dentro do carro era opressivo.

— Já esteve na ilha antes?

— Não, mas já ouvi sobre ela. Jed Bush, um ex-governador do nosso estado, tem uma casa lá. Também é famosa pelo Torneio de Pesca de Tarpão que acontece todo ano. O nome da cidade é "*Boca Grande*".

— Como é?

— Boca Grande. O nome possui origem espanhola e veio da hidrovia que fica no extremo sul da ilha.

— Ah. — Grace disse e continuou olhando pela janela. O sol de um laranja forte afundava lentamente em direção ao horizonte quando Jack parou o Explorer no pedágio. Ele pagou a taxa de quatro dólares e então dirigiu sobre a ponte.

— Sand Dollars. Eu me pergunto por que Daniel escolheu esse nome.

— Eu acho que é muito adequado.

— O que você quer dizer?

— Um Sand Dollar é um tipo de ouriço do mar que é escavador. O nome veio da forma e cor do esqueleto, que lembra um dólar de prata. Eles são muito populares entre os colecionadores de conchas, mas são muito difíceis de se encontrar, principalmente inteiros.

Grace franziu o cenho. — Eu ainda não entendo por que ele escolheu esse nome.

— Acho que o Elliott estava enviando uma mensagem para qualquer um que tentasse rastrear o dinheiro. A verdade sobre a origem do dinheiro está profundamente enterrada, como um Sand Dollar.

— Entendi. Você conseguirá encontrar a casa? — Grace perguntou.

— Eu memorizei o CEP quando estávamos no escritório do Parous e joguei no GPS. — Jack respondeu enquanto cruzavam outra ponte. — Isso irá nos levar diretamente à porta de entrada. A ilha só tem alguns quilômetros de extensão.

Grace olhou para a silhueta das grandes casas coloniais contra o sol poente. Não havia duas propriedades iguais, embora a maioria tivesse amplas varandas e janelas com persianas. Ocasionalmente, ela vislumbrava uma sebe luxuriante de buganvílias rosas, e um jardim tropical cheio de palmeiras e hibiscos.

— Esse não é o tipo de lugar que eu esperaria que alguém envolvido em atividades ilegais vivesse. Se fosse uma criminosa, eu escolheria o anonimato de uma grande cidade em vez de um lugar tão lindo e calmo como esse.

— Estamos em dezembro. Época do ano em que os andarilhos vêm para Flórida.

— Daniel não gostava muito de observação de pássaros, ele nem mesmo gostava de esportes a menos que...

A risada de Jack encheu o carro. — Andarilhos é o que chamamos de

aposentados ricos da costa leste que vêm aqui para fugir do clima de inverno constante.

— Ah, entendi. Você quer dizer pensionistas ou idosos como vocês os chamam. É mais como um paraíso dos milionários do que um bairro pobre.

— Até criminosos podem ser andarilhos. Fale mais sobre o Daniel. Ele tinha muitos amigos?

— Tem o sócio dele, o Shaun, e alguns caras do clube de golfe. A maioria das pessoas que ele conhecia eram colegas de trabalho ou clientes. Ele passava as noites no escritório em casa, mas o que fazia ali, eu não tenho ideia.

— E os antigos colegas de faculdade? Ele participou alguma vez de reuniões de classe?

— Perdeu o contato com eles há anos.

— O que significa que ele conheceu quem quer que esteja por trás do esquema pela empresa de contabilidade.

Grace virou para encará-lo. — Está sugerindo que o Shaun ou um dos seus associados está envolvido também?

— É possível. Quem quer que seja, tem interesse em negócios em ambos os lados do Atlântico. Importação, exportação, esse tipo de coisas.

— Isso pode incluir qualquer um dos clientes da empresa.

Jack grunhiu e saiu da Rodovia Gasparilla para a Rua Fourth. — Vamos precisar de uma lista deles.

— Vou pedir à Liz, pois duvido que o Shaun entregaria por estar violando a confidencialidade de seus clientes.

— Certo, vou te passar um número para onde ela pode enviar por fax. Se nós precisarmos de mais informação nós podemos sempre intimar o Shaun. Vamos esperar que Sand Dollars revele no que o seu falecido marido estava envolvido. Enquanto isso, você está com fome? Eu vi um restaurante ali atrás. O que acha de conseguirmos algo para comer?

— Boa ideia. Não haverá nenhuma comida na casa.

— Seria interessante se tivesse. — Jack murmurou.

Ela lhe deu um olhar de soslaio. — O que disse?

Jack manteve os olhos na rua. — Nada.

A cidade de Boca Grande podia ser descrita em duas palavras - pequena e singular. Grace contara duas imobiliárias, uma agência dos correios e duas lojas de roupas, além de um restaurante localizado no que parecia ser uma antiga estação ferroviária. Em uma das ruas laterais, ela viu a placa da

padaria da ilha. Do lado de fora tinha uma bomba de gasolina rosa. Quase todo mundo com quem cruzaram na estrada, dirigia um carrinho de golfe em vez de um carro caro movido à gasolina.

— Estou me sentindo como se tivesse voltado no tempo. — Grace disse enquanto saia do SUV. — Parece aquele seriado de TV que está sempre repetindo na televisão britânica - O Prisioneiro. Eu meio que estou esperando um grande balão branco vir rolando pela rua.

Jack sorriu, pegou o seu braço, e a conduziu até o restaurante. — Eu vi a reprise desse seriado no canal Sci-Fi. O cara era um espião e estava continuamente tentando escapar. Charlotte, minha irmã, era apaixonada pelo ator, qualquer que fosse o nome dele. Ele era agente secreto e também fazia alguns filmes. As paredes do quarto dela eram cheias de imagens dele. Eu costumava provocá-la até ela ficar tão brava a ponto de jogar sapatos em mim. Já te falei que um salto alto pode ser uma arma dolorosa?

— Não, não falou. Isso é uma piada?

— Uma muito ruim pelo jeito.

Grace suspirou. — Quer comer lá dentro ou aqui fora?

— Lá dentro. Agora que o sol se pôs, a temperatura caiu alguns graus. Pode ficar muito frio repentinamente em ilhas como esta.

Eles passaram por um grupo barulhento de adolescentes sentados sob um dos muitos guarda-sóis que protegiam as mesas da frente e encontraram uma mesa em um dos cantos da sala de jantar. O menu não era extenso, mas se o número de clientes aglomerados na pequena sala significasse algo, a comida era excelente.

— Não sabia que você tinha uma irmã. — Grace disse depois que a garçonete anotou o pedido deles.

— Há muitas coisas que não sabe sobre mim. Charlotte é oito anos mais velha.

— E eu sou cinco anos mais velha que Catherine. Ela ainda estava na escola quando nossos pais morreram. Eu desisti da faculdade e arrumei um emprego para cuidar dela.

— Você conheceu Daniel na universidade?

Grace negou com a cabeça. Os cachos dourados brilhavam sob a iluminação do teto. — Não, eu já tinha largado a faculdade e estava trabalhando como secretária em uma empresa de contadores quando Daniel entrou na empresa como um associado. Nós saímos por três meses antes de ele me pedir em casamento. Nos casamos dois meses depois. Um ano depois

disso, Daniel e Shaun abriram a própria empresa.

— Você trabalhou para eles? Seria natural, você gerenciar o escritório.

Grace negou novamente. — Eu me ofereci, mas o Daniel insistiu para eu deixar de trabalhar logo depois que nos casamos.

— Que pena. Eu consigo vê-la cuidando de tudo.

Grace estremeceu. — Ele disse que eu não estava preparada para isso. Eu não tenho o nível de perspicácia nos negócios que Daniel precisa... precisava.

Jack preferiu ignorar isso. — Os pais do Daniel estão vivos? Ele tinha irmãos?

— Os pais dele morreram antes de nos conhecermos e ele era filho único.

— E Catherine? Ela tinha o que, quinze anos quando vocês se casaram?

— Dezesseis. Ela tinha acabado de fazer o exame de Educação Secundária e queria estudar para melhorar suas notas para poder ingressar na universidade. Eu não queria negar a ela a chance de ter uma educação melhor. Daniel concordou em ajudar com as despesas se ela se dedicasse aos estudos e conseguisse as notas necessárias.

— Eu espero que ela reconheça tudo o que fez por ela.

O sorriso de Grace desapareceu. Ela desviou o olhar. Catherine era exigente. Raramente dizia "*obrigada*" não importa o quão pequeno fosse o favor, e frequentemente colocava as suas necessidades acima das dos outros.

— Eu não diria exatamente isso. Catherine é...

— Egoísta?

— O que faz você dizer isso?

— Bom, está óbvio. Ela estaria com você agora, se não fosse.

— Catherine tem uma carreira de destaque. Ela quase nunca está no escritório e passa a maior parte do tempo viajando.

— Ela e o Daniel se davam bem? — Jack perguntou, conforme a garçonete aproximava-se com o pedido deles.

Grace o respondeu com um olhar especulativo. — Por que o interesse repentino na minha irmã?

— Só estou tentando formar uma imagem da vida do Daniel e das pessoas em volta dele, só isso.

— Daniel e Catherine se davam bem. Ele dizia que ela era a irmã que ele sempre quis, mas nunca teve. Quando ela começou a faculdade, raramente voltava para casa durante o período letivo. Quando se formou, ela e uma

amiga alugaram um apartamento em Clapham. Oito meses depois ela comprou um para si.

— A menos que as coisas tenham mudado, uma propriedade em Londres é muito cara. Como ela conseguiu o dinheiro para comprar o apartamento?

— Eu... eu não sei. Eu deduzi que ela estivesse pagando a hipoteca como qualquer um. De qualquer forma, nós nunca conversamos sobre sua renda. Na Inglaterra, consideramos o auge da grosseria e ignorância perguntar a alguém quanto ele ganha.

— Ok, não precisa ficar na defensiva. Coma a sua massa antes que fique fria.

Grace empurrou uma garfada de linguine em volta do prato. Ela não estava mais com fome. As perguntas de Jack sobre Catherine fizeram-na perceber que sua irmã ainda não tinha retornado suas ligações. Ela olhou em seu relógio, era muito tarde para ligar agora, mas tentaria novamente pela manhã, deduzindo que haveria um telefone na casa.

— Você não está comendo. — Jack disse, tirando-a dos seus pensamentos.

— Desculpe, eu estava apenas pensando sobre minha amiga, Olivia. Ela deve dar à luz em algumas semanas. — Grace olhou fixamente para Jack, na esperança de que ele lhe contasse sobre sua filha, mas sua expressão permaneceu inalterada. Ela olhou novamente para o prato, mas sentia os olhos dele fixos nela. Ela pegou uma garfada de macarrão e fingiu que estava gostosa, apesar de estar frio.

Enquanto eles tomavam café, um homem alto e magro, com cabelos pretos amarrados em um rabo de cavalo, aproximou-se da mesa.

— Ei, Sra. Lattide. Eu não sabia que você e Lionel estavam de volta na ilha.

Pega de surpresa, Grace permaneceu sentada, abalada. Ela baixou sua xícara e olhou para o estranho. Usando bermudas e uma camiseta colorida, ele não parecia diferente dos outros clientes. Somente quando Jack cutucou o pé dela com o dele que ela conseguiu murmurar. — Eu...eu acabei de chegar. Peço desculpas. Eu não sou muito boa com nomes.

— Tudo bem; só nos vimos uma vez. Eu sou Pete Jacobs. Sou responsável pelo aluguel dos hidroaviões da ilha. Eu voei com o Lionel até o Keys algumas vezes quando ele esteve aqui da última vez.

— Então você não sabe que Da... Lionel morreu?

— Uau. Eu realmente sinto muito ouvir isso, Sra. Lattide. Isso é chocante. Eu não fazia ideia. Como isso aconteceu?

— Ele morreu em um acidente de carro.

— Isso é trágico. Ele era um cara muito divertido, sabe. Sempre rindo e fazendo piada. Ele era um dos meus melhores clientes. Vou sentir falta dele. Bom, se eu puder fazer algo pela senhora, é só me falar, certo?

— Obrigada, falarei sim.

Nervosamente, Pete afastou-se e saiu correndo pela porta. Grace caiu sobre a mesa, com o rosto contorcido de preocupação. Ela não queria acreditar no que ela acabara de ouvir, não queria pensar que passou os últimos dez anos vivendo uma mentira. Mas ela não podia mais negar os fatos.

— Desde o começo, eu pensei que isso poderia ser algum tipo de pesadelo e que eu acordaria e descobriria que tudo tinha voltado ao normal. Que Daniel ainda estava vivo. Mas agora, eu nem mesmo conheço com quem me casei. Lionel Lattide ou Daniel Elliott? — Ela sorriu tristemente para Jack. — Me sinto suja, usada. Quem era o Daniel? Eu não tenho ideia. Isso não é horrível?

Jack passou a mão sobre a mesa e segurou a dela. Seu toque era quente e reconfortante. Seus dedos deslizaram pelos dela com segurança. Ele apertou a mão dela como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— Este não é o lugar para termos uma conversa tão profunda. Parece que você está tendo dificuldades para respirar. Precisa do seu remédio?

— Eu... — Sua voz falhou então ela apenas negou com a cabeça.

— Então vamos embora daqui. — Ele bebeu o restante do seu café e jogou algum dinheiro em cima da mesa.

Grace cambaleou. Jack envolveu sua cintura com o braço e a acompanhou até a porta. Ela se apoiou nele. Ele parecia firme, tranquilizador, mas ela sabia que deveria se afastar. Sentia seu pulso acelerar, sua resposta instintiva a ele era tão poderosa que tropeçou novamente.

O aperto de Jack em sua cintura ficou mais firme. Um suspiro escapou dos lábios dela. Se ela apenas não tivesse princípios tão fortes e ele não fosse casado, as coisas poderiam ser diferentes. Como era... ela afugentou o pensamento de sua mente.

As luzes da rua lançavam auréolas amarelas no início da noite enquanto eles voltavam para o carro. Jack ajudou Grace a entrar no lado do carona, depois deu a volta para o lado do motorista. Cinco minutos depois, ele

atravessou os portões de Sand Dollars e desceu o caminho circular escuro e arborizado.

Quando nenhuma luz acendeu e nenhum cachorro latiu, ele abriu a porta do motorista e caminhou até a casa. A luz da varanda acendeu, acionada por um sensor de movimento, mas a porta de carvalho permaneceu firmemente fechada.

Grace saiu do veículo ao som distante de ondas quebrando na costa e o cheiro do ar preenchido de sal. Ela olhou para a casa, relutante em entrar. Com um andar e meio de altura, cercada por árvores e um exuberante jardim tropical repleto de hibiscos e palmeiras, a casa estava na semiescuridão, suas grandes janelas fechadas e nuas. Uma varanda coberta corria pela lateral da casa em direção às dunas de areia atrás.

— Não fique de boca aberta, tente agir como se fosse dona do lugar.

— Eu sou dona do lugar. É por isso que estou olhando. — Grace respondeu.

— Como se sente em relação a um pequeno arrombamento? — Jack perguntou enquanto subia os degraus até a porta da frente.

— Isso não é ilegal, mesmo para o FBI?

— Tecnicamente, sim. Mas um agente pode usar uma força razoável para entrar se ele suspeitar que um crime foi cometido.

— Isso não será necessário. — Grace vasculhou em sua bolsa de mão e tirou um molho de chaves. — Essas eram do Daniel. — Ela disse e o entregou a Jack. — A pequena chave de latão é da casa em Gloucester. O controle eletrônico preto é o que resta do BMW dele. O resto - bom, eu não tenho ideia para que servem.

Ele se curvou e examinou a fechadura, selecionou uma das chaves, inseriu e girou. A porta abriu com um clique suave.

— Vamos esperar que não tenha alarme e que isso não esteja conectado ao escritório do xerife. Fique aqui.

— Por que eu deveria? É minha casa.

— Porque é mais seguro.

— Eu estarei segura da mesma forma se permanecer atrás de você.

Jack sabia que era inútil discutir. — Então tente garantir que você não atrapalhará o meu braço direito.

Grace olhou-o fixamente. — Por quê?

— Porque é o meu braço da arma, e eu não quero atirar em você acidentalmente. — respondeu retirando a arma do coldre na parte de trás do

jeans e entrou.

A voz de Grace estava presa em sua garganta. Ela passou as mãos úmidas pelo vestido e seguiu Jack. O aroma de tabaco enchia o corredor — a mesma marca que Daniel fumava. Suor frio escorreu por sua espinha, fazendo-a estremecer. Ela o ignorou junto com a pesada batida rítmica do seu coração e fechou a porta.

Jack inclinou a cabeça para o lado e tentou ouvir algo, mas não havia nada além de silêncio.

— Veja se consegue encontrar o interruptor de luz.

Os dedos de Grace tremiam enquanto ela os deslizava pela parede. Encontrou o interruptor, e o acionou, banhando o corredor com uma suave luz amarela. No alto, um ventilador girava suavemente o ar.

— Alguém esteve aqui recentemente. — Jack disse, devolvendo sua arma em segurança ao coldre.

— Como você sabe?

— Não tem poeira nos móveis. — Ele disse correndo seus dedos pela mesa de salão para provar isso. — Espere aqui enquanto eu dou uma olhada por aí.

Grace tamborilou os dedos contra a mesa e olhou para a grande obra de arte moderna pendurada na parede. Isso a lembrava da pintura que tinha visto na sala do advogado só que dessa vez as cores eram uma mistura extravagante de amarelo, preto e verde. Cansada de esperar por Jack, ela abriu uma porta próxima e entrou.

Grande e arejada, a sala contrastava com a do chalé Applegate. Dois sofás de couro verde, cheios de almofadas, ficavam em ambos os lados da lareira de mármore, com uma elegante mesa de vidro entre eles. Um grosso tapete creme cobria o chão. As paredes eram pintadas com a mesma tonalidade creme e estavam cheias de pinturas. Nenhuma obra de arte moderna dessa vez, mas poderosas paisagens marinhas em vários tons de verde.

— É tão diferente da casa que eu e Daniel compartilhávamos. — Ela disse quando Jack entrou na sala alguns minutos depois. Ela sentiu uma pontada de ciúmes e raiva. — Eu perdi a conta de quantas vezes sugeri que comprássemos móveis novos e redecorássemos, mas ele sempre vinha com alguma desculpa. Agora eu sei o porquê.

Jack caminhou até o armário de carvalho com portas de vidro que ficava no canto da sala. Ele pegou um copo de cristal e o segurou contra a luz. Um

arco-íris de cores brilhava no copo. Ele o guardou no armário.

— Vamos verificar como é o restante da casa.

Na parte de trás, eles encontraram uma grande e espaçosa cozinha e sala de jantar com um alpendre para o jardim e para o oceano. Uma ilha de centro, coberta com um balcão de mármore, dividia as áreas de cozimento da área de alimentação. Jack abriu a geladeira. Continha uma jarra de suco de laranja, um pote de manteiga e um pouco de queijo. Ele pegou a jarra e cuidadosamente cheirou o conteúdo.

— O suco ainda está fresco. — Ele o guardou novamente na prateleira e fechou a porta. — Verifique os armários. Eu aposto que estão cheios de enlatados.

Grace abriu o armário mais próximo. Como ele previu, estava recheado de latas. Ela bateu a porta com força. A traição arranhava seu peito enquanto seu coração se recusava a acreditar no que a sua mente estava lhe dizendo. Lutando por controle, ela saiu enfurecida da cozinha.

Como um bêbado procurando sua próxima bebida, ela procurou os quartos. No degrau, ela hesitou até que a curiosidade e o desejo pela verdade a dominaram. Ela abriu a porta mais próxima e entrou.

Esse era o quarto dele — ela tinha certeza.

Espasmos de pânico correram pelo seu corpo, pois aqui também o cheiro do cigarro preferido de Daniel pairava no ar. Decorado em azul e creme, o quarto tinha vista para o mar. Uma elaborada e esculpida cama king-size de carvalho, com mesas de cabeceira, estava encostada na parede. Incapaz de se conter, ela passou os dedos pela colcha de chenille azul marinho. A raiva nascida da dor a fez jogar as cobertas para trás e os travesseiros no chão.

A escuridão girou em torno dela enquanto a sala se inclinava assustadoramente. Bile encheu sua garganta. Engoliu em seco, enquanto se arrastava em direção às portas francesas e as abriu. Saiu para a varanda e encheu o pulmão com ar limpo e fresco. A luz da lua lançava um brilho prateado no mar, mas tudo em que ela podia pensar era na traição de Daniel.

— Eu pensei que você me amasse, Daniel. — Ela disse com um choro rouco. — Como você pôde mentir para mim dessa forma, e como não consegui perceber?

Somente a brisa suave que vinha do oceano respondeu.

Grace passou os braços em volta do peito e apoiou-se pesadamente sobre o corrimão. Tremores atormentavam seu corpo. Ela queria que eles parassem. Sua respiração vinha em suspiros ofegantes. Seu batimento

cardíaco latejava em seus ouvidos, e ela se sentia tão tonta que, por um leve momento, pensou que fosse tombar sobre as grades e cair no pátio de azulejos abaixo. Ela deu um passo para trás, seu rosto era uma máscara de raiva furiosa. Entrou tropeçando, determinada a descobrir que outros segredos o quarto escondia.

A área de vestir continha um grande guarda-roupa. Sua mão tremia enquanto deslizava a porta. Uma seção era preenchida com uma seleção de ternos, camisas e jaquetas masculinas. A outra continha uma arara cheia de roupas femininas. Ela mordeu o lábio até que latejasse. Um por um, ela observou o conteúdo. Um vestido de safira azul chamou a sua atenção. Algo no design parecia vagamente familiar.

Grace ergue-o e examinou-o mais de perto. As notas de alguma fragrância oriental inebriante permaneciam no tecido. Ela o amassou em uma bola e jogou-o no chão, depois tirou um conjunto de terno e calça. Isso também acabou no chão, assim como o resto do conteúdo do guarda-roupa.

A cômoda continha roupas íntimas. Ela pegou uma camisola pêssego e a levantou. Renda delicada e seda brilhavam à luz. Ela puxou a renda até rasgar em duas e depois jogou os pedaços no chão junto com todo o resto.

Sua respiração sibilava entre os dentes. Ela vacilou, depois correu e continuou correndo até sair da casa e seguir em direção ao oceano.

Era verdade. Era tudo verdade.

Daniel não a amava.

Toda a devoção que sentira — tudo o que fizera tinha sido por ele. Ele tinha outra pessoa, aqui nessa casa. E quem saberia onde mais?

A dor rasgava seus olhos, sua mente, e o seu coração. Ela foi capturada e esmagada por uma ofegante e destruidora agonia. Não havia mais razão para viver. Nenhuma razão para respirar. Em vez de respiração, havia apenas gritos, gritos sem fim.



Capítulo Nove

DO OUTRO lado do corredor da sala de estar, havia um pequeno escritório. Estantes do chão ao teto enchiam uma parede. Uma grande mesa em "L" ficava de frente para a janela, que oferecia uma vista para o jardim e para o oceano.

Jack fechou as cortinas e acendeu o pequeno abajur da mesa. O brilho da lâmpada lançou um pequeno círculo dourado de luz nas superfícies de madeira polida.

As gavetas da mesa estavam fechadas, mas isso não o surpreendia. Nenhuma das chaves no molho que Grace havia entregue a ele encaixavam. Ele puxou um pequeno canivete de bolso da calça jeans e o inseriu entre a fechadura e a estrutura da mesa e a torceu. Houve um clique agudo e a gaveta superior se abriu. Ele estava examinando o conteúdo quando Grace gritou.

Seu estômago revirou e depois se apertou. A adrenalina percorreu suas veias, aguçando seus sentidos, quando um segundo grito de estourar os ouvidos encheu a casa.

Ele alcançou sua arma. O pente estava cheio, e ele tinha um reserva no bolso de trás. Saiu da sala e entrou no corredor bem a tempo de ver Grace abrir a porta da frente e sair correndo, gritando o caminho todo.

— Mas que merda? — Ele xingou novamente, e correu atrás ela. Pulou

os degraus da entrada, aterrissando bruscamente. A entrada da garagem estava vazia; o Ford Explorer onde eles o deixaram. Ele virou-se para os fundos da casa a tempo de ver a figura esbelta de Grace correndo pelo jardim. Ele rezou para que o que a assustara não tivesse duas pernas e uma arma e não estivesse prestes a sair correndo da casa atrás deles.

Ele ouviu.

Um galho estalou.

Folhas farfalharam.

Então tudo o que ele conseguia ouvir era a batida constante do seu coração e o murmúrio das ondas lavando a praia.

Um sensor de movimento ligou, e depois desligou. O brilho suave da luz permitiu a ele seguir o caminho de Grace pelo jardim. Desconforto rastejava pela sua pele. Respirou fundo e esforçou-se para manter a calma. Apertou com força a arma e pisou no deque de madeira, rezando silenciosamente para que nenhuma das tábuas estivesse solta ou fraca. Um segundo sensor se acendeu, a repentina luz ofuscante quase destruiu sua visão noturna. Apertou os olhos, tentando apagar um pouco do brilho, o tempo todo avaliando o perigo. Ele queria chamar por ela, dizer-lhe para parar, mas o seu instinto já estava dominado pelo treinamento.

Em algum lugar nas árvores à direta, uma coruja piou, seu canto estranhamente estridente e antinatural. O suor escorreu pela sua espinha, aumentando o frio que a brisa trazia. Ele se arriscou e começou a correr. As luzes da piscina acenderam; a água brilhava com uma misteriosa radiação noturna.

Uma cerca baixa de madeira coberta por um arbusto florido separava a parte final do jardim do início da praia. Galhos espinhosos agarraram sua jaqueta, rasgando o tecido. Sem tempo, puxou-a, arrancando um grande pedaço no processo. Rastejou pelo caminho, o braço da pistola constantemente varrendo de um lado para o outro. Uma grande árvore Banyan ficava junto ao portão de madeira aberto, com o tronco grosso projetando sombras sinistras ao luar. Ele hesitou, depois entrou, e seguiu o caminho entre aveias marinha e uvas marinha, passando pela alta estrutura hexagonal de iluminação, até a praia.

Grace estava no mar, alheia à água que a rodeava. O vestido encharcado estava grudado nas pernas e coxas finas. Sua cabeça inclinava-se para a lua, um estranho gemido agudo escapou de seus lábios. Seus pulsos batiam contra as coxas, e seu corpo convulsionava enquanto ela continuava chorando

como um animal ferido que fora ao mar para morrer.

Jack gemeu, guardou sua arma no coldre e caminhou até ela. As ondas batiam contra suas panturrilhas, a água fria enviando um arrepio involuntário através de seu corpo. Ele colocou a mão restritiva no ombro dela e fez a única coisa que sabia que não deveria. Ele a puxou e a embalou em seus braços.

— Fale comigo, Grace. Conte-me o que houve.

Os braços dela batiam contra o peito dele conforme ela o empurrava para longe.

— Deixe-me em paz, Jack. Eu não preciso da sua ajuda. Eu não preciso da ajuda de ninguém. Minha vida está arruinada, só isso.

— Não vou deixar você aqui fora sozinha, não desse jeito. O que estava pensando ao sair da casa correndo daquela forma?

A luz do luar iluminava as lágrimas que corriam pela face dela. — Você... não tem... ideia do que... eu estou pensando. — Ela soluçou.

Ele a puxou bruscamente, quase violentamente, contra seu peito. — Acho que posso adivinhar.

— As roupas de Daniel... as roupas dela. Roupas dela.

— Shhhhh. — Ele esfregou suas costas da mesma forma que fazia com Emília quando ela chorava. Só que Grace não era um bebê e a resposta dele a ela era tudo, menos platônica. Ele queria inclinar-se sobre ela, abraçá-la até que não restasse nada em sua mente além dela.

Grace ergueu o rosto manchado de lágrimas em direção a ele.

— Eu deveria ter ficado em casa em vez de fazer o que é moralmente correto. Eu não posso ficar nessa casa sabendo... sabendo que Daniel e a amante dele dormiam aqui.

O olhar assustado em seus olhos o fez desejar carregar um pouco da sua dor. Mas ele não podia. Então decidiu oferecer a ela o pouco de conforto que poderia dar. Ele enxugou suas lágrimas com o dedão, e observou o jogo de emoções em seu rosto.

— Eu sei que isso é difícil para você, Grace, mas não tem outra escolha, não se quiser saber a verdade.

Com um último uivo, o corpo dela caiu contra o dele. Ele hesitou, depois a levantou em seus braços e a carregou para fora do mar em direção à praia. Os braços dela em volta do seu pescoço, sua cabeça apoiada sobre seu ombro. O pulso dele acelerou conforme seus seios roçaram em seu peito. O perfume dela encheu suas narinas, misturado com o cheiro de sal e flores do jardim, acrescentando sentimentos de luxúria e ternura às suas veias já cheias

de adrenalina.

Ele disse para si mesmo que estava apenas protegendo uma informante, que faria o mesmo por qualquer outra mulher no mesmo dilema. Mas ele estava mentindo. Seus sentimentos por Grace iam muito além do dever.

Grace chorou alto. Jack a balançou de um lado para o outro até seus soluços diminuírem. Ele inclinou o rosto dela na direção do seu e roçou seus lábios sobre a sua testa. Quando teve certeza que ela conseguiria ficar de pé sem desmoronar, ele a colocou no chão. Tirou sua jaqueta, jogou-a sobre os ombros dela, e apertou seu corpo firmemente ao dele.

— Eu estou aqui com você. — Ele disse, não sabendo mais o que dizer que não soasse tão irritantemente inapropriado para a dor dela.

A resposta dela foi bruta. — Eu sei. Você é um bom amigo, Jack. Sei disso. Só não consigo aceitar que Daniel estivesse me traindo, mesmo depois do banqueiro e do cara no restaurante dizerem que já me conheciam antes. Mesmo agora... agora que vi as roupas dela, senti o seu perfume, não consigo acreditar. Eu quero morrer, Jack. Eu quero morrer e fazer tudo isso acabar!

— Pare com isso, Grace. É uma conversa de maluco. Eu sei que é difícil lidar com os seus sentimentos, mas o Daniel não merece suas lágrimas.

— Eu não estou chorando por ele, Jack. Eu estou com raiva. Raiva porque não percebi o que estava acontecendo, que tipo de pessoa ele tinha se tornado. Talvez a pessoa que ele sempre fora. — Ela se livrou do seu abraço e deu um passo para trás. O ar gelado da noite soprou em suas bochechas e acalmou sua mente. Ela virou para encará-lo.

— Sei a verdade agora, Jack. Ele nunca me amou. Nem por um minuto. Como ele deve ter rido da minha ingenuidade.

— Você não é ingênua, Grace. Se fosse, teria aceitado o conteúdo do testamento sem questionar. Daniel não merecia tê-la como esposa. Fim da história. Agora venha, vamos voltar para a casa antes que você pegue uma pneumonia. — Ele passou seu braço em torno da cintura dela e a guiou pela praia.

Chegaram às dunas quando Jack ouviu o inconfundível som de um poderoso motor. Rapidamente, ele empurrou Grace para as sombras de uma palmeira. Isso não protegia muito, mas era tudo o que tinham. Um forte farol náutico varreu a praia e depois parou sobre as janelas da Sand Dollars.

— O que...

— Não se mexa. — Ele respirou, buscando por sua arma novamente. Ele a empurrou mais para as sombras.

— Parece que sabem que a viúva do Daniel está na ilha. — Ele saiu da sombra e apoiou as pernas, pronto para mirar.

— Mas nem meia dúzia de pessoas sabem que eu estou aqui. — Ela sussurrou.

— Sim. O que significa que um deles está em contato direto com os associados de Daniel. — Ela sentiu o pulso acelerar, e um arrepio correr por sua pele, onde ele segurava seu pulso.

— Mais um motivo para irmos para um hotel. — Ela disse calmamente, e encheu seus pulmões com uma respiração profunda, depois outra.

— Errado. Mais uma razão para ficar. — Ele sussurrou.

— Mas...

Jack colocou uma mão sobre a boca dela. O motor desligou. Dois homens apareceram no deque. Vozes com fortes sotaques soaram ao vento. Um deles virou e gritou algo em espanhol.

Jack prendeu a respiração, enquanto a lancha Cruiser flutuava com a corrente. Ele apertou com mais força a arma enquanto os faróis percorriam o comprimento da casa mais uma vez antes de pousar nas dunas.

— Acha que eles nos viram? — Grace sussurrou.

— Se fosse eu no lugar deles, teria visto.

— Então nós estamos em perigo. — Ela choramingou. — Temos que ir, agora!

Quando o farol iluminou os arbustos à esquerda de Jack, ele puxou Grace para seus braços. Seus lábios roçaram contra os dela conforme ele falou. — Não brigue comigo, Grace. É somente encenação. Eu quero que os caras no barco pensem que nós somos dois adolescentes famintos por sexo dando um amasso.

Grace o observou com um tipo de intensidade que fez seu corpo esquentar e seus hormônios saltarem. Ele continuou acariciando suas costas, dizendo para si mesmo que ele estava apenas tranquilizando-a, deixando-a calma. Ele não acreditava nisso. Seus dedos roçaram a bochecha dela e sentiu ela estremecer em resposta. A necessidade de beijá-la, selar seus lábios com os dele, enviava um desejo pulsante através do seu corpo. Ele fechou os olhos durante uma longa respiração e travou uma batalha interna. Somente a presença da ameaça iminente dos homens no barco o impedira de fazer o que desejara seis meses atrás.

Tão repentinamente quanto havia parado, o motor gritou em vida novamente. O farol se apagou e o barco rugiu na escuridão.

Jack esperou alguns minutos para garantir que ninguém tinha saltado para a margem e então saiu para o caminho.

— Vamos. — Ele manteve seu braço firme em torno da cintura de Grace e começou a correr até a casa, mas ao invés de entrar, ele continuou o caminho até alcançar o carro. Destravou, empurrou-a para dentro, e entregou-lhe a chave.

— Trave as portas. Espere aqui até que eu verifique a casa. Se qualquer outra pessoa que não eu vier, dirigija até próxima à casa, bata na porta, e diga para ligarem para a polícia.

— Mas eu não posso pedir para um...

— É isso que eu quis dizer. Não peça a eles. Ordene. Entendeu?

Grace assentiu com a cabeça.

Jack ouviu as portas travarem, então virou e subiu os degraus da entrada. O corredor estava vazio, da mesma forma como o deixara. Ele vasculhou as salas, uma por uma, verificando as janelas, e garantindo que as portas estavam seguramente fechadas. Satisfeito que ninguém estava na casa, ele foi atrás de Grace.

Quando ele a levou para dentro, ela estava tremendo com frio e sua pele estava com uma palidez fantasmagórica.

— Nós precisamos aquecer você. — Ele disse, e a guiou escadas acima em direção ao banheiro. Ele abriu a torneira. Quando a água esquentou, ele fez uma oração silenciosa de agradecimento a quem quer que tivesse tido a ideia preventiva de instalar painéis solares.

— Tire essas roupas molhadas e entre no chuveiro. Vou preparar uma bebida para você.

Deixada sozinha, Grace se despiu e entrou na corrente de água quente. Enquanto o vapor rodeava seus corpos, a percepção de que teria correspondido ao beijo de Jack enviou uma corrente de calor diferente por suas veias.

Ela estava sofrendo e vulnerável, ainda assim, a necessidade de ser tocada e segurada por um homem era tão forte, que quase caiu em tentação. Descansou a cabeça contra o azulejo. Não estava mais presa aos votos do casamento, era livre para fazer o que quisesse, mas um caso com o Jack seria perigoso para os dois. Ela estava livre, mas ele não. Ele tinha uma esposa e uma filha. E não importava o quão forte fosse a atração, ela não poderia destruir o casamento dele e a vida de sua esposa e filha.

Lágrimas se misturaram com a corrente de água do chuveiro. Ela as

lavou, junto com a sua dor. Jack estava certo. Daniel não merecia suas lágrimas. E esta seria a última vez que ela choraria por ele. De agora em diante viveria a sua vida da forma que quisesse.

Gradativamente, seus músculos relaxaram e a tensão do dia foi embora. Ela saiu do chuveiro e secou-se vigorosamente. Um roupão de renda e seda verde claro estava pendurado atrás da porta. Ela segurou o tecido contra o rosto. Nenhum perfume vinha das dobras. Ela o vestiu, apertando firmemente o cinto em torno de sua cintura.

Ela encontrou Jack na cozinha.

— Aqui, beba isso. — Ele disse, e entregou-lhe uma xícara fumegante de café.

Ela tomou um gole. O álcool queimou em sua garganta e a fez tossir.

— Isso é letal, o que tem aqui?

— Conhaque, isso foi tudo o que eu consegui encontrar.

— As suas calças também estão molhadas, Jack. Por que não sobe e se troca?

— Sou muito mais durão do que você, Grace. Um pouco de água gelada não vai me causar nenhum dano. Quem estava lá fora ainda agora, voltará. Mantenha as cortinas fechadas e fique longe das portas e das janelas.

— Não é um pouco tarde demais para precaução?

— Nunca é tarde demais. Além disso, eu não quero drogados malucos ou criminosos alegres atirando toda vez que uma sombra passar em frente a janela.

Grace engoliu seu medo, determinada a não mostrar a Jack o quanto estava abalada. — Como... como você sabe que não eram adolescentes brincando ou pescando durante a noite?

— Desde quando os peixes começaram a se arrastar para fora do oceano e a esperar na praia para serem capturados?

Grace ficou quieta.

Jack terminou o seu café e colocou a caneca na pia.

— Olha, eu não estou tentando assustá-la mais do que já está. Só estou dizendo como as coisas são. Os homens no barco estavam interessados em duas coisas. Sand Dollars ou quem poderia estar dentro.

— Se é tão perigoso, nós deveríamos ir para um hotel.

— Se formos, você nunca descobrirá quem está por trás desse esquema ou quem matou o seu marido.

Assustada com seus comentários, a caneca de Grace caiu no balcão.

— A morte do Daniel foi um acidente!

— Quem disse?

— A polícia e o legista. Ele estava dirigindo rápido demais e perdeu o controle do carro.

— Acidentes são fáceis de forjar, Grace. Atire em um pneu pouco antes de uma curva e o motorista perderá o controle. Ou adultere a direção, corte um cabo de freio - o resultado será o mesmo - você morrerá.

Grace envolveu os braços em torno de si mesma em defesa. Ela lutou contra o impulso de correr pela porta e continuar correndo.

— Está fazendo suposições precipitadas.

— É uma mulher esperta, Grace. Esperta demais para dizer isso. Acha realmente que a morte do Daniel foi um acidente depois de tudo o que aconteceu com você nesses últimos dias?

— Eu... — ela mordeu o lábio inferior, seu olhar fixo nele. — Eu não sei.

— Sim, você sabe. E sabe algo mais. Os caras maus não vão parar até conseguirem o seu dinheiro de volta. Se isso significa matar você também, eles não hesitarão, e é por isso que vou ligar para o Mike e pedir reforço.

Grace desviou o olhar. Quanto mais tentava ignorar a verdade, mais ela persistia. Ela pedira a ajuda de Jack. O fato de ele estar destruindo seu mundo, pedacinho por pedacinho, não era culpa dele. Não havia nenhuma raiva em sua voz, apenas aceitação.

— O que precisa que eu faça?

— Eu preciso que você faça uma encenação.

— Que tipo de encenação?

— Nós tomamos o controle. Você é a pessoa que está com o dinheiro. Então quando eles fizerem contato, dirá que não o entregará sem antes ter alguma garantia da sua segurança.

— E se eu não as conseguir?

— Então nada feito. Em vez disso, passará para o governo todas as informações que descobrimos junto com o dinheiro e nós a colocamos no programa de proteção à testemunha.

— Mas eles não saberão que falei com o FBI?

— Nós fomos cuidadosos. Não imagino como saberiam.

Grace tentou medir o risco racionalmente. Se ela for embora, as chances são de que acabe como o Daniel, seu corpo quebrado e esmagado além do reconhecimento. Se ela continuar, sua vida continuará em perigo, mas com

Jack para protegê-la, as probabilidades estavam vagamente a seu favor.

— A decisão é sua, Grace. Posso te colocar em um avião para fora daqui em uma hora. Ou você pode ficar, e nós levamos os assassinos de Daniel até a justiça. A escolha é sua.

Ela ofereceu a ele um sorriso sombrio e tenso.

— Eu vou ficar.

— Ótimo. O Mike terá outros dois agentes aqui pela manhã. Enquanto isso, eu e você teremos que dividir um quarto.

Ela agarrou a gola do roupão e a segurou-a firmemente contra a garganta.

— Agora só...

O sorriso de Jack era quase um pedido de desculpas.

— Eu disse dividir um quarto, Grace, não uma cama. O quarto de hóspedes tem duas. Nós dormiremos lá. Assim eu posso mantê-la segura.

Ele observou seu rosto enquanto ela olhava para os ferrolhos que prendiam a porta da cozinha. Levou menos de um minuto para ela chegar à mesma conclusão que ele, que eles não impediriam ninguém que realmente quisesse entrar.

— Então nós ficamos aqui, e depois?

— Eu encontrei um cofre no escritório. Quero dar uma olhada nele. Descobrir o que, se houver, está dentro dele. Alguma ideia de qual poderia ser a combinação?

— Poderia ser qualquer coisa. Daniel amava números e ele gostava de criar quebra-cabeças.

— Certo, tentarei aniversários - o seu, o da Catherine e o dele. Se isso não funcionar, pedirei para o Mike mandar um arrombador de cofres do Departamento. Enquanto isso, sugiro que a gente tente dormir. Depois, pela manhã, iremos falar com o Pete Jacobs, o cara responsável pelo aluguel dos hidroaviões; descobrir exatamente onde ele levou o Daniel. E quantas vezes.



Capítulo Dez

A EXPRESSÃO de Mike Zupanik era sombria. Ele passou as últimas três horas inclinado sobre sua mesa examinando arquivos antigos e relatórios de crimes, procurando por qualquer referência a Daniel Elliott, Lionel Lattide e Zachary Parous. Até agora, tudo o que tinha era um pescoço tenso e uma dor de cabeça de matar.

De acordo com o passaporte, Lionel Lattide passou pela imigração cinco vezes nos últimos seis meses. Fora a primeira ocasião quando ele permaneceu por duas semanas, suas outras visitas foram relativamente curtas - aproximadamente cinco dias, uma vez a cada quatro ou seis semanas. E o padrão era sempre o mesmo. Ele voava de Londres direto para Miami, passava um dia, dois no máximo, na cidade e depois partia, provavelmente para ficar na casa na ilha Gasparilla. Ele encontrava Parous, seu advogado, jogava uma rodada de golfe, comia no mesmo restaurante toda noite e parecia ser um visitante modelo.

Mas algo em relação a Lattide o incomodava.

Mike tirou um bloco de anotações amarelo de sua mesa e começou a rabiscar, um hábito que desenvolveu muito cedo em sua carreira. Os rabiscos aleatórios o ajudavam a relaxar, limpar a mente de todos os pensamentos, exceto os essenciais.

Algo conectava Parous com Elliott/Lattide. Parous lidou com a compra de Sand Dollars, mas isso era motivo suficiente para os dois homens continuarem a se encontrar? Deveria haver alguma outra razão. Um cliente mútuo talvez? Ele poderia requisitar os arquivos e gravações do advogado e compará-los com a lista de clientes do Elliott. Mas com tão pouco para continuar, um juiz riria dele no tribunal.

Ele precisava de uma pista tangente, uma minúscula informação que pudesse conectar os dois homens. Ele continuou a rabiscar. Quando desenhar bonecos não trouxera novas ideias, ele virou uma página nova no bloco.

Daniel Elliott/Lionel Lattide

Mike olhou para os dois nomes. Ele brincou com as letras, organizando-as e reorganizando-as. Poderia ser um código simples, do tipo que seus netos brincavam? Então ele percebeu. Os dois nomes continham as mesmas letras, apenas organizadas de maneira diferente. Lionel Lattide era um anagrama para Daniel Elliott. Mas qual era o falso e qual era o verdadeiro?

Além disso, Grace Elliott dissera a Jack que o marido era um contador e que ele gostava de quebra-cabeças. O passaporte de Daniel Elliott mostrava que sua data de nascimento era dez de janeiro de 1970, mas e se na verdade ele tivesse nascido em primeiro de outubro?

— Diego, dá um pulo aqui.

Um homem baixo e moreno, em seus trinta e poucos anos, enfiou a cabeça na porta do escritório do agente em comando.

— Precisa de mim, chefe?

Barbeado e com cabelo curto e liso, Alejandro Diego era muito inteligente, perspicaz e diligente, e uma das estrelas em ascensão do Departamento. Nascido em Dulzura, na fronteira mexicana, com pais mestiços, ele se juntou à Marinha americana no seu décimo oitavo aniversário e passou os cinco anos seguintes em vários pontos estratégicos pelo mundo. Ficou um tempo na agência antidrogas antes de se candidatar ao Departamento. Especialista em tráfico de drogas de Cuba, ele se instalou rapidamente no escritório de Miami.

— Sente-se. Esse Elliott/Lattide. — Mike colocou o passaporte na frente dele. — Eu tenho o pressentimento que ele tenha mais de dois passaportes ou estava providenciando outros.

— Você quer dizer o cenário "*cinco bandeiras*"? Pelo menos dois

passaportes, um local seguro para quaisquer ativos, um paraíso fiscal no exterior e ainda ser residente de um país de verdade, mesmo que ele não passe muito tempo lá?

— Sim, tudo se encaixa. — Mike respondeu. — Ele supostamente é um cidadão britânico, mas tinha um passaporte americano e possuía propriedades aqui. Verifique com a Receita Federal se ele tinha um número de seguro social. Depois quero que comece a verificar com os seus associados em todos os paraísos fiscais conhecidos - América do Sul, Aruba, Ilhas Cayman, Suíça - os locais habituais. Veja se algum deles emitiu um passaporte para ele recentemente e se ele abriu alguma conta bancária.

— Isso não será fácil. Alguns desses países possuem leis bancárias rigorosas.

Mike olhou sombrio. — Se os bancos não fornecerem as informações, coloque as habilidades que aprendeu em Quântico em ação e invada o sistema deles. Ele deve ter conseguido aquele dinheiro de algum lugar. Jack acha que Elliott/Lattide estava envolvido em lavagem de dinheiro, mas eu me pergunto se isso não era um esquema Ponzi, que paga altos retornos aos investidores do dinheiro aplicado por investidores subsequentes.

— Nesse caso, por que alguém estaria ameaçando a viúva?

— Esses esquemas inevitavelmente quebram; é somente uma questão de tempo. Um ou mais investidores pode ter contratado capangas para ameaçar Grace, apenas para garantir que ela não saiba nada sobre os negócios do marido.

Diego negou com a cabeça. — Desculpa, chefe, estou com o Jack nisso. Acho que o Daniel Elliott era o banqueiro de um esquema de lavagem de dinheiro. Como contador, ele sabia o caminho em torno do sistema, que países possuíam paraísos fiscais, e assim por diante. Ele usou um pouco desse dinheiro para comprar a casa na ilha Gasparilla. O chefe dele descobriu e o matou.

— Devemos nos assegurar se a morte dele foi um acidente ou não. Verifique o relatório do acidente e da autópsia da polícia britânica. Também quero uma verificação completa dos antecedentes de Zachary Parous - onde cresceu, em que faculdade de direito estudou, que tipo de clientes representa, onde compra seus ternos. Quero saber tudo sobre ele e quero a informação na minha mesa dentro das próximas vinte e quatro horas.

Diego levantou-se para sair.

— Ah, e peça ao Mancuso que verifique os registros telefônicos da Sand

Dollars e compare-os com os registros da Parous e Associados. Vamos ver se algum número aparece em ambos os registros. E mais uma coisa - verifique os registros de voos. Quero saber quem sentava próximo à Elliott cada vez que ele viajava para Miami.

— Entendido, chefe. — Diego disse, e deixou a sala para começar suas atribuições.

Mike levantou detrás de sua mesa e foi até a máquina de café. Ele estava tomando muito da bebida espessa e negra e se perguntou se sua úlcera poderia aguentar mais. Por acaso, o recipiente estava vazio. Ele grunhiu, e pegou uma garrafa de água no lugar do café. Jack já deveria ter ligado. Ele abriu a garrafa e tomou um gole.

Depois de vinte anos no Departamento, estava velho demais para fazer turnos consecutivos. Era ótimo que Chrissie fosse tão compreensiva, de outra forma, seu casamento já teria entrado em colapso há muito tempo.

Bocejou, tomou outro gole d'água, fechou a garrafa, olhou para a lixeira e sorriu. Então jogou a garrafa d'água na lixeira. A pilha de relatórios em sua mesa não diminuiria se ele apenas sentasse e olhasse para ela. Com um suspiro, ajustou os óculos de leitura, e deslizou a primeira pasta sobre sua mesa.

Uma hora depois, sua pesquisa confirmou o que ele já sabia. Lionel Lattide não estava associado com nenhum criminoso conhecido, o que deixava duas possibilidades. Ou havia um novo grupo na cidade, ou Lattide estava agindo em nome de um grupo internacional.

O mentor por trás de qualquer golpe bem-sucedido era desonesto e, se houvesse uma brecha a ser explorada, essa pessoa a encontraria. Os bancos possuíam um código de prática rigoroso, e os empregados não eram imunes à acusação se não reportassem atividades suspeitas. Mike examinou os extratos bancários que Grace havia deixado com ele até seus olhos vidrarem. Ele não era um contador, mas até ele conseguiu ver o padrão nos depósitos e transferências. Então por que o funcionário que supervisionava a conta no Banco First Apopka não alertou o departamento jurídico do banco?

Só havia uma resposta. Alguém pagou ao funcionário do banco para ignorar as regras.

Ao longo dos anos, ele estabeleceu contatos em todas as agências policiais nos dois hemisférios. Começou a enviar e-mails para seus contatos na esperança de que algum deles soubesse se alguém estava trabalhando em um novo esquema de lavagem de dinheiro que atravessava as fronteiras

internacionais.

Mike passou sua mão sobre sua careca e massageou as têmporas latejantes. Ele não podia fazer mais nada até Diego e Mancuso terminarem suas investigações e alguém responder a seus e-mails. Ele se levantou, pegou o paletó no cabide no canto do escritório, e desligou as luzes.

Chegou a inserir a chave na fechadura, quando um toque de telefone interrompeu o silêncio. O treinamento anulou o desejo de ignorá-lo. Ele chutou a porta e agarrou o telefone.

— Zupanik.

— Oi, Mike, desculpa a hora. — Jack disse. — Eu estava esperando a Grace ir dormir antes de ligar para você.

— Eu já estava quase indo para casa ver se Chrissie manteve o meu jantar quente ou se ela o deu para o cachorro.

— Diga a ela que é por minha culpa que está atrasado. Nós tivemos alguns visitantes inesperados.

Mike colocou o quadril na beira da mesa. — Você e Grace estão bem?

— Grace ficou assustada por um tempo, mas por outro lado estamos bem.

— Eu pensei que teríamos três ou quatro dias antes da notícia que a viúva estava na cidade se espalhar. — Mike disse.

— Eu também. Eles lançaram um farol poderoso na casa para procurar. Eu não consegui decifrar o nome do barco pois estava muito escuro. Mas os criminosos estavam definitivamente falando em espanhol de Cuba.

— Encontrou alguma coisa interessante?

— Eu ainda não tive chance de vasculhar a casa, estava ocupado demais impedindo Grace de tentar se afogar.

— Você está brincando comigo. — Os olhos de Mike se estreitaram, em momentos como esse, ele desejava não ter parado de fumar.

— Com certeza não.

— A mulher parece ser uma dor de cabeça. Onde ela está agora?

— No banheiro, se preparando para dormir. Ela estava muito sã, considerando tudo pelo que ela tem passado. Mas descobrir que o marido era infiel não ajudou. Ela está bem agora. Nós esbarramos com um cara chamado Pete Jacobs enquanto estávamos jantando fora. Ele reconheceu Grace, chamou-a de "Sra. Lattide". Ele comanda a empresa de aluguel de hidroaviões. Você pode investigar?

— Claro. — Mike disse, e rabiscou o nome no seu bloco de anotações.

— Essa mulher se passando por Grace - você tem alguma ideia de quem poderia ser?

— Não. Olhos e cabelos são fáceis de mudar. Lentes de contato coloridas, uma pintura de cabelo ou uma peruca barata e ela poderia transformar sua aparência em minutos. Mas altura e estrutura, isso são coisas diferentes. Quem quer que seja, ou fez uma grande cirurgia plástica ou saiu diretamente da caixa parecendo com a Grace.

— Eu pedi para o Mancuso checar os relatórios de voos. Se Lattide estava viajando acompanhado, nós saberemos em breve. Algo mais, ou posso encerrar a noite?

— Esse lugar é muito grande para eu cobrir sozinho. Preciso de reforço. Quem você enviar terá que dormir na praia, portanto precisará falar com o departamento de parques porque existem regras proibindo acampamentos na praia. Alguma chance de você convencer a guarda costeira de vigiar a área atrás da casa? Eu não quero ninguém esgueirando-se pela praia na escuridão.

— O Anderson e o Kennedy estarão aí pela manhã. Você consegue lidar com tudo até lá?

— Sim, darei o meu jeito.

— Certo, Jack. Vou pedir para o xerife fazer uma visita de carro de vez em quando. Assim que algo mudar, eu te aviso. Enquanto isso, mantenha-se seguro.

Mike desligou. Além dele e Jack, e agora esse tal de Jacobs, somente Zachary Parous e Cody, o banqueiro, sabiam que Grace iria para a ilha Gasparilla. Qualquer um deles poderia ser o responsável. Ou nenhum.

Ele suspirou. Jack West era um dos seus melhores agentes. Ocasionalmente obstinado, sua impetuosidade o levara a alguns arranhões, e ele tinha mais do que alguns inimigos dentro dos altos escalões do Departamento. Seus instintos e habilidades de investigação eram excelentes, mas Mike tinha um pressentimento de que havia mais no relacionamento entre Jack e Grace do que ele estava deixando transparecer. Só esperava que isso não estivesse afetando o seu julgamento.



Capítulo Onze

JACK BATEU na porta do escritório identificado como "Aluguel de Hidroaviões" esperando que fosse recepcionado por Pete Jacobs. Em vez disso, uma mulher gorda de um metro e meio abriu a porta. Sua pele negra e olhos cor de chocolate eram emoldurados por uma massa de cabelo encaracolado preto. Ela olhou para Jack.

— Não vai entrar? Normalmente não deixo a porta fechada, mas eu estava nos fundos do escritório fazendo café.

— Tudo bem. O Pete está? Nós gostaríamos de falar com ele, se estiver disponível.

— Ele está lá embaixo na marina reabastecendo o avião para voar com um grupo de turistas canadenses pela ilha hoje mais tarde. Se você se sentar, Sr....

— West. Jack West, e essa é Grace Lattide.

— Sou Mercedes, embora o pessoal normalmente me chame de Mercy. Eu administro o escritório; faço as reservas, cuido das contas, esse tipo de coisa. Então quer reservar um aluguel especial?

— Sim, isso mesmo. — Jack mentiu. — Prometi a Grace uma viagem para as Keys.

— Isso é legal. É lindo lá embaixo nessa época do ano.

— Trabalha aqui há muito tempo, Mercy?

— O Sr. Jacobs me contratou há algumas semanas, depois da sua última assistente ir embora. Acho que a vida na ilha não era para ela. Agora, isso parece o som do avião. Se esperarem aqui, eu verifico se o Pete está disponível.

Enquanto esperavam por Jacobs, Grace passeou pela sala. Ela era pequena, com menos de cinco metros quadrados, três cadeiras contra uma parede, na qual pendiam uma série de fotografias aéreas. Uma em particular chamou a sua atenção.

— Essa não é a Sand Dollars? — ela perguntou, e bateu no quadro.

Jack examinou a fotografia quadrada. — Pode ser. Eu me pergunto quando foi tirada.

— Eu tirei oito meses atrás quando o antigo dono decidiu vender. — Jacobs disse, conforme entrava. Ele limpou a mão em um pano oleoso e atravessou a sala para ficar ao lado de Grace. — Fotografia é um hobby meu. Quando eu não estou voando, eu trabalho para as empresas imobiliárias da ilha. Eu dei ao seu marido uma cópia alguns meses atrás.

— Isso foi muita gentileza.

— Não foi nada demais. Venham ao meu escritório.

Grace e Jack seguiram Jacobs por um corredor estreito até uma sala ainda menor nos fundos do prédio. Uma enorme janela de vidro dava para o porto de Charlotte.

— Sentem-se. Posso oferecer um pouco de café? — Jacobs perguntou.

Grace balançou a cabeça. — Não para mim, obrigada.

— Eu passo também. — Jack respondeu. — Ontem você mencionou que voava com o Sr. Lattide para as ilhas Keys regularmente.

— Correto.

— Teve algo diferente na última viagem?

Jacobs se agitou em sua cadeira. — Sobre o que se trata?

Grace escolheu suas palavras cuidadosamente. — Eu estava em casa quando o meu marido morreu, Sr. Jacobs. Eu só estou tentando construir uma imagem clara dos dias que precederam sua morte.

— Sinto muito. Não gosto de dar informações sobre os meus clientes.

Grace sorriu suavizando as linhas de tensão em torno da boca. — Lionel era meu marido. Dadas as circunstâncias, acho que o senhor poderia abrir uma exceção, não é?

— Bem pontuado. Levei Lionel até uma das pequenas ilhas privadas

perto de Marathon Key, como sempre. É um pouco maior que uma faixa de areia no meio do Golfo. Eu nem acho que está no mapa; e até onde eu sei, não tem nome.

— Se não está no mapa, como a encontrou? — Jack perguntou.

Jacobs pegou um punhado de amendoins da tigela sobre a mesa, colocou-os na boca e mastigou por um minuto antes de responder.

— Lionel me deu as coordenadas do GPS. Só tem uma casa. É construída sobre palafitas e cercada de palmeiras. É difícil de ver do alto. No lado do mar, há uma doca que leva a águas mais profundas e um heliporto.

Jack manteve seu olhar firmemente fixado em Jacobs. Houve um tique nervoso no canto do seu rosto.

— O que acontecia depois que descia, taxiava até a doca?

— Dependia da maré. A maioria das vezes vinha um barco buscá-lo.

— Você permanecia por perto?

— Algumas vezes. Dependia se ele resolvia ficar ou vir. Sempre que ele ficava, eu voltava para cá, esperava ele ligar, e então voava novamente para buscá-lo.

— Sabe a quem pertence a ilha?

— Não, mas eu posso levá-los até lá, se quiserem. — Jacobs parecia esperançoso.

— Isso não será necessário. — Jack respondeu. — Mas eu gostaria das coordenadas do GPS.

Jacobs foi até o armário que estava no canto e pegou uma pasta. Ele rabiscou algo em um bloco e o entregou a Jack, que enfiou o pedaço de papel no bolso da calça jeans.

— Obrigado. Viu ou conheceu alguém enquanto esteve lá?

— Como eu disse, eu deixava o Lionel, e ficava por lá até o barco trazê-lo de volta ou retornava a Boca Grande. Olha, tem certeza que você não é um policial?

— Jack é um amigo, Sr. Jacobs, um amigo próximo. Ele está agindo em meu nome. Se tiver algum problema em responder às perguntas dele, sempre posso deixar isso mais formal e envolver a polícia. — Grace bufou.

— Desculpe, Sra. Lattide. Eu continuo esquecendo o quão difícil isso deve ser para senhora. — Jacobs respondeu. Ele virou para Jack. — Vi apenas o cara que pilotava o barco, mas não o observei muito.

— Você estará por perto nos próximos dias caso precisemos perguntar algo mais?

— Eu vou levar uma festa para Sanibel e depois levar um casal em lua de mel para Key West, mas fora isso, sim, estarei por perto.

— Obrigado pelo seu tempo, Sr. Jacobs. — Grace disse.

— O Lionel era um cara legal e um bom cliente. Sempre pagava em dinheiro e aparecia na hora. Você realmente não recebe esse tipo de cliente no meu ramo de trabalho. Vou sentir falta dele.

Jack segurou o cotovelo de Grace e a guiou até a porta. — Só mais uma pergunta - alguém acompanhou o Lattide em uma dessas viagens para a ilha - uma mulher talvez?

Jacobs desviou o olhar. — Lionel sempre viajava sozinho. Por que a pergunta?

— Nada demais. Obrigado pela sua ajuda. — Jack disse. Ele conduziu Grace pela porta. Eles atravessaram a rua e entraram no Explorer.

— Acreditou nele, Jack? — Grace perguntou, colocando o cinto de segurança.

Jack hesitou, considerando se ela estaria preparada para ouvir a verdade.

— Ele sabe o nome da ilha e quem é o dono.

— Então por que não contou?

— Porque ele está protegendo alguém ou foi pago para não contar.

Grace girou em seu banco para olhar para ele. — O que acontece agora?

— Continuarei pressionando até obter algumas respostas. Enquanto isso, procuramos um lugar para comer, e então voltamos para a casa. Eu quero examinar a mesa e verificar se eu consigo abrir o cofre.

A padaria e lanchonete da ilha ficava na esquina da rua principal, e estava cheia de amantes do sol comprando guloseimas para suas cestas de piquenique. Jack e Grace entraram encontrando aroma de café e pão recém saído do forno. Um casal de idosos usando camisas que combinavam e shorts estava na sessão de queijo debatendo se comprariam Brie ou Gorgonzola. Grace sorriu para o menininho ruivo que agarrava a mão da mãe, pedindo sorvete, e tomou um lugar na fila para a sessão de delicatéssen.

Enquanto ela esperava o pedido ficar pronto, Jack passeou pela loja. Um homem de meia-idade, usando calça bege, camisa azul clara e um chapéu Stetson, entrou na loja. Para alguém manco, ele se movia com confiança, e parecia observar Grace.

Intrigado, Jack aproximou-se sem nunca olhar diretamente para ele. Quando ele viu o homem pegar e devolver a lata de atum na prateleira e seguir para o balcão de sanduíches, seu interesse aumentou. Quando Jack se

aproximou dele, o homem caminhou até tomar um lugar na fila, atrás de Grace. Ele se inclinou para ela ao mesmo tempo em que sua mão direita puxava algo do bolso.

Jack entrou na fila, deu uma cotovelada e pisou no pé do homem ao mesmo tempo, ignorando a maldição gritada que vinha dos lábios dele.

— Eu carrego isso. — disse, pegando o saco de papel marrom das mãos de Grace. Ele a arrastou pelo caixa e saíram pela porta. Ele continuou olhando por sobre o ombro enquanto iam até o SUV.

— Qual o problema, Jack? Estamos sendo seguidos novamente? — Grace perguntou.

— Não.

— Então por que você me arrastou para fora da padaria?

— Porque eu não gostei da forma com que o cara manco com o Stetson entrou na fila e se aproximou de você.

Grace olhou de volta para a entrada da padaria por cima de seus óculos escuros. — Manco? O cara no cemitério era manco.

— Eu sei, e é por isso que eu não quero você ao ar livre nem mais um minuto.

Grace colocou uma mão sobre a garganta. Ela teve que lutar para voltar a respirar. Seu coração estava batendo rápido demais, deixando sua pele úmida e fazendo sua cabeça girar.

— Você não acha que...

— Não estou pensando, mas há muitas coincidências para o meu gosto. Agora vamos.

Ela engoliu em seco e quase correu para acompanhar os passos largos de Jack. Assim que ela entrou no banco do passageiro, Jack ligou o motor.

— Não vai esperar ele sair da loja para que eu possa dar uma olhada no rosto dele?

Jack engatou o Explorer e avançou, cantando pneu, pela Rua Fourth.

— Acho que isso responde a minha pergunta. — Grace ofegou. — Sabe, pode não ter sido o mesmo homem.

Ele olhou de lado para ela. — Quer voltar e correr esse risco?

Ela respirou fundo, mas permaneceu em silêncio. Seus dedos agarraram a maçaneta da porta, apertando até ficarem brancos e sem sangue.

— Acho que não. — Jack disse. — Eu vacilei. Não deveria ter deixado você fora do meu campo de visão nem por um segundo. Ele poderia ter te matado.

— Está sendo dramático demais.

Jack levantou o pé e diminuiu a velocidade para respeitar o limite na ilha. — A primeira coisa que nos ensinam em Quântico é que só se permanece vivo sendo excessivamente cauteloso.

Atordoada com a franqueza de Jack, ela manteve a boca fechada e olhou pela janela.

Um trailer gasto, com o teto cheio de antenas parabólicas, aconchegava-se debaixo de uma árvore de Banyan a quinze metros da entrada de Sand Dollars. Os faróis piscaram duas vezes conforme eles se aproximavam.

— Alguém que você conhece? — Grace perguntou.

— Sim, Anderson e Kennedy, os dois agentes que o Mike mandou de reforço. Eu apresento mais tarde para que você não fique com medo se esbarrar com eles. Eles ficaram com o turno noturno - observando a casa enquanto nós dormimos um pouco.

— Quando Catherine e eu éramos novas, nossos pais tinham o que nós britânicos chamamos de caravana. Era muito básico, apenas uma lataria sobre rodas. Catherine odiava, especialmente quando chovia. Tudo ficava úmido, roupas de camas, roupas, sapatos, tudo. E quando estava quente, era ainda mais insuportável, então não invejo os seus colegas nesse calor.

Jack sorriu. — Lataria. Me lembrarei disso na próxima vez que eu tiver que usá-lo. É mais novo do que parece, e é equipado com uma variedade de tecnologias e um A-C decente.

— A-C?

— Ar Condicionado. Nunca deixa de me surpreender como nós dizemos que falamos o mesmo idioma..., mas não falamos a mesma língua. Falamos?

Seus olhos encontraram os de Grace e uma emoção diferente do medo torceu o coração dela. Se perguntou se Jack sentiu isso também. Ele a olhou novamente, mas seu olhar não dizia nada. Ela olhou para frente em direção ao trailer.

Jack diminuiu a velocidade do SUV e abaixou o vidro da janela do motorista enquanto se aproximava do veículo. Para qualquer um que pudesse estar interessado, parecia que ele estava dizendo para o cara atrás do volante sair da sua propriedade.

— Tudo limpo, Jack. Ninguém, nem mesmo o carteiro, chegou perto da casa depois que vocês saíram.

— Obrigado, Kennedy. Nós estaremos lá dentro pelo resto do dia. Durmam um pouco.

O Explorer acelerou e entrou na garagem. Jack puxou o freio de mão e virou no banco para encarar Grace.

— Você precisa de proteção e farei o meu melhor para garantir isso. Mas sou realista, Grace. Então, quero que me prometa que se qualquer coisa desagradável acontecer, você irá correr diretamente para aquele trailer. Anderson e Kennedy cuidarão de você.

— Eu... — Grace tentou formular outra pergunta, mas a expressão sombria de Jack a impediu.

Jack se aproximou e inclinou o rosto dela em direção ao dele. — Prometa-me, Grace.

Ela assentiu com a cabeça. — Eu prometo.

Ele deu um aperto tranquilizador na mão dela. — Agora vamos comer e depois podemos ver que segredos o seu marido escondia naquele cofre.

Trinta minutos depois, Grace levava a bandeja que continha o almoço para o escritório e a colocava sobre a mesa. Ela pegou o seu prato e uma lata de refrigerante e sentou na cadeira em frente a de Jack.

— Encontrou algo?

— Tirando alguns poucos recibos do posto de gasolina local e um do serviço de limpeza, a mesa está quase vazia.

— Isso não me surpreende. O Daniel nunca jogava fora um recibo, não importa o quão fútil fosse a compra. Mas quando se tratava de limpeza, ele quase não fazia nada em casa. Ele não sabia nem aspirar ou tirar a poeira. E quanto ao cofre?

— Eu estava a sua espera para de tentar. — Ele pegou seu sanduíche e deu uma mordida.

— Antes de você tentar, posso usar o telefone? Eu queria ligar para Catherine, ver se ela está em casa.

Jack abriu sua lata de refrigerante e deu um longo gole.

— Não vejo por que não. O Mike colocou um grampo da linha. Isso vai registrar o número, mas não vai interferir na sua ligação.

Grace pegou o telefone e discou o número do apartamento de sua irmã, mas tudo o que conseguiu foi ouvir a secretária eletrônica de Catherine. Depois tentou o celular, mas esse também caía na secretária eletrônica.

— Sem resposta? — Jack perguntou.

Ela negou com a cabeça. — Estou preocupada, Jack. Ela já deveria ter entrado em contato.

— Parece que algo sério está acontecendo. Você tentou falar com ela no

trabalho?

— Não acho que saber da morte do Daniel por algum colega de trabalho seja uma boa ideia. Eu deixei inúmeras mensagens para ela me ligar, mas ou ela está ignorando, ou não checou sua secretária eletrônica nas últimas semanas.

Ele deu de ombros. — Talvez ela esteja de férias.

— Acho que isso não é possível. Catherine pode ser ferozmente independente dependendo do seu humor. Mesmo assim, não acho que ela viajaria sem falar comigo.

— Vocês duas são próximas?

O sorriso de Grace desapareceu.

— Não intimamente. Catherine é a "filha rebelde", enquanto eu sou...

— Confiável?

Grace sorriu. — Eu ia dizer mais séria. Catherine sempre esteve fazendo travessuras, e isso não mudou. Ela vive a vida a todo vapor, quando ela não está trabalhando, ela está dançando pela noite em algum clube.

Jack não disse nada. Grace confirmara o que ele já imaginava. Catherine era autocentrada e não se importava com ninguém além de si própria.

— Você tem uma foto dela?

— Não comigo. Por quê?

— Só pensando em como ela é.

— Catherine é a bonita da família. Cabelos loiros longos e ondulados e olhos castanhos. Ela é mais alta que eu e mais magra também. Ela sempre teve admiradores, mas até agora continua solteira.

Jack resmungou e se perguntou por que Grace tinha uma opinião tão baixa sobre si mesma. Terminou seu refrigerante e estava prestes a jogar a lata no lixo quando percebeu que alguém tinha jogado o conteúdo de um cinzeiro nele.

— O Daniel fumava?

— Apenas um cachimbo. Eu senti o cheiro do tabaco dele assim que entramos na casa.

Ele pegou um toco meio usado da lata de lixo.

— Quem quer que estivesse aqui, fumava cigarros cubanos. Eu reconheço a marca. — A mesma marca que Rosa fumava antes de ter Emília. Ele largou o cigarro no cinzeiro na ponta da mesa.

— Pelo que sabemos, pode ter sido a pessoa da limpeza e ele ou ela apenas esqueceu de tirar o lixo.

— Pode ser. — Jack colocou a lixeira de lado. Ele pegaria o resto dos tocos e os entregaria para o Mike. Eles poderiam ter sorte e encontrar algum DNA para conectar o fumante a um membro de uma gangue conhecida. Mas duvidava disso.

Ele atravessou a sala até onde uma grande paisagem marinha estava pendurada na parede e passou os dedos pela moldura. Felizmente, não estava conectada a um alarme. Ele a levantou e apoiou contra uma estante de livros. Depois pegou um par de luvas de seu bolso e as colocou.

— O que você está pensando? — Grace perguntou.

— Estou me perguntando por que o Daniel tinha um cofre instalado, mas não se deu o trabalho de acionar o alarme quando saiu.

— Talvez ele tenha esquecido ou estava com pressa.

— Ou talvez ele não tenha sido o último a sair. — Jack olhou para o disco de marcação antigo.

Grace abriu a boca e depois fechou. Jack tinha um jeito de ir direto ao ponto.

— Eu não sei quantas tentativas teremos. — Ele disse. — Mas fale algumas datas de nascimento.

— Tente dez, um, dezenove, sete, zero.

Jack girou o disco e puxou a maçaneta. — Fechado. Fale outra.

— Três, sete, dezenove, sete, cinco. — Grace prendeu a respiração enquanto Jack tentava novamente.

— Não. Mais alguma?

— Vinte e oito, dez, dezenove, oito, zero.

Quando digitou o último número, Jack ouviu um clique conforme o código era aceito. Ele girou a maçaneta e o cofre abriu.

— Era a sua?

— De Catherine. Eu mencionei que o Daniel deixou algum dinheiro para ela no testamento?

Jack manteve sua expressão impassível. — Quanto?

— Não muito, cinco mil libras. Isso é em torno de sete mil dólares.

— Alguma ideia do porquê?

— Eles gostavam muito um do outro. Eu deduzi que fosse porque o Daniel era como um irmão mais velho para Catherine e a ajudou a pagar seus estudos.

Jack piscou. Ele tinha outras ideias do porquê o marido de Grace deixaria dinheiro para a cunhada, mas não estava pronto para expressá-las,

pelo menos ainda não.

Ele tirou um caderno em espiral e fino do cofre, junto com uma pequena caixa de plástico, um maço de dinheiro e uma pilha de papéis e os levou até a mesa.

Ele mostrou o caderno a Grace. — É a letra do Daniel?

— Sim. Posso dizer pela maneira que ele escreve o sete, com aquela pequena linha curva no traço para baixo. E o Daniel era canhoto. Sempre que ele escrevia a letra "g", parecia que ele a escrevia ao contrário.

— Vou precisar examinar o caderno para ver se consigo entendê-lo.

— Duvido que consiga. Daniel tinha sua própria versão de taquigrafia. Ele tentou me explicar uma vez, mas eu nunca consegui entender. Ele usa uma mistura de letras e números - é um tipo de código.

Jack abriu a caixa. Estava vazia. — Eu me pergunto se era aqui que ele guardava os arquivos que o seu homem misterioso estava procurando. — O celular no bolso dele vibrou. Ele o pegou e olhou para o visor. - Era o seu chefe, Mike Zupanik.

— Ei, Mike.

— Más notícias, Jack. A polícia tirou o Zachary Parous do rio de Miami uma hora atrás.

— Droga.

— Suas mãos e pés estavam amarrados e ele havia sido espancado sistematicamente. O médico legista disse que parece que alguém o jogou e o deixou se afogar. Nós teremos certeza depois que ele fizer a autópsia.

— Grace e eu vimos o Pete Jacobs hoje de novo. Ele levava o Elliott regularmente a uma ilha próxima de Marathon Key. Ele disse que não sabe a quem pertence, mas eu tive a impressão que ele sabia mais do que estava dizendo. Consegui as coordenadas no GPS. Não é suficiente para um mandado de busca, mas estava pensando em vigilância por satélite.

— Eu não sei, Jack. É um grande pedido quando temos tão pouco para continuar. Deixe-me pensar sobre isso, falar com algumas pessoas.

Jack assentiu pesadamente. — Certo. O que mais você sabe?

— Só sei de uma coisa. — É melhor você vigiar ainda mais a viúva do cara.



Capítulo Doze

ESPANHOL ERA a única língua falada no bar La Bodeguita del Medio em Little Havana, Miami. O aroma forte de café batalhava com o ar esfumaçado, mas perdia, enquanto o ritmo vertiginoso da salsa soava no rádio acima da cabeça do barman. Qualquer turista que entrasse esperando encontrar um lugar calmo para uma refeição e bebida saía rapidamente.

Para Sergio Vasquez, era sua casa e seu escritório - o lugar onde ele comia e cuidava de seus negócios. Apesar de sua estatura baixa e robusta, sua reputação de homem duro era conhecida em toda a cidade. Nenhum trabalho era grande ou difícil demais. O que importava era o dinheiro que ganharia, o tipo de dinheiro que era impossível se ganhar em Cuba. Nos últimos anos, muitos nicaraguenses e hondurenhos se mudaram para a região. Aqueles que conheciam o bar sabiam que deveriam ficar longe do seu caminho.

Ele pediu um prato de *ropa vieja* e uma cerveja, e sentou na sua mesa habitual no canto, a superfície arranhada por anos e anos de uso. Enquanto os outros frequentadores do bar usavam o tradicional linho *guayaberas* na camisa masculina de quatro bolsos de produção local, Vasquez, quando não estava trabalhando, preferia Armani ou Gucci e mocassins de mil dólares feitos à mão.

O golpe da noite passada tinha sido fácil. Ele seguiu o *Yuma,* seu alvo

americano, do seu escritório até o estacionamento subterrâneo. Assim que ouviu o porta-malas do Mercedes abrir, Vasquez saiu da escuridão, bateu na cabeça do sujeito e o jogou para dentro, junto com sua maleta.

A Mercedes era um carro legal. Ele já tinha dirigido um como aquele antes. Limpou uma sujeira de sua pintura branca impecável, pulou para dentro e se aninhou no banco do motorista de couro preto, e dirigiu pela cidade até o armazém deserto que servia como sua câmara de tortura particular.

Levou um tempinho, mas conseguiu a informação que queria. Eliminar o corpo foi simples; dirigiu para uma das rampas e jogou no rio Miami, deixando a maré e os peixes cuidarem do resto.

Embora tivesse sido difícil abandonar a adorável Mercedes, fez como foi instruído, mas isso não o impediu de pegar uma lembrança do trabalho noturno. Ele sorriu e endireitou as mangas da camisa, parando para admirar as pesadas abotoaduras de ouro e o relógio Raymond Weil no pulso, que pertenciam a vítima.

A garota do bar trouxe sua refeição, junto com outra garrafa de cerveja. Quase na adolescência, seu cabelo era uma bainha de seda preta, seu corpo firme e maduro, em alguns anos ela seria incrivelmente bonita. Ele apertou sua bunda e foi recompensado com um sorriso e um balanço extra de seus quadris enquanto ela voltava para a cozinha.

Ele pegou uma garfada da carne desfiada com molho picante de tomate e mastigou. O assunto na rua era que algum capacho tinha gastado da conta do Banqueiro. Ninguém mexia com o Banqueiro, não se quisesse permanecer vivo, e principalmente advogados que pensavam estar além do alcance do Banqueiro.

Ninguém tinha certeza da identidade do Banqueiro. Alguns diziam que ele era Juan-Carlos Fuentes, chefe da família Fuentes, que atuava com tráfico de drogas e lavagem de dinheiro, outros diziam que era chefe de uma gangue rival com sede em Nova York. Vasquez tentou descobrir. Mas ele era esperto. Sabia que se fizesse perguntas demais, acabaria virando comida de jacaré.

Vasquez afastou seu prato vazio. O barman apareceu ao seu lado e colocou uma xícara de *café cubano* na sua frente, e então saiu discretamente. Ele recostou-se na cadeira, acendeu um charuto enrolado à mão, tragou com força e soltou uma nuvem de fumaça.

Seus olhos se voltaram para três homens idosos, com a cabeça inclinada sobre a mesa enquanto se concentravam em seu jogo de dominó, um prato de

torresmo e copos quase vazios ao alcance de seus dedos retorcidos e artríticos.

A vida era boa. Ele tinha dinheiro suficiente para gastar com prostitutas e um conjunto decente de rodas. Até mesmo tinha um apartamento com vista para o mar. Nada mal para um garoto cujos pais chegaram na América uns quarenta anos atrás, com pouco mais das roupas no corpo.

A porta foi aberta e um homem entrou. Ele fez uma breve pausa para avaliar o bar, depois, indiferente aos olhares curiosos dos outros ocupantes, mancou até a mesa de Vasquez, arrastou uma cadeira e se sentou.

Baixo e entroncado, ele andava mancando um pouco, como se tivesse nascido com uma perna um pouco mais curta do que a outra. Usava uma camisa de seda por dentro das calças italianas e carregava um paletó no braço. Seu rosto pálido e de queixo quadrado o marcava como um estrangeiro. Sob os óculos escuros de aviador, seus olhos eram indiscerníveis.

O barman apareceu sobre os ombros do recém-chegado e colocou uma garrafa de cerveja na mesa em frente a ele, depois retornou ao bar e voltou a polir os copos.

O estrangeiro passou um tornozelo por cima do outro e retirou do bolso de seu paletó um pacote de *Cohiba* e um isqueiro Colibri de ouro. Enfiou um cigarro no canto da boca, acendeu e tragou uma dose de nicotina.

Vasquez observou a fumaça escorrer entre os lábios do homem.

— Como sabia que eu estaria aqui?

— Você é previsível, Vasquez. Se quer sobreviver nesse jogo, deveria mudar os seus hábitos.

Vasquez tentou identificar o sotaque, italiano ou português, talvez espanhol, ele não tinha certeza de qual. Mas não importava, esse não era um homem a ser desafiado. Uma comemoração veio da mesa no canto onde os três idosos jogavam dominó. Cabeças viraram, mas Vasquez manteve seu olhar no homem sentado à sua frente.

— Eu gosto daqui. A comida é boa e ninguém me perturba.

O homem deu de ombros. — A vida é sua. — Ele deu uma tragada no cigarro e observou o cubano através da fumaça. Vasquez não era inteligente, mas era impiedoso e fazia o que mandavam.

Os olhos castanhos de Vasquez se estreitaram e sua coluna ficou reta. — Do que está reclamando? Eu fiz o trabalho.

— Se eu posso achá-lo, a polícia também pode. — Os dedos grossos e unhas roídas da mão esquerda batucavam a mesa na batida rápida e constante

da salsa que tocava no rádio.

— Todo mundo em Little Havana sabe que se me denunciarem, eu os mato, e que será uma morte lenta e dolorosa.

— Conte-me o que o advogado disse.

Vasquez lambeu os lábios e sorriu. — Ele achava que era um valentão, mas poucos socos e estava chorando pela mamãe.

— Eu não pedi os detalhes. Só quero saber o que ele disse.

Apesar da impaciência na voz do outro homem, Vasquez forçou-se a manter a calma. — A mulher de quem quer saber - a viúva - ela foi para a ilha. Ela, e o homem que a acompanhava, fizeram uma visita ao Banco First Apopka antes de irem.

— O advogado sabia o porquê?

— Ele disse algo sobre ela transferir o dinheiro. — Vasquez balançou a cinza da ponta do seu charuto e estudou o homem. Seu rosto está marcado e seu cabelo cortado tão rente ao crânio que Vasquez se perguntou se ele não era careca e aquilo seria na verdade uma tatuagem. Ele parecia ter em torno de cinquenta anos, mas seu corpo permanecia musculoso, e ele caminhava com pura confiança machista que fazia homens menores se afastarem para as sombras.

— O homem com ela, o advogado disse quem era?

— West, Jack West. Ele disse que ela o apresentou como um amigo da família, mas ele achou que parecia um policial.

O estrangeiro tirou o cigarro meio fumado dos lábios e amassou o toco na mesa.

— Um policial? Tem certeza?

— Isso foi o que ele disse. Eu posso perguntar por aí se quiser, ver se alguém na rua ouviu sobre ele.

— Isso não será necessário. E o carro do advogado?

— Queimado e afundado.

Ele assentiu com a cabeça. — Fez bem. Eu tenho outro trabalho para você. — Um envelope apareceu na mesa.

— A mesma taxa de sempre?

— Tem um extra de cinco mil para as despesas. Estará fora da cidade por alguns dias.

O rosto de Vasquez se torceu no que parecia um sorriso. Ele pensou sobre seus planos de aposentadoria - a casa nas Ilhas Cayman se tornara uma possibilidade real.

— Quer que eu cuide do West e da mulher? Tenho minha própria arma.

— Ainda não. Os detalhes estão aí dentro. — O homem tocou no envelope. — Isso tem que parecer um acidente, entendeu?

— Ei, eu não sou burro. Eu terminei a escola.

O envelope deslizou sobre a mesa. — O valor será transferido para a sua conta quando eu ouvir sobre a tragédia no jornal Miami Herald. — A cadeira do homem se afastou. Ele ajustou os óculos sobre o nariz, agarrou o seu paletó e deixou o bar.

Vasquez guardou o envelope. Bebeu o restante da sua cerveja, depois pegou o outro copo e bebeu o conteúdo em um só gole.



Capítulo Treze

JACK NÃO era um matemático, mas sabia que o truque para quebrar qualquer código era encontrar a chave. Empurrou o caderno sobre a mesa e olhou a combinação de letras e números. Seu instinto dizia que deveria estar conectada de alguma forma com as quantias depositadas na conta do Elliott no banco em Miami, mas isso também poderia ser uma lista de compras. Além disso, parecia não ter um padrão discernível.

Comparou os números no pedaço de papel que Grace encontrara junto ao passaporte com os números do caderno. Nenhum deles combinava. Ele se espreguiçou e suspirou, depois se afundou na cadeira. Poderia ter pedido aos caras da área tecnológica para passar os números por um programa decifrador de códigos ou mandar por e-mail para um dos especialistas do Departamento. E ainda poderá fazer isso se não conseguir desvendá-los.

Entre os jogos de tabuleiro na estante havia uma caixa de Palavras Cruzadas. Ele a pegou, levou de volta para a mesa e derramou seu conteúdo. Ele tentou formar palavras descolando as peças, mas elas faziam ainda menos sentido do que as anotações no caderno.

Grace colocou uma xícara de café forte debaixo do nariz dele.

— Se analisar assim por mais um tempinho ficará vesgo.

— O que você quer dizer com ficarei? — Jack disse. Ele levantou sua

cabeça e olhou para a ponta do próprio nariz.

— Ha, ha, muito engraçado.

Ele sorriu. — Apenas tentando amenizar o clima.

— Bem, conseguiu. — Ela apontou para as peças do Caça Palavras com um aceno de cabeça. — Você acha que consegue deixá-las de lado por meia hora.

— O que tem em mente?

Grace sorriu. — Depois dos acontecimentos da última noite, eu não acho que uma caminhada pela praia seja uma boa ideia. Mas não posso ficar enjaulada nessa casa o dia todo. Ficarei louca. Que tal aproveitarmos um pouco da piscina?

Jack tomou um gole da sua xícara e considerou o risco. Iria escurecer em breve e com Anderson e Kennedy fazendo turnos para vigiar o perímetro e a guarda costeira patrulhando a costa, a ameaça para Grace seria mínima.

Ele afastou sua cadeira da mesa e se levantou. — Certo. Não vejo por que não.

— Vou me trocar e vejo você na piscina. — Ela virou e deixou a sala tão silenciosamente quanto entrara.

Jack olhou para seu relógio. Ele conjecturou que sete horas de sono era suficiente para qualquer agente. Pegou seu celular e ligou para Anderson. — Tire seu traseiro da cama. Preciso que você e o Kennedy façam uma varredura no jardim e na praia.

— Por quê? O que vocês vão fazer?

— Dar um pulo na piscina. — Ele cortou a conexão com a maldição abafada de Anderson ressoando em seus ouvidos e foi se trocar.

Quando Grace saiu da casa, ele já tinha se encontrado com Kennedy para garantir que ninguém estivesse vagando nas proximidades de Sand Dollars, e deixado uma arma debaixo da toalha, a uma curta distância da piscina.

Quando ela tirou o roupão, ele prendeu a respiração. O maiô cor de jade que ela usava agarrava-se a ela como uma segunda pele, acentuando seus seios e cintura fina. Diferente das mulheres locais, sua pele era pálida, quase um branco alabastro. Seu pulso acelerou, enquanto o olhar percorria de seu rosto até os ombros, depois se fixava nas pernas longas e bem torneadas.

As praias de Miami eram cheias de mulheres que usavam menos roupa, mas nenhuma, nem mesmo Rosa, mexia com ele como Grace. Ele a observou se equilibrar na ponta dos pés, mergulhar e nadar debaixo d'água. Ela veio

para a superfície, ajeitou os cabelos para trás e ofereceu um sorriso largo a ele.

— Vai ficar aí a tarde toda ou vai se juntar a mim? A água está quente.

Uma linha de água escorreu do pescoço dela até o triângulo de pele revelado pelo seu maiô. Jack se perguntou como ela reagiria se ele a levasse para fora da água e lambesse as gotas uma a uma. Seis meses ouvindo a voz dela em seus sonhos, imaginando como seria sentir seu corpo nu debaixo do dele já tinha sido difícil o suficiente, mas dormir no mesmo quarto e estar tão perto era uma tortura.

Com uma maldição silenciosa, ele desviou o olhar. Ceder à tentação era realmente uma má ideia e a única coisa que poderia fazer era terminar a investigação o mais rápido possível, então colocá-la em um avião para a Inglaterra e para fora de sua vida. Ele mergulhou na água turquesa, completou o comprimento da piscina, não uma, mas três vezes, e finalmente emergiu próximo a ela.

Grace não estava acostumada a ver um homem seminu e não pode evitar observar Jack em nada mais do que uma sunga que abraçavam seus quadris. Poderoso, bronzeado, bem musculoso, com um tufo de cabelo preto em seu peito, ele se movia com facilidade. Ele era tão sedutor, seu magnetismo tão forte, que sua pulsação subitamente saltou de excitação. Uma mancha rosa preencheu suas bochechas e ela esperava que ele não tivesse percebido.

Ela não conseguia desviar o olhar do rosto dele. A repentina intensidade em seus olhos a fizera sentir-se viva e enviara uma onda de calor pelo seu corpo. Sua pele ficou arrepiada; e não era pela temperatura da água.

Sem conseguir se conter, ela colocou uma mão sobre seu ombro, sentiu a coxa roçar a dele, a massagem suave enviando correntes de desejos por ela.

Sem pensar, ela roçou seus lábios nos dele. A tensão que fora construída entre eles se transformou em desejo sexual bruto. O braço de Jack envolveu sua cintura e a puxou com força para ele, moldando suas curvas suaves nos contornos de seu corpo magro. Ela sentiu seus joelhos vacilarem enquanto seus lábios encontravam os dela. O beijo passou de algo indeciso para algo primitivo e exigente no espaço de um batimento cardíaco.

Sua respiração ficou presa. Com um gemido suave, ela passou suas mãos pelo cabelo dele e o beijou com uma paixão que não sabia que possuía. Ela o queria. Queria senti-lo se render à sua suavidade até ela esquecer quem ela era e porquê estava aqui. Sensações há muito esquecidas a percorreram até que começou a tremer e sussurrar o nome dele a cada respiração

quebrada.

Jack afastou sua boca da dela.

— Grace, pare. — Ele disse sem ar. Ele encostou sua testa na dela. — Vá se vestir antes que eu jogue toda a minha boa intenção fora da piscina e faça algo do qual nós dois iremos nos arrepender.

A aspereza em sua voz quase partiu seu coração. Com o rosto ardendo, ela soltou um suspiro, atordoada demais para dizer qualquer coisa. Meu Deus, o que eu fiz?

Humilhada, ela virou e nadou para longe, para que ele não visse as lágrimas em seus olhos. Quando ela alcançou o outro lado da piscina, ele já tinha saído e desaparecido dentro da casa.

Ela flutuou de costas e olhou para o céu azul sem nuvens. Seu relacionamento com Daniel era fácil; ele era mais um amigo do que um amante. Sua relação com Jack, se ela pudesse chamar assim, era tudo menos isso. Ela se sentia confusa, uma hora ele lhe dava olhares sensuais, na outra, a afastava. No entanto, aquele beijo tinha mais emoção, mais paixão, do que os dez anos de casamento com Daniel.

O olhar no rosto de Jack fez com que se lembrasse da noite em que ela disse a ele que era casada. Decepção ou ódio? Naquele tempo, não tinha conseguido distinguir que emoção era. Mas o que presenciara agora era algo mais perturbador. Ele tinha respondido fisicamente, mas era óbvio que não compartilhava a paixão dela. De agora em diante, prometeu a si mesma, ela guardaria o seu coração até que descobrissem a verdade. Então se afastaria, fecharia a ferida e não pensaria mais nele.

Ao menos ela tentaria.

Incomodada com o pulso acelerado de seu coração, ela tentou relaxar. Quando seu corpo se recusou, começou a nadar, determinada a continuar nadando até esquecer a dor e a fome sexual que inundava suas veias.



NO ANDAR superior, Jack tirou sua sunga e entrou no chuveiro. Alcançou a torneira, virando para a água fria. O desejo com o qual lutara para conter todos aqueles meses, fervia e borbulhava dentro dele até que a necessidade física superou a razão. Ele se apoiou no azulejo e deixou a água correr sobre seu pescoço e costas.

O beijo de Grace o pegara de surpresa. Ele não a imaginara sendo impetuosa, a que assumiria a liderança do jogo sensual. Ela sempre resistira a ele, mantendo a distância, mas hoje parecia que ela tinha finalmente percebido a conexão entre eles. Sua resposta a ela tinha sido tão forte que queria despi-la e afundar-se dentro dela até o calor sexual e a necessidade fazê-los delirar. Seus sentimentos por ela eram mais profundos do que a luxúria.

Ele sabia disso.

Os dois sabiam.

A dor nos olhos dela quase foi sua ruína. Não queria magoá-la, mas foi a única maneira que encontrara para impedi-lo de aceitar seu convite. Mas isso não o impediu de se sentir tão abençoado.

Ele virou a torneira para o quente. Ele esperara seis meses para provar de seus lábios, segurá-la em seus braços; podia esperar outros seis ou o tempo que fosse necessário para resolver as coisas com a Rosa. Uma coisa era certa - não podia deixar Emília aos cuidados de Rosa, sabendo que ela se importava tão pouco com a criança. Lutaria pela custódia exclusiva, e esperava que Grace aceitasse que ele e Emília viessem como um pacote, e que o ajudasse a criar sua filha.

Mas criar a filha de outra mulher era uma grande responsabilidade. E se Grace não estivesse disposta a assumir uma família meio construída? O que ele faria? Não podia abandonar sua filha. Fechou os olhos, e expulsou a dor. Fora um idiota por permitir que seus sentimentos chegassem a esse ponto.

Ele precisava sentar e conversar com Grace, explicar sobre Emília.

Mas não ainda.

Ele saiu do chuveiro e pegou uma toalha. Ele não era um recruta. Já trabalhara com informantes antes e sabia das regras. Corresponder ao beijo de Grace foi absolutamente estúpido. Mas deixá-la com outro agente, alguém em quem ela teria que aprender a confiar, seria insano e muito mais perigoso do que a situação em que ela se encontrava agora.

Dizendo a si mesmo que ele fora um tolo por permitir que as coisas saíssem do controle, vestiu rapidamente o jeans e a camiseta, o agente estava novamente no controle. Sua prioridade era descobrir o assassino de Daniel, e manter Grace segura, não a aquecer e fazê-la desmoronar em seus braços.

Ele andou até a varanda e olhou para a piscina abaixo. Estava vazia. Seu coração deu um salto no peito. Onde diabos ela estava?

Ele sacou a arma e saiu do quarto. Estava no meio da escada quando a

porta da cozinha abriu e Grace entrou na sala. Ele respirou fundo e guardou sua arma. Ficou tão envolvido em suas emoções que não pensou no paradeiro dela.

Com uma maldição impaciente por sua própria estupidez, esperou até ela alcança-lo. Olhou para ela. Seu rosto estava emburrado, seus lábios apertados, como se ela estivesse lutando com a dor. Dor que ele causara.

— Grace, eu...

Ela endireitou seus ombros, e apertou a borda da toalha. — Não quero falar sobre isso, Jack.

— Mas...

Ela passou por ele em direção ao quarto, a dor batendo atrás dela.

Ele se encolheu, depois continuou escada abaixo até a cozinha e começou a fazer o jantar. Havia uma pilha de CDs no balcão, ao lado de um aparelho de som pequeno. Parecia que Daniel preferia ópera ao pop, mas entre a pilha havia um solitário álbum de jazz. Ele o colocou no aparelho e aumentou o volume. O som suave de um saxofone encheu o ambiente.

Estava ocupado misturando o tempero para os dois bifes que já havia amaciado, quando Grace se juntou a ele dois minutos depois. Ela carregava o bloco de anotações e o jogo Palavras Cruzadas do escritório.

— Pensei que poderíamos comer aqui. — Ele disse.

— Sim, tanto faz.

Ele bateu o punho no balcão. Ele já estava cansado de receber o tratamento frio de Rosa sem ter que aturar isso de Grace também. Ele atravessou a sala, e virou a cadeira dela para que olhasse para ele.

— Olha, Grace. Não há motivos para negar o que aconteceu lá fora. Eu admito que lidei com as coisas de uma maneira ruim e peço desculpas se eu te ofendi. Mas você não percebe que não podemos permitir que isso atrapalhe a nossa busca pela verdade?

Suas palavras sinceras a fizeram estremecer. Ela o empurrou, seus olhos azuis frios como gelo. — Eu sei que isso é só um trabalho para você. Prometo que não acontecerá novamente. Assim que a investigação acabar, estarei fora da sua vida, para sempre!

— Droga, Grace, você precisa ser tão...

— Tão humana? Tão estúpida?

— Não era isso que eu ia dizer. Eu já lhe disse que a minha vida está complicada; não vamos deixá-la ainda mais. Nós precisamos trabalhar juntos. Se acha que não consegue fazer isso, então eu pedirei ao Mike para

me substituir por outro agente. É isso o que você quer?

Grace desviou o olhar. Quando ela finalmente respondeu, sua voz era sombria.

— Eu... não.

— Nesse caso, veja se consegue entender algo daquele caderno enquanto eu faço o jantar. — Ele abriu o micro-ondas e colocou duas batatas para aquecer, depois começou a preparar a salada. Ele lançou um olhar sobre o ombro para ela. Estava sentada sobre a mesa com a cabeça nas mãos. Dor, raiva, compaixão e amor lutavam pelo controle. Mas o bom senso vencera. Se fosse até ela agora, tudo o que poderia oferecer era uma noite inteira em um emaranhado quente de lençóis, em vez da vida inteira de amor que ele desejava.

Fechou os olhos, mas isso não diminuiu sua agonia. Ele a tinha deixado de lado uma vez e pensara que nunca a veria novamente. Dessa vez ele sabia que a perdera por um bom motivo. Ele acendeu a grelha e colocou os bifes por cima. Ele era um agente. Era obrigado e a ser frio e emocionalmente indisponível. Isso era parte do trabalho. Ele sempre achara que as palavras o descreviam perfeitamente.

Virou os bifes e verificou as batatas, então destampou a garrafa de vinho tinto que encontrara na garagem. Colocou uma taça na frente dela e tentou ignorar a tristeza em seus olhos.

— Tendo alguma sorte?

— Alguma. O único dígito que precede cada entrada. — Ela apontou para a página. — E se você escrever as letras como um número - "A" é um, "B" é dois, e assim por diante. Você acha que isso pode significar outra conta bancária.

Sem pensar, Jack descansou sua mão sobre o ombro dela enquanto contava as letras. Nove. — Pode ser. Ou pode ser o número que a ABA, Associação de Bancos Americanos, dá para as instituições financeiras por aqui. Se for isso, então o Departamento pode descobrir que banco é, mas nós ainda precisaríamos do nome do titular da conta ou do número dela. Os bifes já devem estar prontos. Vou pedir para o Mike verificar e ver se você está certa.

— Percebeu — Grace disse quando terminaram de comer — como as consoantes são intercaladas em grupos de três por toda a página.?

— Sim, o que você acha?

— Eu acho que elas representam países ou aeroportos nesses países.

Olha aqui, — seu dedo traçou uma linha pela página. — LHR é o código para London Heathrow. E esse MAD, — ela disse, traçando a página mais uma vez. — é Madri. Só sei porque vi nas malas da Catherine quando ela voltou de uma viagem ao exterior. Mas eu não sei o que são as outras.

Jack olhou para a página. Agora que Grace tinha feito a conexão, ele viu os códigos para quatro outras cidades, Cidade do México, Frankfurt, Miami, e AUA de Aruba.

— Se o Daniel estivesse movimentando dinheiro sujo pela Europa e Américas, ele poderia programar transferências bancárias, só que ele teria que ir até lá para configurar as contas. Mas o passaporte dele só tinha vistos de entrada nos EUA.

— Não há mais controle de fronteira nos países da União Europeia, portanto o seu passaporte não é mais carimbado na entrada. Tem mais uma coisa me incomodando também.

— É mesmo?

— Pete Jacobs me chamou de Sra. Lattide, mas nem o Sr. Parous, nem o Sr. Cody no banco chamaram, só que o Sr. Cody disse que já me conhecia. Mas o Jacobs só conhecia o Daniel pela sua outra identidade.

— Jacobs deveria estar envolvido no esquema ou os dois sabiam de onde o dinheiro vinha e quem estava administrando.

— Mas eu não entendo por que o Daniel não usou o nome Lattide quando comprou a casa.

— Talvez Lattide e Elliott sejam nomes falsos e o Daniel tinha outro passaporte com outro nome. Isso é muito fácil de conseguir se souber como.

Grace levou seu prato até a lavadora de louças e o colocou dentro, então ligou a cafeteira. Ela se virou e olhou para Jack.

— Se o Daniel tinha um terceiro passaporte, ele o guardava em algum outro lugar. Depois do acidente, o Shaun limpou as coisas do escritório dele e me trouxe todos os seus pertences pessoais. Eu olhei tudo, e eu estou te dizendo que não havia mais nada.

— E o conteúdo do carro dele?

— A polícia devolveu a pasta e o Macbook depois do inquérito. Mas, estava faltando o celular dele.

— O Daniel tinha um notebook?

— Sim, e daí?

— Você examinou os arquivos, o calendário? Havia algo que indicava que ele estava planejando alguma coisa?

— Eu... eu não sei. Não consegui acessar.

Jack lhe lançou um olhar penetrante. — Por que não contou isso antes? Isso poderia ter nos poupado muito tempo.

— E como eu saberia? Presumi que tivesse sido danificado no acidente.

— Onde ele está agora? — Ele levantou a mão quando ela começou a falar. — Não fale, deixa eu adivinhar, está na sua casa na Inglaterra.

— Na verdade, está lá em cima na minha mala. Mas estou dizendo que é inútil.

Jack reprimiu uma maldição impaciente. — Vá lá e pegue. Pode ser somente a bateria que acabou. Se não, eu posso enviá-lo para a equipe técnica do Departamento. Eles vasculharão o disco rígido. Se houver algo que valha a pena, eles encontrarão.

Jack terminou de empilhar louça na máquina de lavar enquanto esperava Grace voltar. Ele não podia culpá-la por pensar que o notebook do Daniel era inútil.

— Você já viu o Daniel usando isso? Ele usava uma senha? — Ele perguntou quando ela lhe entregou o notebook.

— Eu não faço ideia. Eu entrei no escritório dele uma vez quando ele estava trabalhando... — Ela estremeceu conforme a imagem daquela noite se formava em sua mente. Inconscientemente, ela esfregou a bochecha. — Mas ele me expulsou e disse para eu nunca entrar lá novamente. Ele não deixava nem eu levar uma xícara de café para ele.

Jack colocou o Macbook sobre a mesa. Estava arranhado e danificado. Ele não tinha muita esperança que isso funcionasse, mas pressionou o botão de ligar de qualquer forma. Uma das luzes de LED acendeu rapidamente e depois apagou.

— É. Está totalmente sem bateria. Vou levar para Miami amanhã, depois de falarmos novamente com o Jacobs. Um dos caras da tecnologia pode conseguir fazer funcionar.

Ele colocou café dentro da cafeteira e a encheu com água quente, exatamente no momento em que alguém batia na porta da cozinha. Sua mão puxou a arma rapidamente e liberou a trava de segurança. Incerta, Grace o olhou. Ele sacudiu a cabeça, sinalizando que ela deveria se afastar da mesa.

— Tranque-se no quarto e fique lá até eu ir te buscar.

Incapaz de falar, Grace assentiu com a cabeça e correu escada acima.

Com a cautela adquirida com os anos de experiência, Jack deu um passo para a lateral da porta e girou a chave com a mão esquerda. A maçaneta girou

e a porta abriu. Um homem entrou na cozinha, os braços afastados do corpo.

— Essa é uma maneira fácil de ser morto. — Jack disse, guardando sua arma.

Anderson assobiou entre os dentes. — Pois é. Quem pensou que fosse? — Anderson, um homem alto com os cabelos clareados pelo sol, tinha o corpo e os olhos cansados de um lutador. Suas roupas eram típicas da Flórida - camiseta lavada e shorts de calças cortadas. — Cadê a viúva? Eu vi que ela é realmente gostosa. Você já está dormindo com ela?

— Cuidado com a boca, Anderson. — Jack respondeu. Olhou para o agente. O tom frio em sua voz mal escondia o seu desprezo. Pegou a cafeteira e se serviu de uma xícara.

— Suponho que não tenha o suficiente para outra xícara no bule?

Jack não se moveu. — Você supôs certo. O que é tão importante que teve que arriscar arruinar o seu disfarce? — Anderson era um agente decente o suficiente quando não estava pisando nos outros para crescer, o que acontecia na maioria das vezes.

— Eu andei fazendo umas perguntas. O assunto na rua é que o Pete Jacobs está preocupado com dinheiro. Sua esposa pediu o divórcio em maio e recebeu a custódia provisória do garoto. Desde então, Jacobs tem lutado para sobreviver. — O olhar de Anderson pousou sobre o caderno aberto sobre a mesa.

Jack o fechou. — E a casa da família?

Jacobs está atrasado nos pagamentos. O banco ameaçou executar se ele não pagar o que está atrasado e a dívida do seu negócio. Ele a colocou à venda há três meses, mas até agora nenhum comprador. O corretor sugeriu que baixasse o preço, mas ele recusou. De acordo com os registros no tribunal, ele também está atrasado no pagamento da pensão alimentícia.

— E quanto ao escritório e o hidroavião?

— O escritório é alugado por mês. O hidroavião é o único ativo que ele tem. Ele se deparou com a FAA, a Administração Federal de Aviação, há alguns meses. Eles dizem que ele não apresentou um plano de voo, mas Jacobs discordou e disse que enviou o documento necessário, mas nunca foi recebido devido a um mal funcionamento no computador. A associação se recusou a aceitar a explicação e o multou em mil dólares.

— Algum histórico de uso de drogas?

— Ele não está no radar da agência antidrogas, mas isso não significa que esteja limpo. De acordo com uma fofoca local, ele é especialista em

fretamento, principalmente para pescadores, turistas e ocasionalmente casais em lua de mel. Embora o rumor que corre pela ilha é que ele voa para qualquer lugar por dinheiro.

— Verifique com a Receita Federal. Descubra se ele declarou os impostos e se deve algo. Enquanto isso, é melhor você ir e se juntar ao Kennedy. — Jack disse.

— O Kennedy pode se virar. Ele está lá na praia, vigiando um grupo de adolescentes. Eles estão fazendo um churrasco com algumas cervejas. Duvido que causarão problemas.

— Mesmo assim, Anderson, eu quero você lá fora, fazendo o seu trabalho.

— Mas tem uma tempestade chegando. É provável que nada aconteça.

— Você não tem como saber. Agora leve seu traseiro de volta para lá.

A boca de Anderson se comprimiu em uma linha fina. Ele encarou Jack por um momento, depois se virou e saiu.



Capítulo Quatorze

CIDADES PEQUENAS deixavam Sergio Vasquez nervoso. Ele preferia trabalhar no anonimato da cidade. Lá, ele poderia esconder-se em um beco escuro, longe dos olhares curiosos. Aqui na ilha Gasparilla se sentia exposto, como se todos soubessem o porquê de ele estar aqui, e o crime que estava prestes a cometer.

Roubar um carro e chegar na ilha foi fácil. Ele pegou um ônibus para o aeroporto e caminhou pelo longo estacionamento procurando por um veículo adequado. Nada muito chamativo, apenas algo que não pareceria deslocado em uma ilha cheia de andarilhos e milionários. No terceiro nível, ele viu um modelo Saab conversível preto. Ele roubava carros desde que tinha idade o suficiente para alcançar o acelerador. Naquela época, ele levava quase meia hora para realizar um roubo. Hoje, precisava de menos de dois minutos para usar um pé-de-cabra na fechadura e conseguir entrar.

Uma rápida busca no porta luvas revelara que o proprietário tinha convenientemente deixado o ticket do estacionamento para ele. Dessa vez, ele não precisaria criar uma desculpa para dizer ao atendente que perdera o ticket. Estava bem ali na sua mão. Ele beijou o ticket e fez o sinal da cruz sobre o peito, sempre grato à Virgem Santa por sua sorte.

Uma vez fora do aeroporto, levou o carro até um terreno baldio, trocou a

placa por uma que roubara de uma velha picape surrada uma hora antes e dirigiu, dentro da velocidade permitida para não chamar muita a atenção, até Boca Grande. O carro amava a estrada. Ele não ligava muito para a marca Saab, mas precisava admitir que esse era um modelo que deveria roubar para si mesmo algum dia.

Com cerca de quatro quarteirões quadrados, e localizada no meio da ilha, a pequena comunidade residencial de Boca Grande estava agitada com as atividades. Ele estacionou o carro em uma rua lateral próxima ao centro e andou pelas ruas arborizadas. Todas as casas eram elegantes, os jardins cheios de plantas floridas. Não havia arranha-céus ou semáforos. Sem barulho de buzinas para perturbar os idosos que dormiam em paz em cadeiras de balanço nas varandas.

Vasquez pegou uma cópia do jornal local, o Boca Beacon, junto com um mapa das ruas, na bancada do lado de fora dos correios. Atravessou a rua para o restaurante local, e pediu um bife mal passado com molho de pimenta e batatas fritas e uma garrafa de cerveja. Enquanto esperava seu pedido ser preparado, analisou o mapa, memorizando a disposição da cidade. Comeu a refeição lentamente, só deixando o restaurante no final do dia quando este fechou.

O ar dentro do Saab estava quente e seco. Vasquez abaixou a janela e ligou o ar condicionado no máximo. Dirigiu vagarosamente pelas construções. Nenhuma luz brilhava dentro delas. Virou à esquerda no cruzamento e continuou por alguns blocos, antes de estacionar debaixo dos ramos de uma árvore Banyan. Ele se sentou, observou a rua, e ouviu o silêncio.

Nenhuma cortina se fechou. Nenhuma porta abriu, e nenhuma luz acendeu.

Satisfeito que, se alguém viu ou ouviu sua chegada, a pessoa não se importou, ele pegou a bolsa de ginástica do banco do carona e saiu do carro.

Vestido todo de preto, caminhou com confiança pelas avenidas arborizadas, seus passos silenciosos na calmaria da noite. De repente, uma porta se abriu, o banhando em luz. Um homem de meia-idade em forma de barril apareceu na varanda, dois poodles latindo freneticamente em seu calcanhar. Vasquez se abaixou e fingiu amarrar um cadarço. O homem parou por um momento enquanto os cachorros giravam para fazer suas necessidades na calçada, e então olhou para ele.

Um batimento cardíaco. Dois batimentos cardíacos.

Vasquez não podia amarrar seu cadarço por muito tempo. Poderia matar o homem se precisasse, mas isso seria uma bagunça. Além disso, ele gostava de cachorros. Não gostaria de apagar o dono deles ali mesmo no quintal. Eles poderiam latir, e então ele teria que usar sua arma preta lustrosa com silenciador neles também. Isso seria uma pena.

Ele se levantou e fingiu atender uma chamada no celular. O homem dos cachorros continuou parado. Estaria observando-o? Então, de repente, o homem bateu palmas, e os vermezinhos voltaram correndo para dentro da casa. O dono os seguiu. Agradecendo novamente à Virgem pelos pequenos favores, Vasquez continuou seu caminho.

Suas instruções eram muito específicas; cuidar do alvo e então voltar para Miami. Vasquez pensou sobre isso enquanto analisava as casas ao redor. A maioria parecia vazia, residências secundárias ou de aluguel, e em um bairro tão tranquilo que seria fácil passar despercebido por uma calçada. Velhos hábitos eram difíceis de esquecer, mas furtos insignificantes era um jogo para amadores, não de um profissional experiente como ele.

Caminhou rapidamente pelas ruas desertas, mas não rápido o suficiente para chamar a atenção, caso alguém olhasse pela janela. Ele olhou para trás em direção à casa do homem com os cachorros. Nada. Ótimo.

Virou à direita no cruzamento. O prédio alvo permanecia na escuridão. Vasquez sorriu. Andarilhos eram previsíveis; quase todos iam para cama antes das dez horas. Apesar de suas apreensões anteriores, talvez trabalhar em uma comunidade tão pequena não fosse tão difícil, afinal.

Um intrincado portão de ferro forjado e uma fechadura igualmente impressionante estavam entre ele e os fundos da propriedade. Depois de verificar rapidamente se ninguém estava olhando, ele tirou uma máscara de esqui da bolsa de ginástica, colocou sobre a cabeça e saltou sobre o portão como um gato, pousando silenciosamente do outro lado.

Esperou. Escutou. Mas não havia nada além de silêncio.

Certo de que os ocupantes da casa estavam dormindo tranquilos, ele seguiu pelo caminho até a parte traseira da construção. Passou por algumas janelas e uma porta lateral.

Uma brisa leve balançava as árvores. Sob a máscara, a pele de Vasquez coçava e pingava de suor. No final do prédio, ele parou. Amarrado a uma doca de concreto, a menos de cinquenta metros, e iluminado por uma luz solitária, estava um hidroavião monomotor.

Uma onda de adrenalina encheu seu corpo. Ele pegou um par de luvas

de borrachas pesadas da bolsa e as colocou. Levou apenas alguns segundos para abrir o painel de serviço e cortar a alimentação de energia, mergulhando a doca e a área em volta em uma semiescuridão.

Sorriu sob a máscara de esqui. Isso era quase fácil demais, mas ele era muito profissional para ser complacente. Trocou o par de luvas pesadas por um par leve, gentilmente passando o látex fino pelas palmas das mãos suadas.

Vasquez contou até cinquenta. Satisfeito que a perda repentina de energia não atraíra atenção, correu pela doca em direção ao hidroavião. Jogou a bolsa na doca, pegou uma pequena lanterna e então, usando a asa como cobertura, pisou na boia. Quando o avião afundou levemente sob seu peso, ele não se preocupou.

Equilibrando-se na boia, e guiado apenas pelo raio de luz estreito, ele avançou em direção à hélice. Soltou as três travas da capota do motor e as travas do pino. Quem quer que cuidasse da manutenção do avião tinha feito um bom trabalho, pois as dobradiças se abriram suave e silenciosamente. Vasquez apoiou a lanterna emborrachada sobre o topo da bateria e alcançou cegamente o compartimento do motor. O medo de ser descoberto, combinado com a leve oscilação do avião e o cheiro do combustível queimava em seu estômago. Ele engoliu em seco e tentou manter as mãos firmes.

Concentre-se. Concentre-se.

A pequena chave deslizou de seus dedos, o barulho reverberando na quietude.

Ele congelou.

Em algum lugar à sua direita, um cachorro latia. Se os proprietários perceberam, eles não se incomodaram. Amaldiçoando sua falta de jeito, ele mudou de posição e procurou pela chave. Ela estava em algum lugar. Ele sabia disso. Finalmente, seus dedos a tocaram, mas não conseguia pegá-la. Ele se esticou até ficar na ponta dos pés. A boia afundou, submergindo seus calcanhares na água gelada. *Coño*! Com a mão esquerda, ele agarrou a borda da fuselagem e se ergueu até conseguir alcançar e pegar a chave. Com seu corpo escorregadio de suor e tremendo pelo esforço, ele trabalhou rapidamente, ciente de que seu tempo e sua sorte estavam perigosamente perto de acabar.



Capítulo Quinze

À MEIA-NOITE, uma tempestade veio lentamente do Golfo do México e se estabeleceu sobre a Ilha Gasparilla, exatamente como os meteorologistas previram. Grace estava deitada na cama e ouvia a chuva batendo contra as janelas. Ela amava tempestades - algo na violência e na calmaria e frescor resultantes a fascinava. Era como se a Mãe Natureza estivesse se renovando de uma maneira não tão sutil. Um trovão soou pela casa como um solo lento de bateria. Um flash de relâmpago iluminou brevemente o rosto de Jack enquanto ele dormia na cama do outro lado do quarto. Ele se mexeu brevemente, e então ficou completamente imóvel, sua respiração mais uma vez profunda e ritmada.

Grace socou o travesseiro e rolou de costas. Um leve suspiro saiu de seus lábios enquanto pensava em sua vida. Ela estava diferente agora. A morte de Daniel a deixara mais forte, mais determinada a ser ela mesma, e não somente a esposa ou irmã de alguém.

Desde o primeiro momento em que se conheceram, ela fora arrastada pela autoconfiança e determinação de Daniel em conseguir o que queria, para refletir sobre suas próprias necessidades e desejos. Ela era jovem e ansiosa demais para oferecer um lar estável para Catherine quando se apaixonou por ele, para perceber que, debaixo de todo aquele charme, ele era um

controlador arrogante e manipulador.

Um relâmpago iluminou o quarto novamente. Ela se virou para olhar para Jack, seu perfil turvo na estranha luz. Ele era tão diferente de Daniel, e a fez compreender o tipo de amor que pode existir entre um homem e uma mulher. Seu olhar continha uma promessa de calor sensual e segredos eróticos a serem compartilhados. Ela estava totalmente despreparada para as emoções que o único beijo entre eles desencadeou dentro dela, o lento e doce esquecimento que fez o resto do mundo desaparecer.

A tempestade acabara, mas para Grace era impossível dormir. Ela virou novamente, e deliberadamente expulsou Jack de sua mente, preferindo se perguntar se Olivia já teria tido o bebê. Mas pensar em bebês levava sua mente novamente para Jack e a fazia questionar o porquê de ele não contar a ela sobre sua esposa e filha.

Do lado de fora, palmeiras balançavam com a brisa prolongada, um filete do luar penetrava através da abertura das cortinas. Quando suas pálpebras ficaram pesadas pelo sono, foi com Jack que sonhou, e não com Daniel.

Na manhã seguinte, as evidências de violência da tempestade espalhavam-se por todo o lugar. Dois grandes vasos de plantas haviam despejado seu conteúdo no deque, folhas e ramos de palmeiras cobriam as trilhas.

Grace olhou para a piscina, a superfície coberta de brácteas cor-de-rosa das buganvílias.

— O jardim está uma bagunça. Levará meses para reconstruir. — Ela pegou uma rosa caída e jogou a flor machucada e rasgada no lixo.

— Foi só uma tempestade tropical, — Jack respondeu enquanto a seguia pelo jardim até o carro. — Você deveria ver o estrago depois de um furacão.

— Prefiro não ver. Acha que o Pete Jacobs vai arriscar voar com este tempo?

— Aqueles aviões são robustos, mas acho que vai depender do tipo de certificado.

A viagem para a cidade levou apenas alguns minutos. O restaurante local, normalmente agitado com a multidão durante o almoço, estava quase vazio, com muitos turistas preferindo permanecer do lado de dentro.

Conforme eles dirigiam pela Rua Bayou, passando pelo cais público da ilha, Grace vislumbrou um hidroavião branco com listras vermelhas, taxiando lentamente em direção ao mar aberto.

— Aquele não é o avião do Jacobs?

Jack desacelerou apenas o suficiente para se inclinar e espiar pela janela do carona. — Parece que sim. Ele provavelmente reabasteceu na marina e está voltando para o cais para pegar os passageiros.

Grace continuou a observar o avião. O leme sacudiu de um lado para o outro. As asas abaixaram.

— Acho que você está errado. Acho que ele está se preparando para decolar.

Jack olhou rapidamente para o mar. Havia uma ligeira ondulação, mas nenhuma onda alta. Ele pisou no acelerador e seguiu para o terreno vazio ao lado da ponte na Rua Harbor. Milésimos de segundos depois, o Explorer parou, derrapando em uma nuvem de poeira. Grace abriu a porta e pulou do banco do carona antes de Jack puxar o freio de mão. Ela atingiu o chão e correu em direção à margem da água.

Mas era tarde demais.

Quando o hidroavião alcançou o mar aberto, Jacobs, claramente visível atrás do para-brisas, pisou no acelerador. O barulho do motor aumentou, o avião ganhou impulso, um pequeno rastro se formando sob as boias. Quando o bico inclinou para cima, as boias levantaram-se da água, e o avião subiu graciosamente no ar. Grace protegeu os olhos e observou-o ganhar altitude e depois inclinar-se para a direita.

De repente, uma luz ofuscante estourou no compartimento do motor. Um instante depois, a fuselagem destruída por uma explosão estrondosa transformou o pequeno avião em uma bola de fogo. O abalo reverberou no ar até desaparecer ao longe como um trovão. Pelicanos e gaivotas aterrorizados levantaram voo em uma massa marrom e branca que girava e gritava.

Imóvel, Grace assistiu parte de uma asa cair em espiral e colidir com o mar, logo seguida por uma parte da calda. Jack correu pelo terreno baldio, jogou-a no chão e protegeu seu corpo com o dele, enquanto pedaços do hidroavião caiam do céu.

Por alguns segundos, um silêncio tenso preencheu o ar.

Então, as pessoas começaram a sair de suas casas e da pousada local para observar o metal retorcido e carbonizado e o combustível em chamas que flutuava no oceano. Ao longe, a sirene de um caminhão dos bombeiros soava.

— Nós... precisamos... — Ela engoliu em seco, lutando contra o medo e concentrando-se em respirar, seus ouvidos ainda zunindo por causa da

explosão.

Jack ajudou Grace a se levantar e limpou a sujeira do rosto dela. Ela tentou se afastar, mas ele a segurou.

— Calma, Grace. Não há nada que podemos fazer.

— Mas... — Ela se virou para encarar o oceano, a superfície ardendo em chamas.

— Grace, não. — Ele pegou o rosto dela com as duas mãos, forçando-a a olhar para ele. — Ninguém poderia ter sobrevivido àquela explosão, muito menos Pete Jacobs.

Horrorizada e desamparada, ela começou a tremer. — Você... você acha que foi um acidente?

— Embora seus negócios estivessem com problemas financeiros, Jacobs era muito responsável com a manutenção. Eu não sou um especialista, mas eu diria que era algum tipo de dispositivo explosivo.

Grace sentiu a cor esvaindo-se de seu rosto. As palavras de Jack rasgaram seu coração. Ela fechou os olhos, mas não conseguia afastar a imagem do avião em chamas. Ela sentiu o mundo girar, seus joelhos dobraram. Lágrimas rolaram de seu rosto.

— Meu Deus! Jacobs. Parous. Eles ainda estariam vivos se eu tivesse ficado na Inglaterra e vendido a casa. — Ela cobriu a boca com as mãos para impedir que um grito escapasse.

— Jacobs sabia no que estava se metendo, e eu tenho certeza que o Elliott também. E se você tivesse vendido a casa, quem quer que esteja por trás do esquema ainda viria atrás de você.

Ela estava prestes a responder, só que ele estava certo. Mas isso não a impedia de se sentir culpada.

— Eu não posso mais fazer isso, Jack. Eu não posso ser responsável por mais nenhuma morte.

— Nada disso é culpa sua, Grace. Sabe disso. Eu sei que está tendo dificuldade em acreditar nisso agora, mas é a verdade. Foque no que realmente importa, levar o assassino do Elliott até a justiça antes que você se torne a próxima vítima. Vamos sair daqui.

Grace dormiu o caminho desde Boca Grande até Miami. Sentindo-se vazia e esgotada, o cansaço instalava-se em círculos escuros debaixo dos olhos. De vez em quando, um gemido escapava de seus lábios e seu corpo tremia, enquanto ela revivia as imagens e sensações das últimas horas.

Jack ignorou o limite de velocidade e dirigiu pela pista esquerda da

rodovia. Uma vez em Miami, ele adequou a velocidade ao trânsito pesado, onde todos os motoristas lutavam para se posicionar no caos habitual.

Despertada da dormência que pesava sobre ela; Grace bocejou e olhou pela janela para os arranha-céus que brilhavam ao sol da tarde. Ela se sentia quente e suja, e ansiava por um banho para limpar seu corpo e sua alma da morte e da mentira em que sua vida havia se tornado.

— Pensei que você estivesse dormindo — Jack disse.

— A mudança de velocidade me acordou. Onde estamos? — ela perguntou, endireitando os ombros e penteando os cabelos desgrenhados com os dedos.

— A uns cinco minutos do prédio do Departamento.

As mãos de Grace cerraram-se.

— Não se preocupe. O Mike não vai culpá-la pela morte do Jacobs.

A cabeça dela girou para encará-lo. — Como pode ter certeza?

— Porque ele é um bom agente. Ele examina os fatos, todos eles, antes de fazer um julgamento.

Grace o encarou por um longo momento. Nada do que ele disse a fez se sentir melhor.

Ele dirigiu para o estacionamento reservado aos funcionários e tirou sua identificação da calça jeans e colocou o distintivo no bolso da camisa.

— Pronta? — ele perguntou a Grace enquanto entravam no prédio.

— Você faz parecer que estou prestes a ser presa.

Jack sorriu. — Não fique assustada. O Mike apenas irá te fazer mais algumas perguntas. Só seja honesta com ele.

— Eu fui honesta com ele e olha o que aconteceu. Não há mais nada que eu possa dizer a ele, Jack.

Ele pegou a mão dela e deu um aperto tranquilizador. — Não há motivo para se sentir apreensiva.

Eles encontraram Mike Zupanik em seu escritório, mas ele não estava sozinho. — Jack. Grace. Sentem-se. Eu pedi ao agente Diego para se juntar a nós. Ele tem algumas informações interessantes.

— Mike, você precisa saber que Pete Jacobs morreu esta manhã.

— Meu Deus, Jack. Como isso aconteceu?

— O avião dele explodiu ao decolar, e isso não pareceu ser um acidente.

— Por que você diz isso?

Nós estávamos lá.

Mike dirigiu sua atenção a Grace. — Parece que as pessoas têm o hábito

de morrer depois de encontrarem você. Me faz pensar se você não veio até aqui para limpar quem está por trás desse esquema.

Grace levantou-se de um pulo. O olhar em seu rosto dizia que ela estava assustada.

E com raiva.

— Como ousa me acusar de... do que exatamente você está me acusando, Sr. Zupanik?

Mike encarou seu olhar gélido. — Sente-se, Grace. Eu apenas fiz uma observação, isso é tudo.

Grace olhou para Jack, mas sua expressão era indecifrável. Ela teria pedido por sua ajuda, mas não precisava se sentar ali e ser insultada pelo chefe dele. Ela podia ir embora na hora que quisesse.

Ou não?

Imagens do avião de Pete Jacobs queimando preencheram sua mente. Se ela fosse embora agora, sua morte permaneceria em sua consciência pelo resto da vida. Ela afundou na cadeira e enterrou o rosto nas mãos. Precisou de alguns minutos para se recompor. Quando ela levantou a cabeça, encontrou Mike Zupanik a encarando com uma frieza impassível.

— As mortes de Parous e Jacobs não foram apenas uma coincidência.

— Explique, Jack.

— Há três possibilidades. Ou Grace foi seguida até aqui por alguém que está preocupado que Parous e Jacobs pudessem abrir a boca, então está enviando um aviso a quem mais está envolvido, ou alguém dentro do Departamento está vazando informações.

Mike olhou para Diego. — Já temos os relatórios de passageiros das companhias aéreas?

Diego negou com a cabeça. — Ainda estamos esperando que elas nos enviem.

— Então comece a pressionar. Eu os quero na minha mesa em até vinte e quatro horas. Enquanto isso, nada do que dissermos aqui pode sair dessas quatro paredes. Entendido? Agora, Diego, por que não atualiza Jack e Grace com o que descobrimos até agora?

Diego consultou suas anotações. — Até oito meses atrás, Lionel Lattide não existia. Não há nenhum registro de propriedade ou imposto, e ele nunca teve uma carteira de motorista. Eu estou esperando o retorno dos bancos com informações sobre alguma conta que ele pudesse ter. E até agora, não há nenhum registro de que ele possuísse um número de celular.

— Então o passaporte é falso — Jack disse.

— Muito provável — Diego respondeu. — Mas as informações no passaporte do Elliott são legítimas, mas aqui está o interessante. Ele morreu quando tinha apenas seis meses de idade.

— Isso é impossível, está mentindo — Grace gritou. Um medo feroz desceu por sua espinha. — Eu já vi fotografias do Daniel com os pais quando criança.

— Eles poderiam ser os pais dele, mas o nome não era Elliott. As autoridades britânicas compararam a certidão de nascimento do Elliott apresentada junto ao requerimento do passaporte com certidões de óbitos e descobriram que Daniel Elliott morreu em fevereiro de 1971.

Diego entregou alguns papéis a Grace. Ela sabia que sua mão estava trêmula, mas não havia nada que pudesse fazer. Ela leu cuidadosamente o conteúdo, não uma, mas duas vezes.

— Então eu não entendo como o passaporte dele pode ser autêntico.

— É uma estratégia comum entre os criminosos. Eles vasculham os cemitérios até encontrarem a lápide de uma criança que morreu com apenas alguns meses de vida. Eles solicitam uma cópia da certidão de nascimento. Depois de receberem, eles podem solicitar um número de seguro social, carteira de motorista, passaporte – qualquer coisa para fazê-los parecer serem cidadãos de boa reputação — Jack explicou.

Mordendo o lábio, Grace desviou o olhar. Jack confirmara o que ela já suspeitava. Seu casamento, como tudo em sua vida nos últimos dez anos, não era nada além de uma mentira. Quando ela virou e olhou para os três homens na sala, nenhum deles mencionou o rastro de lágrimas em seu rosto.

— Se Daniel Elliott era outro nome falso, então quem era meu marido?

— Nós não sabemos — Mike respondeu. — O que me leva a próxima pergunta: Você identificou o corpo do Elliott depois do acidente?

Grace estremeceu. — Ele estava quase desfigurado, então o Shaun, sócio dele, fez isso.

— Alguma chance de ele ter se enganado?

— O Daniel e o Shaun eram sócios. Trabalhavam juntos há mais de dez anos. Além disso, a pasta do Daniel foi encontrada no carro, junto com a carteira dele.

— Isso não significa que o corpo no carro era o dele.

Desconcertada, Grace cruzou os braços e desviou o olhar. — Mas se não era o Daniel, então quem era?

— Isso é o que a polícia britânica está prestes a descobrir. Eles emitiram uma ordem de exumação.

Quase incapaz de conter seu suspiro de surpresa, Grace virou para Jack. — Você sabia disso?

A mão de Jack fechou-se sobre a dela, seu dedão acariciando a pele de seu pulso.

— Não. Mas faz sentido. É a única maneira de descobrir a verdadeira identidade do Elliott.

Grace queria rebater. Mas não podia. — Acha que a ordem vai ser atendida?

Mike relaxou. — Eu acho que há evidências o suficiente.

— Nesse caso, me diga o que precisa que eu faça — Grace respondeu.

— Nada, nós nem mesmo precisamos da sua permissão, Grace. O encarregado pode identificar o corpo, então você não precisa estar presente. O patologista irá colher amostras de DNA para a análise, e depois comparar com o banco nacional e internacional de amostras. Isso poderá nos dizer quem o Elliott realmente é e se ele tinha algum registro criminal anterior.

Jack entregou a Mike a sacola de papel que continha os restos dos cigarros. — Isso pode ajudar. Eu os encontrei na lixeira do escritório do Elliott. Talvez seja possível extrair o DNA da saliva para identificar o fumante.

Mike recostou-se em sua cadeira. — Acho que vale a pena tentar. O que mais você tem para nós, Diego?

— Elliott fazia ligações regulares para a *Parous e Associados* tanto do escritório na Inglaterra quanto da casa na ilha Gasparilla. Ele também ligava para o *Banco First Apopka* toda primeira quinta-feira de cada mês. Suas ligações eram direcionadas pela central telefônica então não temos ideia de com quem ele falava, mas meu palpite vai para o Cody, o cara que gerenciava sua conta.

— E as ligações para o escritório do Parous? — Mike perguntou.

— Ainda estamos verificando os números — respondeu Diego. — Parous tinha o hábito de jogar e frequentava o Golden Dollar, que pertence a José Mendez. A informação da rua é que o Mendez faz parte do alto escalão da família Fuentes, mas não conseguimos confirmar isso.

— O Parous devia algum dinheiro?

— Poucos milhares. Eu verifiquei com a Ordem dos Advogados, um de seus clientes fez uma queixa recentemente sobre apropriação indébita de

fundos. O caso foi arquivado por falta de provas.

Mike inclinou a cabeça para Jack. — Você quer acrescentar algo?

— O MacBook do Elliott, e uma lista dos clientes dele — Jack o colocou sobre a mesa, junto com uma cópia do fax recebido da secretária do Daniel. — Grace não conseguiu fazê-lo funcionar. A bateria morreu.

— Diego, leve isso para o time responsável pela análise de computadores. Vamos ver se eles conseguem recuperar alguma coisa do disco rígido. Mais alguma coisa que precisamos saber?

— Eu encontrei um caderno no cofre, mas está escrito em algum tipo de código. Grace tem algumas teorias sobre o que está escrito, mas eu gostaria de ficar com isso por enquanto.

— Alguma razão em particular?

— Cedo ou tarde alguém virá atrás disso.

— Nesse caso, vamos fazer uma cópia e deixar o resto da equipe trabalhar nele. Depois eu quero que você e Grace voltem para a ilha ainda hoje.

Jack e Grace levantaram-se para sair. Não tinham nem alcançado a porta, quando Mike chamou. — Diego, leve a Grace para tomar um café. Eu preciso ter uma palavrinha em particular com o Jack.

Grace olhou rapidamente para Jack, como se buscando seu consentimento. Quando ele não se movimentou, ela seguiu Diego para fora da sala.

Mike esperou até que a porta fosse fechada atrás deles. — Vá ver a Rosa antes de deixar Miami.

— Não temos tempo, não se você quer que estejamos em Sand Dollars hoje à noite.

— A Chrissie ligou para o seu apartamento. Ela está preocupada com a Emília. Acho que a Rosa não está indo muito bem sozinha.

— E você acha que me ver vai fazer alguma diferença?

— Não pode causar nenhum mal.

— Eu não sei, Mike. Nós não nos despedimos em bom ânimo, e se Rosa souber sobre Grace ela vai surtar. Eu nem sei o que ela poderia fazer.

— Então deixe a Grace aqui. Diego pode distraí-la um pouco. Apenas uma hora, Jack, é tudo o que eu estou pedindo, senão eu terei que tirá-lo da investigação.

Jack olhou para a parede sobre a cabeça do Agente Especial em Comando, suas sobrancelhas apertadas em uma careta. Emília era sua filha,

sua responsabilidade. Grace precisava da sua proteção. No entanto, ele não podia deixar Emília com uma mulher que quase não se importava com o bem estar dela.

— Tudo bem, Mike. Eu vou ver a Rosa.



Capítulo Dezesseis

A SALA de estar do apartamento parecia o interior de uma casa de crack abandonada. Pratos com restos de comida congelada cobriam todas as superfícies possíveis. Garrafas e copos espalhados pelo chão, o conteúdo todo consumido ou derramado, cinzeiros transbordando. Jack abriu uma janela e caminhou através dos escombros até a cozinha. Panelas e pratos sujos empanturravam a pia. Ele torceu o nariz com o forte cheiro de comida podre que vinha da lata de lixo transbordante.

— Rosa!

Quando ela não respondeu, ele caminhou pelo corredor até o quarto. O ar cheirava a mofo. Uma garrafa vazia de tequila e um sanduíche pela metade estavam sobre a mesa de cabeceira. O edredom formava uma pilha emaranhada com os travesseiros na cama. A porta do guarda-roupa estava aberta, com as roupas espalhadas pelo chão.

Com o coração acelerado, ele correu pelo corredor até o quarto da bebê. A porta estava fechada. Os músculos de seus bíceps endurecem sob sua camisa conforme ele girou a maçaneta e entrou correndo.

Um choro abafado vinha do berço.

Emília estava deitada de costas, seu rosto enrugado e pálido de tanto chorar.

Sozinha.

— Ai meu Deus! — ele murmurou. Suas mãos tremiam conforme ele a levantava e a aconchegava em seus braços. — Shhhhh pequenina, o papai está aqui. Onde diabos está a sua mãe?

O bebê piscou e fechou os olhos cheios de lágrimas. Jack pegou sua mãozinha. Estava gelada, seus dedos quase roxos. Ele olhou em volta. Há quanto tempo Rosa estava fora? Horas? O dia inteiro?

Ele queria partir a mulher ao meio. Em vez disso, ele rapidamente envolveu Emília em um cobertor e a carregou até o banheiro. A mesma quantidade de medo e raiva o atingiam enquanto ele enchia a banheira do bebê com água.

— Mas que droga, Rosa! Como pôde fazer isso com a nossa filha?

Ele colocou Emília sobre o trocador e habilmente passou o macacão amarelo pelos seus bracinhos e pernas. Sua fralda molhada fedia e ele sentiu a bile subir em sua garganta. Ele rapidamente a removeu. Seu bumbum estava vermelho e cheio de bolinhas.

Ele olhou nos olhos de sua filha. Apesar da brotoeja, da sujeira e da solidão, ela sorriu. Ela sorriu para ele. Os olhos dele encheram de lágrimas.

Ele testou a temperatura da água com o cotovelo e, satisfeito que não estava quente demais, colocou Emília na banheira, começando a ensaboar seus pequenos ombros e peito. Quando ela esticou as perninhas e fez bolinhas com a boca, ele soltou um suspiro de alívio.

Ele enxaguou a espuma, a secou com uma toalha macia e encheu seu bumbum com creme para assaduras. Novamente quentinha e rosada, e vestida com uma fralda limpa e um macacãozinho, ele a levantou e levou até a cozinha. A geladeira continha uma única mamadeira cheia de leite. Ele a aqueceu no micro-ondas, sentou-se na mesa e colocou o bico na boca de Emília. Seus lábios rosados apertaram-se rapidamente ao redor do bico e ela mamou esfomeada.

A mamadeira estava quase vazia quando a porta da frente abriu e Rosa apareceu no corredor.

— Bem-vinda de volta — Jack cuspiu.

Ela parou imóvel na porta. — Jesus Cristo, Jack. Você quase me matou de susto.

— Não me importo — ele disse. — Como você pôde, Rosa? Como pôde abandonar um bebê assim?

— Eu saí apenas por alguns minutos — Seu olhar parou no relógio sobre

a pia.

— Não minta para mim — Jack, murmurou, mantendo sua voz baixa por causa do bebê. — Foi muito mais do que isso.

— Trinta minutos, uma hora talvez. Não sei ao certo. Ela estava dormindo quando eu saí. Você está fazendo drama por nada.

Jack colocou a mamadeira vazia sobre a mesa e então esfregou as costas de Emília até ela arrotar — Merda! Algo poderia ter acontecido com ela. Ela poderia ter morrido sufocada ou engasgada.

Rosa deu de ombros impacientemente. — Ela está bem, não está? Tudo fica bem quando termina bem.

Ele lhe lançou um olhar fulminante. — Termina bem. Bem colocado. Que tipo de mãe você é, Rosa? Acha que pode simplesmente colocar um bebê para dormir e ir fazer sei lá o quê? Você me enoja.

— Você não pode falar nada, seu desgraçado.

— Pare de gritar, Rosa. O bebê...

Rosa continuou a gritar. — Três dias! Você me deixou três dias com essa coisinha irritante de nariz escorrendo. Você não tem um telefone? Não poderia ter ligado? Você me enoja! — Ela virou nos calcanhares e cambaleou em direção a sala.

Jack se levantou, mas em vez de seguir Rosa, carregou Emília até o quarto e a colocou dentro do berço. Apesar dos gritos de Rosa, as pálpebras do bebê tremiam sonolentas. Ele a cobriu com um cobertor e então saiu do quarto.

— Onde você estava, Rosa? — ele perguntou enquanto fechava a porta da sala de estar.

Rosa se sentou no sofá, um cigarro pela metade pendia entre as pontas dos dedos vermelhos e brilhantes.

— Como se você se importasse. Eu precisava sair, fugir dela.

Ele a alcançou e a puxou do sofá. Seus punhos tremiam de raiva quando ele os apertou em volta de seus pulsos.

— Emília é sua filha; ela não é algo que você pode deixar de lado quando estiver irritada. Você tem uma responsabilidade. Onde você estava?

— Solte-me, Jack.

— Não antes de me contar a verdade sobre onde você estava.

— Eu precisava de um drink, então eu fui até um bar em Little Havana. Saí com alguns amigos, o que tem demais nisso? Você está me machucando!

Jack a empurrou para longe, e ela caiu como uma pilha sobre o sofá. —

Você não serve para ser mãe.

— Provavelmente, eu nunca tenha querido o maldito bebê.

— Então o que você queria?

— Eu queria um aborto, mas meus irmãos me disseram para continuar, que você me daria uma casa, roupas legais, dinheiro, talvez um carro.

— Então agora a verdade vem à tona. Você supôs que eu lhe devia um monte de coisas.

Rosa ergueu o queixo e olhou para ele.

— Sua cadela insensível. — Jack batia um punho contra o outro. — Só Deus sabe o que eu vi em você.

Ela ficou de pé. — Vá se ferrar! Eu não quero ser gorda e velha antes da hora. Eu sou linda, Jack. Mas quem vê isso? Você não. Você nunca está aqui. Eu sou jovem! Eu quero me divertir. E...

— E o que, Rosa?

Ela mordeu o lábio. — Nada.

Ele pegou a gola de sua blusa e a puxou até o seu rosto estar a centímetros do dele.

— Fale.

— O Jorge disse que ter um bebê poderia ser bom para os negócios.

— Que tipo de negócio, Rosa?

Ela colocou suas mãos sobre o peito dele e o empurrou com força. Mas nada aconteceu.

— Negócios da família. Importação, exportação, você sabe. Esse tipo de coisa.

— Importação do que? Drogas, charuto, pessoas?

— Descubra você, Sr. FBI! Você sabe de tudo, não é mesmo?

A raiva quase esmagava Jack. Ele lutou contra a vontade de agredi-la. Em vez disso, relaxou as mãos. Ela cambaleou para trás.

— Você me usou, Rosa. Você usou minha filha. Você não é nada mais que uma prostituta. Pegue suas coisas e saia daqui.

— Você não pode me expulsar da minha própria casa. Eu vou chamar o Serviço de Proteção à Criança. Eles vão prender você. Eu sou a mãe da criança.

— Você se esqueceu com quem está falando? Eu mesmo posso prender você. Bem aqui e agora por negligência infantil. — Jack respondeu — Ou a prendo ou você pode ir. A escolha é sua.

Rosa ficou rígida com o desafio, um repentino desprezo gelado surgindo

em seus olhos. — Eu vou. Mas tenha cuidado, Jack. A próxima bala pode ter o seu nome. Você nunca sabe — Ela saiu como um furacão pela porta.

Vinte minutos depois, Jack tirava Emília e o carrinho do Explorer, carregando sua bolsa de ginástica cheia dos itens dela, e subia os degraus da pousada. Pela primeira vez na vida, ele não sabia se seria bem recebido. Ele girou a maçaneta de latão e empurrou a porta. Frank e Maisie estavam sentados, assistindo o jornal da noite na TV.

— Oi, Jack. Trouxe a pequena para uma visita?

— Não exatamente. Eu vou direto ao ponto. Preciso que vocês cuidem da Emília por alguns dias. Por favor.

— Onde está a Rosa? — Maisie perguntou.

— Ela saiu de casa. Eu a expulsei.

O sorriso de Maisie desapareceu. — Ah. Sinto muito, Jack. Pensei que vocês estivessem tentando fazer as coisas darem certo.

— Não mais. Olha, eu não tenho tempo para explicar. Sinto muito, pessoal. Eu preciso da ajuda de vocês como eu nunca precisei antes.

— E a sua amiga, Grace? Ela parecia ser legal, ela não pode ajudar? — Frank perguntou.

Jack rangeu os dentes enquanto tirava Emília do carrinho e a embalava nos braços. — Grace faz parte de uma investigação em andamento sobre os negócios do falecido marido. Duas pessoas conectadas a ele já morreram. A Grace está em perigo. Não posso colocar minha filha em perigo também.

Maisie olhou para Frank. — Eu não sei, Jack. Nós temos a pousada e estamos um pouco velhos para esse tipo de coisa. Talvez você pudesse ligar para sua irmã...

— Eu não tenho tempo de levar a Emília até Buffalo. — Jack respondeu.

— Maisie, você não vê que o garoto precisa da nossa ajuda? Nós nunca o deixamos na mão e não vamos começar agora — Frank disse, pegando Emília — Não se preocupe. Maisie e eu cuidaremos muito bem dela enquanto você termina a investigação.

— Obrigado, eu realmente sou grato por tudo o que vocês têm feito por mim. Mas eu preciso de mais um favor. Caso algo aconteça comigo. Eu gostaria de nomeá-los guardiões da Emília junto com a Charlotte. Eu não quero que Rosa tenha contato com ela sob nenhuma circunstância. Eu sei que isso é pedir demais.

Maisie respirou fundo rapidamente. — Mas a Rosa é a mãe dela. Além disso, nada vai acontecer com você, Jack.

— Prometa, Maisie. Prometa que você não vai deixar a Rosa chegar perto da Emília.

— Mas...

— Nós faremos como você disse, Jack. — Frank respondeu — Você está certo em garantir as coisas para ela. Policiais e agentes encaram a morte todos os dias. Apenas no mês passado, eu vi na TV que o número de policiais sendo mortos durante o trabalho aumentou em 24% em relação ao ano passado.

— Obrigado, Frank — disse Jack — Eu me sinto muito melhor sabendo disso.

Maisie assentiu — Você não precisa me lembrar dos riscos que o Jack está correndo. Eu me preocupo com ele o tempo todo. Jack, ficaremos honrados em ser os guardiões da Emília.

Jack a abraçou — Obrigado. Eu fico mais feliz sabendo que ela está com pessoas que a amam — Ele pegou sua carteira e tirou um maço de notas — Eu trouxe todas as roupas limpas que eu pude encontrar, mas ela vai precisar de leite e fraldas. Isso deve cobrir o custo.

Maisie empurrou a mão dele para longe — Não precisamos disso, Jack. Vou garantir que ela tenha tudo o que precisa.

— Aceite, por favor.

— Certo — Maisie respondeu, colocando as notas no bolso de seu avental. — Agora, que tal uma xícara de café, e uma fatia de torta antes de você ir?

— Desculpe, Maisie, eu preciso ir. — Ele beijou sua bochecha — Preciso buscar Grace no prédio do Departamento e dirigir de volta para Boca Grande ainda essa noite.

— Aqui, Maisie — Frank disse, e cuidadosamente entregou a criança adormecida à esposa. — Tome conta da nossa pequena enquanto eu acompanho o Jack até o carro.

Frank colocou um braço sobre os ombros de Jack enquanto caminhavam até o carro — É possível que Rosa apareça com um advogado?

— Essa seria a última coisa com o que ela apareceria. Ela não conseguia fugir da Emília rápido o suficiente. Mas ela voltará. Por mim. Com reforços. Ela é exatamente esse tipo de garota.

— Nesse caso, é melhor você dormir com um olho aberto e sempre ao alcance da sua arma.

— Vou fazer o meu melhor.



Capítulo Dezessete

ROSA PASSEAVA pela sala da casa de seu irmão, fumando sem parar, enquanto sua mente percorria os acontecimentos do dia anterior. Ela não era apaixonada pela maternidade, e daí? Jack podia pagar por uma babá para cuidar da criança, então não havia motivo para ela não aproveitar a vida como antes da gravidez, vendo os amigos, fazendo compras, dançando até meia-noite.

Ela derramou uma dose de tequila em um copo e bebeu, depois cheirou uma linha de cocaína, apenas o suficiente para lhe dar um pouco de onda.

Talvez ela tivesse aceitado rápido demais a ordem de Jack para que ela saísse do apartamento. Ele tinha a criança, que era o que ele queria, mas e ela? Com certeza ela merecia alguma recompensa por toda a dor e desconforto em carregar a pirralha e colocá-la no mundo. Ela encheu novamente o copo, e tomou um gole do conteúdo. Uma voz familiar a tirou do quase transe.

— O que diabos está fazendo aqui?

Rosa encarou o irmão com uma frieza impassível. Pequeno e magro, cabelos e olhos escuros, ele era o bebê da família e o mais bonito.

— Se você quer saber, o Jack me expulsou de casa.

— Sua vadia idiota! O Jorge vai ficar furioso. Por que você não fez

como foi instruída?

Rosa virou-se para encará-lo, andando calmamente em sua direção. — Eu estou cansada do Jorge me dando ordens. Eu tive a pirralha, não tive?

Ramon deu um passo para trás. — O Jack te deu uma casa, dinheiro. Você realmente deve ter irritado ele. Onde está a bebê?

— Eu deixei a pirralha chorona sozinha por um momento, ok? Jack descobriu, nós brigamos, e ele me expulsou. A bebê está com ele. Fim da história.

— Os primos vão ficar realmente irritados quando souberem que eles não receberão o green card.

Rosa apagou o cigarro e pegou outro do maço sobre a mesa, mas não o acendeu.

— Isso não é sobre família, dinheiro ou green card. Isso é sobre mim!

Ramon passou uma mão pelo cabelo. Rosa tinha uma natureza volátil e discutir com ela era perda de tempo.

— Você é tão egoísta — Ele virou e andou até a cozinha, mas Rosa o agarrou pelo colarinho e o apertou com força contra a parede.

— Você não entende, não é? — ela gritou.

— Então explica para mim — ele disse roucamente.

— Eu não tive o bebê por causa do que o Jorge me disse. Eu fiz isso por vingança.

— Vingança pelo quê?

— Jesus, você nasceu sem cérebro? Tem algum interesse pelo negócio da família?

— De quem é a culpa disso? Você e o Jorge me ignoram a maior parte do tempo.

— E isso te surpreende, considerando o seu comportamento? Você prefere jogar beisebol a assumir um papel ativo. Você tem alguma ideia do quanto Jorge e eu nos esforçamos para sustentar você e o resto da família?

— A loja...

Os olhos negros de Rosa se estreitaram — Não rende nada! Você realmente acredita que é assim que conseguimos o nosso dinheiro? Você é mais estúpido do que parece!

— Eu não sou estúpido.

— Então prove isso! Saia e ajude o seu irmão.

— Com o que?

— Por que você acha que o Jorge passa a maior parte do dia nas docas?

Os olhos de Ramon arregalaram com a surpresa. Não conseguindo mais respirar, ele balançou a cabeça de um lado para o outro, tentando livrar-se do aperto dela. Seus pulmões estavam prestes a explodir. O teto começou a girar. Quando ele estava quase perdendo a consciência, Rosa relaxou o aperto. Seu corpo cedeu e ele caiu no chão, seu peito arfando.

— Você é um covarde. Você não é digno do nome Nuñuz.

Ramon colocou uma mão sobre a garganta e massageou os músculos contundidos. — Mas o que isso tem a ver com o Jack e o bebê?

— Dezoito meses atrás, o seu segundo primo, Estefan, suspeitou que alguém estivesse infiltrado na sua organização. Levou um tempo, mas ele descobriu quem era e mandou executar — Ela acendeu outro cigarro, aspirou a fumaça e a segurou, antes de soltá-la em um fluxo constante — Mas era tarde demais. O cara já tinha passado as informações para o FBI. O Estefan foi preso e acusado de tráfico de drogas.

— E daí?

— O Jack estava na força tarefa. Ele era o agente para quem o informante passou a informação. O Jack marcou uma reunião com seu primo, oferecendo ao Estefan uma maneira infalível de trazer um carregamento de cocaína para o país. Mas era uma armadilha, e foi assim que Estefan acabou sendo condenado a vinte e cinco anos em uma penitenciária.

— Seja honesta, Rosa. Alguns drinques e você abre as pernas para qualquer um. Se você odeia tanto o Jack, por que deixou ele engravidá-la?

Ela correu até ele, suas unhas escorrendo pelo rosto dele e arrancando sangue — Como você ousa? O Jack West arruinou a minha vida. Ter o bebê dele foi o meu jeito de ter vingança pelo que ele fez. Eu amava o Estefan. E ele me amava também. Nós planejávamos nos casar, e teríamos feito isso, se o Jack não o tivesse prendido e apresentado as provas no julgamento.

— E agora você falhou porque não conseguiu ficar de boca fechada e agir como uma mãe.

Rosa gargalhou — Mas eu não falhei.

— O que você está planejando? Chantagear o Jack para ele devolver a criança?

Os lábios de Rosa ergueram-se em um sorriso cínico — Ah eu já cuidei do Jack. Ele não poderá ver a filha nunca mais.



Capítulo Dezoito

— TEM CERTEZA que você não o reconhece? — perguntou o agente Diego.

Grace apoiou o queixo nas mãos e estudou a imagem, da mesma forma que fez com cada uma das outras fotografias nas páginas anteriores.

— Sinto muito, agente Diego. Eu não reconheço nenhum deles.

— Bom, obrigado por tentar, Sra. Elliott. Posso pegar mais um café para você?

Ela torceu o nariz — Não, obrigada. Essa coisa é forte o suficiente para manter todos os dorminhocos do planeta acordados por duas vidas.

Diego riu — É um pouco potente. Os nerds de computador gostam assim. Dizem que ajuda a concentração.

— Você tem alguma ideia do que o Jack esteja fazendo?

Três homens e duas mulheres entraram no escritório, vestidos em ternos pretos sob medida. Eles acenaram para Diego e os outros agentes na sala.

— Troca de turno — Diego disse como que explicando — O Jack deve estar fazendo algo para o Agente Especial Zupanik.

Grace deu a ele um olhar de lado cortante — Que tipo de coisa? Isso está conectado com a morte do meu marido?

Diego levantou as duas mãos — Ei, eu estou só chutando. Eu não tenho

ideia do que aconteceu no escritório depois que a porta fechou. Tem certeza de que não quer outra xícara de café? Ou uma coca ou um sanduíche?

— Não. Eu estou bem.

Tamborilando os dedos na mesa, ela estava prestes a pedir a Diego para ligar para Mike Zupanik quando a porta do escritório foi aberta e Jack passou por ela.

— Você já terminou, Diego? — Jack rosnou.

O outro agente recostou na cadeira. — Sim, terminamos.

— Grace, pegue as suas coisas e vamos.

Ela apertou as mãos e se forçou a pegar a bolsa. Apertou a mão do agente Diego e depois andou calmamente pela sala.

Jack fez sinal para ela se apressar — Vamos, apresse o passo!

— Você precisa ser tão grosso? — ela sibilou.

Ele pegou a mão dela e a puxou pelo corredor em direção à saída — Eu já tive o suficiente dessa cidade por um dia e o Mike nos quer de volta na ilha ainda esta noite.

Grace nivelou seus passos aos dele. — Mas isso não explica onde você esteve nas últimas três horas.

— Agora não.

— E o que diabos isso significa?

— Isso significa que eu não quero discutir. — Eles atravessaram o estacionamento até o carro.

— Seja lá o que você estava fazendo, tem algo a ver com a morte do Daniel, não é?

— Não — respondeu Jack. Ele a ajudou a subir no banco do carona, depois andou até o lado do motorista e subiu atrás do volante.

— Eu não acredito em você.

Ele olhou para ela, sem expressão — Eu nunca menti para você, Grace.

Duas manchas rosadas apareceram nas bochechas dela. Ela respirou fundo seguidas vezes. — O Diego não me dizia onde você tinha ido e eu...

— É pessoal, ok? Eu não esperava demorar tanto.

— Então por que não falou?

Jack passou uma mão pelo cabelo — Foi um dia difícil para nós dois. Por que não vamos checar se não há nenhuma correspondência para você no Island Palm, e então comemos algo antes de voltar para Sand Dollars?

— Se você acha que temos tempo.

Jack lutou contra o tráfego pesado do centro da cidade, atravessou a

ponte para South Beach e entrou na Avenida Collins. O estacionamento do hotel estava cheio, então ele deixou o SUV em uma rua próxima e andou a curta distância até a entrada.

O saguão estava fresco depois do calor da tarde. O concierge levantou os olhos do seu livro e sorriu enquanto Grace e Jack aproximavam-se da mesa.

— Como posso ajudá-los? — ele perguntou, deixando o livro de lado e alcançando o teclado do computador.

— Você possui alguma correspondência para a Sra. Grace Elliott?

— Só um momento — O concierge consultou o computador.

Grace olhou para o grande espelho emoldurado em ouro que cobria a parede atrás da mesa. Dois homens estavam refletidos nele, com os rostos enrugados pela concentração, enquanto examinavam os documentos espalhados sobre a mesa na frente deles. O rosto mais magro dos dois olhou para cima, como se estivesse consciente de que estava sendo observado. Seus olhares se encontraram. Um canto de sua boca se torceu para cima. O calor subiu nas bochechas de Grace. Ela abaixou o olhar. Mas, como uma abelha em busca de uma flor, seu olhar foi atraído para o espelho mais uma vez.

— Você está ótima — Jack tocou o seu braço, suas palavras como um zumbido em seu ouvido.

Ela despertou — O que você disse?

— Eu disse que você está ótima. Não precisa retocar a maquiagem.

Ela estava tão ocupada observando o homem magrelo que não percebeu que o concierge tinha deixado o seu posto — Por que ele está demorando tanto?

— Eles guardam a correspondência no cofre do hotel. Ele foi pedir acesso ao gerente.

Grace olhou novamente para o espelho. O homem ainda a estava observando. O constrangimento se transformou em inquietação. Seu batimento cardíaco trovejava em seus ouvidos, o suor frio escorrendo por sua espinha. Ela não conseguia respirar. Por um momento, ela estava de volta ao cemitério, debaixo do portão e sendo ameaçada pelo homem sem nome com a língua dançante.

O zumbido em seus ouvidos ficou mais alto. O pânico fechando sua garganta. "Pare com isso", ela disse para si mesma. "Você não está no cemitério. Esse homem não tem nada a ver com aquele que estava lá naquele dia. Você está imaginando coisas."

Zangada consigo mesma, ela desviou o olhar do espelho e observou uma

série de folhetos para visitantes. Ela pegou um folheto com uma propaganda de viagem para Key West. Ela mal teve tempo de admirar as fotografias quando o concierge retornou.

— Sinto muito pela demora, Sra. Elliott — ele disse, empurrando um grande envelope na direção dela.

Grace o enfiou na bolsa — Obrigada — ela disse e entregou uma nota de dez dólares, esperando que fosse uma gorjeta apropriada. Jack levantou uma sobrancelha, evidência que ela tinha dado muito dinheiro ao homem. Ela se afastou, virou nos calcanhares e caminhou em direção à saída.

— Oooouuu! Calma aí — ele disse, colocando uma mão gentilmente em seu cotovelo.

— Vá depressa, vá devagar. O que você quer que eu faça, Jack? Você disse que nós precisamos estar de volta na ilha ainda esta noite.

— Ainda são sete e meia. Há um ótimo restaurante de frutos do mar aqui perto. A melhor garoupa em quilômetros.

Grace igualou seus passos ao dele — Você se incomodaria muito se pulássemos o jantar?

Jack juntou as sobrancelhas — Eu pensei que você estivesse com fome.

— Eu perdi o apetite.

— Você está pensando em Pete Jacobs, não está?

— Não consigo evitar.

Jack destravou o Explorer e a ajudou a entrar, mas em vez de fechar a porta, ele segurou o queixo dela com ternura com sua mão quente.

— Fale comigo, Grace. Conte para mim o que está realmente te incomodando.

Ela calmamente removeu sua mão de seu queixo, e passou as mãos inquietamente para cima e para baixo nos braços — Eu sinto como se estivesse sendo perseguida. O que quer que eu faça, onde quer que eu vá, alguém está me observando.

— Como assim?

— O cara com o rosto fino no hotel; ele não tirou os olhos de mim.

Jack jogou a cabeça para trás e gargalhou. — Sim, eu o vi. Ele provavelmente pensou que eu era um filho da mãe sortudo por estar com uma mulher tão atraente.

— Isso não é brincadeira — Grace respondeu calmamente.

A expressão do rosto dele mudou e tornou-se quase sombria — Você está certa. Eu não deveria fazer piada de como você se sente.

— E eu estou com medo. Com medo por mim, por você, e por... — Ela não poderia dizer as palavras "sua filha".

— Não se preocupe comigo, Grace.

Os dedos dele deslizaram ao redor do pescoço dela e gentilmente trouxeram o rosto dela ao encontro do seu até que houvesse o espaço apenas de uma respiração entre eles.

— Eu também tenho medo. Toda vez que eu coloco o meu distintivo e amarro o coldre, e saio pela porta.

— Eu estou tão apavorada que me sinto fisicamente doente. Ainda assim você parece tão calmo e concentrado. Você não tem medo de que as coisas saiam do controle?

— Houve vezes em que olhei para o cano da arma e pensei "*é isso, minha vida está prestes a acabar*", mas o treinamento assume o controle e você faz o necessário para permanecer vivo.

— Você quer dizer que atirou na pessoa que estava apontando a arma para você?

— Eu disparei. Mas você não precisa ouvir sobre isso. Confie em mim. O FBI fará tudo para proteger você enquanto estiver aqui na Flórida — Ele deixou sua mão cair, e sem nenhuma outra palavra, ela encaixou o cinto de segurança no lugar.

Grace mordeu fortemente o seu lábio. Seus nervos estremeciam embaixo de sua pele. Ela fechou os olhos e respirou profundamente. Seu rosto ainda estava quente onde ele a tinha tocado. Ela tinha certeza de que ele estivera prestes a beijá-la. Decepção misturou-se com o vazio e a culpa. O olhar dele a fizera lembrar da noite em que ele a levou para jantar, a noite que eles disseram adeus sem nunca esperar ver um ao outro novamente. Agora seu coração doía no peito pelo homem que ela queria, mas nunca poderia ter. Quando ela abriu os olhos azuis novamente, eles estavam cheios de dor e desejo insaciável.

O clima sensual ondulava através da janela aberta do carona. Seus dedos tremiam enquanto ela a fechava.

— Como você consegue ser tão desapegado? — Ela perguntou depois de um tempo.

— Eu não tenho outra escolha. Mas isso não significa que algumas coisas não me afetam, afetam sim. Eu apenas tento não dar muita atenção a elas.

— E se você não conseguir... não conseguir parar de pensar nelas?

— Então esse será o dia em que eu me aposentarei. Olha, Grace, você é apenas um peão neste jogo. Não é responsável pelo que aconteceu com o Parous ou o Jacobs. Lembre-se disso.

Ela estremeceu — Você faz isso parecer tão frio, tão insensível.

— O mundo do crime e da corrupção costuma ser.

As luzes brilhantes da cidade ficaram para trás. Desde o funeral do Daniel, ela estava sendo forçada a enfrentar um mundo que ela não conhecia, ver coisas que não queria ver, e aceitar que o homem com quem ela se casara era um estranho para ela.

— O que acontece agora?

— Nós esperamos. Quem quer que esteja por trás disso está ficando desesperado. Estou apostando que eles farão contato nas próximas vinte e quatro ou quarenta e oito horas.

Grace não queria pensar sobre como ela reagiria quando isso acontecesse, mas ela sabia que isso destruiria o frágil controle que tinha em sua vida.

Jack tocou em seu joelho — Eu sei que não é fácil, mas tente relaxar. Nós estaremos de volta na ilha em poucas horas.

Ele dirigiu em silêncio. Algo ruim estava no ar. Grace podia sentir isso. Era mais que a umidade sufocante. Ela inclinou a cabeça para um lado e para outro tentando desfazer a tensão em seu pescoço e olhou para a grama alta balançando ao luar.

Sem aviso, o SUV seguiu lateralmente por duas faixas da rodovia. Jack xingou e lutou contra o volante.

Grace olhou para ele, sem palavras.

— Um pneu furou. Não entre em pânico. — Ele tirou o pé do acelerador, e lutou para controlar o veículo. De repente, o vidro da janela do motorista quebrou. O sangue escorreu pelo seu rosto de um corte em sua bochecha.

— Merda! — ele exclamou e o limpou. Com uma mão, ele soltou o cinto de Grace e empurrou a cabeça dela em direção ao chão. — Abaixe-se e fique lá — ele ordenou.

— Mas...

— Obedeça, droga!

Grace alcançou a alavanca embaixo do assento, a soltou e empurrou o assento para trás o máximo possível. O coração dela batia desconfortavelmente, enquanto ela se espremia no espaço pequeno.

Os músculos do braço de Jack retesaram enquanto ele jogava o volante primeiro para a direita, depois para a esquerda. Os pneus cantaram em protesto. Uma bala ricocheteou no batente da porta, centímetros acima de sua cabeça. Ele virou o volante novamente para a direita, usando cada uma das manobras evasivas que tinha aprendido. O carro derrapou violentamente, os faróis atravessando vertiginosamente a rodovia. Por um momento, Grace pensou que ele tinha perdido o controle, mas o veículo oscilante permaneceu na posição vertical.

— O filho da mãe está dirigindo sem os faróis. Eu não sei por quanto tempo o pneu irá aguentar, mas eu vou tentar jogar o desgraçado no pântano. Segura aí!

O motor rugiu quando o Explorer saiu da rodovia e correu por um barranco íngreme. A suspensão rosnou como se sentisse dor quando o lado de baixo bateu em uma pedra e o carro levantou voo. Ele caiu de volta, as rodas girando enquanto lutavam para agarrar a grama.

Tiros ricochetearam na porta traseira com um rastro de faíscas. Grace gritou. Ela fechou as mãos, afundando as unhas na palma da mão enquanto seguiam pela trilha de terra nos Everglades sem meios visíveis de escapar.

"*Por favor, Deus. Nós somos jovens demais para morrer! Por favor, não deixe o Jack morrer. Sua filhinha precisa do pai!"*

Folhas finas, planas e capim balançavam e farfalhavam pelo caminho. Ocasionalmente, ela vislumbrava um cipreste surgindo sobre o pântano. Ela olhou de soslaio para Jack, a testa franzida em concentração enquanto ele lutava por cada metro de avanço.

Uma saraivada de balas cortou a carroceria enquanto eles alcançavam uma pequena elevação. Grace sabia que Jack estava dirigindo o mais rápido que conseguia, mas não era rápido o suficiente. O outro veículo se aproximou deles, seus faróis inundando a cabine com uma luz branca ofuscante.

De repente, a pista acabou e eles começaram a dirigir sobre a lama, em um canal de água que fluía livremente. A roda atingiu uma raiz de mangue submersa, jogando Grace contra a porta com tanta força que a dor atingiu o seu braço direito e seu pescoço. Ela engoliu de volta outro grito e sentiu o gosto de sangue.

As rodas firmaram-se no chão, enquanto a primeira gota de chuva caía sobre o para-brisa. O Explorer continuou no mesmo ritmo frenético. Eles mal tinham percorrido um quilômetro quando Jack o lançou em um deslize que os fez virar à direita em outra pista.

O interior mergulhou na escuridão quando o outro carro perdeu a curva, mas Jack manteve o pé no acelerador. O Explorer resistiu e pulou sobre a terra seca, poeira e areia fervendo pelo caminho.

Grace se preparou da melhor maneira possível, mas suas costas bateram no painel, forçando o ar para fora de seus pulmões, deixando-a machucada e ofegante.

— Nós o despistamos por hora. Mas não vai demorar muito para ele dar a ré e encontrar uma saída. Teremos que abandonar o carro.

— Você ficou maluco? — ela ofegou — Tem cobras e jacarés lá fora!

— O pneu traseiro está acabado e nós levamos muitos tiros. Teremos mais chance se nos escondermos na grama até de manhã.

Um suor gelado escorreu pela espinha de Grace. Ela reprimiu o medo e espiou por cima do assento. Faróis circulavam o céu noturno — Não podemos pedir ajuda?

Jack pegou o celular no painel de controle — Estamos sem sinal. Confie em mim. Estaremos melhor a pé. O Everglades é cruzado por trilhas de terra. Depois que saímos da trilha, podemos ir até uma estação da Guarda Florestal, e eu posso usar o telefone para pedir ajuda. De qualquer forma, é nossa única chance de sobreviver.

Grace se sentiu como um animal encurralado. Sua respiração estava quase tão rápida quanto seu batimento cardíaco. "*Isso vai funcionar*", ela disse para si mesma. "*Nós ainda estaremos vivos amanhã. Não é?"*

Mais adiante, erguendo-se da escuridão, havia uma densa área de árvores, palmeiras e arbustos baixos. Jack colocou o Explorer em um barranco, a roda chiou como um cavalo, e a poeira subiu rapidamente em uma nuvem. Ele desligou o motor e pegou sua arma, verificando o pente. Estava cheio.

— Pronta?

— Eu... não... posso... fazer isso.

— Sim, você pode. Falta menos de dez metros para aquele monte árvores.

Grace tomou um longo gole de ar. Não importa o quanto ela tentasse, ainda não era o suficiente. Sua visão ficou turva. Ela lutou contra o pânico, obrigando-se a inspirar, expirar, devagar e profundamente.

Jack descansou uma mão sobre o ombro dela — Fique perto de mim, ok?

Apesar de seus medos, ela obrigou-se a responder. — Ok. — Seus

joelhos dobraram quando ela saiu do veículo. Usando a carroceria como apoio, ela caminhou até a porta traseira a tempo de ver Jack destrancar uma caixa de metal no porta-malas.

— Segure isso aqui. — Ele entregou a ela uma lanterna, e depois tirou dois pentes de munição da caixa.

Faróis iluminaram a pista. Ela puxou a camisa dele. — Jack...

— O quê?

— Acho que eles nos encontram.

Jack virou-se e olhou para as luzes que se aproximavam. Ele guardou os pentes de reserva no bolso, enfiou uma jaqueta velha e uma garrafa d'água em uma mochila, junto com a bolsa de Grace, seu celular e um GPS. Agarrou a mão dela e a puxou em direção ao rio de grama.

A lua desapareceu, engolida por nuvens. Em questão de minutos, a chuva se transformou em um dilúvio, colando a blusa de Grace em sua pele. A água infiltrou-se em seus sapatos e encharcou a parte inferior de sua calça jeans, enquanto eles se moviam mais profundamente no pântano. Ela perdeu todo o senso de direção conforme seguia cegamente os passos dele.

Jack manteve um ritmo severo, mas ela não podia pedir a ele que diminuísse ou parasse, não quando havia uma chance de que eles pudessem escapar do perseguidor. O suor misturava-se com a chuva, escorrendo pelo seu rosto, pescoço e entre os seios. Ela tirou o cabelo molhado dos olhos e tropeçou. A grama balançou na brisa. Raposa? Tartaruga? Homem? Ela se esforçou para captar qualquer som. Mas tudo o que ela ouviu foi o seu próprio batimento cardíaco acelerado.

De repente, um estalo agudo veio de sua esquerda.

— O que foi isso? ela sibilou.

— Provavelmente um jacaré comendo o seu jantar. Continue andando.

Ela imaginou aquelas mandíbulas enormes rasgando sua carne. Sua mente congelou. Ofegando de terror, ela golpeou a grama, indiferente à dor das lâminas afiadas que cortavam sua pele.

Jack a alcançou em seis passos e passou os braços em volta da cintura dela. Ela gritou e chutou o ar.

— Pare com isso, Grace. Você quer que descubram a nossa localização?

Ela tentou se acalmar, mas o ataque de pânico a dominou. Seus pulmões ardiam enquanto ela lutava para respirar. Um som estridente encheu seus ouvidos e a escuridão a ameaçou. Tremendo, ela afundou o rosto no ombro

dele.

Jack suavizou seu aperto e acariciou suas costas. — Precisamos continuar andando.

— Eu... eu sei. Me desculpe — ela disse entre soluços rápidos. — O pensamento de um jacaré...

— Eu entendo. Você consegue resolver sem a sua medicação?

Gradualmente, o aperto no peito e a sua frequência cardíaca diminuíram. Ela esfregou uma mão sobre os olhos. Juntando as forças, ela obrigou-se a dar um passo para trás.

— Acho que sim.

Jack segurou sua mão e a guiou por um pequeno lago, subindo na margem do outro lado em uma peça de madeira. Ali o ar estava úmido e cheirava a turfa. O carvalho, a palmeira e os palmitos cresciam em densos aglomerados, bloqueando o luar.

Arbustos surgiam para bloquear o caminho. Folhas afiadas rasgavam roupas e carne. Quanto mais adentravam o Everglades, mais difícil ficava para continuar. Eles seguiram pelo que pareceu horas até Grace estar tão cansada a ponto de seus pés se arrastarem a cada passo.

— Nós estaremos seguros aqui até de manhã — Jack disse.

Grace caiu de joelhos e descansou a cabeça nas mãos. Sob a cobertura das árvores, a vegetação ao redor era tão espessa que Jack se fundiu a vegetação rasteira até se tornar apenas uma voz no meio da noite. Pelo menos os arbustos ofereciam algum abrigo contra a chuva, mas eles não podiam parar os arrepios que atormentavam o seu corpo. Nem impedir suas lágrimas, que se misturavam com a chuva e escorriam por suas bochechas.

Jack a aconchegou contra o seu peito, cobrindo-os com sua jaqueta, mas nem mesmo seu calor reconfortante poderia dissipar a sensação avassaladora que ela tinha de ser uma presa indefesa.



Capítulo Dezenove

CATHERINE PETERSON ajeitou o blazer que usava, depois caminhou até a cabine de vidro e entregou o passaporte ao funcionário da imigração. Seu olhar não vacilou quando ele a comparou com a fotografia na página e passou o leitor de código de barras. O passaporte era novo e ela tinha garantido que fosse bom o suficiente para passar por um exame minucioso. Custara o suficiente - o resto de suas economias e o relógio de ouro que ganhara de seu amante.

— Quanto tempo ficará nos Estados Unidos?

— Duas semanas, talvez três.

— E qual é o propósito da sua visita?

— Estou aqui a negócios.

O oficial folheou as páginas, examinando cada um dos selos estampados. Ele folheou para frente... para trás... olhou a parte da frente e a parte de trás... olhou para ela. Então disse, — Eu já volto — e saiu.

"*Droga*", ela pensou. Outros oficiais acenaram em suas cabines para pessoas atrás dela. O que tinha de tão suspeito nela, pelo amor de Deus? Uma família de muçulmanos, com mulheres envoltas em burcas pretas e andando obedientemente atrás, foi conduzida sem nenhum incidente.

Um minuto se passou. Dois. O suor acumulou-se em sua testa.

O agente barbudo retornou. Ele a olhou nos olhos pelo que pareceu uma eternidade. Então, sem nenhuma palavra, estampou a página de visto, acrescentou um rabisco e devolveu o passaporte. Catherine soltou o ar que estava segurando e quase saiu correndo dali.

Uma vez livre da alfândega, foi para o primeiro banheiro feminino que encontrou. Entrou em uma cabine vazia e trancou a porta. Depois de viajar pelas últimas setenta e duas horas sem parar, estava tão cansada que lutou para se lembrar onde supostamente conseguiu que a deixassem em paz. Roma, Dublin, Londres, Amsterdã, e depois Paris, ela perdeu a noção de tempo e lugar, mas finalmente chegou a Atlanta sem ser seguida. Mesmo agora, ela sabia que não podia se arriscar.

Quando Grace começou a deixar mensagens em seu celular, ela soube que algo estava errado. Ignorou as inúmeras ligações de sua irmã, e foi trabalhar normalmente, participando de uma conferência para um grupo de cirurgiões em Roma. Assim que terminou, ela saiu do hotel da conferência e entrou em uma pequena pousada barata perto da cidade do Vaticano. Mas com o dinheiro acabando rapidamente, ela precisava de mais e só havia um lugar onde obtê-lo.

Ela abriu uma mochila pequena e tirou uma mini saia preta, uma blusa rosa de babados e um par de salto alto – o tipo de roupa da qual uma prostituta de luxo se orgulharia – e se trocou rapidamente. O terno elegante e o salto baixo que usara para viajar de Londres, junto com o chapéu para esconder seus cabelos loiros, foram para a mochila. Ela encontraria um lugar para descartá-la assim que saísse do aeroporto e pegasse a estrada.

Ela encostou um ouvido na porta, mas só conseguiu ouvir o som de uma torneira aberta. Cuidadosamente, deslizou o trinco e abriu a porta apenas uma fração. O lugar estava deserto. Pegou a bolsa de mão e a mochila e foi até a pia. Inclinando-se para o espelho, ela abriu uma pequena caixa e removeu uma lente de contato azul e um pequeno frasco de colírio. Suas mãos tremiam tanto que ela precisou de três tentativas para colocar a lente em seu olho direito. Ela piscou, e então repetiu o processo no outro olho, adicionando algumas gotas do frasco de colírio. Satisfeita que seus olhos estavam secos o suficiente para retocar a maquiagem, puxou um rímel da bolsa e escovou seus longos cílios.

Quando olhou seu reflexo no espelho, ela duvidou que alguém, até mesmo sua irmã, pudesse reconhecê-la. Pegou a outra bolsa e removeu uma peruca preta que comprara em Londres. Era apertada e a deixava com

comichão no couro cabeludo, mas era mais prático e rápido do que pintar o cabelo. Ela demorou um pouco aplicando o restante da maquiagem, acentuando os olhos agora azuis com uma sombra marrom e delineador. Uma última camada de rímel e sua transformação de uma loira de olhos castanhos para uma morena misteriosa de olhos azuis estava completa.

A porta do banheiro feminino rangeu ao abrir. Seu coração deu um salto e ela se virou. Uma mulher baixinha de cabelos pretos com duas crianças pequenas entrou e passou por ela, conversando com elas em uma língua estranha e gutural. Ela rapidamente juntou os seus pertences e saiu, misturando-se à multidão no saguão, cheio de famílias retornando para casa para o Natal.

Casa.

Noites silenciosas, televisão entediante e jantares assados aos domingos; o lugar de onde ela fugira na primeira oportunidade e não tinha nenhuma intenção de voltar - nunca. Ela queria aproveitar a vida, conhecer o mundo, e não se contentar com nada a não ser um estilo de vida cinco estrelas.

E ninguém ficaria em seu caminho.

Especialmente sua irmã.

Ela fez seu caminho pela multidão até a locadora de carros e adotou o que ela esperava que soasse como um sotaque americano. — Eu gostaria de alugar um carro, por favor. Nada muito grande ou chamativo.

O jovem de rosto rosado atrás da mesa deu a ela um sorriso atordoado. — Deixe-me ver o que temos. Você está de férias?

Catherine tamborilou os dedos na mesa e olhou impacientemente sobre o ombro. — O quê? Ah férias... sim, eu estou.

O funcionário apertou as teclas agilmente. De repente ele apertou a tecla de espaço. — Sinto muito. O sistema está um pouco lento hoje. Então, de onde você é?

"*Ótimo. Um intrometido. Pense, Catherine. De onde eu sou?*" — Kansas — ela disse, não sabendo nada do lugar a não ser que era um outro estado.

O funcionário coçou o queixo. — Eu nunca estive lá.

"*Obrigada, Deus*." — Então, você tem algo disponível?

— Ah... sim. Está tudo funcionando agora. — Ele sorriu. — Sim. Eu tenho um compacto. Um verdadeiro achado. Tenho um Chevy Aveo de duas portas por cento e dez dólares por semana já com seguro. Quer dizer, a menos que tenha um carro. Nós podemos colocá-lo na sua apólice para reduzir um pouco a taxa semanal.

— Não. Eu não tenho. Ele tem ar condicionado?

Ele pareceu atordoado. — Sim... bom, é claro, madame. Nós não alugamos carros sem ar condicionado. Na verdade, eu não acredito que alguém alugue.

— Ah, claro. Acho que eu só estou um pouco cansada – com fuso horário, você sabe como é isso. E eu não costumo alugar carros. — Ela mentalmente contou as notas de cem dólares na bolsa. Alugar o carro levaria quase todo o seu dinheiro, mas dirigir era o jeito mais rápido de chegar até Miami. — Eu vou levá-lo.

— Claro — ele disse — Vou precisar da sua carteira de motorista e um cartão de crédito, por favor.

Com o coração acelerado, ela se virou. "*Respire devagar e profundamente, esse é o passo mais fácil comparado com passar pela imigração*." — Eu prefiro pagar em dinheiro.

— Eu ainda precisarei de um cartão de crédito.

Sua mão tremeu conforme ela abria o zíper de sua bolsa e tirava sua carteira. Ela soltou outro longo suspiro e colocou sua licença e o cartão de crédito falso no balcão.

O funcionário bateu com a ponta do dedo na licença rosa. — É uma licença britânica.

Catherine obrigou-se a permanecer calma. Ela ergueu os ombros e olhou diretamente para o funcionário, dando-lhe um sorriso radiante.

— Isso é um problema?

— Você disse que era do Kansas.

Ansiosa para escapar das perguntas sondadoras do funcionário, ela se contentou com meias-verdades. — Tenho trabalhado em Londres há alguns anos. Vou solicitar novamente a licença americana quando me instalar no novo emprego.

— Apenas verificando. Você ficaria surpresa se soubesse quantas pessoas tentam alugar um carro com documentos falsos ou fora da validade.

Suas bochechas ficaram rosadas, mas felizmente o funcionário estava ocupado demais digitando em seu teclado para perceber.

— Assine aqui. — Ele empurrou o acordo de aluguel sobre a mesa. Ela rapidamente preencheu com sua assinatura.

— Certo, está tudo pronto. Aproveite sua estadia em Atlanta.

— Pode ter certeza de que irei. — Catherine agarrou as chaves e caminhou pelo terminal até o estacionamento.

Fora da agência de locação, ela se inclinou para baixo e respirou fundo algumas vezes, sentindo-se exausta como uma corredora de longa distância.

Outro obstáculo superado.

Muitos outros a encarar.

Ela percorreu as ruas até encontrar o seu carro alugado. Era pequeno, cinza, e totalmente frustrante. Abriu a porta direita e entrou, mas logo percebeu o seu erro. Esperando que ninguém tivesse visto sua gafe, ela se apertou sobre o meio do carro e a alavanca de câmbio, enfiando as pernas longas sob o volante.

Sua pele parecia úmida e seu corpo doía. Exausta, ela pressionou as duas mãos sobre os olhos e tentou afugentar a fadiga. A viagem severa teve o seu preço. Tudo o que ela queria era se esticar em uma cama king-size e dormir por uma semana, mas ela tinha que estar em Miami pela manhã.

Ela abriu sua bolsa e pegou um pequeno frasco de comprimidos. Trabalhar como uma executiva de vendas em uma empresa farmacêutica lhe dava acesso a todo tipo de amostra de remédios. Ela abriu o tampo com o polegar, sacudiu uma pílula para fora e a rolou na palma da mão.

Uma minúscula pílula a manteria acordada por mais vinte e quatro horas. Mas ela já tinha tomado duas e engolir mais uma poderia ser perigoso. Ela a colocou de volta no frasco e fechou.

Relutante, inseriu a chave na ignição e pisou no acelerador. O motor respondeu com um pequeno rugido. Ela mudou a marcha do carro e dirigiu para fora do estacionamento.

Um acidente na estrada do sul da interestadual custou trinta minutos, enquanto ela esperava um caminhão reboque retirar os carros danificados. Uma vez livre do acidente, ela permaneceu firmemente no limite da velocidade. Não adiantaria chamar a atenção para si mesma no final do jogo.

Depois de cinco horas, seu corpo gritava de dor, seus olhos queimando com o cansaço. À frente, quilômetros e quilômetros de estrada quase vazia. Ela recostou-se sobre o descanso de cabeça e sentiu os músculos do seu pescoço relaxarem, o zumbido rítmico dos pneus estranhamente reconfortante. Suas pálpebras vagavam lentamente mais e mais para baixo.

Um caminhão rugiu, o som da buzina assustando-a. Ela virou o volante para a direita, tirando o carro do caminho do caminhão. Apenas mais alguns centímetros para a esquerda e ela poderia ter morrido instantaneamente. Com o corpo tremendo e coberto de suor, ela se inclinou e descansou a cabeça no volante.

Cinco minutos se passaram antes que seu coração retornasse ao batimento normal e ela se sentisse capaz de se mover. Vasculhou a bolsa e retirou seus cigarros, deixando-os cair duas vezes antes de enfiar um entre os lábios. Sua mão tremia tanto que ela precisou de várias tentativas para conseguir acendê-lo. Ela estremeceu com a fumaça em seus pulmões.

O funcionário da locadora lhe entregara um mapa. Ela o desdobrou e tentou descobrir onde exatamente estava. Ela se recordava de ter passado por um posto de gasolina alguns quilômetros atrás, mas não lembrava de ter visto nenhuma casa. Dois carros rugiram, balançando o pequeno carro de aluguel e a fazendo ofegar. Uma coisa era certa, ela não poderia permanecer onde estava.

Catherine saiu do carro. Esfregou os braços, insegura se era o ar frio da noite que a fazia tremer ou a experiência de quase morte com o caminhão. Sentindo-se vazia e esgotada, ela sabia que oito horas de sono, em uma cama confortável, acabariam com o seu cansaço.

Com um longo suspiro, ela voltou para trás do volante. Virou o controle do ar condicionado para o máximo, esperando que isso ajudasse a mantê-la acordada e a dirigir outra vez. Meia hora depois, ela cruzou a linha entre os estados e dirigiu por uma cidade pequena. Um conjunto de casas alinhava-se em um lado da rua principal, e o outro margeava a ferrovia. Quase meio quilômetro adiante, encontrou um cartaz anunciando um motel.

Estacionou e foi até o escritório do gerente. De cabelos oleosos e despenteados, a mulher atrás da mesa era enorme. Catherine imediatamente se arrependeu da sua decisão de parar, mas com tão pouco dinheiro na bolsa, não tinha escolha a não ser ficar neste motel ultrapassado e decadente.

— Eu quero um quarto, por favor.

A mulher bateu em uma placa na parede: "Proibido prostitutas"

Rejeitada, Catherine olhou para baixo, confusa. — Eu não sou... Ah! As minhas roupas... Eu estava em uma festa e estou muito cansada para dirigir até em casa — ela mentiu. — Eu vou embora logo pela manhã.

A mulher gorda a olhou de cima a baixo e grunhiu — Apenas uma noite, só isso. Número quatro. Descendo o estacionamento, segundo bloco à esquerda.

Catherine entregou cinco notas de dez dólares e pegou a chave. Se o exterior do motel parecia ultrapassado, o interior do quarto parecia não ter sido tocado nos últimos cinquenta anos. Ela arrastou sua mala para dentro e trancou a porta. Uma única lâmpada pendia do teto, lançando um brilho

amarelo nas paredes descascadas. O fedor do carpete úmido e imundo misturado com cigarros velhos impregnavam o ar. O carpete grudava em seus pés, e em alguns lugares parecia gasto, enquanto a coberta floral na cama cheirava a naftalina e a fazia pensar em velhinhas e lojas de caridade. Ela a puxou e revelou lençóis amarelados e amarrotados.

Um estrondo profundo sacudiu o quarto enquanto um trem passava pela ferrovia atrás do prédio. Sufocando um soluço, Catherine soltou o cabelo loiro da peruca preta, largando-a na lata de lixo, depois tirou os sapatos e caiu na cama. Como ela tinha chegado até esse ponto?

Ela engoliu em seco e enxugou os olhos. Cansada demais para se trocar, puxou a coberta sobre seu corpo e adormeceu em minutos.



Capítulo Vinte

— QUANTO TEMPO precisamos ficar aqui? — Grace sussurrou.

— Tempo o suficiente para quem quer que esteja lá fora pensar que viramos comida de jacaré. Está com sede?

Ela assentiu com a cabeça e mudou de posição. Jack lhe ofereceu a garrafa de água que estava na mochila. Ela tomou alguns goles. Morna, a água quase não fez efeito em sua sede.

— O Kennedy e o Anderson vão contactar o Mike quando não aparecermos em Sand Dollars — disse Jack. — Ele vai organizar uma busca assim que o sol nascer.

— Você não pode ter certeza disso.

— Tenho certeza.

Grace mordeu o interior de sua bochecha. A dor impedia que a confusão que se agitava dentro dela tomasse o controle. Ela não sabia se acreditava nele ou não. A noite se fechou ao redor deles. Ela nunca teve medo do escuro, mas cercada por palmitos e salgueiros, todos os galhos e folhas pareciam ameaçar sua existência. "*Esse pesadelo acabaria algum dia? A ajuda chegaria?*"

Ela perdeu toda a noção de tempo. A água pingava e caía entre os arbustos, escorrendo pelas folhas e encharcando sua pele. Seu sangue corria

frio e seus dentes batiam descontroladamente. O luar projetava sombras confusas no chão. Exceto pelo som das folhas farfalhantes e dos galhos rangendo, não havia nada além do silêncio.

Algo deslizou sobre sua perna. Ela apertou as mãos sobre a boca para conter um grito, enquanto o corpo frio e flexível de uma cobra se envolvia em torno do seu pé.

Jack sussurrou em seu ouvido: — É uma cobra do milho, não é venenosa. O calor deve ter despertado ela da hibernação. Não se mexa.

— Tira isso de mim! Tira isso de mim, agora! — Com o coração batendo em seus ouvidos, ela assistiu, hipnotizada, enquanto a cobra fazia uma pausa para sentir o ar antes de desenrolar seu corpo sinuoso e deslizar pela vegetação rasteira em direção a um matagal de palmito.

— Está tudo bem, ela já foi.

Grace relaxou, afundando no abraço reconfortante de Jack. As mãos dele envolveram o rosto dela. Seus lábios roçaram a testa, depois a bochecha.

— Está tudo bem — ele repetiu, e então seus lábios encontraram os dela em um beijo que fez seus sentidos girarem.

Todo o medo que ela tentava furiosamente controlar transformou-se em paixão. O desejo que cresceu nela era tão forte, tão diferente de tudo o que ela já sentira antes, que tudo o que ela podia fazer era deixar o momento acontecer.

Sem ar, Jack afastou sua boca da dela. Ele correu um dedo sobre os seus lábios. Ela não se moveu. Uma das mãos dele escorregou para o cabelo dela. E ele aproximou-se até seus lábios quase roçarem os dela.

— Eu não devia ter feito isso. Mas droga, Grace, eu quero você.

— Você quer?

— Quero tanto que isso me assusta.

— Mas agora não é a hora nem o lugar?

Jack negou com a cabeça. — Há algumas coisas sobre as quais precisamos conversar. Coisas que eu preciso explicar.

— Mais tarde?

— Eu prometo.

Ela viu uma luz, e então um feixe estreito, que balançava de um lado para o outro na beira das árvores. Cada nervo de seu corpo ficou tenso.

O feixe ficou maior.

As folhas dos palmitos e dos arbustos estalaram quando o perseguidor chegou a poucos metros do esconderijo deles. Os arbustos ao redor

convulsionaram quando algo pesado passava por eles.

Movendo-se silenciosamente, Jack ficou de joelhos, os braços estendidos, a arma pronta, uma calma letal em seus olhos.

Grace enfiou os nós dos dedos na boca para suprimir um grito. A bile subiu em sua garganta. Ela expulsou a náusea. Rígida de medo, ela se agachou nos arbustos, certa de que estava prestes a morrer.

Depois de um momento, o perseguidor se moveu para a esquerda.

A água ondulava e borbulhava.

De repente, o feixe de luz girou em um semicírculo e parou sobre o esconderijo deles.

O instinto de Grace a dizia para se levantar e correr, e continuar correndo, mas quem quer que estivesse lá fora a mataria e depois o Jack. Ela não podia permitir isso.

Jack mudou de posição, sua arma seguindo o feixe estreito de luz enquanto balançava pelos arbustos.

Uma sombra saiu das árvores.

— É inútil se esconder. Eu sei que vocês estão aí — uma voz masculina gritou.

O chão na frente de Grace explodiu com uma chuva de balas. Ela se arrastou para trás no matagal alto, ignorando as folhas afiadas do palmito que arranhavam e rasgavam sua pele.

Jack gritou, e esperou até que a luz focasse nele, depois disparou de volta. O atirador xingou, mas disparou outra rodada. Uma bala estourou na árvore próxima ao ombro de Jack, fazendo lascas de casca voarem.

Jack atirou novamente em uma sucessão rápida. Grace perdeu a conta dos disparos.

O atirador gritou, caiu de joelhos, com a mão pressionando o peito conforme ele caia no chão.

— Grace, fique aqui até eu disser que é seguro sair — Jack orientou. Ele avançou, sua arma apontada para o local onde o homem estava deitado de bruços na terra. Ele chutou a arma do homem para longe, então se abaixou e procurou pulsação.

Grace se arrastou para fora do esconderijo. — Ele... ele está morto?

Jack abaixou a arma e virou. — Sim, ele está morto. — Ele se levantou e andou até ela, ajudando-a a se levantar. Sufocando um gemido, ela caiu em seus braços e pressionou o rosto em seu ombro.

— Você acha que ele estava sozinho?

— Nós já saberíamos a essa hora se ele não estivesse. Você consegue segurar a lanterna para mim? Eu preciso procurar por um documento de identificação.

Grace a pegou de onde estava no chão e apontou para o corpo. Ela tentou não olhar para a mancha que crescia rapidamente pela camisa do homem. O chão girou e ela cambaleou. Ela fechou os olhos lutando contra a náusea que crescia em sua garganta.

— Você está bem? — Jack perguntou.

— Eu estou... — Ela virou rapidamente e se inclinou.

Jack passou um braço pela cintura dela e a manteve firme até ela acabar. Quando ela se virou e olhou para ele, seu rosto estava chocantemente pálido.

— Não fique com vergonha. Eu vomito toda vez que entro em uma autópsia.

Grace limpou a boca com as costas da mão. — Eu não percebi que tinha tanto sangue — ela disse entre os dentes, seu corpo tremendo.

— Aqui, lave a boca — Jack disse, oferecendo a garrafa de água.

Grace fez conforme sugerido, então derramou um pouco nas mãos e jogou sobre o rosto.

— Sentindo-se melhor?

Ela assentiu, a cabeça abaixada, os olhos focados em seus pés.

— Va e fique ali naquela árvore até eu terminar aqui.

Com respiração funda e instável, ela cambaleou para longe, as mãos apertadas firmemente ao lado do corpo. Jack ficou de joelhos ao lado do agressor, e vasculhou os bolsos.

— Você o reconhece? — ela falou sobre os ombros.

— Não, e não tem nada nos bolsos dele a não ser uma caixa de fósforos e um conjunto de chaves. Nós precisaremos de impressões digitais e registro dentário para fazer uma identificação formal. — Ele guardou os dois, pegou a arma do agressor e caminhou até onde ela estava. Depois tocou gentilmente seu cotovelo.

— Vamos sair daqui.

Grace olhou para o corpo com nojo. — E ele?

— De manhã o médico legista pode coletar o que os jacarés deixarem para trás.

Com a energia drenada, cada passo se tornara exaustivo. Várias vezes, foram forçados a recuar quase até a beira do pântano antes de finalmente encontrarem o caminho para uma pista de terra.

Grace curvou-se, seus braços descansando sobre suas coxas. — Para onde vamos agora?

Jack virou para a esquerda e caminhou um pouco pela pista, então caminhou de volta, parando em frente a ela. O chão estava úmido da chuva, mas ele ainda conseguia perceber o rastro dos pneus.

— Por aqui — ele disse, apontando para a direita.

— Tem certeza?

— Há um monte de árvores lá na frente. Acho que foi onde deixamos o carro. — Ele ajustou a mochila em uma posição mais confortável sobre os ombros. — Pronta?

Grace afastou os cabelos despenteados e ficou de pé. Acostumada com os sons da noite e as sombras dançantes, sua mão encontrou a de Jack enquanto andavam rapidamente, guiados apenas pelo luar prateado.

Eles fizeram uma curva, e ali, estacionado em uma pequena clareira, estava o Ford Explorer de Jack, e, ao lado, uma picape Dodge Ram.

Jack colocou uma mão restritiva no braço dela. — Espere aqui enquanto eu verifico tudo. — Sem tirar os olhos dos dois veículos, ele se aproximou, a arma na mão. A porta do motorista estava aberta, mas a cabine estava vazia. Guardou sua arma e fez uma busca rápida pelo interior, mas não encontrou nada além de uma garrafa de refrigerante vazia.

Ele deslizou as chaves que retirou do bolso do atirador na ignição e ligou o motor, então deu marcha ré até onde Grace estava esperando.

— Entre.

Grace jogou a mochila no chão entre seus pés, e prendeu o cinto de segurança. Olhando para o relógio no painel de controle, ela percebeu que era um pouco depois de meia-noite. Ela passou os braços em volta do peito e olhou para Jack.

— O que acontece agora?

— De acordo com o GPS, tem uma Estação da Guarda Florestal a um pouco mais de quatro quilômetros daqui. Encontraremos um telefone lá. Poderemos ligar para o Mike, contar tudo e pedir que ele envie ajuda.

Eles caíram em um silêncio, interrompido apenas pelo som do motor da picape. Gradualmente, as árvores diminuíram e o pântano e a grama preencheram a vista. Ela olhou para a escuridão e não sentiu nada além de medo.

Tanta coisa havia acontecido em tão pouco tempo que ela mal lidava com um evento, quando outro a derrubava. E então, lá estava Jack. Hoje, o

agente esteve no comando, frio, eficiente, mas, ao mesmo tempo, gentil e protetor.

A chuva açoitava as janelas, esmagando os limpadores e embaçando o vidro. Jack se inclinou e passou uma mão pelo vidro.

— Ali! — Grace disse, apontando para uma solitária cabana de madeira saindo da escuridão. — Parece deserta.

— Provavelmente está fechada para o feriado de Natal.

Jack manobrou a picape para a entrada da construção e desligou o motor. Uma única lâmpada iluminava a porta. Grace conseguiu distinguir uma série de alimentadores de pássaros pendurados nos beirais. Uma fileira de vasos, com uma variedade de plantas e flores, estava embaixo da varanda. O que parecia ser uma torre de observação de alguma coisa estava ao lado.

— Traga a mochila — Jack disse e saiu do carro. Ele tirou uma barra de ferro da caixa de ferramentas da traseira da picape e a usou para arrombar rapidamente a porta fechada. Um alarme soou, enchendo o ar com um grito agudo.

Grace colocou as mãos sobre os ouvidos. — Consegue desligar isso?

— Claro. — Ele bateu com o ferro no painel de controle, quebrando-o em pedaços e acendendo as luzes. Uma tela interativa cobria a parede ao fundo; à esquerda da entrada, havia uma área de compras, vendendo livros guias, vídeos e roupas.

Jack caminhou até o caixa. Um telefone sem fio repousava em um canto próximo. Ele o pegou e esperou pelo som de linha disponível.

— Pegue algumas roupas da prateleira e veja se consegue encontrar algo para comer e beber. Vou ligar para o Mike.

Grace agarrou uma blusa de moletom e uma jaqueta de lã da prateleira, um par de meias do balcão e então seguiu as placas até o banheiro feminino. Uma vez dentro, ela tirou a blusa e a usou, junto com um rolo inteiro de papel toalha para se secar o máximo que conseguiu. O moletom era três vezes o tamanho dela, mas ao menos estava quente e seco. Não havia nada que ela pudesse fazer a respeito de seus jeans ou sapatos.

A cozinha dos funcionários era pequena e bem equipada, mas os armários e a geladeira estavam vazios.

Jack desligou o telefone quando ela retornou. — Mike vai enviar um helicóptero. Deve chegar aqui em uma hora. — Ele pegou uma camisa da prateleira e se trocou. — Tem um sofá logo ali. Por que não se deita e descansa um pouco? Aqui, use isso como travesseiro. — Ele a entregou

algumas jaquetas de lã.

— E você?

— Eu estou bem.

Grace se alongou. O cansaço a inundou, mas algo ainda a incomodava. — Aquele cara... como ele sabia onde nos encontrar?

— Ele deve ter nos seguido.

Grace balançou a cabeça. — Todo o caminho de Sand Dollars até Miami e depois de volta? Acho que não.

Jack abriu a boca para dizer algo, mas ela estava certa. Ele teria notado o veículo atrás dele, o que significa que alguém deveria ter avisado o perseguidor. Mas quem?

Ele afastou-se do sofá e começou a andar. Grace ouviu um barulho a distância. Depois ficou mais alto.

— Helicóptero — Jack disse. — Graças a Deus pela vida do Mike.

Depois disso, as coisas aconteceram rapidamente. Jack passou as informações sobre a localização do atirador para a polícia e para o médico legista. Grace permaneceu no sofá, assistindo tudo. Já era ruim demais ela ter testemunhado o incidente, e agora ter que ouvir Jack relatar tudo rapidamente.

As pessoas entravam e saíam. Os minutos se transformaram em horas. Alguém jogou um cobertor sobre os seus ombros e ofereceu-lhe um frasco de bebida quente. O sol já apontava em um brilho laranja e dourado no horizonte quando a sombra de Jack caiu sobre ela.

— Os policiais e o médico legista ainda ficarão aqui por horas. É hora de irmos.

Grace se levantou e o seguiu até o carro. Ela estava cansada demais para perguntar de onde ele surgira. Em vez disso, ela se sentou aliviada no banco de couro do carona. Cada osso de seu corpo doía. Ela ansiava por um longo banho quente de banheira, e oito horas de sono.

O relógio digital no painel de controle marcava onze e cinquenta e cinco da manhã, enquanto eles atravessavam a ponte até a ilha Gasparilla. Em algum momento ao longo do caminho, ela adormeceu, embalada pelo barulho dos pneus no asfalto. Ela se endireitou e virou o pescoço, bocejando.

— Mais alguns minutos e você pode se jogar na cama.

Grace negou com a cabeça, olhando para o rosto dele o tempo inteiro. — Chá, um banho, e então cama.

Ele ergueu uma sobrancelha. Ela parecia mais firme do que ele esperava.

— A grande cura britânica.

— Não zombe disso. Muitas crises foram evitadas com um bule de chá.

— Você está diferente, Grace. Foi ameaçada, atiraram em você e ainda assim parece tão... eu não sei... resiliente.

— Talvez eu sempre tenha sido assim forte, mas a personalidade dominante do Daniel tenha me esmagado. Precisei de um tempo para aceitar que ele estava envolvido em algo ilegal. Ele exerceu controle sobre mim durante todo o nosso casamento; não vou deixar que ele controle a minha vida do túmulo também. — Ela olhou para frente. — Eu me pergunto quem ele realmente era.

— Provavelmente nunca saberemos. Isso te incomoda?

— No início incomodava, mas não mais. Quem você acha que tentou nos matar? — ela perguntou conforme entravam na casa.

— Alguém que acha que estamos chegando perto demais da verdade — ele sugeriu.

Grace foi direto para a cozinha. Cansada, ela encheu a chaleira, mas não ligou o fogo. Em vez disso, ela descansou as costas no balcão. — A verdade do que?

— Da verdadeira identidade do Daniel. Do mentor por trás do esquema. Ainda não tenho certeza de qual.

Ela não respondeu logo, mas pensou cuidadosamente sobre sua sugestão. — Mas se eles me matarem, como conseguirão o dinheiro?

— Não sei, Grace. Talvez o dinheiro não seja tão importante para eles, mas sim a informação nos arquivos do computador. Acho que é seguro presumir que há uma conexão - um denominador comum entre Elliott, Parous, Jacobs e você. Eu apenas não sei o que ou quem é ainda.

— Não pode ser outra coisa porque eu já te contei tudo o que eu sei.

— Não tenho tanta certeza. Tem algo que estamos deixando escapar, uma informação vital, talvez uma conversa ouvida, que une vocês três. Acho que você precisa me deixar colocá-la no programa de proteção a testemunhas.

— Por que agora?

A expressão dele estava rígida de tensão. — Porque nós tivemos sorte ontem. Eu só não quero que se machuque.

— Eu não vou fugir, Jack.

Ele a envolveu em seus braços. — Você não estaria fugindo, estaria sendo protegida.

Ela sorriu para ele. — Você me protege.

— E eu fiz um trabalho de merda. Olhe para você. Está coberta de cortes e arranhões.

Grace sorriu, tocada pela sua preocupação. — Eles não são culpa sua. Vou passar um creme antisséptico depois que tomar banho — ela disse e traçou a linha do corte na bochecha dele. — Seu rosto...

— Está tudo bem.

— Pelo menos me deixe fazer um curativo.

— Pare de se preocupar comigo. — Ele agarrou sua mão direita e beijou os dedos dela. Sua respiração ficou presa. Isso era a coisa mais sedutora que ela já tinha vivido. Ele virou a mão dela e provou cada um de seus dedos antes de seus lábios se moverem pela palma da mão até a pele sensível na base do pulso.

— O que você está fazendo?

— O que eu tenho sonhado fazer toda noite pelos últimos seis meses.

Os olhos de Grace se arregalaram. Ela começou a dizer algo, mas as palavras não se formaram. A boca dele cobriu a dela ferozmente, a língua gentil e sondadora. Correntes de desejo a atravessaram. Instintivamente, seus braços envolveram o pescoço dele, seus lábios se separando quando ele lhe deu o que ela buscava.

O calor correu pelo seu corpo e parou em sua virilha. Ela podia sentir o coração dele batendo contra os seus seios e a batida recíproca do seu. As mãos dele deslizaram sob o moletom dela, e explorou as linhas macias de suas costas, cintura e quadris, seus dedos provocando e despertando-a. Tremores de prazer seguiram cada carícia, inundando seu corpo com desejo.

Quando ele finalmente interrompeu o beijo, Grace descansou a bochecha em seu peito com um suspiro de prazer, sua respiração quase tão irregular quanto a dele.

— Eu realmente quis dizer cada palavra que disse antes. Eu quero fazer amor com você, Grace. Eu quero isso desde o dia em que nos conhecemos. Mas...

— Mas você é casado e tem uma filha.

Jack fechou os olhos por um momento, escondendo a culpa e a dor. — Quem te contou?

— Frank. Mas acho que foi sem querer.

— A Emília tem sete semanas. Rosa, a mãe dela, e eu não somos casados nem nunca seremos. Na verdade, a Rosa não quer nada em relação à criança. — Um olhar de abstinência surgiu em seu rosto, mas ele não se

mexeu fisicamente. Ele levantou as mãos e envolveu o rosto dela. — Se você não puder aceitar que Emília e eu somos um pacote, então isso acaba agora.

Por inúmeras batidas de coração, Grace permaneceu em silêncio. Quando ela finalmente falou, havia uma doçura gentil em sua voz.

— Emília é um nome lindo. E eu gostaria muito de conhecê-la.

Todo o rosto dele se iluminou com um sorriso suave. — Você tem certeza?

Seus olhos azuis a olharam com emoção. Em resposta, ela o puxou e o beijou, instigando e saboreando cada momento.

Com um murmúrio de prazer, Jack a puxou com força contra ele e retribuiu o beijo na mesma intensidade que ela. Ele pegou sua mão e a guiou pelas escadas até o banheiro. Ele ligou o chuveiro e verificou a temperatura. Então a beijou, provocando e provando até ela gemer e se mover contra ele em uma névoa faminta.

Segurando o moletom dela, ele o puxou até precisarem se afastar um do outro para que ele pudesse passar a peça por cima de sua cabeça. Por baixo, ela vestia um sutiã rosa, a renda cobrindo o montante suave de seus seios. Ele abriu o zíper da calça dela e a deslizou pelos quadris até se amontoar nos tornozelos. Ela deu um passo para fora, ao mesmo tempo em que tirava os sapatos.

Ele fez uma trilha de beijos suaves pelo pescoço e ombro, seu hálito quente queimando a pele dela. Suas carícias a encheram de desejo e expectativa até que ela só conseguia pensar nele.

Observando-a atentamente, Jack soltou o fecho frontal do sutiã, liberando seus seios, acariciando-os em círculos lentos e sensuais, passando os polegares sobre os mamilos, provocando-os até ficarem rígidos.

Grace inalou instavelmente, seu corpo faminto de desejo. Quando as mãos dele acariciaram suas coxas, e afastou a renda da calcinha que cobria seu centro macio e úmido, ela arqueou fraca, e gritou.

Ele rapidamente descartou as próprias roupas, tirando o jeans e o moletom, e puxou Grace para o chuveiro. De pé atrás dela, ele começou a ensaboar todo o corpo dela com um sabonete com aroma cítrico. A fragrância era como uma névoa em torno deles. As mãos dele se moveram suavemente pelas costas dela, depois por suas nádegas até a carne rígida e sensível da barriga.

Grace sentiu seus joelhos fraquejarem. O prazer era puro e explosivo, e seu gemidos, suaves a princípio, tornaram-se selvagens e exigentes. As mãos

alcançaram seus seios novamente, seus dedos ensaboando os mamilos inchados. Ondas de desejo percorreram seu corpo, fazendo-a ansiar pelo alívio que sabia que apenas ele poderia dar.

Ela virou em seus braços. Os dedos dela passaram pelos cabelos escuros do peito dele, deleitando-se com a riqueza de sensações que inundava seu corpo quando a ereção dele pressionou sua coxa. Suas mãos, mais urgentes, acariciavam e a provocavam até ela se contorcer contra ele.

Jack a tirou do chuveiro e a envolveu em uma toalha, movendo o tecido macio por sua pele. Ele a carregou até a cama e se deitou ao lado dela. Sua língua continuou a exploração que suas mãos tinham começado provocando e sugando até a urgência crescer e ela não conseguir suportar mais. O corpo dele cobriu o dela, suas dobras úmidas e quentes envolvendo o comprimento duro do pênis dele. Não houve nada lento enquanto eles faziam amor. As mãos dele seguravam seus quadris, enquanto ele empurrava mais fundo até o desejo e a paixão os dominarem enquanto buscavam a liberação.

O calor pulsava através de Grace. Ela passou as pernas em torno dele, cruzando os calcanhares, levando-o mais fundo, até a respiração dela se transformar em gemidos de rendição, e ela tremer quando a primeira onda de orgasmo a atingiu.



Capítulo Vinte e Um

ERAM OITO e meia quando Catherine acordou. Com movimentos rígidos e desajeitados, ela foi para o banheiro. A água escorria pelo chuveiro. Murmurando uma maldição, entrou no box. Quase morna, foi o suficiente para lavar o resto do cansaço. Uma vez seca, ela colocou uma calcinha limpa, uma calça jeans e uma camisa xadrez, e penteou os cabelos com os dedos. Ela ansiava por um café, mas provavelmente pegaria uma intoxicação por salmonela se bebesse aquele alcatrão queimado da máquina de café antiga na recepção do motel.

Catherine levou sua mala até o carro e a colocou no porta-malas. Começou a dar marcha ré, quando um carro parou de repente atrás dela. Era preto, e ela não conseguia ver nada através dos vidros escuros.

Dois homens de terno e óculos de sol desceram. Um veio até sua janela e bateu.

Sua mente passou por mil cenários no segundo antes de ela abaixar a janela. "*Imigração? FBI? MI6? Algo pior?*"

No final do segundo mais longo da história, ela escolheu fingir indignação. — Quem diabos você pensa que é e por que bloqueou o meu carro?

Impassível, o primeiro homem afastou a aba do blazer para mostrar o

topo de uma arma.

— Saia. Mova-se devagar e mantenha suas mãos onde eu possa vê-las.

A boca de Catherine se mexeu, mas as palavras foram lentas para sair. — Eu preciso... eu preciso ver alguma identificação.

— Saia do veículo, madame, e eu lhe mostrei.

Um pânico como ela nunca sentira antes fechou sua garganta. Esforçou-se ao máximo para não gritar. Movendo-se lentamente, saiu delicadamente de trás do volante descendo do carro. Antes que ela tivesse chance de dizer uma palavra, ela foi virada e empurrada contra a lateral do carro. Então o homem bruscamente deu-lhe um tapinha. O rubor encheu o seu rosto, enquanto fervia de raiva e humilhação. Quando ele terminou, a virou para encará-lo e colocou um distintivo dourado brilhante debaixo de seu nariz.

— Agente Lowell. Este é o agente Purcell — Ele disse apontando para o homem ruivo parado próximo a ele. — DEA.

— DE... o quê?

— Agência Antidrogas. Agora vamos ver sua identidade.

Catherine sentiu seus joelhos curvarem. — Na... na minha bolsa, atrás do banco do motorista. — Ela mordeu seu lábio inferior e lançou um olhar para o outro agente enquanto ele pegava sua bolsa e vasculhava o conteúdo. Não demorou muito para ele achar seu passaporte. Ela tremeu quando ele folheou as páginas, comparando seu rosto com a fotografia no papel.

— Meu nome é Catherine Peterson. Vocês devem estar enganados. Eu não sou uma traficante de drogas.

O primeiro agente não disse nada. O outro agente tirou o celular e leu os detalhes do passaporte para alguém sem identificação.

O silêncio prevaleceu.

Finalmente, ele virou para o outro agente e disse: — Os nomes batem. O visto foi estampado ontem em Atlanta. A foto também bate.

O agente que a segurava deu um passo para trás. — Parece que nossas informações estavam erradas. Você pode ir.

Ela o encarou desafiadora. — Ah, muito obrigada. Que gentil.

Somente quando o homem entrou no carro e desapareceu de sua vista que ela escorregou para o banco do motorista. O medo que apertara seu estômago se transformou em náusea. Catherine abriu a porta e vomitou na pista. Alguns minutos depois, quando o pior dos espasmos dolorosos passou, ela levantou a cabeça e olhou no espelho retrovisor central. Seu rosto estava rígido e branco como giz. Ela puxou um lenço de papel da calça e esfregou-o

sobre a boca.

Meu Deus! Foi por pouco.

Ainda tremendo, engatou o carro e saiu do estacionamento, dirigindo pela Rua Principal em um ritmo constante. Espremida entre um supermercado e o banco local, havia uma lanchonete. Assim como o motel, ela também parecia já ter visto dias melhores. A placa acima da porta anunciando "L nchon te"

Atraída pelo pensamento de comida e bebida quente, Catherine parou o carro e pegou sua bolsa. Depois de entrar, ela pediu um café Americano duplo e um pãozinho de canela para viagem. Enquanto esperava pela garçonete preparar seu pedido, ela se sentou em um canto próximo a uma mulher de meia idade.

A bolsa da mulher estava aberta no chão, sua carteira claramente a mostra. Catherine olhou rapidamente para os outros clientes, mas eles estavam ocupados demais tomando seu café da manhã para percebê-la. Naturalmente, ela inclinou os joelhos para que o guardanapo caísse de seu colo sobre a bolsa da mulher. Ela se abaixou para pegá-lo, fechando a mão em volta da carteira, envolvendo-a com o guardanapo.

Depois contou até dez, esperando que a mulher não olhasse para baixo ou pegasse sua bolsa. Como ela não se moveu, Catherine guardou o guardanapo e a carteira em sua própria bolsa, pagou pelo pedido e então saiu.

De volta ao carro, ela tomou um gole do café e comeu o pão; depois examinou o conteúdo da carteira. Dez notas de vinte dólares estavam dobradas na carteira. Ela as enfiou na bolsa, depois abriu a porta e atirou a carteira para debaixo do carro.

Com as energias recarregadas, ela jogou o copo de isopor no pé do banco do carona e verificou o celular. Havia duas mensagens, ambas de sua irmã e dizendo a mesma coisa.

"*É a Grace. Ligue para mim assim que receber esta mensagem. Eu preciso conversar com você*."

Ela apagou as duas, e então desligou o celular para conservar a bateria.

O trânsito na I-75 estava intenso com as pessoas indo para casa para o feriado. Vilas e cidades vinham e iam em um borrão. Do lado de fora, o sol nascera em um céu sem nuvens com a promessa de outro dia quente. O barulho do ar condicionado abafava o zumbido dos pneus. Ela ligou o rádio novamente, mas só havia propaganda irritantes, então o desligou, preferindo dirigir em silêncio.

Um sorriso simples surgiu no canto de sua boca; mais quatro ou cinco horas e poderia viver sua vida da forma que quisesse. Tudo seria diferente de agora em diante. Chega de economizar e guardar dinheiro. Chega de receber ordens do seu chefe de cabelos oleosos e mãos desastradas, acompanhar consultores em conferências e ouvir suas piadas obscenas.

Ao norte de Miami, ela parou em uma loja de conveniência para usar o banheiro. O local estava vazio quando entrou. Amarrou seus cabelos loiros em um coque apertado e pegou uma peruca castanha de sua mala, logo depois inseriu suas lentes de contato azuis. Com a transformação finalizada, examinou seu reflexo no espelho, virando a cabeça para a esquerda e depois para a direita. Um sorriso irônico apareceu em seu rosto.

Pegou suas coisas e saiu, parando rapidamente para comprar um hambúrguer e um refrigerante, antes de voltar para o carro e continuar sua jornada.

O cansaço a atingiu enquanto lidava com o trânsito no centro de Miami. Ela esfregou uma mão nas têmporas e tentou relembrar onde exatamente o banco ficava. Catherine circulou por um tempo até não ter outra opção a não ser deixar o carro de aluguel em um estacionamento. Ela pegou sua bolsa e caminhou rapidamente em direção ao coração do centro financeiro de Miami.

As ruas estavam cheias de trabalhadores ocupados com um almoço tardio ou um cigarro no intervalo do trabalho. Demorou um pouco para encontrar o prédio certo, mas finalmente ela passou pela porta do banco em direção ao caixa eletrônico.

Com uma rápida olhadela sobre os ombros para garantir que ninguém a estava observando, ela tirou o cartão da bolsa e inseriu na máquina. Digitou o código de segurança e esperou enquanto o sistema comparava as informações inseridas com as armazenadas em seu banco de dados.

Segundos se passaram.

Os dedos de Catherine tamborilavam inquietos ao lado da máquina. Ela tirou seus óculos de sol e olhou para tela: “*Conta encerrada. Favor entrar em contato com o seu banco*.”

Seu pulso chocou-se contra a parede, arrancando um pouco de sangue. — Isso é impossível!

O choque transformou-se rapidamente em fúria. Ela caminhou como um furacão pelo banco, ignorando a fila para o caixa, até a mesa de informações.

— Eu acabei de tentar usar o meu cartão, mas a máquina idiota disse que a conta está encerrada. Você poderia verificar? — ela disse em uma voz mais

baixa que o normal.

A jovem com cara de paisagem atrás da mesa olhou para cima. — Sente-se, por favor. Você possui o número da conta e um documento de identificação?

Catherine levantou o queixo e lutou para manter um tom conciliatório — O número é 295636190. Mas eu não tenho certeza se minha carteira de motorista está aqui comigo. — Ela fingiu procurar em sua bolsa.

A funcionária digitou o número no computador e estudou os detalhes na tela. — Você é íntima do titular?

— Sim, de que outra forma eu teria acesso à conta?

Um circuito fechado de câmeras de segurança monitorava o saguão do banco. Catherine se esforçou para permanecer calma, torcendo para não chamar atenção. A peruca fazia sua cabeça doer, irritava o seu couro cabeludo e seus olhos ardiam com as lentes de contato, forçando-a a piscar repetidamente. Ela cruzou um tornozelo sobre o outro para evitar que seus pés batessem inquietamente contra o chão de mármore, enquanto ela observava os ponteiros do relógio moverem-se do marcador trinta para o quarenta e cinco.

Por que ela estava demorando tanto?

Catherine mexeu-se inquieta na cadeira. Ela estudou a câmera de segurança e se perguntou se estava focada nela. Do outro lado do saguão, a fila para os caixas se alongou. Um guarda andava de um lado para o outro, observando cada movimento suspeito. A atenção dele parou sobre ela. O medo tomou conta dela. Suas mãos, escondidas debaixo da bolsa, mexiam-se inquietamente em seu colo. O guarda a olhou e piscou, então voltou sua atenção para a fila.

Tremendo, Catherine olhou para a recepcionista com a testa enrugada, dolorosamente tentada a pedir para a mulher chamar um superior.

— Não há nenhum erro. A conta foi encerrada e o dinheiro transferido.

Primeiramente, ela não registrou as palavras. Ela oscilou, tentando entender o que ouvira. A adrenalina corria como gelo em suas veias. Transferido? Do que diabos ela estava falando?

Seu coração estava batendo rápido demais, fazendo sua cabeça doer e suas mãos suarem. Ela agarrou-se a mesa para se apoiar. — O quê? Quer dizer... quando foi isso?

— Dois dias atrás. O Sr. Cody cuidou do processo. Você quer que eu verifique se ele está livre?

Parte de Catherine queria gritar. Parte dela queria pegar a mulher pela gola e sacudi-la até ela admitir que fora um engano.

Engolindo em seco, Catherine tentou controlar a raiva em sua voz. — Não, não, está tudo certo. Não precisa incomodá-lo.

Ela se virou, sentindo-se acuada, impotente. Traída.

— Você está pálida. Está se sentindo bem? Quer um copo d'água?

Catherine mal ouviu o comentário. "*Pense. Não perca a cabeça. Não corra. Não importa o que você faça, não chame a atenção do guarda*."

Ela respirou fundo várias vezes, e forçou-se a olhar para a mulher. Quando falou, sua voz estava confiante e calma — Eu estou bem. Só um pouco cansada. Obrigada pelo seu tempo. Desculpe tê-la incomodado.

Catherine correu de volta para o carro. Ela bateu a porta do carro e arrancou a peruca. Isso não poderia estar acontecendo. Não com ela. Não depois do seu plano cuidadoso.

Ela fora enganada. Não havia outra explicação. Pela primeira vez em sua vida, ela entendeu o que era sentir vontade de matar alguém.

Os nós de seus dedos apertaram o volante. Embora sentir raiva fosse prazeroso, isso não a levaria até o dinheiro. "*Pense! Droga, pense!”*

Ela se forçou a relaxar. Seu corpo vibrava com a tensão enquanto ela olhava pelo para-brisa para a fila de carros estacionados. Então se lembrou.

Só havia um lugar para onde poderia ir. O lugar que só ela e mais uma pessoa conhecia.

Um pouco da tensão foi embora, mas ela continuava cansada. Vasculhou sua bolsa e pegou o frasco de pílulas. Apenas uma a manteria alerta por horas, mas da última vez, a droga demorou muito para fazer efeito. Ela pegou duas e jogou na boca, engolindo-as com o restante do refrigerante.

O sol era um círculo grande no horizonte quando ela virou na interestadual, indo para o oeste. A euforia sobressaia em sua risada e brilhava em seus olhos. Ninguém poderia enganar Catherine Peterson e sair impune.



Capítulo Vinte e Dois

O CELULAR de Jack tocou justamente quando ele e Grace estavam acordando. Ele o pegou na mesa de cabeceira, verificou a tela e depois atendeu.

— Oi, Mike. Quais as novidades? — Ele esfregou os olhos com uma mão e jogou as pernas para o lado da cama.

— A companhia aérea finalmente deu notícias. O Elliott se sentou ao lado de uma mulher em todos os voos. Pode ser uma coincidência, mas existe uma grande possibilidade de ela estar viajando com ele. O nome no relatório é diferente em cada viagem, mas isso não significa muita coisa. Pode ser a mesma mulher e ela estar usando um passaporte falso como o Elliott. O Departamento de Segurança Interna está investigando isso.

— Algo nas câmeras de segurança do aeroporto?

— Tenho uma equipe revisando as gravações, mas isso vai demorar. Também estamos tentando investigar os comissários de bordo. Um deles pode lembrar do Elliott e da mulher e nos dar uma descrição dela.

Jack olhou para Grace. Totalmente desperta agora, ela se esticou e bocejou. Ele levantou e levou o celular até a janela.

— Como eles pagaram pelas passagens?

— O Elliott sempre pagava em dinheiro.

— Esperto. Claramente não queria nenhum registro no cartão de crédito ou extrato bancário para Grace não ver.

— Sim, eu também penso isso. A mulher usou um cartão de crédito com o mesmo nome do passaporte. Estamos investigando para ver se não é roubado ou falsificado.

Grace tirou as cobertas e andou pelada até o banheiro. Jack esperou até ouvir a barulho da torneira para perguntar — Alguma notícia da polícia britânica sobre a segunda autópsia?

— Está em andamento. O resultado do exame de DNA deve sair nas próximas vinte e quatro horas. Vamos jogá-lo no sistema de registro de amostras, embora não haja garantia de que teremos uma identificação positiva.

— E o carro dele?

— O Diego avaliou o relatório do acidente. Não há nenhum sinal de falha mecânica. Os pneus estavam completamente cheios, então a ideia de que alguém mexeu neles não bate. Da mesma forma os freios: não há sinal de alteração. Foi justamente como Grace disse: ele perdeu o controle e bateu contra a parede. O carro pegou fogo com o impacto. Se outro motorista não tivesse arrastado o corpo dele para fora do carro, ele teria sido queimado até virar cinzas.

Jack franziu o cenho. A cada momento, surgiam mais perguntas do que respostas. — A autópsia falava algo sobre exame toxicológico?

— Não há nenhuma menção disso no relatório. Por que a pergunta?

— Chame de intuição.

— Você acha que o Elliott estava drogado?

— De acordo com a Grace, ele era um motorista cauteloso. As condições da via eram ótimas no momento e você disse que não há nenhuma evidência para sustentar a teoria de outro carro estar envolvido ou o carro dele ter sido modificado. Algo o fez perder o controle.

— Eu não sei, Jack. Ele pode ter tido um lapso de atenção momentânea. Além disso, o corpo foi embalsamado, então é impossível fazer um exame de sangue, mas eu acho que uma amostra de cabelo pode ajudar em algo.

A porta do banheiro se abriu, Grace surgiu em uma lingerie, seu cabelo úmido do banho. Jack a viu colocar o jeans e uma blusa sem manga limpa, e então parar em frente ao espelho para pentear o cabelo.

— O que... você disse, Mike? — ele perguntou ao telefone.

— Os técnicos do laboratório conseguiram fazer o MacBook do Elliott

funcionar, e ainda não há identificação do atirador da noite passada. Nós investigamos a placa da picape que ele usava. O proprietário informou que foi roubado do lado de fora de uma loja ao norte de Miami Beach no final da tarde de ontem.

Jack abafou um bocejo. — Neste momento, eu estou mais preocupado com como ele nos encontrou do que com quem ele era.

Mike não levou nem um segundo para entender o que ele queria dizer. — Você ainda acha que há um informante dentro do Departamento?

— É a única explicação.

A voz de Mike era tensa — Certo, Jack. De agora em diante, você estará em contato comigo ou o Diego a cada quatro horas. Você perde uma chamada e eu terei a SWAT local na sua porta antes que você possa piscar.

— Entendido.

— Mais uma coisa. O nome Joaquim Vicente Alzua significa algo para você?

— Nunca ouvi falar.

— O nome dele aparece regularmente na agenda de compromissos do Zachary Parous, mas ainda não temos ideia do porquê. Se algo mais acontecer eu entro em contato.

Jack encerrou a ligação e se virou. Grace estava sentada na cama observando-o.

— Era o Mike. Começaram a segunda autópsia.

— Entendi.

— Ele vai nos ligar assim que souber de algo — Jack disse, e se vestiu.

Grace o seguiu escada abaixo até a cozinha. Ela encheu a cafeteira e esperou até ferver. — Então onde estamos agora?

— Até o quadril na merda.

— Conte algo que eu não sei.

— Que tal pedirmos algo para comer e repassar o que já sabemos até agora?

— Não consigo ver nada de bom nisso, mas se acha que vai ajudar, não vejo por que não.

— Um beijo e abraço de bom dia me ajudam a pensar — Jack disse, agarrando-a e acariciando seu pescoço.

Grace tentou não sorrir, mas não conseguia evitar. — Caso você não tenha notado, Agente West, já são cinco e quinze da tarde, quase horário do jantar.

— E daí?

Ela se afastou. — A manhã começa normalmente com o sol nascendo, não se pondo.

— Sim, mas beijar é bom em qualquer horário. — Ele correu um dedo por sua bochecha e inclinou sua cabeça. Sua outra mão escorregou sobre o quadril dela, puxando-a para perto. Seu beijo era fogo puro. Quando afastou sua boca da dela, os dois estavam ofegantes.

Grace suspirou e olhou para ele por baixo dos cílios. — Essa é uma das habilidades que o Departamento ensina para os agentes? Porque eu odeio pensar que você use essas técnicas para conseguir uma confissão das suspeitas.

A risada de Jack foi baixa e rouca. — Essa é uma que eu adquiri sozinho. — Ele observou Grace passar a língua nos lábios, provando o beijo. A libido dele cresceu. Ele fechou os olhos e ignorou o sangue pulsando em sua virilha. Quando os abriu novamente, o agente estava de volta ao controle.

— Acha que o café já está pronto? — ele perguntou.

— A água provavelmente já ferveu até secar. Vou fazer um novo enquanto você pede uma pizza. Acho que eu vi o número de entrega preso no quadro perto da geladeira.

Ele pegou o telefone e digitou os três primeiros dígitos, mas desligou. Inclinado, ele estudou a variedade de cartões e números de telefone fixados no quadro. Um em particular chamou sua atenção. Ele o pegou e guardou em seu bolso.

— Você quer algo especial no pedido? — ele falou sobre os ombros, enquanto fazia a ligação.

— Atum e anchova. Sem salame.

— O cara disse vinte minutos. — Ele tomou um gole da caneca fumegante que Grace colocara na mesa em frente a ele. O café estava forte e escuro, do jeito que ele gostava. Ele puxou um bloco de anotações amarelo e uma caneta em sua direção, junto com os extratos bancários e o caderno de anotações.

— Fale mais sobre o sócio do Elliott.

— Eu já te disse tudo o que eu sei.

— Então fale de novo. Como ele e o Elliott se conheceram? Qual é a sua especialidade?

Grace queria bater a cabeça na mesa e dizer a ele que isso é inútil. Em vez disso, ela puxou uma cadeira em frente a ele e se sentou.

— O sobrenome do Shaun é Dixon. Ele e o Daniel passaram um ano trabalhando na mesma empresa, antes de formarem a sociedade. Eles trabalhavam juntos há nove anos. O Shaun cuidava dos impostos de pessoas físicas, os investimentos no Reino Unido e a auditoria empresarial.

Jack começou a rabiscar e a fazer anotações no caderno. Ele pegou a caneca e bebeu o conteúdo.

— E os outros funcionários da empresa?

— Tinham dois contadores iniciantes e um auditor. Mas a única que eu conheci foi a Liz Shelton, secretária do Daniel. Ela entrou na empresa há uns oito meses, direto da faculdade.

— Ela poderia ser a amante do Daniel?

Grace ficou em silêncio durante alguns instantes antes de finalmente sacudir a cabeça e dizer: — Não.

— Tem certeza disso?

— A Liz é uma menina doce. Mora sozinha com a mãe idosa e deficiente. Ela não tinha como deixar a mãe sozinha e acompanhar o Daniel em uma viagem de negócios.

— Certo, então ela está fora da lista de suspeitos. Isso nos deixa com os clientes do Daniel. Algum deles já ligou para ele em casa?

— Não que eu lembre, embora... agora que estou pensando sobre isso, teve um cara que ligou para ele algumas vezes.

— Jack levantou os olhos do caderno. — Consegue lembrar o nome?

Ela suspirou, e esfregou as têmporas. — John… John Vance… Vickers… Vines… Desculpa, não consigo lembrar o sobrenome. Ele veio à nossa casa uma vez também. Mas ele deve estar na lista de clientes.

Jack correu um dedo pela lista. — Não, nenhum nome parecido com esse. Você sabe a empresa em que ele trabalhava?

— Não faço ideia.

Jack andou até o balcão e encheu novamente a caneca, e a levou de volta para a mesa. A campainha tocou quando ele ia se sentar novamente.

— Deve ser o jantar. Espere aqui. — Ele abriu a porta com uma mão e pagou pela pizza, então fechou a porta com o pé.

— Pronto — Ele disse, e colocou a caixa na mesa, servindo-se de uma fatia durante o processo. Enquanto mastigava, ele leu as anotações feitas.

— Sempre há um padrão em qualquer crime, especialmente em um esquema de lavagem de dinheiro, mas eu não consigo ver um aqui.

Grace girou o bloco e leu as anotações dele, virando uma página nova.

— Se os documentos eletrônicos são tão importantes, por que o Daniel apenas não os entregou?

— Porque eles eram sua garantia; enquanto ele os tivesse em sua posse, ele estaria seguro.

— Então você acha que alguém os roubou.

— Apesar do que o relatório do acidente e a autópsia inicial diziam, eu não acredito que a morte do Eliott tenha sido acidental. Então, ou ele os entregou para alguém por segurança ou quem o matou está com eles. Isso também explica por que o advogado foi assassinado.

— Você acha que o Daniel os entregou para o Sr. Parous? — Grace perguntou.

Jack pegou outra fatia de pizza. — Não há sinal de arrombamento no escritório ou na casa dele. Se o Parous estava com eles, deve ter entregado para o assassino.

Grace desenhou um sinal de interrogação entre cada nome na página. — Existe outra possibilidade - o Daniel poderia ter dado a sua amante.

Ele hesitou, não querendo lhe causar nenhum desconforto. Mas não havia um jeito polido de perguntar, além de ir direto ao ponto.

— Quando o Daniel fez o testamento?

— Um pouco depois de comprar esta casa, por quê?

— Se ele não queria que você soubesse da existência dela, por que ele a incluiria no testamento? Isso não faz sentido, a não ser que...

— O quê?

Um músculo tremeu na mandíbula de Jack. — A não ser que ele planejasse alterá-lo depois.

— Você acha que o Daniel planejava se divorciar de mim?

— Essa seria uma forma de impedir que você herdasse a propriedade. O outro seria matar você.

O choque drenou o sangue do rosto dela. — Isso é absurdo. O Daniel não cometeria um assassinato.

— Com você fora do caminho, legalmente ou de outra forma, ele poderia deixar a propriedade para quem ele quisesse. E se o meu palpite estiver certo, e o Daniel foi morto por alguém envolvido no esquema, isso também explicaria por que alguém tentou nos matar ontem.

Grace estremeceu por dentro. De alguma forma, a sugestão fez Daniel parecer um criminoso, não o homem com quem ela se casara.

— E se o homem que me ameaçou no funeral também for o dono da ilha

que o Daniel visitou, aquela que o Pete Jacobs nos falou? Ele queria os arquivos eletrônicos; por que não supor que o dinheiro era dele? Ele pode ter me seguido até aqui.

— São muitos "e se" e há somente uma forma de descobrir se está certa.

Grace ignorou o frio na espinha. Ela tomou um gole de café e esperou. Quando ele não disse nada, ela perguntou: — Está sugerindo que visitemos a ilha?

Jack xingou baixinho. — Seu traseiro já está na linha de fogo. Ir até lá...

— Seria suicídio?

— Eu ia dizer "perigoso demais".

Ela deu de ombros. — Bom, não estarei em perigo maior do que eu já estou. Quando iremos?

— Mesmo se o Mike concordasse, eu não a deixaria ir.

— Mas...

Jack ficou de pé e deu a volta na mesa para ficar ao lado de Grace, puxando a cadeira dela para trás.

— Droga, Grace. Isso é um trabalho para uma equipe da SWAT, não para um civil inocente. Tem ideia do que eu passei ontem à noite, sabendo que poderia não conseguir protegê-la, impedir que fosse morta?

Ela perdeu o ar diante do medo e da paixão refletidos nos olhos dele. Ela não se moveu.

Os dedos dele deslizaram em seus grossos cabelos castanhos. Ele se inclinou até suas testas se tocarem.

— Eu amo você, Grace. Acho que sempre amei. Mas precisa confiar no meu julgamento quanto a isso.

Antes que ela pudesse responder, seus lábios tocaram os dela. Sua própria boca respondeu, e um arrepio familiar de desejo correu profundamente pelo seu corpo. Ela levantou a cabeça e viu a ternura no olhar dele e disse: — Mas...

— Não argumente. Vamos deixar essa ideia guardada como "último recurso". OK?

Ela colocou uma mão sobre a bochecha dele e repousou os dedos por um momento. — Certo.

— De qualquer forma — ele disse, sentando-se novamente e pegando outra fatia de pizza, — isso nos deixa apenas o caderno de anotações.

— Eu estive pensando nisso. E se ele não estiver escrito em código?

Jack franziu a testa. — Como assim?

— Nós nunca comparamos os dados no caderno com as datas de depósitos nos extratos bancários. Isso pode explicar a origem de cada depósito.

— Você acha que pode ser tão simples assim?

— Não dizem que podemos esconder as coisas à vista de todos?

Jack esfregou a barba. — Você está certa. Eu vou comentar isso com o Mike quando ligar para ele. E verificar se os caras da tecnologia dão alguma sugestão.

Grace girou o anel de platina no dedo anelar da mão esquerda. Não significava mais nada para ela agora. Ela o tirou, junto com o anel de diamante de noivado que combinava, e os colocou no bolso. Quando voltasse para casa, ela os venderia e daria o dinheiro para o Instituto de Câncer ou outro programa de caridade. Ela se levantou, pegando a caixa vazia de pizza e a jogou na lixeira, depois se serviu do resto do café, antes de ir novamente para seu lugar à mesa.

— Tem mais uma coisa me incomodando.

— Continue — disse Jack.

— O Sr. Cody disse que todos os clientes do banco possuem um cartão para o caixa eletrônico, mas não havia nenhum cartão do tipo na carteira do Daniel quando a polícia me devolveu.

— E os cartões de crédito e dos bancos britânicos? Também estavam faltando?

— Não, além disso, a carteira dele continha uma quantia considerável de dinheiro.

— De quanto estamos falando?

— Trezentos e cinquenta libras.

Jack olhou para cima, seu rosto sombrio. — Isso é muito dinheiro para carregar por aí. Alguém próximo do Elliott deveria saber que ele estava gastando o dinheiro do esquema de lavagem de dinheiro. Quando ele se recusou a dividir um pouco, eles o mataram e então roubaram o cartão.

— Isso com certeza é uma possibilidade.

— Verifique os extratos bancários. Algum saque foi realizado depois da morte do Daniel?

Grace vasculhou os extratos até encontrar o referente a novembro. Ela correu um dedo pela página. — Só vai até o dia quinze. Imagino... — Ela empurrou a cadeira para trás e subiu as escadas para voltar logo depois com um envelope. — Eu não tive chance de olhar isso ontem.

Ela rapidamente o abriu e tirou o conteúdo. — Talão de cheques, cartão de saque, e sim, outro extrato até a data que foi transferida para o meu nome.

Jack estendeu a mão para pegá-lo. Ela tirou a mão dele.

— Houve onze saques desde a morte do Daniel no dia dezessete, cada um de quantias pequenas - vinte e cinco dólares ou menos. O último foi há quatro dias.

— Deixe-me ver. — Ele pegou o extrato e começou a ler. — Você não precisa de senha para uma quantia tão pequena. Apenas ir até o caixa eletrônico, inseri-lo na máquina e pegar um recibo. Uma pessoa pode sobreviver com pequenas compras com essa quantia por algum tempo e também é uma forma de saber se a conta ainda está ativa.

— Então quem tem o cartão terá uma surpresa.

— Podemos dizer que sim.

— Então tudo o que o FBI precisa fazer é prender a pessoa quando tentar usar o cartão novamente.

Jack olhou para o relógio. — Faça mais um pouco de café enquanto eu ligo para o Mike e peço para ele verificar mais algumas coisas.

— Que coisas?

— Eu vou te contar se e quando elas derem certo.



Capítulo Vinte e Três

MIKE ZUPANIK fechou os documentos e os trancou em seu armário. Apertou sua maleta firmemente e se dirigiu para o estacionamento. Já estava escuro e uma brisa gentil vinha do oceano. Seu dia de trabalho tinha terminado, ele parou para afrouxar a gravata e desabotoar o primeiro botão da camisa. Pela primeira vez em uma semana, estava indo para casa antes do jantar.

Ele sorriu, destravou o carro e se sentou no banco do motorista, jogando a pasta no banco próximo a ele. Planejava parar no supermercado local no caminho de casa para comprar algumas flores e chocolate para Chrissie, sua esposa.

Foi uma longa semana, e certamente poderia passar algum tempo com os netos, mas a afirmação de Jack sobre alguém no Departamento estar vazando informações o incomodava.

Somente seis pessoas, exceto o contador forense que examinava os registros do Elliott e o técnico de informática que vasculhava o MacBook, sabiam em que caso Jack estava trabalhando.

Além dele e de Jack, somente Diego, Mancuso, Kennedy e Anderson tinham acesso a toda informação relevante e estavam diretamente envolvidos.

Parou diante do sinal para permitir que uma mãe com uma criança

pequena atravessasse a rua. Ele sorriu quando o menino puxou a mão da mãe, pedindo para ela se apressar. Ele lhe lembrava seu neto, David, sempre correndo na frente, ansioso pela vida. Só mais sete meses até ele se aposentar, então ele e David prepariam o trailer que planejava comprar, e partiriam para a floresta para um verão inteiro de pesca e acampamento.

O carro de trás tocou a buzina. Mike tirou o pé do freio e colocou o carro em movimento, sua mente voltando para o problema.

Alejandro Diego era o mais novo membro do escritório de Miami. Com uma carreira de agente dedicado, ele assumiu algumas tarefas difíceis enquanto trabalhava para a agência antidrogas e seria a última pessoa que Mike suspeitaria de aceitar suborno de uma quadrilha criminosa. Joel Mancuso trabalhava no Departamento há dez anos e, embora ele não tivesse o raciocínio rápido de Diego ou o conhecimento sobre o tráfico de drogas cubano, ele era consciente, educado e possuía um histórico impressionante de casos resolvidos.

Isso deixaria apenas Bill Kennedy e Seth Anderson.

Mike esfregou uma mão sobre as têmporas. Não era segredo para ninguém que o Anderson não gostava de Jack. Mike nunca entendera o porquê, então justificou como um choque de personalidade. Mas agora se perguntava se não haveria algo mais sério.

Jack e Anderson tinham completado seu treinamento básico na Academia na mesma época. Anderson cumprira seu estágio de dois anos no escritório de Anchorage, enquanto Jack o completara em Boston. Seus caminhos não haviam se cruzado até três anos atrás, quando ambos foram designados para o escritório de Detroit. Foi a última vez que trabalharam juntos até quatorze meses atrás, quando se tornaram parte de sua equipe.

Mike nunca conseguiu descobrir por que Jack e Anderson se odiavam. Ele estava vagamente ciente da briga de dez anos atrás e fora instruído a prestar atenção nisso. Mas os anos de experiência lhe disseram para não ultrapassar essa linha. Agora ele se perguntava se o seu não envolvimento tinha sido realmente a decisão correta.

Desde o primeiro dia, a antipatia entre os dois era palpável. Jack visivelmente cerrava os dentes na presença de Anderson e este cerrava os punhos sempre que Jack passava. Mike tinha considerado seriamente em transferir um dos dois, mas então o caso em que Jack estava envolvido atravessou a fronteira internacional e ele foi trabalhar em Londres.

Jack era um investigador incrível, fazia tudo de acordo com o protocolo

e seu histórico de casos solucionados era sólido. No entanto, não tinha medo de expressar suas opiniões e ele bateu de frente com vários Agentes Especiais em Comando durante seu tempo no Departamento. Mas, por tudo isso, Mike confiava cegamente no julgamento de Jack e o indicou para a o cargo de Assistente do Agente Especial em Comando.

Anderson, por outro lado, de alguma forma era um enigma. Ele nunca falava sobre sua família ou socializava com seus colegas depois do trabalho ou aos fins de semana. Ultimamente, estava ainda mais retraído que o normal, como se algo o estivesse incomodando. Mais de uma vez, Mike poderia jurar que uma tristeza passava pela expressão constantemente impassível de Seth.

Mike girou o volante e fez o carro girar cento e oitenta graus. Os pneus gritaram na escuridão. Não custaria nada olhar os arquivos pessoais de cada pessoa envolvida no caso. Ele apertou o três na discagem rápida do celular - casa e Chrissie.

— Hey, linda! — ele disse.

Uma mulher suspirou do outro lado da linha. — Quando eu sou "linda", normalmente significa que vai se atrasar.

— Você me conhece tão bem.

— Graças a Deus que os nossos votos de casamento não incluem chegar a tempo do jantar... o que você não vai fazer, não é, Mike?

— Desculpe, docinho. Tenho um encontro com um problema bem grande.

— Ainda bem que fiz uma caçarola. Vou deixar no micro-ondas para quando aparecer.

Mike contraiu os lábios. — Eu amo você, sabe disso.

— Eu também te amo. Provavelmente mais do que eu deveria.

O telefone desligou em seu ouvido. Era incomum ela não dizer seu "*tchau*" usual. Ele sentiu um calafrio repentino. Muito ar condicionado, ele pensou. Ela não disse adeus. Isso não era nada demais.

Ou era?

O prédio do FBI estava completamente escuro, a não ser pelas luzes sobre a cabine de segurança. Mike mostrou seu distintivo para o agente de plantão, e então subiu as escadas até seu escritório. Quando entrou, ele acendeu o abajur na mesa e jogou sua pasta no sofá no canto da sala.

Mike não era o tipo de chefe que agia pelas costas de seus agentes. Normalmente, ele confiava cegamente, mas algo sobre as preocupações de Jack o incomodava. Ele girou o botão do cofre e pegou uma pilha de pastas

marrons.

De acordo com o arquivo do Anderson, depois de se formar na faculdade, ele fez uma rápida passagem pelo Exército antes de se candidatar para ser um agente. Ele passou em todas as intermináveis verificações de antecedentes e exames físicos, mas não foi selecionado na primeira vez. Não havia nada de estranho nisso – algumas vezes os candidatos eram eliminados pelo fato de haver muitas inscrições naquele ano. Não se deixando intimidar, Anderson se inscreveu doze meses depois e foi aceito no curso de treinamento de quinze semanas na Academia. Desde a graduação, sua carreira não tinha sido muito notável. Ele era um bom trabalhador. Aparecia quando precisava. Reportava os casos da maneira que tinha sido ensinado. Mike esfregou o queixo. Ele nunca tinha percebido isso antes, mas era como se isso fosse apenas um trabalho para o Anderson. Nada mais.

Mike virou a página. Ele fora investigado por má conduta – uma vez por passar informação para uma repórter, embora nada estivesse provado, e na segunda ocasião, por fazer comentários sexuais depreciativos a uma agente mulher. Ele conhecia a agente em questão. Ela se saíra muito bem no Departamento e ocupava uma posição de destaque para a idade dela. Isso explicava o porquê Anderson fora recusado para promoções mais de uma vez. No Departamento, todos tinham boa memória.

Mike recostou-se em sua cadeira. Normalmente, Jack era um homem justo e sempre olhava do ponto de vista geral, mas o estigma associado à má conduta de Anderson poderia ser a razão da antipatia de Jack?

Os agentes possuíam um código de honra implícito e não hesitariam em entregar um colega se soubesse que ele havia feito algo ilegal. Jack saberia algo sobre Anderson - algo que o conectaria com atividades criminosas?

Mike negou com a cabeça. Não havia nada nos arquivos para apoiar a suposição de Jack que Anderson tivesse algo a ver com o vazamento de informações. Ele checou seu relógio, nove e trinta e cinco. Jack ligaria em breve. Ele se levantou, coçou a nuca e inclinou a cabeça para um lado e depois para o outro.

Então Anderson estava descartado. Isso implicava em Bill Kennedy. Com quinze anos de trabalho, ele estava apenas matando o tempo até a aposentadoria. Divorciado duas vezes, ele estava no escritório de Miami há sete anos. Kennedy era de longe o desgraçado mais sério que Mike já conhecera. Quantas vezes ele olhou dentro daqueles olhos claros e se perguntou o que Kennedy estaria pensando? E quantas vezes poderia afirmar

que sabia? Ele costumava dizer a si mesmo que a inescrutabilidade era a marca de um bom agente. Mas agora Mike tinha outros pensamentos... Kennedy estaria escondendo algo todo este tempo?

A sala do esquadrão estava vazia, os computadores desligados. Mike pegou sua xícara vazia. No caminho para a máquina de café, ele parou na mesa de Kennedy. Parecia que o cara tinha acabado de se mudar. Nenhuma fotografia, nada de natureza particular que indicasse de quem era aquela estação de trabalho. Ele se inclinou para abrir a primeira gaveta, mas, sentindo-se como um intruso, desistiu. Se ele não pudesse confiar nos membros da sua própria equipe, então Chrissie estava certa, já era hora de se aposentar.

O celular no bolso vibrou. Seu estômago roncou quando ele apoiou o quadril sobre a borda da mesa, lembrando-o da caçarola que o esperava em casa.

— Zupanik.

— Senhor, é o agente Baker do laboratório forense de computadores. O pedaço de papel com os números, aquele que o agente Mancuso copiou para mim, eu terminei de rodá-lo no computador e descobri que é um número IBAN.

— Um o quê?

— Um número IBAN – um número de conta bancária internacional, usado pelo sistema de compensação dos bancos europeus. Os números IBAN identificam contas em bancos por todo o mundo. São usados para acelerar a transferência de fundos.

— Entendi, mas consegue identificar o banco e o país em que a conta está vinculada?

— Sim, consigo. Os vinte e quatro dígitos representam o código do país, o banco de compensação e o número da conta.

— Eu não preciso de uma explicação. Só me fala o nome do banco e o número da conta. Você pode colocar os detalhes em um e-mail.

— Banco Suisse, em Lausanne. O número da conta é 0C1024502871CH.

— Alguma novidade sobre o notebook ou o caderno de anotações?

— O time de criptologia está trabalhando no caderno de anotações. Quanto ao notebook, o disco rígido foi formatado.

— Você não consegue recuperar nada?

— Quando você formata o disco rígido, o software guarda os dados

armazenados anteriormente. Conseguimos reconstruir uma unidade virtual e recriar alguns dos arquivos. A maioria estava relacionado com os clientes de contabilidade do Elliott, mas três estão criptografados. Estamos trabalhando nesses.

— Obrigado pela atualização, agente Baker. Mantenha-me informado.

— Só mais uma coisa...

— Sim?

— O agente Mancuso nos enviou algumas gravações do aeroporto internacional de Miami. Conseguimos melhorar as imagens e tirar uma foto de uma mulher que parece estar viajando com o seu homem. Ela aparece duas vezes; uma vez conversando com o Elliott enquanto aguardam na fila da imigração, e outra depois conforme caminhavam pelo prédio do terminal. O Departamento de Segurança Interna está tentando comparar o rosto com o nome e passaporte, e rastrear seu assento com a companhia aérea. Enquanto isso, estou enviando por fax algumas fotos.

— Me avise assim que você tiver uma identificação.

Mike encerrou a conexão. Finalmente, eles estavam chegando a algum lugar. A máquina de fax no canto do escritório começou a fazer barulho e a ganhar vida. Lentamente, a imagem de uma mulher apareceu. Ele levantou o papel da bandeja e olhou para a fotografia embaçada. Exceto pelo cabelo loiro na altura dos ombros, suas feições e cor dos olhos eram indecifráveis. Ele xingou e desejou que os aeroportos substituíssem as fitas de vídeo em suas câmeras de segurança com mais frequência, ao invés de reutilizá-las.

Ele começou a discar o número do celular de Jack, depois pensou melhor. Essa informação deveria ser entregue pessoalmente.

De volta ao seu escritório, ele guardou os arquivos no cofre e o trancou, então pegou sua pasta e apagou as luzes. Vinte minutos depois, ele entrou na garagem de sua casa.

As luzes surgiam através da abertura nas cortinas que cobriam a grande janela da sala de estar. Mike saiu do carro e esfregou o lado esquerdo do peito, logo abaixo da caixa torácica. Sua úlcera estava dando sinais de vida novamente e ele esperava que Chrissie tivesse pegado leve com a caçarola.

Ele sempre gostava do momento em que chegava em casa. Não importava quão ruim o dia fosse, Chrissie sempre o recebia com um sorriso e um abraço. Ele destrancou a porta e entrou. A casa estava em silêncio. Ele colocou a pasta na mesa da entrada. O cairn terrier de Chrissie, Briar, veio correndo cumprimentá-lo, pulando ao seu lado para um carinho e uma

massagem na barriga.

— Na cozinha — Chrissie chamou.

Mike acariciou a cabeça do cachorrinho e então seguiu a voz. Chrissie estava sentada no balcão, tomando sua habitual xícara de chocolate quente antes de dormir. Ele deu um beijo em sua bochecha.

— Desculpe pela demora.

Chrissie se levantou, e tirou a caçarola da geladeira.

— Você nunca chega em casa na hora, Mike. Isso veio com o trabalho, algo que eu aceitei anos atrás. Eu só queria que estivesse mais por perto quando as crianças estavam crescendo.

Mike suspirou. Eles tiveram a mesma briga quase toda semana pelos últimos trinta e um anos. — Eu sei. Ao menos eu posso corrigir com o David e o Angie. — Ele observou sua esposa colocar a caçarola em um prato e cobrir com um papel filme. A sensação de queimação eu seu peito atingiu um nível mais alto. Ele prendeu a respiração e estremeceu.

— Vá para cama, e eu cuido disso — ele disse, pegando o prato da mão dela.

— Tem certeza?

— Eu sei como usar o micro-ondas. Vai lá, eu estarei na cama em um minuto. — Ele beijou sua bochecha e esperou até ela sair, depois pegou a jarra de leite na geladeira e colocou um pouco em um copo. O líquido frio aliviou a queimação em seu estômago. Ele esvaziou o copo e voltou para enchê-lo novamente.

A dor, diferente de tudo que ele havia experimentado antes, cresceu em volta do seu coração e pulsou pelo braço esquerdo. O copo escorregou de sua mão, derramando o conteúdo no chão. Suor brotava em sua testa; o cômodo girando. A náusea cresceu em sua garganta enquanto ele lutava para respirar.

Ele cambaleou até o corredor. Sua mão estendida agarrou-se ao corrimão, mas o esforço foi grande demais. Seu corpo semiconsciente desabou no chão; o nome de sua esposa num sussurro preso em seus lábios.



Capítulo Vinte e Quatro

GRACE ACORDOU com uma onda de adrenalina. Sons abafados vieram do andar de baixo. Completamente desperta, ela permaneceu imóvel, mal ousando respirar. Um ruído do outro lado da cama lhe avisou que Jack também ouvira o barulho.

Seus lábios tocaram a orelha dela. — Fique aqui — ele sussurrou e pegou a arma que deixara na mesa de cabeceira. — Vou verificar a casa. Chame o Anderson - aperte o dois no meu celular - e diga-lhe que temos um intruso na casa.

Grace engoliu de volta seu grito, e o observou colocar o jeans. Ela queria protestar, mas sabia que não ganharia a briga, então apenas assentiu em consentimento.

Seminu, Jack liberou a trava de segurança da arma, depois atravessou silenciosamente em direção à porta fechada do quarto e ouviu.

Outro barulho abafado veio do andar debaixo.

O suor escorreu por sua espinha. Seu pulso acelerou. Ele abriu a porta do quarto apenas poucos centímetros para espiar. A luz no corredor estava acesa.

Ele não tinha deixado assim.

Jack considerou o risco de ficar parado contra o de enfrentar o intruso e

percebeu que não gostava das possibilidades. Olhou rapidamente por sobre o ombro. Grace estava sentada na lateral da cama, seus braços em volta do peito, sua respiração irregular. Ele gesticulou para o banheiro, esperando que ela entendesse a dica e se trancasse nele, ou fizesse qualquer coisa, menos permanecer ali, esperando o que poderia acontecer com eles.

Ele pressionou seu ouvido contra a porta novamente.

Silêncio.

Ele a abriu mais um pouco. Como ninguém o atingiu, pisou no corredor. Seus dedos se apertaram em volta da arma. Ele se inclinou sobre o corrimão e olhou para o corredor abaixo.

Vazio.

Mantendo as costas na parede, ele desceu vagarosamente as escadas. O chão de mármore parecia gelo sob seus pés enquanto ele se movia furtivamente pelo corredor até a cozinha. Outro som suave veio de lá. Sua frequência cardíaca aumentou, aguçando seus sentidos.

A porta estava entreaberta, um fino feixe de luz surgindo pela fenda. Uma mala estava no chão próximo ao balcão. Ele bateu na porta com todo o peso de seu corpo. — FBI — ele gritou. — Não se mexa.

A mulher ao lado da pia gritou. O copo escorregou de seus dedos, e quebrou-se em pequenos cacos.

— Mantenha as mãos onde eu possa ver e vire-se lentamente.

Por um momento, Jack apenas a encarou. Esbelta e de estatura média, com cabelos loiros ondulados e olhos castanhos, ela estendeu as mãos para os lados. Quando ele se aproximou, ela levantou o queixo e corajosamente o encarou.

— Quero ver um documento de identificação — ele ordenou.

A mulher ficou rígida com o desafio. — Na minha bolsa, na mesa. Eu sou...

Grace apareceu na porta, com os olhos e a boca arregalados. — Catherine? Catherine! Graças a Deus! — Ela avançou e agarrou a irmã em um abraço trêmulo. — Eu estava morta de preocupação. Você não recebeu nenhuma das minhas mensagens? Como você soube onde me encontrar?

Catherine quase chorou de alívio, odiando-se por ter prazer em ver a irmã.

Jack travou a arma e guardou-a na cintura da calça jeans. — Eu ainda quero saber como você chegou até aqui.

Catherine vasculhou sua mente, lutando para lembrar o nome da amiga

de sua irmã, aquela para quem Grace sempre contava tudo.

— Olivia, — ela disse por fim — eu telefonei para a Olivia e ela me disse que você estava aqui.

— Então você sabe sobre o Daniel — disse Grace, seu rosto sombrio.

Houve um silêncio, durante o qual Catherine respirou fundo. Cada nervo em seu corpo explodindo com espasmos de alarme. Algo estava errado. Horrivelmente errado. Ela se soltou do abraço da irmã e agarrou a borda do balcão em busca de apoio.

— O que... o que houve com o Daniel?

— É melhor você se sentar, Cat — Grace disse, usando o apelido de infância da irmã.

— Eu não preciso me sentar. Só me diga o que aconteceu.

— Não há uma maneira fácil de dizer isso – O Daniel morreu.

— Ah meu Deus, não! Não! Você está mentindo. Não é verdade. — Catherine cobriu o rosto com as mãos. Seu coração estava batendo muito rápido, fazendo sua cabeça doer e sua pele suar. Ela teria desabado se não fosse pelo apoio do balcão em suas costas. — O Daniel estava bem, saudável, e era jovem. Ele não pode ter morrido. Por que está dizendo isso?

— Porque é a verdade.

Os olhos castanhos de Catherine demonstravam a tortura da descrença. Ela caiu de joelhos. — C-como isso aconteceu?

Grace passou um braço de consolo em torno dos ombros da irmã, ajudando-a a ficar de pé. Catherine cambaleou pelo cômodo até a mesa, e desabou em uma cadeira. A náusea apertava sua garganta, lágrimas escorriam pelo seu rosto.

— Jack, pegue o conhaque — Grace disse.

Jack colocou um copo nas mãos de Catherine. Ela o bebeu rapidamente e estendeu a mão para mais.

Grace entregou um lenço a irmã e esperou que seus soluços diminuíssem, depois explicou como Daniel havia morrido.

Jack permaneceu apoiado contra o balcão da cozinha, observando a interação entre as duas irmãs.

Quando Grace terminou de falar, Catherine vasculhou sua bolsa atrás de seus cigarros. Sua mão tremia enquanto ela pegava o maço. Ela aspirou a fumaça, a nicotina deixando-a tonta e aumentando os efeitos colaterais da droga que tomara horas antes. Confusa, ela lutou para se concentrar.

— Meu Deus. — Catherine piscou com força e engoliu em seco, lutando

contra as lágrimas. Ela levantou uma mão até a bochecha da irmã. — Eu sinto muito. Sinto muito por estar em uma conferência de vendas quando você mais precisava de mim.

Grace apertou a mão de Catherine. — Está aqui agora, é isso que importa. Ouvir sobre a morte de Daniel dessa forma deve ter sido um choque. Eu sei que também o amava.

Um rápido olhar para o estado desgrenhado e a cor acentuada de Grace fez Catherine pensar que havia mais no relacionamento entre sua irmã e Jack. Talvez, apenas talvez ela pudesse usar isso a seu favor. Ela respirou fundo e escolheu com cuidado as palavras.

— Eu não posso acreditar que o meu cunhado era um criminoso. Ele me forneceu uma casa depois da morte do papai e da mamãe. Ele pagou pelos meus estudos, me ensinou a dirigir. Ele me deu atenção. Mas o homem que descreveu, parecia tão estranho, tão diferente do Daniel que eu conhecia.

— Ele enganou a nós duas. Você sabia que ele tinha uma amante?

O sangue desapareceu do rosto de Catherine. — Eu... você tem certeza?

Jack e Grace se olharam.

— Sim, nós temos — Jack respondeu.

Um músculo saltou na mandíbula de Catherine. Ela inclinou a cabeça e engoliu em seco. Os olhos de Jack pareciam ver através dela. — Você tem alguma ideia de quem ela é?

— Nós estamos investigando.

Catherine ignorou Jack e olhou diretamente para a irmã.

— Filho da mãe. Você deve estar arrasada, minha querida.

Grace passou a mão pelos cabelos. — Não mais. Neste momento eu só odeio o Daniel por todas as mentiras que ele contou.

— Ao menos ele lhe deixou essa casa fabulosa.

A sobrancelha de Jack ergueu-se. — Como sabe disso?

— Do que está falando? — perguntou Catherine, — que essa casa é fabulosa ou que isso agora pertence a Grace?

O canto direito da boca dele inclinou-se para cima. Ele já conhecera alguns mentirosos corajosos em sua vida, e essa mulher estava acima dos melhores.

— Que pertence a Grace.

— Olivia me disse.

— Essa conferência em que você estava... onde era?

— Roma. Por quê?

— Grace estava realmente chateada porque não conseguia encontrá-la. Quanto tempo ficou lá?

Os olhos de Catherine se apertaram. — Cinco dias. Recepcionei um grupo de consultores de cirurgiões. Eu posso lhe passar os nomes e o endereço dos hospitais onde eles trabalham, se quiser.

— Talvez depois. Depois que a conferência acabou, o que fez?

Grace virou-se para encarar Jack. — Pare com isso! A Catherine não fez nada de errado.

— Duas pessoas conectadas com Daniel estão no necrotério. Alguém tentou nos matar na noite passada. Na próxima vez podem realmente conseguir. Eu acho que isso me dá o direito de fazer algumas perguntas a sua irmã.

— Está tudo bem, Grace. — Catherine colocou uma mão sobre o braço da irmã e então virou para encarar Jack. — Eu tinha algumas folgas para tirar, então fiquei alguns dias. Você tem algum problema com isso?

— Não, mas isso não explica por que não retornou nenhuma das ligações de Grace.

Uma raiva repentina brilhou nos olhos castanhos de Catherine. — Meu celular foi roubado, junto com a minha bolsa.

— Que também continha o seu passaporte. Nesse caso, como chegou até aqui?

As feições de Catherine permaneceram impassíveis. — Eu fui até a embaixada britânica. Eles me deram um novo passaporte e me colocaram em um voo de volta para Londres. Quando a Olivia me disse que a Grace estava aqui, eu peguei o primeiro voo disponível.

— Isso ainda não explica como entrou na casa.

— Bom, obviamente eu não arrombei. E como eu não tenho uma chave...

Jack sustentou o olhar. — Não tem nada óbvio aqui. Todas as portas estavam trancadas.

Os olhos castanhos de Catherine encararam seu inquisidor. — Está sugerindo que eu estou mentindo?

— Já chega, Jack. Catherine não é uma suspeita — Grace disse, e então se virou para a irmã. — Você deve estar cansada. Vamos subir. Vou lhe mostrar onde fica o quarto de hóspedes.

Jack observou as duas mulheres deixaram o cômodo de braços dados. Ele olhou para o relógio – quase meia-noite. Com alguma sorte, Mike ainda

estaria acordado. Ele discou o número e esperou o Agente Especial em Comando atender. Surpreso por ninguém ter respondido, ele desligou e discou o número do celular do agente Diego.

— Jack West — ele disse quando Diego atendeu. — Desculpe te ligar tarde, mas o Mike não está atendendo e isso é...

— O Mike teve um infarto. Ele está em estado crítico.

A mão de Jack apertou o celular. — Jesus. Em que hospital ele está, Diego?

— No Jackson Memorial. A Chrissie o encontrou caído do corredor. Não parece nada bem, Jack. Se ele conseguir aguentar as próximas vinte e quatro horas, então teremos uma chance.

— Eu estarei aí assim que conseguir.

— Não tem nada que possamos fazer, Jack. E se ele estivesse bem, Mike lhe diria para continuar com a investigação. Eu vou te avisar de qualquer alteração na condição dele.

Lá no fundo, Jack sabia que Diego estava certo, mas ainda assim era difícil não fazer nada. — Nesse caso, pode verificar os antecedentes de Catherine Peterson – trinta, anos, caucasiana, um metro e oitenta, com olhos castanhos? Ela é britânica, então você vai ter que falar com os nossos amigos do outro lado. Quero saber dos movimentos dela nas últimas três semanas, e mais específico se o passaporte dela passou pela imigração em qualquer lugar da costa leste. Ah, e verifique seus empregadores, Farmacêutica Ross. Ela trabalha como representante de venda.

— Qual a conexão dela com o Elliott?

— É a irmã de Grace. Apareceu aqui em Sand Dollars uma hora atrás. Entrou direto, dizendo que a porta da frente estava destrancada. Ela contou uma história de ter perdido o celular e o passaporte enquanto acompanhava um grupo de cirurgiões em uma conferência em Roma. Então verifique com a embaixada britânica de lá e veja se eles lhe deram um novo.

— Algo mais?

— Sim, compare a imagem dela com as gravações do aeroporto para ver se ela bate com alguma das mulheres que viajaram no mesmo voo do Elliott.

Diego fez um som abafado. — Você tem ideia de quantas mulheres estavam nesses voos?

— Só faça isso — Jack interrompeu. — E não esqueça de me avisar sobre a condição do Mike.

Jack desligou antes que Diego pudesse dizer o que pensava.



Capítulo Vinte e Cinco

— SE A morte do Daniel foi acidental, como o FBI se envolveu? — Catherine perguntou enquanto ela e Grace subiam as escadas.

— Eu pedi a ajuda do Jack. Ele me levou para conhecer o chefe dele, Mike, depois de termos ido ver o advogado de Daniel em Miami. O Mike decidiu investigar.

— Então você já conhecia o Jack?

— Nos conhecemos há alguns meses.

— Isso foi sorte. Você dois estão envolvidos?

Grace parou e virou para encarar a irmã. — Não, não estamos. E não, nunca estivemos. Diferente do Daniel, eu cumpri os meus votos de casamento. Jack e eu éramos... somos bons amigos.

— Não precisa ficar na defensiva. O que vai acontecer quando o FBI terminar a investigação? Você vai poder ficar com a casa?

Grace tentou ignorar a curiosidade no olhar da irmã e andou novamente. — É complicado. Talvez eu não tenha escolha a não ser entregá-la.

— Mas se o Daniel lhe deixou isso no testamento, então certamente pertence a você.

— Não se o dinheiro usado para comprar foi obtido de forma ilegal. Além disso, eu não sei se eu a quero.

— Pelo amor de Deus, Grace. Você não pode simplesmente se desfazer de uma casa como essa! Quer dizer, com uma localização privilegiada de frente para a praia, ela deve valer uma nota.

— Provavelmente sim. Mas não seria confortável viver aqui sabendo que o Daniel enganou várias pessoas para conseguir o dinheiro deles. Além disso, o Jack acredita que Daniel estava planejando se divorciar de mim e mudar o testamento em favor da amante.

Catherine tropeçou em um degrau e cambaleou para o outro. Recuperando o equilíbrio, ela perguntou: — E... e você acredita nele?

— Faz sentido se você considerar que o Daniel comprou essa casa sem o meu conhecimento.

— Talvez ele quisesse te fazer uma surpresa — Catherine sugeriu.

Grace gargalhou. — Ah, sim, ele realmente fez. Quando um homem compra uma casa para a esposa, ele não costuma colocar a amante nela primeiro.

Catherine deu uma risada sufocada. — Acho que não. Ainda assim, é impressionante. Tem o que, quatro ou cinco quartos?

— Quatro. A suíte master e o quarto onde estou possuem vista para a praia. Os outros dois são na lateral da casa. Você pode ficar com um desses.

Grace virou à direita no topo da escada. Quando passaram pela primeira porta, Catherine a abriu e entrou. Roupas e sapatos estavam espalhados por todo lugar – na cama king-size, no tapete azul claro e na delicada cadeira da penteadeira.

— Meu Deus. O que aconteceu aqui? — ela perguntou, atordoada e enojada ao ver uma delicada lingerie de seda pêssego e renda que havia sido rasgada em duas.

As bochechas de Grace queimaram com a lembrança. — Era o quarto do Daniel. O que ele compartilhava com a amante. Eu me senti tão traída quando encontrei as roupas dela que não consegui controlar minha raiva. Eu vou pegar alguns sacos amanhã e limpar a bagunça.

— Não pode simplesmente jogar tudo fora — Catherine disse, recolhendo uma jaqueta de seda Missoni no chão e colocando-a com muito cuidado sobre a cama.

— Eu não quero nada disso. Você faz ideia de como eu me senti quando encontrei as roupas dela aqui?

— Não deve ter sido muito fácil. Mas pelo menos me deixe dar uma olhada antes. Quero dizer, são todas de grife e são pequenas demais para

você. Ora, esses sapatos são da Jimmy Shoo e são o meu número. Tem milhares de dólares aqui. — Catherine segurou um vestido azul safira contra o corpo e desfilou na frente do espelho.

— Milhares de dólares ilícitos.

Catherine continuou a se admirar, alisando os vincos do vestido.

— Você não tem certeza disso.

Grace olhou para sua irmã, uma vaga lembrança flutuando no fundo de sua mente. Ela puxou o vestido das mãos de sua irmã e o jogou no chão.

— De que outra forma Daniel teria pago por esta casa? E de onde você acha que veio o dinheiro na conta bancária em Miami, da Disneylândia? — ela gritou.

Catherine ficou imóvel com o choque. — Ele te deixou dinheiro também?

— Se ele planejava deixar isso para mim ou não, não importa. A questão é: onde ele conseguiu dois milhões de dólares? Ele certamente não ganhou isso.

— Dois milhões? Caramba, eu não sabia que ele tinha sugado tanto assim.

Uma raiva repentina acendeu nos olhos de Grace. — Isso não é motivo de orgulho. Afinal, ele era o seu cunhado. Por aqui, o seu quarto é no final do corredor. — Emburrada, ela conduziu a irmã para fora da suíte master e pelo corredor.

— Dois milhões de dólares, mais essa casa; não é de se admirar que o Jack esteja cercando você como um cachorro no cio.

Grace abriu a porta do quarto de hóspedes, batendo-a contra a parede e amassando o reboco.

— Você não ouviu uma palavra do que eu disse. Eu não quero esta casa ou o dinheiro. E o Jack não está me "cercando" como você disse. Ele está fazendo o trabalho dele.

— Ótimo discurso — Catherine disse e jogou-se na cama, — pena que eu não acredito em nada sobre o Jack. Use sua imaginação por um momento e pense na vida que você poderia ter com todo esse dinheiro. Estou te dizendo, Grace, se eu estivesse em seu lugar, eu pegaria o dinheiro e fugiria.

O cansaço tomou conta de Grace. Os ombros dela caíram.

— Se eu ficar com o dinheiro, eu serei uma ladra, assim como o Daniel. Não vou me rebaixar aos padrões dele.

— Sempre tem que fazer a coisa certa, não é? Meu Deus, você deve ter

deixado o Daniel louco. Não me admira que ele tenha perdido o controle do carro e batido em uma árvore.

Grace fechou os punhos, lutando contra o desejo de bater na irmã. — Como... como você ousa! Daniel e eu nos amávamos. Nós tínhamos um bom casamento.

— É mesmo? Então por que ele precisava de uma amante? O Daniel era bom demais para você, Grace. Ele era dinâmico; ele deveria ter se casado com alguém mais extrovertido, alguém...

— Como você?

O calor inundou as bochechas de Catherine. Ela parou para respirar fundo. Precisava manter a calma.

— Desculpa. Eu não deveria ter dito isso.

— Não, você não deveria!

— Eu pedi desculpas. Me perdoe, por favor.

Grace passou uma mão pelos cabelos. — Por que você veio até aqui, Cat?

— Eu estava preocupada. Eu pensei que você gostaria do meu apoio. — Catherine se levantou e passou os braços em torno da irmã.

Grace a afastou. — Eu precisava do seu apoio no dia em que Daniel morreu, não três semanas depois. E especialmente não depois de você ter dito todas essas besteiras!

— Eu já disse, desculpe por ter dito essas coisas. Desculpe por não ter recebido suas mensagens. Desculpe também por ter tido o celular roubado.

— Você realmente espera que eu acredite nisso quando é tão dependente de um celular? Você, de todas as pessoas, teria um novo em questão de horas.

Perplexa, Catherine olhou para Grace. Ela tinha mudado. No passado, Grace faria de tudo para evitar um confronto, mas aqui estava ela, rebatendo.

— O que é isso, uma inquisição?

— O Daniel morreu há quase um mês. Você falou sobre duas semanas. Onde você esteve o restante do tempo?

— Sinto muito, irmã. Eu não preciso lhe dar satisfações.

— Acho que não. Mas teve coragem o suficiente para vir até a minha casa - sim, está certa: minha casa - e falar comigo dessa forma. É melhor ter algumas respostas prontas para o Jack, porque eu garanto que ele vai verificar se cada coisinha que você disse é verdade.

— Eu vim até aqui para te ajudar e você me trata como se eu fosse...

— Eu estou te tratando como se você fosse cruel e egoísta e como se sua

irmã não significasse nada para você. Também estou tentando entender por que não retornar as minhas ligações era importante para você.

Catherine respirou fundo e bocejou.

— Olhe, nós duas dissemos coisas que não queríamos hoje à noite. Você está cansada; eu estou cansada. Vamos deixar o passado para trás e parar de brigar como crianças. Então podemos nos encontrar amanhã como duas irmãs perdidas há muito tempo. Certo?

Grace parou na porta. — Qual nome a Olivia e o Tom deram ao bebê?

A mente de Catherine girou. — Bem. Eu... eu não lembrei de perguntar.

— Não lembrou de perguntar?

— Ah, vamos lá, Grace. Me dê um tempo. Nós só nos falamos por alguns segundos, só o suficiente para ela me dizer onde você estava.

Grace a olhou carrancuda. Talvez fosse a luz. Talvez fosse a hora. Talvez fosse a Flórida, e o Jack, e a morte de Daniel, e a casa e todas as coisas que ela nunca quis, conspirando contra seu processo de raciocinar. Catherine era uma estranha para ela hoje. Talvez ela sempre tenha sido uma estranha. Grace a observou por um longo momento, procurando por vestígios da garotinha sardenta que praticamente criou, a estudante universitária que ela apoiou, a jovem e ansiosa mulher de negócios que ela aplaudiu. Nada delas continuava no olhar insensível que encontrava o seu.

— Não importa — ela disse seca. — Eu mesma ligarei para Olívia amanhã de manhã. Tenho certeza de que ela tem muito a dizer. Boa noite.



Capítulo Vinte e Seis

BILL KENNEDY espremeu sua estrutura de um metro e oitenta em uma cabine vazia nos fundos da lanchonete 24 horas e pediu um café preto. A ruiva entediada atrás do balcão estava claramente contando os minutos até o fim de seu turno para que pudesse encerrar a noite.

O lugar não era do agrado dele. O proprietário era mesquinho. Lâmpadas fluorescentes quase queimadas zumbiam no teto. Manchas nos velhos assentos de plástico vermelho, mesas parcialmente limpas; era claramente um ponto de encontro para caminhoneiros e alguns turistas desesperados para usar o banheiro. Somente uma ou outra mesa estava ocupada. Dois caminhoneiros estavam sentados tomando café, provavelmente antes de irem passar a noite no caminhão em um canto escuro do estacionamento.

A porta de vidro se abriu e um homem baixinho e atarracado usando um sobretudo entrou mancando pelo corredor até a mesa nos fundos da lanchonete. Ele limpou o assento com um guardanapo do suporte sobre a mesa antes de deslizar pelo banco do lado oposto de Kennedy. Ele fez uma careta quando seu joelho esquerdo bateu no pé da mesa e mudou para uma posição mais confortável.

Kennedy apontou para o casaco. — Um pouco quente para isso, não

acha?

— Não consigo me acostumar com o clima de vocês — o homem baixinho tossiu. — Não sei como você aguenta.

Kennedy assentiu.

"— Não importa. Fez em um bom tempo. "No fundo, os dois caminhoneiros discutiam o caminho mais rápido para Miami, pela I-75 ou pela trilha de Tamiami.

— Você disse que era urgente.

— E é — Kennedy respondeu.

O homem grunhiu e esperou enquanto a garçonete colocava duas canecas de café na mesa de fórmica rachada e depois se arrastou de volta para o balcão. Ele engoliu em seco, fez uma careta e empurrou a caneca para o lado.

— Se era tão urgente — o homem baixinho disse — então por que teve que me arrastar até aqui? Eu tenho pessoas para ver, coisas para fazer.

Kennedy ergueu uma sobrancelha. — Uma garota, sem dúvida.

O outro homem deu de ombro. — O que é tão importante que não podia me contar por telefone?

— Eu encontrei a mulher sobre quem você estava perguntando.

O estranho pegou uma faca e passou a lâmina sob as unhas. — E?

— Ela apareceu em Sand Dollars algumas horas atrás. — A garçonete surgiu novamente na mesa. Kennedy a dispensou. — Só essas informações devem valer pelo menos cinco mil.

— Cinco mil — disse o homem calmamente. — Então, as duas irmãs estão na casa, junto com o West. Mais quantos agentes estão lá?

— Eu e mais um.

— Armados?

Kennedy olhou para o homem. — O que você acha?

— Suponho que o modelo padrão de Glock. E a casa?

Kennedy endireitou as costas. — As portas e janelas estão protegidas por alarme. O painel de controle é bem do lado de dentro da porta.

— Você consegue o código?

— Você não precisa disso.

A boca do estranho retorceu-se estranhamente. — E os policiais locais?

Kennedy riu. — Previsíveis. Eles fazem uma varredura a cada hora.

— Algo mais que eu precise saber?

— As luzes de segurança ao redor da casa possuem sensores e acendem

quando qualquer coisa maior que um gato passa. Me avise quando planeja fazer a sua visita e vou garantir que estejam desativadas.

— Muito bem. Eu vou preparar os cinco mil...

— Minha taxa acabou de dobrar — sibilou Kennedy.

— ... para serem transferidos para a sua conta pela manhã.

Kennedy negou com a cabeça. — Dez mil. Cinco não é suficiente.

— Ainda ganancioso, não é, Sr. Kennedy?

— Pense nisso como um investimento. Sou eu quem está assumindo todo o risco. Você vai ter muito mais, se resolver isso.

— Você quer dizer "quando" eu resolver isso, o que eu farei com você envolvido ou não no caso. — O estranho se inclinou para frente e fez um gesto para Kennedy fazer o mesmo. — Se você tivesse lidado com as coisas corretamente, nada disso seria necessário. — Ele suspirou de forma conspiratória — Por causa disso, eu tive que contratar alguém para limpar essa bagunça. Cinco mil, Sr. Kennedy. Nem um centavo a mais. Aceite, e fique grato por ainda estar vivo.

Desapontado, Kennedy retirou seu grande corpo da cabine e se dirigiu para a porta.

O homem baixinho permaneceu sentado, seus olhos fixos no tronco bruto de Kennedy enquanto este atravessava o estacionamento até o seu carro. Ele puxou o celular do bolso e discou um número.

— O homem entrando do Ford Taurus — ele disse para Vasquez. — Alto, pesado, jeans azul e uma blusa esportiva branca. — Mate-o.

— Isso vai custar mais — Vasquez respondeu.

— Não se preocupe, você será pago.

— Para quando precisa disso?

— Hoje à noite, antes que ele retorne para a ilha. Faça isso de forma brutal e sangrenta. Quero que os tiras pensem que é uma morte por vingança.

— Sem problemas.

— Me ligue quando terminar. Eu tenho outro trabalho para você. — Ele desligou o celular e olhou para o relógio – tempo suficiente para seu próximo compromisso. Ele deixou uma nota de dez dólares sobre a mesa. Os olhos da garçonete entediada se abriram de surpresa. Antes que ela pudesse falar, ele se arrastou em direção à saída, com um sorriso diabólico se espalhando por seus lábios finos.

Kennedy dirigiu o carro fornecido pelo governo para fora do estacionamento e em direção oeste. Trinta segundos depois, um Ford Escape

prata surgiu atrás dele e seguiu o Taurus até a interestadual.

Ele sorriu, e pensou no acréscimo ao seu fundo de aposentadoria. Cinco mil não era muito, mas pequenos pagamentos podiam facilmente ser repassados à medida que o jogo avançasse e não chamaria a atenção das autoridades.

Ele gargalhou alto. Quinze anos caçando criminosos, arriscando sua vida dia e noite, e o que ele tinha pela frente? Uma pensão do governo que não manteria nem os sapatos das suas duas ex-esposas e sua filha!

Então ele tinha começado seu próprio programa de pensão, um que o permitiria levar uma vida confortável em qualquer paraíso fiscal que escolhesse. Mas ele tinha sido cuidadoso, nunca comprometendo os casos maiores; somente uma palavra no ouvido certo de vez em quando para garantir pagamentos pequenos, mas regulares, em sua conta nas Ilhas Cayman. Nada como burlar o sistema, especialmente quando você sabe como.

Um lampejo no espelho retrovisor chamou sua atenção. Ele endireitou os ombros e se perguntou do que o idiota atrás dele estava brincando. As luzes piscaram novamente. Kennedy xingou. Talvez devesse ter ficado em um apartamento na lanchonete. Ele pressionou levemente o pedal de freio, não querendo estragar o pneu, e se dirigiu para o acostamento. O Ford parou atrás.

Kennedy enfiou as chaves do carro no bolso do jeans e saiu do carro. Quando ele se abaixou para examinar a roda traseira, dois pés apareceram ao seu lado. Ele olhou para cima em direção ao homem parado ao lado dele.

— O que...

Duas balas explodiram em seu peito em direção ao coração. Ele desabou no chão, estremecendo, seus últimos pensamentos na filha, conforme a escuridão o levava, alguém lhe contando a verdade sobre como ele morreu.



Capítulo Vinte e Sete

JACK EMPURROU a cadeira para longe da mesa quando Grace entrou na cozinha.

— Panquecas ou waffles para o café da manhã? — ele perguntou, enquanto tirava os ovos e o leite da geladeira.

— Nenhum dos dois, obrigada. Só quero uma tigela de cereais e uma banana, e uma xícara desse café com cheiro maravilhoso.

Jack colocou uma caneca debaixo do nariz dela, deslizou o jarro de leite sobre a mesa e sentou-se na cadeira do outro lado.

— Você e Catherine brigaram ontem à noite?

Grace deu de ombros, e tomou um gole de café. — Foi só o habitual choque de opiniões entre irmãs. Às vezes eu acho que espero muito dela — ela disse amargamente.

— Como assim?

— Eu gostaria que a Cat fosse mais dependente e pensasse mais na família, em vez de sempre pensar só nela. Talvez eu não devesse ter cedido tanto a ela depois que nossos pais morreram.

— Ela era nova. Teve que crescer rapidamente.

— Esse foi o problema. Não acho que ela cresceu. Tudo o que ela pedia, eu dava, mas nunca era o suficiente. Eu nunca pedi nada em retorno. Mas

teria sido bom se ela tivesse posto as minhas necessidades antes das dela só uma vez.

— Acredita na história do celular dela ter sido roubado?

O rosto dela ficou nublado de inquietação. A colher parou no meio da boca. — Não tenho certeza. Um celular é como um acessório de moda para a Cat. Eu só não consigo imaginá-la ficando sem um por muito tempo.

Jack olhou para a pele pálida em suas bochechas e os olhos escuros, e desejou poder pegá-la no colo e levá-la para algum lugar distante. Em vez disso, ele decidiu envolver o braço em volta dos ombros dela e dar-lhe um abraço.

— Pelo o que eu saiba, Roma é um paraíso de batedores de carteiras. Mas sim, parece estranho ela demorar tanto para entrar em contato com você.

De repente, a porta do jardim foi aberta bruscamente. Jack pulou em pé e alcançou a arma.

— Merda! Qual é o seu problema? Você está determinado a ser morto, Anderson? — Ele guardou a arma no coldre pequeno em suas costas.

— Desculpa te incomodar, Jack, mas eu pensei que você precisava saber que o Kennedy sumiu. Ele me pediu para cobrir a parte dele na noite passada; disse que ia encontrar com um informante e estaria de volta em algumas horas. Mas ele não apareceu.

— E você esperou até agora para me dizer? — Jack encarou Anderson. Ele nunca o tinha visto tão preocupado. Não havia nada do seu jeito calmo e descontraído.

— Eu segui o protocolo e mantive a casa em vigilância.

— Mas que merda o Kennedy estava pensando para seguir uma pista a uma hora dessas? Você tentou o celular dele?

Anderson olhou para baixo. — Só cai na caixa postal. Ou está fora de área, ou a bateria acabou, ou...

— Não vamos pensar nisso agora — Jack disse, olhando rapidamente na direção de Grace. — Ele deu alguma indicação de quem era o informante ou onde eles iam se encontrar?

— Não. Mas ele parecia nervoso, já no limite.

Jack respirou fundo. Isso ia contra a reputação de Kennedy de permanecer calmo como gelo em qualquer situação.

— Vamos fazer assim. Você coloca alguém para rastrear o carro dele. Talvez ele tenha ficado cansado e tenha saído da estrada para um cochilo, então garanta que eles verifiquem os estacionamentos.

Anderson limpou a garganta. — Sabe, na noite em que o Pete Jacobs morreu, um casal de moradores viu um Saab preto passando pelo escritório de Jacobs algumas vezes. Infelizmente, nenhum deles sabia detalhes da placa. Mas um outro morador, um idoso com dois poodles, viu um homem jovem usando preto, carregando uma bolsa de academia por volta das dez e meia. Ele achou isso estranho porque o centro de ginástica fecha às seis. Depois nós tivemos uma denúncia de um Saab conversível preto sendo roubado no aeroporto de Miami na mesma tarde.

— E onde está agora?

— Foi abandonado na manhã seguinte em Tampa. Você acha que tem uma conexão?

Jack assentiu calmamente. — Bom trabalho, Anderson. Fale com os policiais locais; veja se eles conseguiram coletar alguma digital do Saab. Então descanse um pouco.

Anderson virou-se para sair. — Certo. Alguma novidade sobre a condição do Mike?

Jack negou com a cabeça. — Ainda no CTI na última vez que tive notícias.

Anderson saiu e Grace olhou para Jack por um longo instante. — Você acha que algo ruim aconteceu com o Kennedy, não é?

Jack descansou uma mão no ombro dela. — Eu não vou mentir para você, Grace. Acho que os bandidos estão intensificando seus esforços, na esperança de assustá-la a fim de fazê-la entregar o dinheiro. É exatamente por isso que você deveria me deixar colocá-la em um avião para o Havaí com uma dupla de guarda-costas musculosos.

Grace cobriu a mão dele com a sua. — Nós já passamos por isso antes. Eu não vou a lugar algum, Jack. Eu não vou ser amedrontada por essas pessoas.

— Nem mesmo se sua vida estiver em perigo?

—Daniel me colocou em perigo no dia em que morreu. Talvez até antes, se pararmos para pensar. Isso não significa que eu não esteja com medo. Eu estou. Mas não acho que o aparente desaparecimento do Kennedy faça alguma diferença, e você?

Os olhos de Jack se estreitaram. — Eu poderia te obrigar...

Grace sorriu ternamente. — Mas não vai, pelo simples motivo que você estará do meu lado vinte e quatro horas por dia.

— Você acertou. — Ele colocou as mãos em volta do rosto dela e

inclinou a boca suavemente em direção à dela, pretendendo que o beijo fosse tranquilizador, mas algo primitivo correu por suas veias. Ele aprofundou o beijo, sua língua brincando com a dela, devorando sua delicadeza. Ele sorriu.

— Que tal continuarmos isso lá em cima? — Ele acariciou seu pescoço, provocando sua pele. Então seu celular tocou.

— Você não vai atender? — Grace murmurou.

— Estou tentando ignorar.

— Está conseguindo?

— Infelizmente não. — Ele suspirou. Agarrou o telefone sobre a mesa e olhou para a tela. — É o Diego. Vou atender no escritório. — Ele saiu do cômodo antes de atender a ligação.

— Eu verifiquei com o Departamento de Segurança Interna como me pediu. Catherine Peterson passou pela imigração em Atlanta três dias atrás. Mas aí é que está: o passaporte dela é irlandês, não britânico.

O resto do bom humor de Jack evaporou-se. — Tem certeza?

— Absoluta. E tem mais, ela usou o mesmo passaporte para alugar um Chevy Aveo cinza.

— Consegue me mandar uma cópia por fax?

— Claro. Algo mais?

— Alguma sorte com o vídeo do aeroporto?

— Sim. Os técnicos conseguiram uma imagem das gravações. Eles mandaram uma cópia para o Mike. A Chrissie a encontrou na pasta dele e me entregou hoje de manhã. Vou te mandar isso, junto com o passaporte. O número no pedaço de papel – descobrimos que é um conta bancária na Suíça. Já falei com as autoridades suíças e pedi para investigarem.

— E fale com o Cody no Banco First Apopka. O Elliott tinha um cartão para saques. Isso não estava nos itens devolvidos para a Grace. Quero saber se ele foi devolvido ou se alguém tentou usá-lo recentemente e, em caso afirmativo, onde.

— E tem mais uma coisa — disse Diego. — O médico legista terminou a autópsia no cara no Everglades e conseguiu pegar algumas digitais. Também conseguimos algumas digitais da picape que ele dirigia. A equipe forense jogou no sistema automático de identificação de digitais e encontramos uma combinação para Hector Suárez.

O intestino de Jack se apertou. — Suárez?

— Sim. O irmão dele, Estefan pegou perpétua por assassinar um membro da gangue rival e por tráfico de drogas. Existem outros dois irmãos e

uma irmã, todos já conhecidos por nós.

— Merda. Eu trabalhei nesta força tarefa.

— Ele provavelmente não estava feliz em te ver então, Jack.

— Provavelmente não.

— Mas você acha que ele não está relacionado com a investigação?

— Sem chance. Alguma novidade na segunda autópsia do Elliott?

— Nada de novo.

— Certo, Diego. Continue pressionando o laboratório criminal. Eu quero saber o nome da mulher que pegou o avião com o Elliott. Enquanto isso, Grace e eu faremos uma visita à secretária do Pete Jacobs para verificar se conseguimos ver os arquivos. Descobrir quem é o dono da ilha.

— Tenha cuidado, Jack. Fique vivo. Estamos contando com você.

— Eu não vou morrer ainda, Diego. Ainda tenho muito o que viver. Apenas uma das muitas razões pelas quais você quer crescer para ser igual a mim, não é?

A voz do outro lado deu uma risada seca. — Vejo você por aí, Jack. Estou contando com você.

— Eu também — Jack respondeu. E desligou o telefone. Perdido em pensamentos, ele olhou pela janela para as árvores balançando na brisa suave. Ele não estava preocupado com a família Suárez ou o fato de que um deles escolheu logo agora para vir atrás dele. Estava mais preocupado com as mentiras que Catherine dissera e o que isso faria a Grace quando ela descobrisse.

A dor apareceu em seus olhos e nas linhas tensas ao redor de sua boca. A máquina de fax ganhou vida. A folha de capa o informava que continha informações privilegiadas. Ele virou a página. Os técnicos tinham feito o melhor para melhorar a imagem tirada das câmeras de segurança do aeroporto, mas ainda assim, as imagens eram de péssima qualidade. Ele dobrou a página e a guardou no bolso traseiro da calça jeans.

Não tinha tempo para desperdiçar.

O jogo começara.



Capítulo Vinte e Oito

CATHERINE TIROU seus cabelos loiros dos olhos, e caminhou até a máquina de café. — Que horas são? Meu relógio parou — ela perguntou, e serviu-se de uma xícara de café.

— Oito e meia. — Grace olhou por cima da fatia de torrada em que estava passando manteiga. Ela levantou uma sobrancelha, e passou os olhos pela irmã. Sua fina camisa rosa estava grudada nas curvas e mal chegava ao topo das coxas.

— Meu Deus, isso tudo? Meu relógio biológico deve estar realmente ferrado. Onde está o Jack?

— Bem aqui — ele disse, entrando na cozinha.

Grace encarou Catherine com um olhar que dizia: "*Você não tem a mínima vergonha da maneira como está vestida?"* Catherine perdeu a advertência, ou a ignorou. Em vez disso, ela sorriu amplamente para Jack, claramente convidando-o para ver o que ela não estava vestindo. Ela apoiou-se no balcão e cruzou suas longas e torneadas pernas na altura do tornozelo.

— Não se incomode comigo. Apenas continuem como se eu não estivesse aqui.

Grace enterrou a cabeça nas mãos. — Meu Deus, Catherine...

— O quê? — sua irmã disse, fingindo inocência. — Eu estava apenas

dizendo bom dia. O que tem de errado nisso?

— É só - olhar para você - não é o que você *está* dizendo, mas *como* está dizendo. — Ela amassou o guardanapo e virou.

Jack colocou uma mão sobre o ombro dela e se dirigiu a Catherine, seu olhar nunca desviando-se de Grace. — Grace e eu precisamos sair. Fique na casa, longe das janelas.

— Por quê? — perguntou Catherine.

— Tem um agente de plantão lá fora. Você estará segura.

— Você poderia ao menos me dizer o porquê. De qualquer forma, é uma pena que esteja saindo. Eu esperava que você fizesse uma demonstração de defesa pessoal para mim. — Ela riu, e lançou a Jack outro olhar sob os cílios.

— Obrigado. Mas não.

Catherine o olhou longa e ardentemente, e então sorriu. — Você quem perde. Mas se mudar de ideia, sabe onde me encontrar.

Grace franziu o cenho. — Pare com isso, Cat! — Ela pegou os pratos do café da manhã e os colocou no balcão, quebrando um prato no processo.

— Eu estou só brincando. Você sabe disso, não é, Jack?

Grace bateu com a mão na mesa. — Você não está brincando e não liga a mínima para mim, não é? Eu deveria ter percebido isso antes. Eu fui tão cega.

— Ou, relaxa irmãzinha. Eu só estou brincando...

— A vida é uma grande piada para você, Cat. Você não entende quão séria é essa situação.

— Ah, pelo amor de Deus, Grace. Eu já estou cansada da sua maneira corretinha de ser. Olha, eu estarei fora do seu caminho em alguns dias, então pode voltar para a sua vida entediante. — Com isso, ela saiu do cômodo.

Grace caiu contra o balcão, a cabeça abaixada.

— Não deixe ela te irritar — Jack disse.

— Nós costumávamos ser melhores amigas há alguns anos, mas agora... ela está diferente. Quase não a reconheço mais. Eu nem a conheço mais.

— Ela viaja muito. Até mesmo uma família pode se separar.

— Não é só isso, Jack. É como se Cat estivesse com ciúmes, mas ela não tem motivo para estar. Afinal, ela realizou o sonho de ir para a faculdade e ter uma carreira, enquanto eu sou apenas uma dona de casa melancólica.

As mãos dele apertaram as dela. — Não, você não é. Catherine tem você como garantia, o que é algo muito ruim de se fazer. Esquece isso por enquanto, Grace. Nós precisamos ir. Eu quero ter uma outra conversinha com

a secretária do Jacobs.

— A Mercy?

— É. Eu preciso ver se conseguimos acessar os arquivos dele. Não podemos perder de vista a nossa missão, Grace. Eu sei que está chateada - tem todo o direito de estar. Mas não agora. Amarre isso no paraquedas. Entende o que eu quero dizer?

Grace limpou os olhos com o guardanapo e assentiu. — Às vezes, Sr. West, você realmente tem razão.

Ele sorriu. — Vou tentar não tornar isso um hábito.

A viagem até Boca Grande levou menos de cinco minutos. Ele desligou o motor olhou através da calçada para a porta da frente da empresa de Aluguel de Hidroaviões.

— Parece que não tem ninguém em casa — Grace disse.

— O escritório é nos fundos, lembra?

— E se a Mercy não estiver aí?

— Então perguntarei por aí. Tentar descobrir onde ela mora.

— Vai apenas perguntar? E as pessoas vão querer te contar?

— Depende da forma como você pergunta — Jack disse enquanto ele saía e abria a porta do carona para Grace. — Eu posso ser muito persuasivo. Acredite em mim.

— Eu acredito.

As mãos dele descansaram levemente nas costas dela. — Pronta? — ele perguntou.

Ela sorriu e assentiu.

Eles caminharam até os fundos do prédio. Ele girou a maçaneta, mas estava firmemente fechada. Então bateu com força na moldura de madeira. Um estrondo veio de dentro seguido por um xingamento. Jack ficou tenso, pronto para empurrar Grace para o lado. A porta se abriu e Mercy saiu lentamente.

— Oi, Mercy, podemos entrar? — Jack perguntou.

— Olá, Sr. West, Sra. Lattide. Como posso ajudá-los.

— Eu gostaria de fazer algumas perguntas — ele disse, mostrando sua identidade e distintivo.

Os olhos de Mercy se arregalaram. — FBI? Por que você está interessado no Sr. Jacobs?

— A morte de Pete Jacobs e do Sr. Lattide estão de alguma forma conectadas. Eu gostaria de ver os registros de voos do Pete.

Mercy brincou com os cabelos. — Ele era um cara tão legal. Não merecia morrer daquela forma. — Ela enxugou os olhos. — Os arquivos pertencem à esposa do Sr. Jacobs agora. Acho que podemos dizer que ela ainda é a esposa dele. Eles tinham alguns problemas. Eu não sei se eu deveria estar falando sobre isso.

Jack respirou fundo. — Mercy, me escuta. Eu posso conseguir um mandado, mas isso vai levar um tempo. Três pessoas já morreram, incluindo o Jacobs. Você realmente quer ser responsável por colocar mais vidas em risco?

Mercy ficou rígida. — Bom, é claro que não. — Ela olhou para Grace, seus olhos castanhos cheios de tristeza. — Vamos até o escritório. O sistema de arquivamento do Pete não era bem o que você chamaria de organizado.

Jack deu um tapinha no antebraço dela. — Obrigado, Mercy. Você está fazendo a coisa certa.

Jack e Grace a seguiram pelo corredor até a sala de Jacobs. Dois armários altos ficavam na parede dos fundos, de frente para a grande janela com vista para a baía e Charlotte Harbor.

Jack tentou a maçaneta da gaveta superior. — Fechada. Você tem a chave?

Mercy assentiu e abriu a primeira gaveta de uma mesa velha e gasta e entregou-lhe um pequeno chaveiro. A chave cromada abre os dois armários. A de latão é do cofre, mas não tem nada lá.

— Obrigado, Mercy. Nós cuidamos do resto. Se precisarmos de qualquer coisa nós te avisamos. — Ela assentiu e se afastou, com os olhos baixos.

As gavetas estavam cheias de papéis soltos. — Mercy estava certa sobre o sistema de arquivamento. Parece que o Jacobs somente enfiava tudo ali. — Ele tirou uma pilha de papéis e os espalhou pela mesa. — Veja se você consegue encontrar algo que mencione ou esteja relacionado às visitas de Elliott à Sand Dollars. — Ele jogou o conteúdo da segunda gaveta no chão e abaixou-se, vasculhando os documentos.

— Você realmente acha que o Jacobs mantinha um registro das vezes em que ele voou com o Daniel até a ilha? — Grace perguntou.

Jack pensou por um momento. — A agência de aviação exige que todos os aviões arquivem um plano de voo. Jacobs precisava cumprir isso para não perder sua licença de piloto.

— Ah, entendi. — respondeu Grace. Ela começou a olhar os papéis da

pilha. — Esses todos parecem ser recibos de cartão de crédito até anos atrás, principalmente para compra de Vagas na marina e peças de reposição para o avião. Você não acha isso estranho?

— Como assim? — Jack perguntou.

— Bom, a maioria das empresas possuem uma conta para esse tipo de despesas. Você enche o tanque, assina o recibo e depois liquida a conta no final do mês.

— O Jacobs claramente não tinha crédito. Sendo este o caso, eu não acho que ele tenha feito alguma conta para o final do mês.

— Mas isso não justifica a maneira que ele guardava os comprovantes.

— Viu, Grace. Você é mais talentosa do que pensa. Tem um senso de negócios.

— Eu nunca pensei nisso antes.

— Bom, comece a pensar nisso. — Ele sorriu. — O seu futuro será da forma que você o fizer.

Depois de examinarem o primeiro armário, Jack recostou-se e fez uma careta. — Não tem nada aqui além de cartas dos bancos de Jacobs que ameaçam a execução da hipoteca da casa dele ou do estado da Flórida por falta de pagamento da pensão alimentícia. Até agora ele está limpo. O que você conseguiu?

— Eu encontrei uma carta de declaração da empresa de cartão de crédito. Ele devia mais de cento e cinquenta mil dólares e tinha excedido o limite de crédito.

Jack soltou um longo assobio. — Parece que ele estava à beira da falência. Por que você não vai lá e tenta convencer a Mercy de nos fazer uma jarra de café enquanto eu tento arrumar essa bagunça?

Jack pegou uma pilha de papéis do chão e se levantou. Enquanto ele começava a devolver a bagunça para as gavetas do armário, ele avistou o que estava procurando: um livro de couro preto.

Grace colocou uma caneca lascada com café na mesa e olhou enigmaticamente para ele.

— O que você encontrou?

— O livro de registro do Jacobs. O sistema real de contabilidade. Olhe essas entradas aqui.

Grace descansou uma mão sobre o ombro de Jack. — Ora, essas datas coincidem com duas das visitas de Daniel a Sand Dollars.

— Sim. Além disso, o destino está registrado como Marathon Key. E

eram dois passageiros.

— O que significa que você estava certo: Daniel não viajava sozinho.

Jack folheou o diário de bordo. Havia muitas lacunas vazias que Jacobs havia esquecido ou estava com preguiça de preencher.

— Olhe aqui. — Ele segurou um recorte de jornal.

— Ai meu Deus! — Grace ficou pálida. — Esse é Daniel. E o homem ao lado dele segurando o peixe é o Parous.

— Você reconhece o terceiro homem?

Ela pegou o recorte da mão dele e levou até a janela. — Não tenho certeza. O rosto dele está virado, mas ele parece com o homem no cemitério. Eu me pergunto de que jornal isso é.

— Vamos ver se a Mercy sabe.

Grace entregou o papel para Jack e o seguiu até a entrada no escritório.

Mercy estava sentada na mesa da recepção, mexendo nervosamente no fio do telefone.

— Você pode perguntar no jornal local. Tem um escritório da cidade.

— E esse homem? — Jack perguntou — Esse virado de perfil para a câmera. Você o reconhece?

Mercy negou com a cabeça. — Sinto muito, Sr. West. Como eu lhe disse, eu não trabalho aqui há muito tempo.

— Não se preocupe, Mercy. Obrigado por tentar.

Os dois apertaram a mão dela e partiram.

O escritório do jornal local ficava andar de cima de uma loja de roupas e tinha apenas uma repórter e uma recepcionista. Jack andou rapidamente até a mesa e mostrou sua identificação para a mulher jovem com um cabelo loiro curto e encaracolado.

— Estou tentando identificar o homem nesta imagem e me pergunto se ela não foi tirada pelo seu fotógrafo e publicada no seu jornal.

Ela fez uma careta para o recorte. — Não é uma das nossas.

Jack riu com a surpresa. — Essa é uma resposta muito rápida. Como você tem certeza?

— Está faltando o nome do fotógrafo. — Ela pegou uma cópia da edição do dia e apontou para a foto na primeira página. — Viu? O nome de fotógrafo aparece debaixo de cada foto, mesmo se a foto for enviada por um leitor.

— Você tem ideia de quando ela pode ter sido tirada?

— Acho que durante o Torneio de pesca ao Tarpão em junho, mas é

difícil ter certeza.

Jack a agradeceu e ele e Grace retornaram para o carro.

— E agora? — ela perguntou.

— Nós voltamos para a casa, comemos algo, e vemos se há alguma novidade sobre o Mike e o Kennedy.



Capítulo Vinte e Nove

— VOCÊ QUER começar a fazer o almoço enquanto eu ligo para o hospital para ver como o Mike está? — Jack enfiou a chave na fechadura, se afastou para que Grace entrasse primeiro e depois fechou a porta atrás deles.

Grace jogou a bolsa na mesa. — Cat? — ela gritou no corredor. — Já voltamos. Cat? — Ela virou para Jack. — Ela com certeza não está na cama ainda, não é? — Ela começou a gritar novamente quando Jack colocou uma mão no braço dela.

— Deixe-a, Grace. Ela não merece a sua preocupação.

Grace abriu a boca para defender a irmã, mas percebeu que Jack estava certo. Ele estava apenas apontando para a verdade. Ela soltou um suspiro suave.

— Isso me magoa. Depois de tudo o que eu fiz por ela; me magoa que ela só pense em si mesma.

Não havia nada que Jack pudesse dizer que faria Grace se sentir melhor, então simplesmente pegou na sua mão. Ele a conduziu pelo corredor, através da sala de estar, até os fundos da casa e abriu a porta do escritório.

— Mas que diabos...

Catherine estava parada em frente ao cofre aberto. Ela começou a sair, mas não foi rápida o suficiente. A mão de Jack se fechou ao redor do pulso

dela e a puxou de volta.

— Procurando algo? — ele perguntou.

Os lábios de Catherine tremiam enquanto ela esfregava seu pulso. — Estava assim quando eu entrei, eu juro.

Jack balançou a cabeça. — Besteira! Eu verifiquei o cofre esta manhã e estava firmemente fechado.

Os lábios de Catherine se apertaram com força entre os dentes. — Estava aberto, Jack. Você não pode me culpar pela sua falta de atenção. Estava aberto e eu estava curiosa. Pergunte para minha irmã querida. Ela vai lhe dizer que a minha curiosidade é a razão do meu apelido.

— Isso é verdade — disse Grace.

Jack apontou um dedo para ela. — Eu não dou a mínima se a sua curiosidade lhe deu o seu apelido. Você está mentindo, da mesma forma que mentiu sobre o seu passaporte ter sido roubado.

— Você é maluco. — Catherine virou-se para a irmã. — Você acredita em mim, não é, Grace?

Grace olhou para a irmã. O olhar frágil e calculista de Catherine a atingiu. — Eu gostaria de ouvir a sua explicação antes de decidir.

Catherine deu de ombros. — Certo, então eu estou mentindo, afinal. Mas eu estava curiosa. Eu pensei que seria divertido ver se eu conseguia abrir isso. Eu girei o botão, ele fez barulho algumas vezes e então abriu.

Jack bateu palmas lentamente. — Muito bom. Pena que eu não acredito. Era isso o que você estava procurando? — Ele puxou o bloco de anotações de Elliott do bolso traseiro. Ele observou o jogo de emoções no rosto de Catherine.

— Você não acha realmente que eu roubaria a minha própria irmã, não é?

— Eu não acredito em nada do que você diz. Vamos colocar a questão do cofre de lado por um instante. Pode me explicar como você veio até aqui com um passaporte irlandês? — Ele puxou algumas folhas do bolso e as entregou para Grace. — O Diego me mandou isso ontem. Reconhece a mulher na fotografia?

Grace estudou a solicitação de passaporte. — Catherine?

— Ok — ela gritou. — Eu menti. De novo. Mas não é da sua conta que passaporte eu uso.

— Falsificação é sentença de prisão. O mesmo acontece com assassinato e roubo. Sabe o que me incomoda na sua história? A Grace lhe deixou

mensagens no seu telefone de casa e no celular, ainda assim as ignorou. Não ficou nem um pouquinho interessada em saber o que ela queria? Ou você sabia que o Elliott estava morto e imaginou que se esconder na Europa até que as coisas acabassem fosse melhor para você?

Catherine mexeu-se inquieta de um pé para o outro.

— Eu já te falei...

— Você pode me dizer quantas vezes quiser, mocinha, mas ainda será um monte de besteira. Acho que podemos dar uma olhada na sua bolsa para garantir. — Ele a empurrou em direção a porta.

— Você vai ficar aí e deixar ele me tratar dessa forma? — Catherine gritou para a irmã.

Grace cruzou os braços sobre o peito. — Você mesma trouxe isso para você, Cat. Apenas responda as perguntas do Jack. E vamos ver o que tem na sua bolsa.

— Está bem. Está bem. Eu não perdi o meu celular, mas a questão da conferência era verdade.

— Continue — disse Jack.

— Eu deveria encontrar Daniel em Heathrow. Quando a Grace começou a deixar as mensagens eu pensei que ela tivesse descoberto.

— Descoberto que você e o Daniel estavam tendo um caso?

Catherine riu. — Você é bem espertinho, não é, Jack? O que me denunciou?

Grace ficou pálida. Isso passara pela sua cabeça, mas ela nunca imaginou que Catherine assumiria isso, e com total desconsideração pelos seus sentimentos.

— O que te denunciou? — perguntou Jack. — Sua maldita proximidade de tudo. Suas constantes mentiras. Sua aparição do nada. Sua incapacidade de atender a sua irmã quando ela te ligou em choque e sofrendo. Acima de tudo, sua falta de surpresa quando a Grace lhe contou sobre a conta no banco de Miami, e o fato de que você sabia onde o cofre estava.

Grace inclinou a cabeça para trás, furiosa com a irmã, mas acima de tudo, por não ter visto o que estava acontecendo bem debaixo do seu nariz.

— O vestido de festa azul! Eu sabia que era familiar – você o usou no último natal. E o perfume que eu senti no tecido – é o mesmo que você está usando agora. Eu sabia que gatos no cio aceitam qualquer macho, mas o marido da sua própria irmã? Como você pôde?

Catherine deu de ombros. — Apenas outra razão para me chamarem de

“*Cat*.” — Ela sorriu.

— Sua vadia insensível.

— Ah, fala sério, irmãzinha. Isso foi fácil. Quem você acha que comprou os ingressos para Wimbledon? Eu! E todas aquelas reuniões que o Daniel disse que estava participando? Na verdade, ele estava passando um tempo comigo aqui em Sand Dollars. Ele tinha um apelido para você. Ele te chamava de "freirinha". — Ela virou para Jack. — O que isso te diz sobre o desempenho dela na cama?

— Você... vadia... prostituta. — A mão de Grace disparou e estalou no rosto de Catherine.

Atordoada, Catherine levou a mão à sua bochecha vermelha. — Meu Deus... Grace! Você nunca me bateu antes.

— De quem foi a ideia do esquema – seu ou do Elliott? — Jack perguntou.

— Ora, do Daniel, é claro — respondeu Catherine, com a mão ainda sobre a bochecha. — Ele fez tudo sozinho. Tudo isso foi culpa dele.

— Eu não acredito em você — gritou Grace, os olhos cheios de lágrimas, balançando os pulsos na frente do rosto de Catherine. — Daniel não era assim.

— Como pode saber, Grace? Você nunca o conheceu. O Daniel gostava de dinheiro, mas ele não tinha nenhuma ambição. Eu o apresentei para o Salazar, que estava procurando por um contador, alguém que estivesse preparado para quebrar as regras e não fazer muitas perguntas.

Jack cruzou os braços. — Como você conheceu esse Salazar?

— Em uma boate. Eu estava com um grupo de outros representantes farmacêuticos. Ele disse que a esposa estava morrendo e ele tinha ouvido falar sobre uma nova droga que os meus chefes estavam desenvolvendo, mas o médico não queria prescrever. Eu senti pena dele, então consegui algumas amostras para ele.

— Que ele copiou na fábrica dele, junto com as outras drogas que você forneceu e sem dúvida ajudou a vender.

Catherine ignorou Jack. — Daniel transferia o dinheiro do Salazar pela Europa e pelos Estados Unidos. Ele começou a pegar um pouquinho para ele, apenas pequenas quantias no começo, mas depois ficou ganancioso. Ele comprou esta casa e estávamos planejando morar aqui.

— Mas havia a pequena questão da esposa dele.

— Ela era um problema. Ele nunca amou você, Grace. Nem por um

único minuto. Na verdade, ele me fez conseguir algumas coisas para envenenar você. Sim, é isso mesmo. Ele queria que você morresse, querida Grace. Eu implorei que ele se divorciasse de você. Mas não, ele queria que morresse. Era assim que ele se sentia em relação a você, querida. Eu a defendi. Você é minha irmã e eu não ia deixar que ele a matasse.

— Cala a boca, Catherine! Eu não acredito em uma palavra que disse.

— Eu também não acredito em você — disse Jack. — Você está no modo automático de mentira desde que chegou aqui.

— Acredite no que quiser. Eu conversei com ele para preparar garantias para nós duas – caso alguma coisa acontecesse com ele antes que tivéssemos chance de colocar o plano em ação. Ele finalmente me ouviu, e deixou você muito bem, devo dizer.

— Você falou para ele preparar garantias? — disse Jack. — Agora por que você faria algo assim a não ser que planejasse a morte dele?

— Ah, dá um tempo, West. Eu o amava. Eu também amava a minha irmã. Eu não tinha ideia de que ele ia morrer... e ele não deveria ter deixado para ela a minha casa!

Jack fez uma careta. — Continue. Você está cavando um buraco de forma muito eficiente. O que aconteceu com ele? Como ele morreu?

— Eu estou falando a verdade, Jack. Eu realmente não sei. Quando ele não me encontrou no aeroporto, eu fui para o trabalho normalmente, esperando que ele me ligasse depois. Quando ele não ligou...

— Você fez as suas malas e fugiu.

— O representante que deveria participar da conferência ficou doente. Eu pedi para ir no lugar dele.

Grace olhou para a irmã com desgosto. — O que vai acontecer com ela agora?

Os olhos de Jack se estreitaram. — Isso quem vai decidir é o juiz, mas ela vai encarar uma sentença de prisão bem longa.

Catherine empurrou Grace com força, batendo de lado em Jack e correu pelo corredor. Em segundos, ela estava fora da casa e correndo em direção às dunas de areia.



Capítulo Trinta

— GRACE! ESPERE — Jack gritou, mas era tarde demais. Grace correu atrás da irmã pelo jardim. Ele xingou e partiu atrás dela, mas tropeçou nas raízes da árvore Banyan ao lado do portão e caiu de joelhos. Ele ficou de pé e avistou Grace quando ela desapareceu pela Sea Grape em direção às mesas de piquenique na praia.

Uma tempestade de fim de tarde chegara do golfo, enviando correndo para casa, os turistas que gostavam de sol. A água escorria pela nuca de Jack e, quando ele chegou às mesas, sua camisa estava colada em suas costas. Ele ignorou o desconforto e as ondas quebrando na praia e se concentrou em seguir Grace e a irmã.

Um solitário BMW preto estava no canto do estacionamento ao lado do parque estadual. Seu único ocupante claramente visível através do para-brisa respingado de chuva. Jack estava tão furioso com Grace que não percebeu a porta aberta.

— Parado aí, Agente West. — Um homem baixinho e atarracado desceu e apontou um revólver para o peito de Jack. — Largue sua arma. Eu não quero matar você. Pelo menos não agora.

Jack pegou a arma no coldre e colocou no chão em frente a ele, então calmamente levantou os braços. — O que você quer, Salazar?

— Vejo que sabe quem eu sou. — Ele guardou a arma de Jack e o fez abaixar.

— Sim, Catherine me contou o que você faz para sobreviver.

— Então sabe que eu vim até aqui atrás do meu dinheiro e dos arquivos.

— Eu não posso te ajudar, cara. Além disso, eu preciso encontrar alguém. — Seus olhos se concentraram no mar cinzento e agitado.

Salazar se aproximou. — Você quer dizer a adorável Sra. Elliott e sua linda irmãzinha? Infelizmente isso não será possível. Elas encontraram um dos meus homens pelo caminho enquanto elas estavam no meio do que parecia uma corrida vespertina.

Os olhos de Jack estavam em chamas. — Onde elas estão?

— Estão seguras. Venha, vou lhe mostrar.

Salazar enterrou o cano da arma na costela de Jack. — Se você não me deixar lhe mostrar, agente West, é provável que eu faça um buraco bem grande aqui.

— Eu não gostaria disso — disse Jack calmamente. — Eu só trouxe essa camisa. Não poderia levá-la de volta à loja.

— Você é tão idiota quanto me falaram. Vamos ver suas amiguinhas, ok?

Eles caminharam lentamente em direção à uma alta construção branca em formato hexagonal e iluminada.

Salazar segurou a porta aberta e empurrou Jack para dentro. Pequenos feixes de luz vindos de uma janela manchada a dez metros de altura projetavam sombras amarelas no chão.

Grace e Catherine estavam amarradas juntas no degrau inferior da estreita escada em espiral que levava à sala do farol e à galeria no topo da torre de quinze metros. Um homem magro e carrancudo as vigiava.

Salazar assentiu para Catherine. — Comece a subir. Você vai depois, Vasquez.

Grace estava prestes a gritar quando Vasquez se inclinou e a empurrou para o canto. Ela soltou um som abafado quando sua cabeça bateu na parede de aço.

— Desgraçado! — gritou Jack. — Quando eu sair daqui, é melhor você...

— "É melhor eu" o quê, agente West? Você não percebe o quanto está indefeso?

Salazar agarrou o braço de Catherine e a puxou até ficar de pé. Ele a

olhou nos olhos por um longo momento. Ela levantou a cabeça desafiadoramente e, com um sorriso, cuspiu no olho esquerdo de Salazar. Ele perdeu o equilíbrio, limpando o olho com a mão livre. Então, sinalizando suavemente em desaprovação, deu nela uma bofetada com tanta força que a empurrou contra a parede. Um soluço baixo de dor saiu de seus lábios dela enquanto esfregava a cabeça.

— Deixe minha irmã em paz — berrou Grace, ainda tonta. Uma linha de sangue escorria de sua testa. — Solte ela, maldito!

— Claro — disse Salazar. Ele soltou Catherine. Ela cedeu por um momento e então Vasquez rodeou seu pescoço com o braço esquerdo e a obrigou a subir as escadas.

— Agora você, Sra. Elliott.

Ela olhou para Jack, seus olhos cheios de medo e escuridão.

— Faça como ele disse, Grace. Você vale mais para ele viva do que morta — disse Jack.

— Aceite o conselho do agente West, Sra. Elliott. Se não – eu vou matá-lo. Com muito prazer.

Grace começou a subir, cada passo instável ecoando na escada de metal. — Sou eu quem você quer. Deixe-os irem.

— Muito tocante. Mas infelizmente é tarde demais.

Catherine tropeçou e cambaleou, caindo de cabeça do degrau de cima. O sangue escorria do canto de sua boca para a camisa. Vasquez a agarrou pelos cabelos e a colocou de pé. Ela gritou – o som reverberando pela torre de aço.

— Faça ele parar! — gritou Grace. — Faça ele parar de machucá-la.

— Ah, o amor entre irmãs. Pena que Catherine não se sente da mesma forma em relação a você, Sra. Elliott.

— Já chega, Salazar — Jack berrou. — Acalme o seu gorila. Não faz sentido machucá-las. Elas não sabem de nada. — Salazar bateu nas costas dele com a arma. Jack gemeu de dor. — Entre outros crimes, você matou o Kennedy. Não foi? Por quê?

Salazar deu de ombros. — Ele ficou ganancioso. Tudo bem eu ser ganancioso, agente West, mas não aqueles a quem eu contrato. Então foi um caso de dois tiros e tchau-tchau. Sim. Acho que isso resume tudo muito bem.

Os músculos de Jack ficaram tensos. Acima dele, uma das mulheres choramingou alto. Houve outro som estridente. Grace? Ele tinha que continuar focado. — E o Anderson?

— Vamos dizer que ele não virá lhe ajudar tão cedo. Ele conheceu o

Vasquez.

Outro choro abafado. Jack não podia dizer se fora Grace ou Catherine. Ele olhou nos olhos vazios de Salazar e procurou por uma rachadura na armadura.

— Você tinha uma operação muito habilidosa, Salazar. É uma pena que escolheu o cara errado para lavar o seu dinheiro. Quando você percebeu que Elliott estava desviando dinheiro das suas contas?

Salazar suspirou e balançou a cabeça. — Dois meses atrás. Quando eu lhe perguntei sobre as perdas, ele culpou as alterações na taxa de câmbio. No início acreditei nele, mas as somas envolvidas eram grandes demais e as perdas muito regulares.

— Então você o matou.

A língua de Salazar estalou entre os lábios. — Uma dose considerável de barbitúricos caindo em seu curry na hora do almoço só para garantir que ele dormisse atrás do volante.

— Deixe-me adivinhar. Aquele advogado, Parous, montou as empresas e as contas bancárias e te contou sobre Elliott ter comprado a Sand Dollars. E o Jacobs trazia as drogas falsificadas para os Estados Unidos, não é?

Salazar franziu o cenho. — Nem mesmo a sua agência antidrogas presta muita atenção em um hidroavião voando entre as ilhas barreiras e o continente.

Uma vez dentro da pequena sala do farol no topo da torre, Jack observou Salazar. Ele estava sem fôlego e suado, mas a arma em sua mão estava firme como uma pedra. Ele secou a testa com um lenço.

— Qual o problema, garotão, perdeu algumas aulinhas de aeróbica?

— Ria o quanto quiser, agente West. Esses são os seus últimos momentos na terra.

— Então, me conte, o que tem nos arquivos de computador? Vamos lá, Salazar. Você está com a arma e vai me matar de qualquer forma, então o que custa? Além disso, confessar faz bem para a alma, ao menos é o que dizem.

Salazar deu uma risada rouca. — Eu ouvi que você possuía senso de humor mesmo em situações horríveis. Minhas fontes não estavam erradas. Muito bem. Os arquivos mostravam a movimentação dos fundos de uma conta no exterior para outra.

Salazar apontou a arma para o rosto pálido e ensanguentado de Catherine. — Fim da história. Dê-me os arquivos, Sra. Elliott, ou a sua querida irmãzinha vai morrer.

— Entregue para ele, Grace — Catherine sussurrou roucamente. — Você não pode deixá-lo me matar!

— Não posso — disse Grace, respirando fundo. — Eu não estou com eles.

— Do que você está falando? — choramingou Catherine. — Me salve, desgraçada. Ele está com uma arma na minha cara!

— Eu realmente não estou com eles — Grace gaguejou. — Eles... eles devem ter sido destruídos quando o carro do Daniel pegou fogo.

— Você está mentindo! — Salazar gritou, enfurecido. A arma balançou em sua mão. Catherine choramingou.

— Ela está dizendo a verdade — Jack falou com rispidez.

Salazar abaixou a arma. — Eu acredito em você. Muito bem. Os arquivos são uma perda aceitável, o custo por fazer negócios aqui na América. Então o Vasquez aqui vai fazer companhia para Catherine e você, agente West, enquanto a Sra. Elliott e eu vamos até o banco dela fazer uma transferência do dinheiro para a minha conta.

Suor frio escorria pelas costelas machucadas de Jack. Ele considerou as opções e não gostou de nenhuma delas. Sua mente estava uma bagunça. Então ele lembrou.

— Salazar, você sabia que o Elliott usava outro nome? Ele também se chamava Lionel Lattide.

O homem baixinho se virou e olhou para Catherine. — Foi você!

— Do que você está falando? — choramingou Catherine.

— Você falou para o Daniel roubar o meu dinheiro! Foi por isso que você me pediu para conseguir aqueles passaportes falsos.

Catherine subitamente ficou imóvel. As lágrimas secaram. Seus lábios trêmulos formaram um sorriso aberto.

— Você está certo, seu gnomo asqueroso e insignificante. Sem mim, você não seria nada — Catherine cuspiu. — Quem conseguiu as fórmulas e amostras para as drogas? Eu! E qual era a minha parte? Míseros dez por cento enquanto você arrecadava milhões. O Daniel só pegou de você o que era meu por direito!

Catherine virou e deu uma joelhada nos testículos de Vasquez. Ele gemeu e apertou a virilha, largando a arma e caindo de joelhos.

Jack levantou o pé direito e chutou a arma da mão de Salazar, depois o acertou na mandíbula. Salazar cuspiu sangue e tropeçou para trás até a parede de aço, depois deslizou lentamente para o chão, inconsciente.

Grace pegou a arma de Vasquez do chão. Seu olhar encontrou o dele. Ainda caído com dor, ele olhou para o cano da arma e levantou uma mão, depois a outra.

— Não se mexa — ela disse. — Pensando bem, por favor, mexa-se e assim eu posso explodir o pouco de cérebro que você tem!

As mãos de Jack envolveram as dela. — Calma, Grace. — Ele pegou a arma dela, mas manteve o cano mirando Vasquez. — Pegue o meu celular. Está no meu bolso traseiro. Ligue para o primeiro número na discagem rápida. Eles estarão aqui em um estalar de dedos.



Capítulo Trinta e Um

Miami
Setenta e duas horas depois;

JACK BATEU na porta da unidade coronariana. — Espero que eles nos deixem entrar — disse para Grace, que embalava Emília nos braços.

— A Chrissie disse que não teria problema que entrássemos só por alguns minutos.

Jack sorriu e beijou sua bochecha, depois sua filha, e se perguntou como ele tivera tanta sorte. — Ela parece tão feliz.

— Bebês são sensitivos, Jack. Eles sabem quando a pessoa que os está segurando se importa.

— E você? Você se importa?

Grace olhou para ele. Seus olhos cheios de lágrimas brilhavam de felicidade. — Como eu não poderia amá-la quando amo tanto o pai dela?

Jack abriu a porta. Mike Zupanik sentou-se na cama, um monitor cardíaco fixado em seu peito, um soro conectado em seu braço.

— Meu Deus — disse Mike. — Você está acabado.

Jack sorriu. — Obrigado, velhote. Você parece muito bem, considerando o que passou.

— Ah, podia ter sido pior, embora eu ache que os meus dias no Departamento acabaram.

— Aposto que Chrissie agradece.

— Ela está implorando para eu me aposentar há um bom tempo. Acho que só precisei quase morrer para ver sentido nisso.

— E isso aconteceu.

Mike bufou. — Eu sou um cara do Departamento, Jack. O que nós sabemos? Nada. Nós nunca sabemos de nada até que arranquem isso de nós. O que acabou acontecendo, não é?

— É, aconteceu.

Jack puxou uma cadeira para Grace e ficou de pé ao lado dela.

Mike sorriu para Grace e a bebê. — É bom te ver, Sra. Elliott.

— Eu não me vejo mais como Sra. Elliott, Mike. Acho que eu posso dizer que eu tive isso arrancado de mim também.

— Ela é uma mulher corajosa, Jack. Gosto dela. Eu sempre gostei dela, mas há algo diferente agora.

Grace sorriu e olhou para o bebê dormindo em seus braços. — Eu tive uma virada de realidade, podemos dizer. Descobri o que realmente importa na vida também.

— Então — Jack disse, um pouco desconfortável. — A Chrissie vai te manter trancado por muito tempo?

— Muito tempo. Mas nós vamos para um cruzeiro – ainda não sei onde. Não importa também. Eu estou respirando e tenho uma mulher que me ama, só Deus sabe por que...

— Acho que eu sei por que — disse Grace, olhando primeiro para Mike, depois para Jack.

— Bem — Mike disse. — Então, como é desvendar um dos maiores esquemas de falsificação de medicamentos controlados já registrados?

— Gostaria de dizer que foi devido a minha brilhante atuação e intuição, mas a verdade é que eu tive sorte.

Mike deu um sorriso cínico. — Você é um baita de um agente, Jack, mesmo quando quebra as regras.

— Isso quer dizer que cancelou minha ordem de transferência?

Mike gargalhou. — Claro que não. Eles não vão me deixar chegar perto de um computador por enquanto.

— Eu falei com o médico do Anderson — disse Jack. — A bala não atingiu o osso e atravessou a perna. Ele vai sair do hospital em alguns dias,

mas não vai poder voltar à ativa por um tempo.

— Estou feliz de saber que ele está bem. Ele é um cara legal.

— E acabou que o Salazar estava na mira da Interpol há algum tempo, principalmente por extorsão. Traficar medicamentos falsificados era algo novo para ele.

— O que sabemos sobre ele além de possuir uma conta bancária na Suíça? — perguntou Mike.

— Ele é eurasiano. Mãe chinesa, pai português. Meu palpite é que os narcóticos eram manufaturados na China. Antes do navio chegar aos EUA, as drogas eram transportadas para um navio menor e levadas para a casa de Salazar em Marathon Key e distribuídas a partir daí.

— Parece plausível. Você notificou a agência de controle de alimentos e medicamentos?

— Sim, e a agência antidrogas. As autoridades suíças confiscaram o conteúdo da conta bancária dele também.

— O laboratório extraiu o DNA dos cigarros que você encontrou no escritório. — Mike virou-se para Grace. — Sinto muito, mas batiam com o DNA da sua irmã. Acho que você achou o cartão de saque do Elliott na mala dela. Não se culpe. Catherine é adulta. Ela fez suas próprias escolhas.

Um momentâneo olhar de tristeza passou pelo rosto de Grace. — Ela fez suas próprias escolhas. É verdade, ela fez. Nenhuma delas me incluía.

— Ela queria tudo na vida e decidiu que o lado do crime era a solução — disse Mike. — Não foi sua culpa.

— Algumas vezes parece que sim. Muitas vezes.

Jack apertou a mão de Grace. — Vai levar algum tempo, amor. Vai se perdoar. Você fez o seu melhor. Mesmo se tivesse feito mais, não teria sido o suficiente.

Mike coçou a aplicação de soro. — Essas enfermeiras. Não conseguem nem colocar um Band-Aid sem estragar tudo.

— Já temos os resultados da segunda autópsia do Elliott — disse Jack.

— E?

— O nome verdadeiro dele é Niall Deloitte. Ele era o filho de Christiano Deloitte, um chefe da máfia em Nova York nos anos cinquenta. Quando o pai dele foi assassinado, a mãe de Niall, que era irlandesa, enviou o filho para viver com parentes em Dublin.

— Então, por que a mudança de nome?

— Acho que ela pensou que estaria salvando o filho de uma vida no

crime.

— Pena que não funcionou dessa forma — disse Mike. — Falando nisso, Jack. O Diego lhe contou as novidades?

— Quais?

— Hector Suárez contou seus planos para outra pessoa antes de morrer. Acontece que seu irmão mais velho, Estefan, está cumprindo pena por tráfico de drogas e assassinato.

— Eu sei. E daí?

— Estefan tinha ficado noivo pouco antes de ser preso. Adivinhe quem era a noiva dele.

— Ah vamos lá, você sabe que eu não sou bom nisso. Eu desisto.

— Rosa Nunuz.

Jack engoliu em seco. — Não brinca.

— Não estou brincando. E ela foi presa hoje de manhã por tentativa de assassinato contra um agente do FBI. Você, Jack.

Grace agarrou o braço dele.

— Ela deveria estar com muita raiva de você — Mike disse. — Ela contratou o Hector para te seguir e te matar.

Jack balançou a cabeça. — Eu sempre soube que ela me usou. No início eu pensei que fosse pelo green card, mas agora entendo que ela queria vingança.

— Você não foi o primeiro a ser enganado por um rosto bonito, filho. Ela vai passar um bom tempo pensando. E quando ela sair, não haverá um único juiz vivo que lhe dará a custódia da Emília.

Ao som do nome dela, os olhos de Emília se abriram e ela murmurou baixinho. Grace gentilmente a embalou para frente e para trás.

— Bem, Mike, acho que já é hora de deixá-lo descansar.

— Só mais uma coisa antes de você ir, Jack. Quando me aposentar, vou recomendar você para assumir o meu cargo de Agente Especial em Comando do escritório de Miami.

— Ah, Mike, bem, eu...

— Guarde seus murmúrios e humildade. Você trabalhou por isso. Merece isso. Claro que é o diretor quem decide isso, mas eu aposto que ele vai dizer sim.

Jack olhou para Grace. — Eu não sei o que dizer, Mike.

— Então não diga nada. É minha recomendação. E eu já acabei de falar sobre isso.

— Certo... bem, olha, Grace e eu precisamos conversar sobre algumas coisas, então já vamos indo.

— Vocês dois vão embora então. Só se lembrem de convidar a mim e a Chrissie para o casamento.

Jack ajudou Grace a ficar em pé e passou um braço em torno dela e de Emília. Um sorriso apareceu no canto de sua boca quando eles saíram do quarto.

— Bem, não era exatamente isso que eu tinha em mente como uma proposta, mas você sabe o que dizem: Se a carapuça serviu...

Grace respirou fundo. — Você está pedindo o que eu estou pensando?

— Sim. O que acha de um casamento no natal?

Grace ficou na ponta dos pés e roçou seus lábios nos dele. — Acho que é perfeito.

— Bem, então é melhor nos apressarmos. Você acha que a Emília é muito nova para ser dama de honra?

FIM

Para meus maravilhosos amigos e colegas escritores, Dorothy Roughley, Daphne Rose e Brenda Hill, pelo encorajamento e apoio durante o longo caminho até a publicação. Eu não poderia ter escrito este romance sem vocês, e é uma honra para mim poder chamá-los meus amigos.

Gostaria também de agradecer a Jonathan Smith, da Loch Lomond Seaplanes, por responder às minhas infindáveis perguntas. Qualquer erro é culpa minha, e não dele.

Meu agradecimento também vai para os residentes de Boca Grande, cuja ilha natal foi a inspiração para este romance. Obrigada por permitirem que eu compartilhasse o seu pedaço do paraíso.

Meus agradecimentos finais vão para Stephen, que não somente me faz sorrir e me apoia em tudo o que eu faço, mas também por me fornecer infinitas xícaras de chá quando eu me aproximava do fim.

Sobre o autor

Victoria Howard



Victoria Howard é a autora de três romances investigativos; The House on the Shore, (finalista do Prêmio Joan Hessayon de 2009), Three Weeks Last Spring, e Anel de Mentiras. Ela também é autora de várias histórias curtas, incluindo, A Little Protection. Nascida em Liverpool, Victoria estagiou como secretária médica, e logo depois trabalhou para o Serviço Nacional de Saúde.

Ela morou durante vinte anos em um sítio nas Terras Altas na Escócia, administrando uma empresa envolvida na indústria offshore de petróleo e gás. Quando não está escrevendo, Victoria pode ser encontrada enrolada debaixo da coberta com um livro, fazendo jardinagem, tricotando, caminhando com sua cachorra Border collie, Rosie, ou viajando pelo mundo.

Em Breve

A Casa no lago

Victoria Howard

Anna MacDonald, de coração partido, deixa Edimburgo para encontrar a paz à beira de um lago escocês. Instalada com segurança no chalé de sua falecida avó, ela pode finalmente curar seu coração e escrever o romance que arde dentro dela há anos.

Sua paz é de curta duração. Quando o iate de luxo do artista Luke Tallantyre fica preso no lago, ele procura ajuda na residência mais próxima - o chalé de Anna.

Ela o acha irritante.

Ele instantaneamente desgosta da eremita impressionante, mas irritadiça.

Mas há evidências incontestáveis de que um assassino está à espreita na vila.

Ele está atrás de Anna? E o que Luke está escondendo dela que poderia aprofundar o perigo?

Contra suas vontades, eles juntam forças e embarcam em uma aventura nunca imaginada... incluindo uma chance de amor verdadeiro.

Próximo lançamento



Emmanuele de Maupassant
9786599019814

Adquira aqui

Capturada. Seduzida. Desejada.

À mercê de um bando de vikings selvagens, liderado por um formidável guerreiro. Mantida em cativeiro contra sua vontade.

Pela primeira vez, a força de vontade de um homem corresponde à de Elswyth.

Sob o domínio de seu cruel captor, Elswyth descobre que o desejo de um viking não deve ser negado.

Ela será forte o suficiente para estabelecer seus próprios termos com o homem que deseja dominá-la, ou estará destinada a entregar tudo, inclusive o coração?

Descubra o desejo ardente e a paixão brutal, em um mundo ameaçado por ambição, ciúme e vingança.

Nível de calor: vulcânico

Viking Trovão é o prequel da série dark Guerreiros Vikings.

Adquira aqui

Conheça outros Títulos da editora



Elizabeth Johns
9786580754090

Adquira aqui

Rhys Godfrey, Lorde Vernon, e Lady Beatrice Chalcroft, filha do Duque de Loring, haviam sido prometidos desde a infância em um acordo feito por seus pais.

Ao contrário da maioria dos casamentos arranjados, Vernon amara Beatrice desde a primeira vez que a

viu. Na temporada em que deveriam se casar, o relacionamento foi rompido por ciúme e orgulho.

Beatrice foi enviada para longe de casa com intuito de que reformasse seu comportamento maldoso, e Vernon, magoado, resolveu abandonar o amor.

Lorde Vernon decide seguir em frente com um casamento de conveniência e sem emoção.

Lady Beatrice se vê reduzida da filha de um duque a uma vida de serviço na Escócia, tendo que aprender os caminhos dos menos privilegiados.

Os dois irão se reencontrar? Ou Vernon escolherá outra noiva antes disso? Beatrice será capaz de se humilhar e parar de ser rabugenta e mimada?

Adquira aqui



Maggi Andersen
9786580754083

Adquira aqui

Um romance gótico vitoriano

Uma nuvem escura paira sobre Wolfram, a antiga abadia que Laura chama de seu novo lar. Ela poderia confiar no homem misterioso com quem se casou?

Depois de um namoro relâmpago, Laura Parr se casa com um Barão, lorde Nathaniel Lanyon, que a leva para morar em sua antiga casa no sul da Inglaterra. Laura chega à Cornualha animada para começar a vida com o homem ardente com quem se casou. Mas segredos espreitam nas sombras. A morte da primeira esposa de Nathaniel nunca foi resolvida e alguns moradores acreditam que ele foi o responsável. Lutando para entender seu

novo marido, Laura tenta descobrir a verdade. A cada nova descoberta, ela se aproxima do perigo.

Lorde Nathaniel Lanyon decidiu nunca mais se casar. Mas, quando conhece a Srta. Laura Parr, filha de Sir Edmund Parr, numa tarde chuvosa, percebe quase imediatamente que tem que tê-la em sua vida. E a única maneira de poder fazer isso, era se casando com ela.

Nathaniel acredita que seu passado conturbado ficara para trás e que poderá oferecer uma boa vida a Laura em Wolfram, mesmo que ele nunca possa lhe oferecer seu coração. Mas assim que passam a morar na antiga abadia, o passado volta a assombrá-lo, revelando segredos que pensava terem sido enterrados para sempre. Enquanto tenta lutar contra as forças que o ameaçam, percebe que Laura, determinada, exigirá mais do que ele pode dar a ela.

"Um romance gótico no estilo clássico, a autora é uma mestra em criar uma atmosfera sinistra e personagens multifacetados." ***Coffee Time Romance e muito mais.***

"O enredo é interessante e o mistério adicionado me manteve fascinado. O romance me fez pensar até o fim." ***The Romance Studios****.*

"Foi difícil largar a história, pois o mistério permaneceu fora de alcance, atraindo o leitor para além do enredo. [Isso] me manteve acordado até tarde da noite, seguindo o quebra-cabeça da Abadia de Wolfram. Estou ansioso para ver mais de Maggi Andersen." ***Sirene Book Reviews****.*

Adquira aqui



Phillippa Nefri Clark
9786580754076

Adquira aqui

Thomas e Martha acreditavam que seu amor era invencível até que uma série devastadora de eventos os separou. Para seu encontro final, eles prometeram se reunir no cais onde se conheceram.

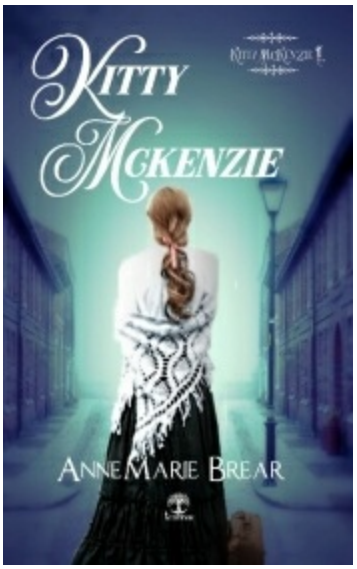
Cinquenta anos depois, Christie Ryan herda uma casa de campo em ruínas em uma cidade litorânea da qual nunca ouviu falar. Com a descoberta de um mistério comovente, se torna obcecada para desvendar velhos segredos de família.

O artista recluso Martin Blake cresceu com seu avô depois de perder os pais. A chegada em sua cidade de uma garota da metrópole com uma conexão para o passado desafia tudo o que ele sabe sobre si mesmo.

Em lados opostos de um mistério, dois estranhos têm algo em comum e correm o risco de ver seus mundos seguros destruídos. Cinquenta anos de segredos estão prestes a ruir.

Uma história fascinante de amor perdido, coragem e redenção, e de como as consequências da manipulação de uma mulher se espalha por três gerações.

Adquira aqui



AnneMarie Brear
9786580754069

Adquira Aqui

1864

De repente, Kitty McKenzie é deixada como chefe da família e deverá encontrar sua força interior para mantê-la unida contra todas as probabilidades.

Despejada, após a morte de seus pais, de sua resplandecente residência na parte elegante de York, Kitty precisará combater o legado da falência e da

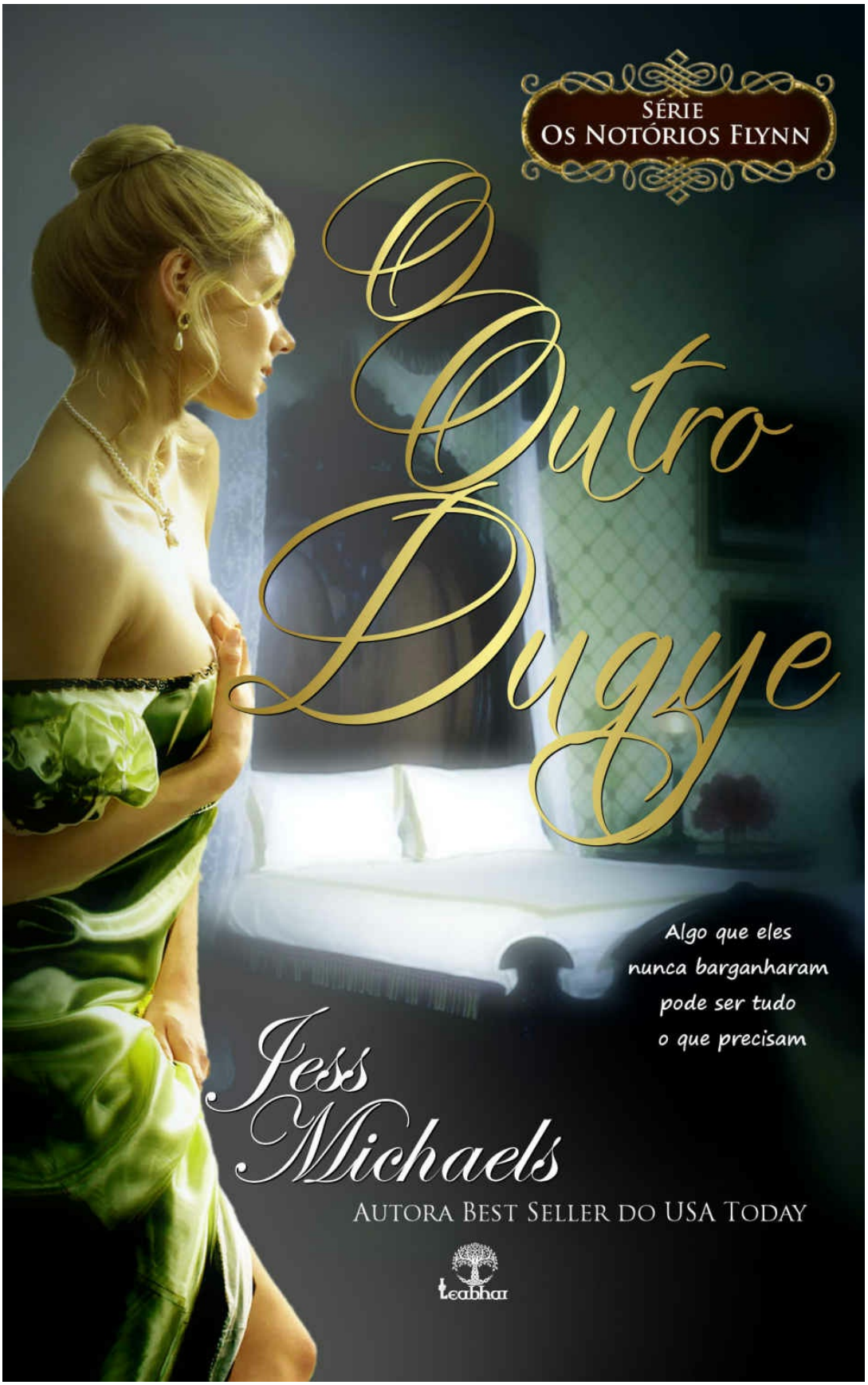
falta de moradia para garantir um lar para ela e seus irmãos

Com determinação e pura força de vontade, ela se agarra às oportunidades, desde trabalhar com roupas e barracas no mercado até abrir uma loja de chá para os ricos.

Seu caminho para a felicidade é repleto de obstáculos, dificuldades e desespero, mas Kitty se recusa a deixar morrer seu sonho de uma vida melhor para sua família.

Ela logo descobre que amor e lealdade trazem sua própria recompensa.

Adquira Aqui


Série
Os Notórios Flynn
Outro Duque
Algo que eles
nunca barganharam
pode ser tudo
o que precisam
Jess Michaels
Autora Best Seller do USA Today
Teabhar

Jess Michaels
9786580754038

Adquira Aqui

Durante anos, Serafina McPhee está comprometida a se casar o duque de Hartholm e, por quase o mesmo tempo, ela luta para encontrar uma maneira de sair desse noivado. Quando ele morre repentinamente, ela não chora, mas se emociona com a ideia de que estará livre. Infelizmente, os melhores planos dão errado quando o próximo na fila para o título, o primo do duque, Raphael "Rafe" Flynn, é forçado a assumir o compromisso. Mas Serafina conhece a reputação de Rafe como libertino e também não quer nada com ele, mesmo ele sendo devastadoramente bonito.

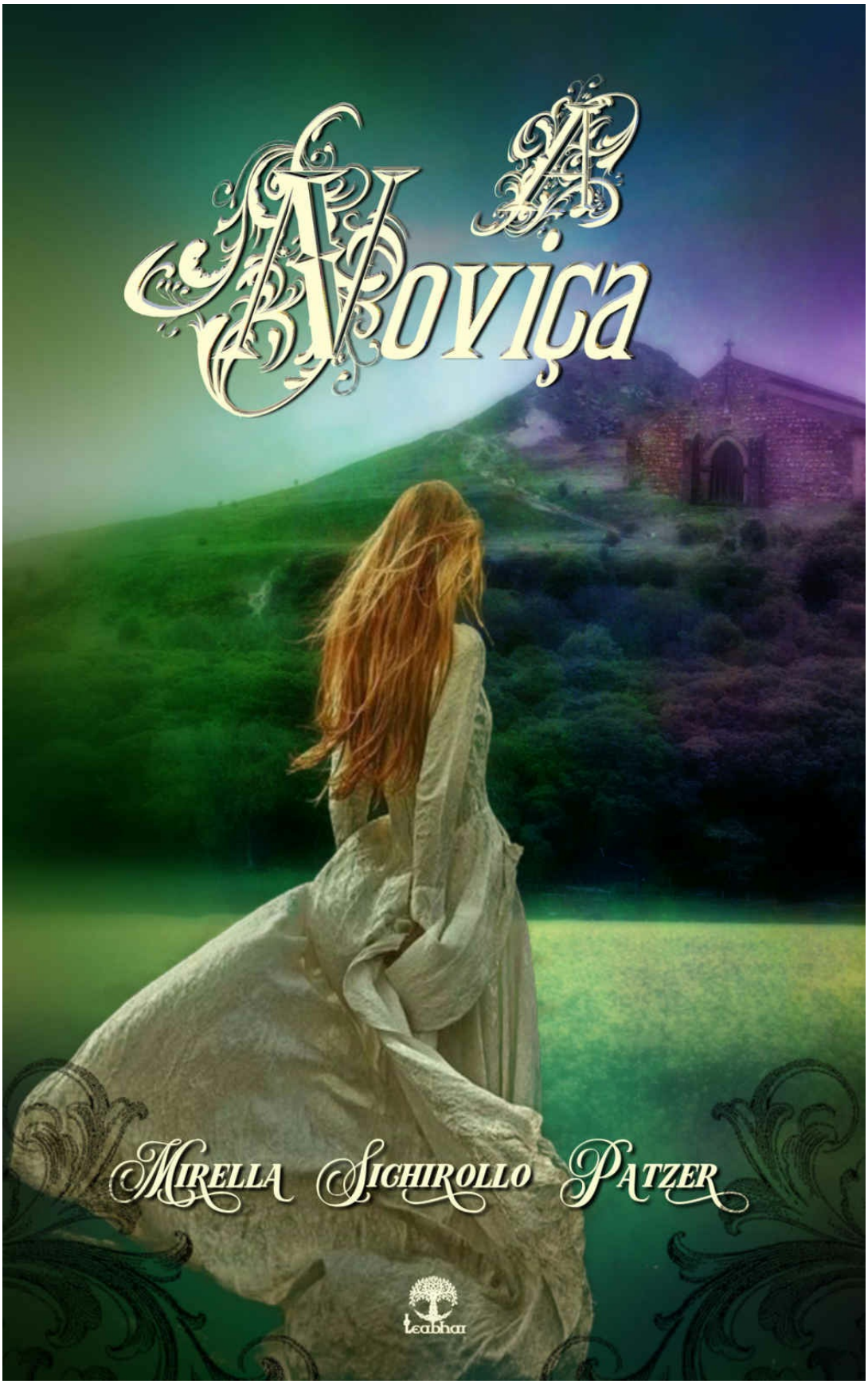
Ela lhe propõe um acordo: ela concorda com o casamento e fornece a Rafe seu herdeiro e um sobressalente. Depois que cumprir seu dever, ele a deixará ir.

Rafe está intrigado tanto por sua beleza quanto por seu total desgosto com a ideia de ser sua noiva. As mulheres normalmente caem aos seus pés, não o temem.

Como o casamento arranjado não é algo do qual Raphael "Rafe" Flynn possa escapar, ele concorda com os termos de Serafina McFhee.

Mas quando, na noite de núpcias, descobre a verdade sobre a tortura que ela sofreu nas mãos de seu antecessor, se vê impelido a não apenas cumprir sua barganha com sua nova esposa, mas a apresentá-la ao desejo. Enquanto eles se aproximam, se rendendo a prazeres perversos, emoções perigosas podem violar todos os acordos que fizeram.

Adquira Aqui


A Noviça
Mirella Sichirollo Patzer
Teabhar

Mirella Sichirollo Patzer
9786580754021

Adquira Aqui

Uma mulher prestes a fazer seus votos religiosos.
Uma fuga desesperada de um massacre assassino.
Um homem vem em seu socorro.
Outro se torna seu inimigo e captor.
E uma busca mortal para se reunir com seu único amor verdadeiro.

No século X em Nápoles, os sarracenos correm desenfreados, aniquilando aldeias, assassinando mulheres e crianças. Morte e desespero estão por toda parte. Sozinha no mundo, Sara é uma jovem noviça atormentada com dúvidas sobre os votos finais para se tornar freira. Quando seu convento é atacado, ela foge para salvar sua vida caindo direto nos braços de um grupo de sarracenos que a deixam para morrer sozinha na floresta.

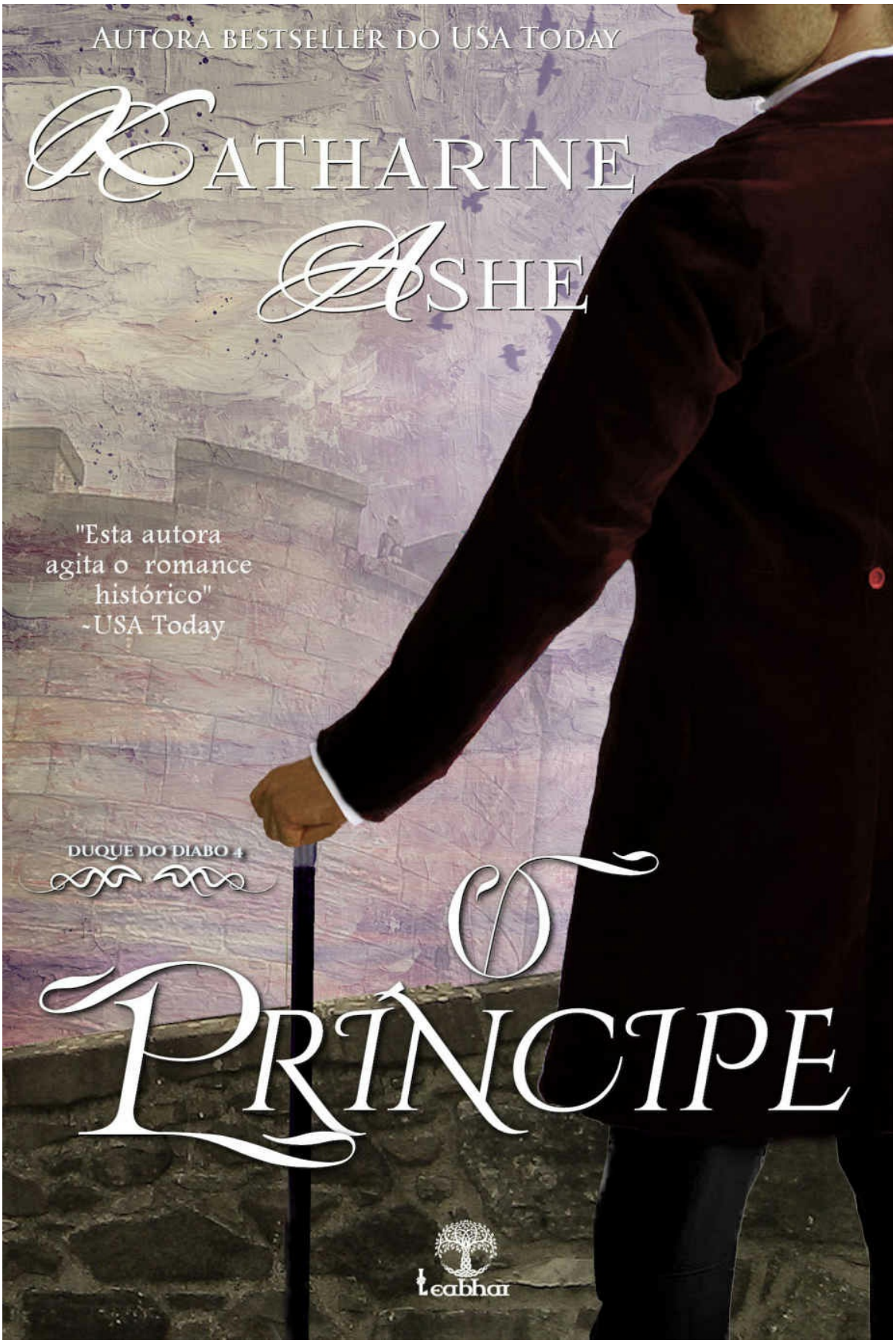
Um Cavaleiro honorável chamado Nicolo vem em seu socorro e se oferece para levá-la em segurança para Nápoles. Enquanto viajam juntos, são irresistivelmente atraídos um pelo outro. Acreditando que Sara é freira, o honorável Nicolo está dividido entre o amor e o dever de respeitar seus votos. Desolado, ele faz o que a honra exige e a liberta antes que ela possa lhe dizer a verdade, de que ela não é freira.

Em sua busca de se reunir com Nicolo, ela encontra Umberto, um homem sombrio e perigoso que tem obsessão por possuí-la. Com seu intelecto afiado e seu coração, Sara deve confiar em sua própria coragem e força para escapar de seu agressor e encontrar o único homem que ela amará.

Uma história que brilha com intensidade, intriga e paixão.

Da autora do romance Órfã da Oliveira, grande sucesso internacional e nosso futuro lançamento

Adquira Aqui


AUTORA BESTSELLER DO USA TODAY
KATHARINE ASHE
"Esta autora agita o romance histórico"
-USA Today
DUQUE DO DIABO 4
O PRÍNCIPE
Leabhar

Katharine Ashe
9786580754014

Adquira aqui

A tentação de seus lábios...

Libby Shaw se recusa a aceitar os ditames da sociedade.

Ela está determinada a se tornar um membro do Royal College de Cirurgiões – uma Academia exclusivamente masculina de Edimburgo.

Disfarçando-se de homem, ela frequenta a sala de cirurgia e engana a todos - exceto o homem que nunca esqueceu a forma de seus lábios deliciosamente sensuais.

...fará um príncipe dizer sim a todos os seus desejos.

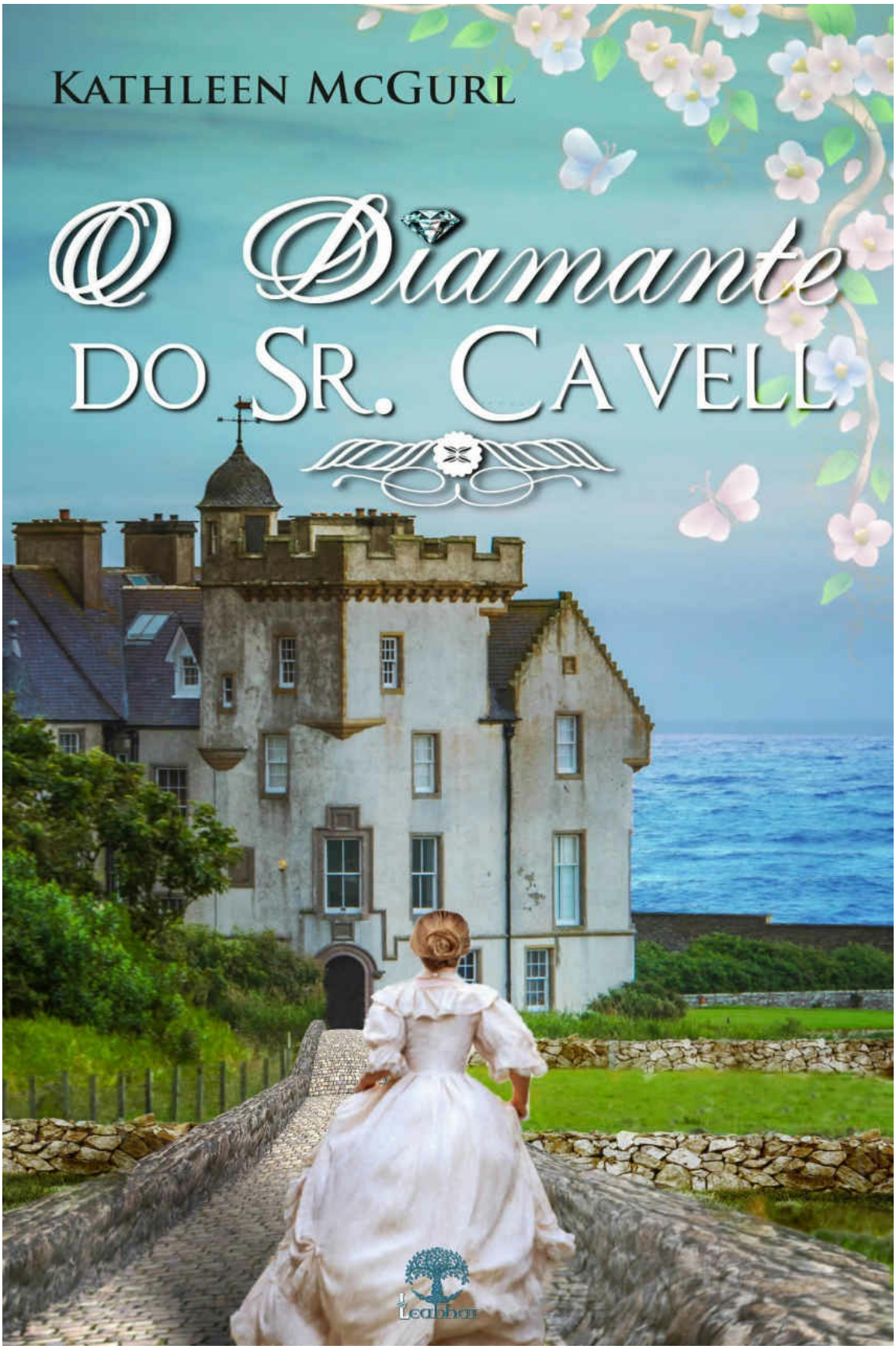
Forçado a deixar sua casa quando menino, o famoso retratista Ziyaeddin é secretamente o príncipe exilado de um reino distante.

Desde que conheceu Libby, memorizou todos os detalhes de seu rosto e desenhou-a. Mas seus lábios perfeitos deram trabalho a ele - aqueles mesmos lábios que agora deseja beijar.

Quando Libby pede sua ajuda para esconder sua identidade feminina do mundo, Ziyaeddin concorda com uma condição: Deveria posar para que ele a pintasse - como uma mulher.

Mas esse esquema ousado poderia fazer com que ambos fossem arremessados ao perigo... e a um amor inigualável.

Adquira aqui


KATHLEEN MCGURL
O Diamante
DO SR. CAVELL
Leabhar

Kathleen McGurl
9876580754007

Adquira aqui

1829

O belo e bem-sucedido Henry Cavell, acaba de retornar à Inglaterra depois de servir ao exército na Índia, se instala na cidade de Worthing, em frente ao mar. Ele está de posse de um grande diamante, dado a ele na Índia, que promete dar à mulher que ama - quando encontrá-la.

Jemima Brown, uma jovem de dezesseis anos e de bom coração, passa a trabalhar para ele como criada de serviços gerais. Quando o Sr. Cavell a defende das atenções indesejadas de alguns trabalhadores que prestavam serviços em sua casa, percebe imediatamente o quanto ele é íntegro e respeitável.

Mas foi Caroline Simpson, filha de um desses trabalhadores de Henry, quem chamou a atenção dele. Podia ser socialmente inferior, mas era bonita, sabia flertar e como usar seus encantos. Ela manipula Henry para que se case com ela, e apenas a fiel Jemima sabe que ele fora enganado.

Como Jemima poderia lutar contra seus sentimentos crescentes pelo Sr. Cavell, manter sua moral e permanecer no emprego, apesar do comportamento cada vez mais errático de sua patroa?

Adquira aqui

Lançamento do selo Taigh Books



Gilberto Nascimento
B085B9F38W

Adquira Aqui

Em 23 de maio de 1848, uma carta anônima é enviada ao Delegado com a informação de uma mulher mantida presa por 15 anos por sua mãe, em um sótão sórdido, entre o lixo e vermes.

Mariana tinha sua vida planejada, se casar, escrever um livro e ter uma família. Até que um homem inesperado muda o rumo de todo seu destino.

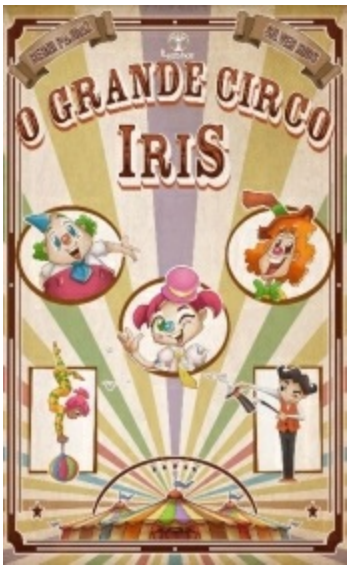
Miguel, um jovem de classe média se apaixona perdidamente por Mariana, mas a mãe da jovem, que é conhecida em toda cidade, proíbe esse romance, que ao ver a desobediência de sua filha descarrega sua ira sobre ela, lhe causando muitas dores, lágrimas, perdas e medos constantes.

Após uma breve fuga, Mariana é forçada renunciar ao seu amor. Sem medir esforços, Constância chegará ao extremo para manter seu nome e seus méritos na sociedade. Até mesmo retirar seu neto das entranhas da filha.

A jovem antes cheia de vida e sonhos só podia desejar a morte, sem conseguir sobreviver ao caos que seus dias se transformaram após ser trancafiada no sótão pela própria mãe, desejava paz para seus dias solitários e sem esperança... Durante 15 anos.

Adquira Aqui

Nosso título Infantil



Berni Pajdak e Silver Rios
9786580754052

Adquira aqui

Toni, o protagonista de O Grande Circo Iris é um garoto tímido, apaixonado e muito talentoso. Sua irmã Sara o apoia dia após dia e o encoraja em um momento oportuno, para que Toni realize um de seus grandes sonhos e possa se tornar o protagonista de uma performance de circo. O Grande Circo Iris é uma história infantil que exala humor, sensibilidade e respeito que aborda sutilmente o problema da deficiência infantil. É um livro dedicado a crianças com diversidade funcional, a seus irmãos, que os apoiam dia após dia e a seus pais, que às vezes não têm em casa as ferramentas necessárias para trabalhar com seus filhos, emocional e fisicamente frágeis.

Adquira aqui

Informações Leabhar Books®



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o E-mail Leabhar Books®